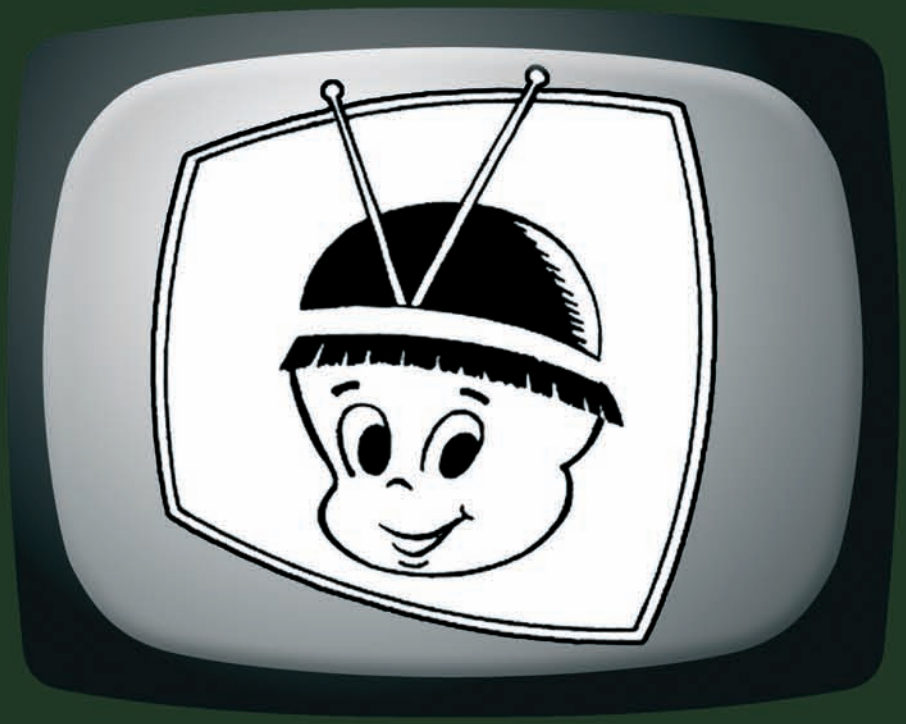
TV TUPI



TV**TUPI** UMA**LINDA**HISTÓRIA**DE**AMOR

VIDAALVES

imprensaoficial

COLEÇÃO APLAUSO

TV Tupi

Uma Linda História de Amor

TV Tupi

Uma Linda História de Amor

Vida Alves

imprensaoficial

São Paulo, 2008

GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ

Governador José Serra

imprensaoficial **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso Série Especial

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

A relação de São Paulo com as artes cênicas é muito antiga. Afinal, Anchieta, um dos fundadores da capital, além de ser sacerdote e de exercer os ofícios de professor, médico e sapateiro, era também dramaturgo. As 12 peças teatrais de sua autoria – que seguiam a forma dos autos medievais – foram escritas em português e também em tupi, pois tinham a finalidade de catequizar os indígenas e convertê-los ao cristianismo.

Mesmo assim, a atividade teatral somente se desenvolveu em território paulista muito lentamente, em que pese o marquês de Pombal, ministro da coroa portuguesa no século 18, ter procurado estimular o teatro em todo o império luso, por considerá-lo muito importante para a educação e a formação das pessoas.

O grande salto foi dado somente no século 20, com a criação, em 1948, do TBC –Teatro Brasileiro de Comédia, a primeira companhia profissional paulista. Em 1949, por sua vez, era inaugurada a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, que marcou época no cinema brasileiro, e, no ano seguinte, entrava no ar a primeira emissora de televisão do Brasil e da América Latina: a TV Tupi.

Estava criado o ambiente propício para que o teatro, o cinema e a televisão prosperassem entre nós, ampliando o campo de trabalho para atores, dramaturgos, roteiristas, músicos e técnicos; multiplicando a cultura, a informação e o entretenimento para a população.

A *Coleção Aplauso* reúne depoimentos de gente que ajudou a escrever essa história. E que continua a escrevê-la, no presente. Homens e mulheres que, contando a sua vida, narram também a trajetória de atividades da maior relevância para a cultura brasileira. Pessoas que, numa linguagem simples e direta, como que dialogando com os leitores, revelam a sua experiência, o seu talento, a sua criatividade.

Daí, certamente, uma das razões do sucesso desta *Coleção* junto ao público. Daí, também, um dos motivos para o lançamento de uma edição especial, dirigida aos alunos da rede pública de ensino de São Paulo e encaminhada para 4 mil bibliotecas escolares, estimulando o gosto pela leitura para milhares de jovens, enriquecendo sua cultura e visão de mundo.

José Serra
Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural, para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada naquilo que caracteriza e situa também a história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, portanto, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à

televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza e o corpo de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico completo de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição, o entusiasmo e o empenho de nossos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, *sets* de filmagem, cenários, câmeras, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram. É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado da São Paulo

A todos os pioneiros da TV Tupi,
que, juntos, construíram esta linda história de amor

E aos colaboradores da Pró-TV:
Elmo Francfort (pesquisa)
Teresinha Andrade (digitação)
Lu Bandeira (coordenação geral)

E aos amigos da Imprensa Oficial que me receberam com tanto carinho

Nós, da TV Tupi, não morreremos nunca.
Nós somos encantados.

Laura Cardoso

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho - Boni

Prefácio

Emoção – A Matéria de Nossa Trajetória

Um livro não deixa de ser um discurso. E, dentro da retórica, ele pode ser uma visão pessoal, uma visão lógica ou, então, focar no emocional.

TV Tupi, uma Linda História de Amor, de Vida Alves, sugere à primeira vista uma história pessoal, uma visão da autora. Entrando-se no conteúdo, a consistência e o volume da pesquisa indicam que se trata de uma obra lógica. Mas, ao percorrer o texto, revela-se, em toda a sua extensão, uma narrativa acentuadamente emocional.

É o *phatos* – a empatia que aflora da aventura, do sonho e da conquista, transformando-os em paixão. É com esses ingredientes que foi moldada a história da emissora de televisão pioneira da América Latina.

Se a aventura de Assis Chateaubriand permitiu que se antecipasse a criação da televisão no Brasil foi, certamente, o sonho dos diretores, artistas e técnicos que viabilizou a conquista realizada com muita paixão. Paixão que transpirava na doce e redonda figura de Dermival Costa Lima, que explodia na inteligência e energia do Cassiano Gabus Mendes e que contagiava a todos através da sensibilidade dos pioneiros, dos quais Vida Alves é, legitimamente, a grande representante. O que, senão a paixão, move uma mulher como Vida a manter com tanto sacrifício e carregar no colo, como mãe, a nossa Pró-TV – a associação dos pioneiros, profissionais e incentivadores da televisão brasileira. Se não fosse a Vida Alves nada da nossa memória existiria. Sem os depoimentos que ela colheu e arquivou, a epopéia da implantação da televisão brasileira seria apenas uma vaga lembrança.

Admiro a persistência de Vida Alves, e tornar este livro realidade explica como e por que ela é capaz de fazer o que faz. O carinho com que Vida Alves se refere a todos os seus companheiros revela claramente sua grande capacidade de amar. Sua missão tem sido impulsionada por esse amor, o que torna muito mais importante, o que Vida Alves está fazendo atualmente pela televisão do que qualquer coisa que ela tenha feito, no passado. E olha que foi muita – como autora, atriz, apresentadora e diretora.

Dessa forma, *TV Tupi, uma Linda História de Amor* não é apenas um documento para aqueles que, como eu, tiveram o privilégio de trabalhar na Tupi. É leitura obrigatória para todos os profissionais de televisão, para todos os estudantes de comunicação e um fascinante

relato que interessa a cada um que, pelo menos um dia, tenha dado uma espiada na telinha, ou seja, todo o universo que gravita em torno da televisão.

Obrigado, Vida Alves, por manter viva a emoção que é a matéria-prima da nossa trajetória. Viva a Vida... Alves.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho
(Boni)

Apresentação

TV Tupi, uma Linda História de Amor

Começo aqui um momento gostoso de minha vida. Vou passar para o papel, com todo o meu amor, a história da implantação da televisão no Brasil. E isso é importante para mim e também para você que me lê. Por quê?

Respondo com segurança: Porque nem eu nem você sabemos viver sem televisão e temos curiosidade sobre ela.

A televisão foi introduzida no Brasil no dia **18 de setembro de 1950**. Há 57 anos. E de lá para cá foi invadindo todos os lares, todos os cantos, todos os corações, todas as vidas. Para mim, então, que vivi nela e para ela tantos anos, contar sua história é contar uma linda história de amor. Pois não se chama amor aquele sentimento que invade o coração, a alma e preenche a vida?

Para começar, então, peço-lhes que me perdoem se eu lhes parecer mais romântica, mais exagerada e mais parcial do que se espera de um livro didático e frio. Não dá.

Quem, como eu, carrega dentro de si essa história quase desde o começo da carreira profissional, ao colocá-la para fora o faz com sofreguidão, com entusiasmo. Aliás, para mim, que nos últimos 12 anos só faço tentar registrar a memória da televisão, como presidente da Pró-TV, falar e escrever sobre isso não é apenas dever. É missão. É prazer. É amor.

Vida Alves

Capítulo 1
Éramos Um Só

Volto e voltarei sempre à palavra amor, ao escrever este livro. Por que o faço? Será por que recordo com saudade daqueles tempos? Será por que, tendo feito tantas gravações, tendo gravado até hoje 160 depoimentos de pioneiros, percebi a saudade ainda quente em todos os corações? Vi lágrimas em muitos olhos. Sequei-os. Chorei também. Seja por que motivo for, a verdade é que só o grande amor que sentíamos foi capaz de impulsionar um trabalho de tal envergadura. E sentir esse amor, viver essa saga, construir essa estrada, não nos foi pesado, diga-se logo. O amor, é claro, mais uma vez explica isso. E o entusiasmo e a juventude.

Éramos realmente jovens. A turma que ergueu a TV Tupi – Canal 3 era constituída de pessoas que estavam na faixa dos 20. Um ou outro tinha pouca coisa mais que 30 anos. E foi graças a isso, talvez, que conseguimos fazer o que fizemos. Ninguém da parte artística foi aos Estados Unidos ver televisão. Pelo que consta, Oduvaldo Viana foi convidado, mas por motivos que não nos foi dado saber, declinou do convite. Foram viajar dois engenheiros. Disso lembrávamos e nos foi reafirmado por Jorge Edo. Eles fizeram as compras e instalaram o material. Ninguém tinha sequer visto televisão. Entraram todos na aventura, como meninos em suas traquinagens.

Quando a televisão foi inaugurada, Cassiano Gabus Mendes, que logo ficou sendo diretor artístico, estava com 23 anos. Luiz Gallon tinha 20. Lia de Aguiar, 22. Walter Forster, que era considerado bem mais velho, 32. Jovens, garotos, meninos, hoje percebemos. Quanta aventura! Quanta paixão!

Ganhamos um brinquedo e começamos a brincar. Essa frase de Cassiano Gabus Mendes diz tudo. Experiência, curiosidade, aventura, ansiedade, erro, acerto, medo, alegria, choro, sangue, tudo, tudo aquilo que o homem tem em sua natureza pura, em sua essência, em seu cerne, em seu coração. Vida latente, nascente. Criação. Nascimento. Se, às vezes, nos expressamos assim com tanta veemência, que nos perdoem os que nos lerem. É porque queremos deixar registrada essa fase maior de nossas vidas. E, então, buscando nos depoimentos de pioneiros, encontramos a confirmação.

Falam os pioneiros

Lolita Rodrigues
Nós, da Tupi, formávamos uma grande família. Como íamos todos os dias para a televisão, a maioria foi morar na Avenida Alfonso Bovero,

no Sumaré. Depois do trabalho, a gente se reunia na casa de um ou de outro para jogar cartas. O Dionísio Azevedo e o Lima Duarte eram os grandes ganhadores.

Míriam Simone (atriz que apareceu já nos testes experimentais, e que há muitos anos está afastada da televisão)
Eu tenho a impressão que isso não existe mais. Eu não sei, porque nunca mais freqüentei, mas era tão bom a gente chegar no camarim, que era um só para todas as mulheres, encontrar as amigas, bater um papo... E depois a gente sentava em volta da piscina e ficava... Aquela tarde gostosa. No Sumaré era muito bom. Era como se eu estivesse na minha casa. Acho que esse tempo não existe mais.

Lia de Aguiar (era de rádio, foi para a televisão até casar, saiu e voltou muitos anos depois)
Nas Rádios Tupi-Difusora e TV Tupi vivemos a nossa juventude. Comecei aos 16 anos. Outros eram ainda mais jovens. Crescemos no Sumaré. Nascemos artisticamente ali. Era uma gente muito amorosa, muito carinhosa. A vinda do veículo novo nos uniu mais ainda. Era um ambiente de paz. Fiz muitos amigos: Otávio, Cassiano, Zilda de Lemos, Heitor de Andrade, maravilhoso; Maria Vidal, Airton Rodrigues, Ribeiro Filho, Vida Alves, Wilma Bentivegna, vou esquecer alguns... Eram tantos! Laura Cardoso, Márcia Real, Lolita, Túlio de Lemos...

Yara Lins (considerada a primeira atriz a aparecer na televisão)
O Costalima chegou com um papel e disse: É você*. Eram todos os prefixos das Associadas no Brasil. Tinha Belo Horizonte, Rio, PR...não sei o quê. E mais PR. O pânico é que a gente saiu do rádio e no rádio até o* boa-noite *era escrito. Era uma coisa novíssima, desconhecida. Eu entrei em pânico.* Eu não vou dar conta*. E tinha a palavra nova:* égide*. Sob a égide de... sei lá o quê !! Quase morri. Eu tropeçava. E a palavra telespectador? Era horrível. Foi muita correria. E a maquiadora só falando espanhol. Queria tirar o bigode do Simplício e ele não permitiu. A Hebe não veio. Mas a mulher dizia:* Que cerras honorosas ela tiene*. E se ela viesse, a maquiadora iria tirar suas sobrancelhas. E depois teve a minha roupa. Eu ia sempre com roupas baratinhas. Foi a Lia de Aguiar quem me salvou, me levou da casa dela uma saia e uma blusa lindas. A blusa serviu, mas a saia não. Ela era mais magrinha. E eu não tinha outra.*
Aí o Cassiano disse: Não se preocupe. Vai ser close e plano americano. Só até a cintura*. Eu ouvi essas palavras pela primeira vez. Eu estava apavorada. E tem mais, quero contar outra historinha. A Vida Alves já era redatora. Escrevia um programa que se chamava:* Vesperal das Moças, *o qual, aos sábados, era no palco, com auditório. Eu sempre*

participava, colocava uns caquinhos. Então a Vida Alves ia sair de férias e a louca da Vida Alves me disse: Você, Yara, vai escrever o programa. *Eu falei:* Eu não sei escrever. *Mas ela disse:* Você é inteligente. Você pode*. Aí ela saiu. Eu escrevi. Mostrei pro Silvestre e pro Cassiano e eles falaram que estava bom e eu montei. O Lima foi o intérprete. Ficou tão bom que eu ajoelhei e beijei os pés dele pra agradecer. Literalmente. Fiquei tão feliz! Ele foi maravilhoso. A Tupi não era uma casa de trabalho. Era um ninho. A dona Nina, sentada naquela mesa no camarim... Os nossos armários... A gente foi muito feliz e eu trago essa felicidade em mim, não só nas lembranças, no meu corpo, nos meus poros. Nunca a televisão foi vitrine pra se mostrar, pra esnobar. Era o nosso trabalho. Era sério. A minha geração, a geração da Tupi foi muito ética. E eu tenho muito orgulho de ter pertencido a ela.*

Nelson de Mattos (técnico desde o primeiro dia)
A Tupi era a Tupi. Eu não queria sair de lá de jeito nenhum. A Tupi era a minha casa.

Lima Duarte
Eu entrei na Tupi com 16 anos. Saí de lá com 40. Enfim, os melhores anos, os únicos que valem realmente ser vividos. Esses eu vivi na Tupi.

Era a casa de todos. Era a família de todos. Isso está em todos os depoimentos que Vida Alves fez com seus companheiros da Televisão Tupi. Aqui está uma frase dita por Luiz Gallon: *Nós éramos tão unidos que parecíamos um só.* Este item nada tem a ver com a seqüência cronológica, que ela procurou manter na narração deste livro. E por que o fez? Por que resolveu escrevê-lo?
Simplesmente para registrar uma verdade histórica: a televisão foi idealizada, montada, erguida com todo amor do mundo. Não apenas com o amor paixão, que abrasa o peito e cega os apaixonados, mas com o amor-respeito, o amor-companheirismo, a amor-confiança. E é por isso que ela dedica este escrito a todos aqueles que estavam lá e cujos nomes estão aqui transcritos, ou que, por falha de memória, foram omitidos.
A eles, aos pioneiros, esta colega dos primeiros dias deixa aqui seu agradecimento, sua emoção. Esta é uma homenagem que Vida Alves quer prestar a todos vocês.

Vida Alves

Capítulo 2
Explicações

Ao começar a escrever este livro, Vida Alves percebeu alguns problemas. Entre eles: onde encaixar Vida Alves no começo da história? E por que essa necessidade de encaixá-la?

Respostas

Primeiro: Vida Alves é pioneira da televisão.

Segundo: Seu nome aparece várias vezes neste compêndio, sempre citando entrevistas que fez com colegas. Saibam: ela fez 160 gravações com pioneiros, para o Museu da Televisão Brasileira. E esse é o principal material utilizado para a feitura deste livro.

Terceiro: Vida Alves é a redatora. Ela é testemunha, em muitos casos. Ela viu. Ela estava lá. Claro que tem que escrever sobre si própria.

Mas, afinal...

Ela estava na inauguração?

Ela estava lá. Ou melhor, estava, mas como telespectadora, não como participante, como profissional.

Explicando melhor

Diz Vida: *Várias vezes já falei sobre isso. E foi sobre esse fato que escrevi, no ano de 2000, uma crônica no livro 50 x 50, organizado pelo Boni, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. A essa crônica dei o nome de* Saudade daquele tempo, ou saudade de mim, naquele tempo? *Ali expliquei bem o motivo de eu não ter aparecido na programação.*

Em 1949, para trabalhar nas montagens da televisão no Brasil, foi contratado como colaborador da pequena equipe de Jorge Edo, Gianni Gasparinetti, engenheiro italiano recém-chegado de seu país. Nós namoramos e casamos no dia 29 de dezembro de 1949. Minha gravidez aconteceu em seguida. Quando, em setembro de 1950 a TV Tupi foi inaugurada, no dia 18, eu já estava gestante de 8 meses e meio, a poucos dias do parto. Na Rádio Tupi continuei trabalhando em novelas até meados de outubro. Depois disso entrei em licença-maternidade, que naquele tempo era de três meses e só voltei ao trabalho no final de dezembro de 1950.

Aí está a resposta. Eu estava lá. Fiquei ao lado de todos os meus colegas, os vi se maquiando, ri com eles, chorei com eles, mas não participei. Desculpem se faço essa explicação. Achei que era importante.

Outros problemas que surgiram na elaboração deste livro
E a documentação? Onde estava a documentação sobre a saga dos pioneiros? Apenas na memória dos que a viveram.

E vários já não estão vivos. E os que estão, às vezes, dão informações contraditórias. E na memória há coisas que se apagam... Os livros sobre o assunto são vários. Todos feitos com muito capricho e cuidado. Mas há contradições. O jeito foi ir *tateando*, filtrando e tentando lembrar a verdade.

E a memória da própria Vida Alves? Sim. É a isso, principalmente, que vou ter que recorrer.

Explicando ainda
Como estou escrevendo este livro sobre a TV Tupi, sua implantação, seus primórdios, seus participantes e fatos principais, às vezes comento tudo que escrevo na primeira pessoa. Às vezes parto para a terceira pessoa, como se Vida Alves fosse uma personagem. Mas é assim que sei fazer.

Vida Alves

Capítulo 3

A Pré-história Desse Amor

Era uma vez um menino que amava fazer experiências. Seu nome, Philo Farnsworth. Ele vivia na pequena Beaner City, em Utah, Estados Unidos. Morava numa cabana de madeira, ia à escola a cavalo, mas adorava estudar, pesquisar. Aos 12 anos, já morando com a família em Idaho, além de trabalhar no campo, prestava atenção aos fenômenos elétricos. Com 16 anos, e tendo conseguido um professor particular de química, foi aceito, a muito custo, pelos mórmons, em Provo, Utah, na Universidade Brigham Young, onde havia um centro de pesquisas.

Philo falava a todos sobre suas idéias e sua teoria sobre a transmissão de imagens, mas não o ouviam. Um imigrante russo, de nome Wladimir Zworykin, engenheiro, o ouviu e acreditou no garoto. Zworykin trabalhava na Westinghouse e também pensava sobre aquele assunto, embora não o tenha revelado ao garoto.

O tempo passou. Em 1927 Philo estava já com 22 anos, casado, sempre apaixonado por suas experiências, quando conseguiu num laboratório particular fazer a primeira transmissão de imagem eletrônica. Foi registrar seu invento. Não conseguiu. Zworykin já o havia registrado em 1923.

A história foi para todos os tribunais. Sete anos depois, Philo Farnsworth ganhou a causa. Zworykin então trabalhava na RCA, e teve de pagar a ele uma indenização por muito tempo.

Mas veio a guerra e tudo silenciou. Dizem que Philo Farnsworth teve um grande colapso nervoso. Foi internado e esquecido. Para a grande maioria, seu nome nem consta do episódio da invenção da televisão.

No Brasil, Outro Braço Desse Amor

Na pequena cidade de Umbuzeiro, no interior da Paraíba, Brasil, aos 5 de outubro de 1892, nasceu **Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo**.Tinha três irmãos: Jorge, Oswaldo e Ganot. Fez seus estudos no interior de Pernambuco e depois foi para a capital, Recife, estudar Direito.

Olhos fortes, pretos, de estatura baixa, pouco mais de 1 metro e sessenta, logo se inclinou para o jornalismo. Foi ser repórter de um jornal de Recife, o *Diário de Pernambuco*. Aos 23 anos já era redator- chefe do jornal e professor de Direito Romano e de Filosofia do Direito. Em pouco tempo foi para o Rio de Janeiro, convidado para ser redator do *Jornal do Brasil*.

Em 1920 foi para a Alemanha, e ficou um ano na Europa relacionando-se com figuras exponenciais do Brasil e do mundo. Aí iniciou aquilo que foi uma atitude marcante em sua vida: comprou um jornal, assumindo o compromisso de pagar 5.700 contos de reis, embora desse de entrada apenas 100 contos, que era tudo o que tinha. Atraiu para sócio Alexandre Mackenzie, superintendente da Light Companhia de Eletricidade, onde ele exercia a função de advogado. Nascia, assim, o primeiro elo de uma grande corrente de comunicação de Assis Chateaubriand, a que ele deu o nome de Diários e Emissoras Associadas, formada por dezenas de jornais e emissoras de rádio espalhadas por todo o País, além da revista O Cruzeiro, fenômeno de tiragem nacional.

De repente, chegou aos seus ouvidos uma palavra diferente: **televisão**. Chateaubriand a ouviu e ficou sabendo que se falava sobre isso nos Estados Unidos, na França, na Alemanha com a Telefunken, na Inglaterra com a Philips. Mas veio a guerra e tudo silenciou.

Nos Estados Unidos, porém, não pararam as experiências com a televisão.

A RCA americana, em fins de 1939, fez uma exibição pública de sua nova câmera, transmitindo uma partida de beisebol. E, em 1940, a *Federal Communication Commission* reconheceu oficialmente a televisão.

Em 1944, Assis Chateaubriand visitou Nova York. Esteve na RCA e foi recebido pelo brigadeiro **David Sarnoff**, presidente da indústria, que preparou um grande salão, com o que havia de mais adiantado em material de radiodifusão, para mostrar ao possível cliente brasileiro. Chateaubriand já era o pioneiro no uso comercial de rádio da América do Sul. Gostou de tudo que viu, mas...

Com a curiosidade que lhe era peculiar, e caminhando por todas as salas, chegou à sacada do edifício Rockefeller Center, e ali viu uma máquina desconhecida.

– O que é isso?

– Uma câmera de televisão. Imagem eletrônica. E esse é o senhor Wladimir Zworykin, um russo-americano, o inventor. Sua invenção é tão importante que o colocamos na vice-presidência da RCA Victor. Com essa lente podemos ver toda Manhattan.

– Imagem à distância... Pois eu vou querer uma emissora.

– Senhor Chateaubriand, isto não é para um país como o Brasil. O senhor deveria se preocupar com sua poderosa rede radiofônica. A televisão não é recomendável para os brasileiros. O senhor deveria esperar...

– Esperar o quê? E lhe digo mais: não quero uma emissora. Quero duas. A primeira criarei em São Paulo e a segunda no Rio de Janeiro. Se eu andar depressa, a de São Paulo será a primeira da América Latina. Seremos pioneiros. A primeira será em São Paulo... Por favor, anote meu pedido.

Assim era Chateaubriand. Impetuoso. Rápido. Valente. Decidido. Apaixonado. Mas sua paixão não era só por suas rádios, seus jornais e suas futuras emissoras de televisão. Sua paixão era o Brasil.

Por seu país lutou e venceu em várias frentes:
. Fundou 500 postos de puericultura;
. Desenvolveu o turismo;
. Lutou pelo Correio Aéreo Nacional (CAN);
. Lutou pela defesa e respeito ao índio; Era amigo do Marechal Rondon;
. Lutou contra a devastação das florestas;
. Criou vários museus, sendo o maior o Museu de Arte de São Paulo (Masp), que se chama Museu Assis Chateaubriand.

O que era o Brasil para Chateaubriand?
Em seus jornais ele dizia o seguinte: *Nosso programa, que é fazer órgãos de doutrina e de informação, não comporta direita nem esquerda. Estamos no céu e na terra para servir à unidade brasileira. Somos todos militantes dessa idéia. O equilíbrio nacional é a nossa maior preocupação, que não exclui, outrossim, o equilíbrio que também muito nos preocupa. Nossos jornais não se limitam a ser refletores, senão os guias e moderadores do sentido ambiente das multidões, contribuindo para a formação da consciência pública e assumindo o papel de construtores do espírito. Estamos longe de sermos um empreendimento de timbre exclusivamente capitalista. Não almejamos o lucro e não cultuamos a propriedade como um totem sagrado...*

Somos um pequeno exército nacional, à paisana, penetrado na consciência de nossos deveres e da santidade de nossas tarefas, fiel à divisa de nossa bandeira, que é o serviço da integridade nacional.

O sonho, naquele momento era a televisão*, a imagem.*

Mas ela demorou a acontecer. E então...

Oduvaldo Viana

Capítulo 4

O Amor Elegante

Um senhor alto, castanho, elegante, de nome **Oduvaldo Viana**, era o diretor artístico da Rádio Difusora de São Paulo. Era casado com a também escritora **Deuscélia Viana**. Oduvaldo tinha realizado, no Rio de Janeiro, alguns filmes. O mais importante: *Bonequinha de Seda*, com Gilda de Abreu e Vicente Celestino, cantor muito famoso da época.

Estivera na Argentina e de lá trouxera o gênero de novelas de rádio. Em capítulos de 30 minutos, as histórias duravam cerca de três meses. Eram a paixão das donas-de-casa. Tendo lançado o gênero na Rádio São Paulo, passou depois, com todo o seu elenco, para a Rádio Panamericana, inaugurada em 1944. Depois de um ano, Oduvaldo Viana e seu sócio, o publicitário Cozzi, venderam a emissora para Paulo Machado de Carvalho e seus três filhos. Oduvaldo foi dirigir a Rádio Difusora, no alto do Sumaré, a qual era uma das duas Emissoras Associadas de Rádio de São Paulo. A outra era a Rádio Tupi, também localizada no Sumaré.

Ambas, em **1947** tinham um elenco de radioteatro tão grande, cerca de 100 pessoas. Material humano que podia perfeitamente ser aproveitado para o cinema ou para a televisão...

Assis Chateaubriand, o *big-boss*, estava entusiasmado com a palavra *imagem*. Mas a entrega da RCA Victor norte-americana estava demorando.Em São Paulo ele possuía dois jornais: *Diário da Noite*, importante jornal urbano, e o *Diário de São Paulo*, mais dirigido ao interior. A distribuição deste era feita em prefeituras, fazendas, e,diga-se, estava fraca. Daí uma idéia, unindo Chateaubriand e Oduvaldo Viana: fazer pequenos filmetes, com o elenco artístico das emissoras de rádio de São Paulo. Nesses filmes, o elenco radiofônico apareceria e ficaria mais conhecido do público. Certamente, passando nos cinemas do interior, aumentaria a venda do *Diário de São Paulo*.

Foi realizado o *Chuva de Estrelas*, um curta-metragem. No filme de 16mm apareceram Lia de Aguiar, Vida Alves, Helenita Sanches, Hebe Camargo e Ivon Cury, cantando juntos e Arminda Falcão, cantora lusitana, interpretando *Casa Portuguesa*, no que era acompanhada pelas moças, que dançavam.

Esses curtas-metragens, pois foram divididos em vários, passavam antes do filme principal, nas cidades do interior. E foram bem recebidos. Grande sucesso de público e de venda. Lia de Aguiar, a estrela principal do radioteatro, conta que participou do *Chuva de Estrelas*, onde dançou ao lado de Arminda Falcão, depois cantou num outro filmete chama-

EM CIRCUITO SIMULTÂNEO DE 12 CINEMAS
SERÁ EXIBIDA A MAIOR REALISAÇÃO
DA CINEMATOGRAFIA BRASILEIRA !

DIA 25 no MARABÁ · RITZ · PHENIX · HOLLYWOOD

DIA 26 no REX · Ipiranga PALACIO · RIALTO

DIA 27 no ROXY · CARLOS GOMES · MODERNO · S. CARLOS · SÃO JOSE

Direção e argumento de ODUVALDO VIANA
o grande realizador de "BONEQUINHA de SEDA"

ESTUDIOS TUPY
apresentam
Lia de AGUIAR
Paulo de ALENCAR
Em

QUASE NO CÉU

Com
HEITOR de ANDRADE ★ DIONISIO AZEVEDO ★ HOMERO SILVA
LOLITA RODRIGUES ★ VIDA ALVES ★ NORAH FONTES
MARIA VIDAL ★ WALTER AVANCINI ★ ERLON CHAVES

do *Marina Morena*, ao som da música de Caymmi. O outro, chamado *Escandalosa*, era com Helenita Sanches.

Luiz Gallon, bastante jovem, apareceu nas Rádios Tupi e Difusora ao lado do irmão Renato Gallon, que era operador de som. Luiz logo se enturmou e começou a participar daquelas *aventuras cinematográficas*. Contou ele: *Acho que o 1º* clip *que nós fizemos foi com Rayito Del Sol e o bongozeiro dela, chamado Dom Pedrito. Os dois faziam números de rumba. O segundo foi com a Hebe Camargo e o Ivon Cury, num cenário rural, cantando a música* "Lá atrás daquele morro tem um pé de Manacá, nós vamos casá e vamos pra lá"*. Fizemos 10 clips.*

Oduvaldo Viana, entusiasmado, convenceu Chateaubriand a fazer um filme de 35 mm. Foi escolhido e rodado o *Quase no Céu*, que era uma bonita estória, escrita e dirigida por Oduvaldo. Mais uma vez no elenco os atores das Rádios Tupi e Difusora. A estrela principal, Lia de Aguiar e o galã, aí uma novidade, foi escolhido João Carillo, um publicitário inteiramente novato. No filme, o segundo casal romântico era composto por Vida Alves e Homero Silva, e ainda havia em papéis importantes, Norah Fontes, Dionísio Azevedo e os meninos Erlon Chaves e Walter Avancini, fazendo uma dupla de garotinhos, um negro e um branco, ambos com 8 anos, que encantaram o público. E ainda Heitor de Andrade no papel de vilão. O fotógrafo era Paulo Salomão, o cineasta Jorge Kurkjan.

Quase no Céu foi lançado em 12 cinemas pela Columbia e foi grande sucesso de público, mas não de crítica. O elenco era todo da emissora de rádio, que era sempre considerado uma arte menor.

Mas, com o sucesso, Chateaubriand e Oduvaldo Viana pensaram em montar os *Estúdios Cinematográficos Tupi* e dar continuidade às filmagens.

Vida Alves e Homero Silva no filme Quase no Céu

Capítulo 5

Sempre o Amor, Esse Alucinado

Jorge Edo nasceu apaixonado por eletricidade. Fez Escola Superior de Mecânica e Eletricidade e foi professor dessas matérias. Era diretor-técnico das Rádios Tupi e Difusora de São Paulo – Emissoras Associadas. De família humilde, sua maior distração era seu próprio trabalho.

Eu tinha visto imagem de televisão uma vez, no Rio de Janeiro, numa demonstração feita pelos franceses, no prédio da Rádio Nacional. E pensei: Que coisa linda é a imagem numa telinha*. Mas nunca imaginei que um dia, meu chefe direto, o engenheiro Mario Alderighi, fosse me chamar e dizer:* Nós dois vamos para os Estados Unidos*. Fomos escolhidos pelo Chateaubriand e pelo Edmundo Monteiro, nosso superintendente, para comprar material e montar uma televisão em São Paulo.* Nós? Mas por que nós? É que o Oduvaldo Viana não quer ir*. Devia ir um diretor da parte técnica e um da parte artística. Mas ele não quis. Ele é interessado só por cinema. E vamos nós dois. Faremos um curso na NBC, que é a companhia que pertence à RCA, e compraremos tudo o que for necessário.* Era o final do ano 1948.

*Nossa viagem deu-se em **1949**, e foi a coisa mais engraçada do mundo. O intercâmbio que havia era com a Aerovias Brasil. Uns aviões DC3. Aviões de guerra transformados. Esses aviões só podiam voar quando era muito claro, durante o dia. Precisavam reabastecer a cada 200 ou 300 quilômetros. Foi minha primeira viagem internacional. Parávamos em todas as cidades, inclusive da América Central e descíamos para dormir. Levamos três dias para chegar a Miami. Ficamos um mês nos Estados Unidos. Vimos as estações, como faziam os programas, as reportagens.*

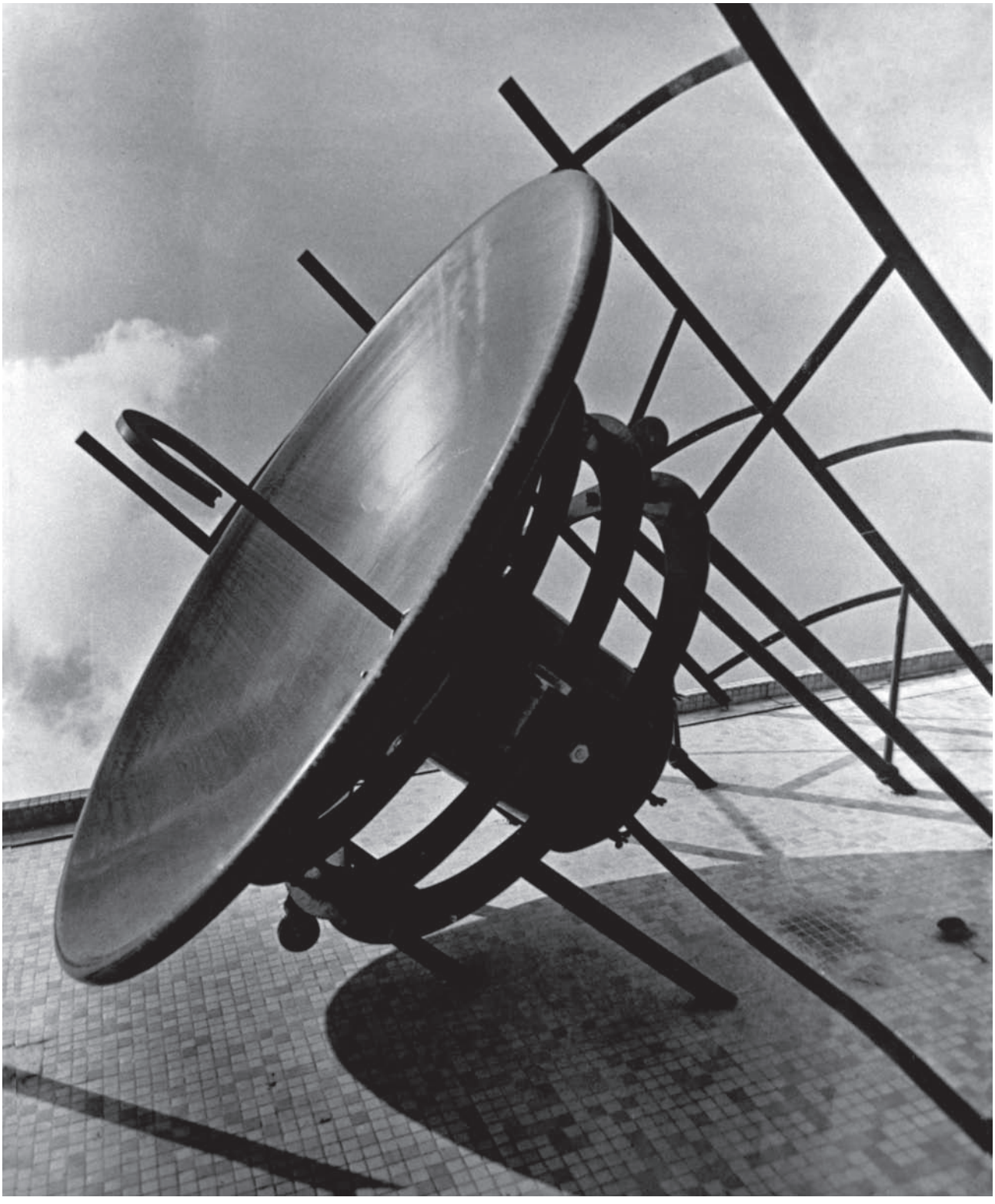
*Tudo era novo pra nós e apaixonante. Na Alemanha e na França tinha televisão desde **1936**, mas de forma experimental. Era o problema da iluminação. As imagens tinham de ser tão iluminadas que não se podia fazer muita coisa no estúdio. Nos Estados Unidos estava da mesma forma. E havia um segredo militar sobre uma válvula de imagem, a qual já se aproximava à sensibilidade humana. Essa válvula foi usada durante a guerra, para fins estratégicos. Terminada a guerra, as Forças Armadas Americanas permitiram que essa válvula desenvolvida nos laboratórios da RCA por seus cientistas, comandados por Wladimir Zworykin, fosse usada para fins civis. E aí houve o grande* boom *de televisão, pois podiam fazer programas ao vivo, sem que os artistas fossem completamente carbonizados. E isso estava sendo feito nos Estados Unidos, desde **1946**. Na Europa, as emissoras eram estatais. E o Brasil também ia montar uma televisão comercial, que vende o seu produto e sobrevive dessa venda. O produto tem de ser bom, porque senão não vende.*

Torre da TV Tupi no Edifício Altino Arantes, o Banco do Estado de São Paulo – Banespa (em 1950)

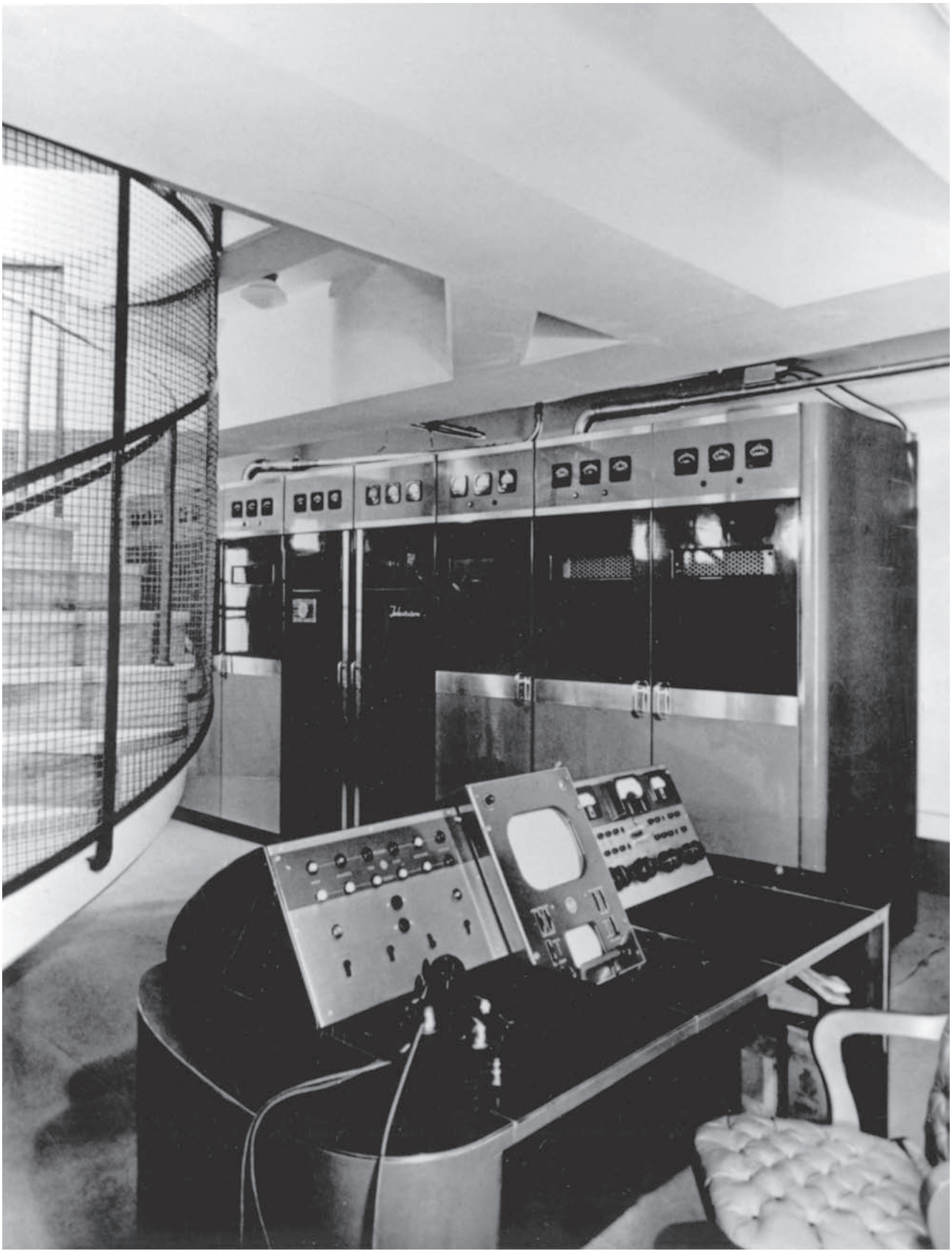
Deus sempre foi bondoso comigo. Sempre me deu coisas boas e por eu estar trabalhando nessa estação, nesse grupo, nessas empresas, sempre dirigidas por um homem de visão, Assis Chateaubriand, a quem chamávamos de Capitão, eu iria estar à frente desse sonho, desse momento maravilhoso de nosso País, trabalhando no que eu quis e amei alucinadamente: a televisão. O senhor Chateaubriand chegou a dizer que eu amava a televisão, mais do que amava minha mulher. O amor também é aventura.

Quando a televisão foi encomendada pelo doutor Assis Chateauriand, ele comprou tudo, depois de uma conversa com o presidente da RCA, David Sarnoff. E eles entendiam dos negócios, mas não entendiam dos detalhes, do que era preciso para uma estação de televisão. Fomos nós, o doutor Mário Alderighi e eu, que fizemos as compras. Foi uma aventura alucinada. Nós aprendemos um pouco no curso e vimos que precisava transmissor, além de uma porção de coisas. E lá nos Estados Unidos mesmo foi que fizemos a lista do equipamento a qual depois foi entregue aqui. Em fevereiro de ***1949*** *voltamos e começamos a procurar o lugar onde o transmissor iria ser instalado. Ficou determinado que funcionaria no prédio do Banco do Estado. É um prédio bonito que nós temos na Av. São João. Procurou-se um lugar para serem montadas a estação de televisão e a antena. Foi escolhido um local no Sumaré, que era ocupado pela Rádio Difusora, com sua torre e seus estúdios. Então ficou de se remover o transmissor e a torre, e as demais instalações, para que ali tivesse espaço necessário aos estúdios, os controles de televisão e a sala de telecine.*

Na inauguração da TV, Jorge Edo (de pé) mostra aos convidados os equipamentos da emissora



Antena parabólica montada no alto do Edifício Altino Arantes (acima) e detalhes da sala dos transmissores da TV Tupi (páginas 35 e 36)



Capítulo 6

O Amor se Espalha

Walter Forster, homem claro, bonito, nascido na cidade paulista de Campinas, era o diretor-artístico da Rádio Tupi de São Paulo. Tinha aproximadamente 30 anos e era educado, elegante, fino. Todos gostavam dele. Chateaubriand também. Walter Forster contou, em entrevista:

Todos nós passávamos o dia inteiro no Sumaré, onde funcionavam as Rádios Tupi e Difusora. Eram muitas novelas de rádio. De manhã, de tarde, à noite. E assim, nos intervalos entre uma e outra, a gente almoçava, tomava café, jogava peteca. Houve até um campeonato de jogo de peteca, ali no terreno, junto à torre da Difusora. E foi num dia desses que o doutor Assis chegou pra mim e disse, com aquele sotaque nordestino, com os "és" bem abertos: Tenho novidades. Comprei uma emissora de televisão. Logo isto aqui estará remodelado. Sabe onde ergueremos o primeiro estúdio da emissora? Aqui, onde o amigo está se divertindo jogando peteca.

– Vão acabar com nossa diversão? *Não tínhamos conhecimento do que era televisão.Só pensávamos em peteca. O doutor Assis me olhou com tal espanto... Fiquei até envergonhado. Mas rimos os dois e eu também comecei a sonhar e a amar a novidade: televisão.*

Só que eu pensava muito no rádio, no rádioteatro, e passei a me preocupar com o seu esvaimento. Afinal, eu começara a minha carreira profissional em rádio. **Eu era um radialista.**

O rádio era o grande veículo de comunicação daquela época. Os cantores eram idolatrados. Mesmo que as emissoras de rádio tivessem grandes auditórios, muitas vezes os cantores apresentavam-se em praça pública, tal a quantidade de gente. A Rádio Cruzeiro do Sul, por exemplo, era em um edifício pequeno da Praça do Patriarca. Em sua sacada cantaram vários cartazes da época, como Orlando Silva. Eram colocadas grandes caixas de som na praça e também no Viaduto do Chá, que fica em frente. E aquilo tudo ficava lotado. Um mar de gente, para ouvir Orlando Silva, o *caboclinho querido*.

Outros cantores famosos eram **Francisco Alves**, **Aracy de Almeida**, **Carlos Galhardo**, **Carmen Miranda**, **Dircinha Batista**, **Sílvio Caldas**, **Emilinha Borba**, **Marlene**, **Vicente Celestino**.

Murillo Antunes Alves, **Raul Duarte**, **Nicolau Tuma**, criador do termo *radialista*, eram os jornalistas de rádio mais respeitados nessa época em São Paulo.

O diretor-artístico-geral das Emissoras Associadas de Rádio, em São Paulo, era **Dermival Costalima**. E ele é que foi escolhido para ser o diretor-geral das Emissoras Associadas de Rádio e Televisão de São Paulo.

Dermival Costalima e Cassiano Gabus Mendes

Capítulo 7

Brindando o Amor

Pouco antes do Natal de 1949, a RCA Victor comunicou aos *Diários Associados* que o equipamento da Televisão Tupi-Difusora já estava encaixotado, aguardando apenas lugar nos navios para vir para ao Brasil. No dia 11 de janeiro de 1950 mais um aviso: o caminhão de transmissão externa e todos os volumes da carga partiram da Filadélfia, no cargueiro Morwacyord, da companhia Moore Corwick, e chegaria 20 dias depois. No dia 1 de fevereiro de 1950, o cargueiro aportou no cais, no armazém 15 do Porto de Santos. No dia 2 de fevereiro de 1950, o presidente da RCA do Brasil, senhor Peter Haddloch e os diretores da Moore McCorwick ofereceram, a bordo do navio, um coquetel ao jornalista Assis Chateaubriand. Muitos convidados. Representantes do Ministério da Viação e Obras Públicas, diretores dos Correios e Telégrafos, Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Artes Assis Chateaubriand, o publicitário Antônio Nogueira, da J. Walter Thompson, Enéas Machado de Assis, diretor da AESP, Dermival Costalima, diretor das Emissoras de Rádio Associadas de São Paulo, e os artistas Hebe Camargo, Sarita Campos, Walter Forster, Branca Forster, Stella Camargo.

Logo após o coquetel, Chateaubriand ofereceu um almoço a 100 convidados, no restaurante do Hotel Parque Balneário de Santos. E ali todos brindaram o momento com muito amor e alegria.

Finalmente em casa: o Brasil!

A alfândega complicou. O equipamento da RCA Victor só foi desembaraçado dois meses depois. No dia 23 de março de 1950. Mesmo assim Assis Chateaubriand elogiou a alfândega e Luiz Mendes Gonçalves, seu diretor, que *superou as dificuldades alfandegárias* e liberou esse tipo de carga, pela primeira vez no Brasil.

O material foi entregue à firma de despachantes Sigefredo Magalhães, que contratou a transportadora Cruzeiro do Sul. Foram pintadas várias faixas onde se lia: ***Rádio Tupi de Televisão RCA, a primeira da América Latina***. Vários caminhões, tendo à frente a unidade móvel de transmissões externas. O desfile foi pela Via Anchieta até o alto do Sumaré, que era chamada de *Cidade do Rádio*. Finalmente em casa: o Brasil!

Detalhe da antena no topo do Edifício Altino Arantes

Capítulo 8

O Amor e Suor, Muito Suor

Nelson de Mattos nasceu no interior de São Paulo, cidade de Matão. Mas a família mudou-se para a capital e ele cresceu no bairro da Mooca. Nelson estudava, mas precisava trabalhar. Sua mãe conheceu Sarita Campos, esposa de Dermival Costalima, diretor das Rádios Tupi e Difusora, e conseguiu emprego de porteiro para Nelson. Os olhos do garoto, porém, estavam sempre na técnica, pela qual seu coração batia mais forte.

Ali conheceu Jorge Edo, e este foi seu professor. Assim, Nelson nas horas vagas tentava *xeretar tudo*: técnica, contra-regra, cenário, tudo. Ajudou no filme *Quase no Céu*. E aí ouviu falar em televisão e pensou: *Tô nessa!*

- Mas o que é televisão?

- É uma coisa. É um aparelho de onde sai a imagem. O sujeito vê a imagem lá dentro do aparelho.

- Mas como é que faz essa imagem? Quem coloca ela lá dentro?

Não dava pra pensar muito. Como Nelson tinha sido aluno de Edo, foi logo incorporado à equipe. Passou para a técnica e ficou sendo o braço direito de Jorge Edo. Ele era *pau pra toda obra*. Com seu jeito tosco e simples, Nelson ajudou em tudo.

Começaram os preparativos.

Disse Nelson de Mattos: *A primeira coisa que tivemos de fazer foi desocupar o lugar, pra poder montar e receber a televisão. E, nesse caso, onde nós tínhamos um transmissor que era da Tupi (naquele tempo, até o primeiro transmissor de televisão que veio foi assim), as válvulas eram tudo* (sic) *refrigeradas a água. Não tinha nada de ar, nada de coisa tão moderna como tem hoje. Então nós tínhamos uma piscina, que era o que refrigerava a água e mantinha estabilizadas as bombas, pra fazer essa circulação de água dentro das válvulas do transmissor. Então preparamos tudo e o Edo que comandava falou pra nós:* Nós temos uma noite e temos de mudar o transmissor, porque nós precisamos desmontar. Vai cair tudo pra baixo e vai ser feito o estúdio de televisão*. Muito bem. Então nós preparamos tudo. Fizemos o encanamento, fizemos tudo. Quando foi de noite, a estação encerrou mais cedo, era 1 hora mais ou menos, meia-noite e meia, e foi assim. Encerrou a estação, nós entramos, parecendo um bando de formigas trabalhando. Aí desmontamos o transmissor inteirinho e não tinha lugar para pôr.*

Montamos ele no corredor, que era um corredor que quando a gente entrava para a televisão, na entrada do Estúdio A, tinha uma escadinha. Pra cima dessa escadinha ficou montado o transmissor, no meio da passagem. Mas estava perto da torre, então nos facilitou muito pra poder montar, fazer a ligação da antena (...) Nós descemos a Santos pra buscar o material, pra saber o que era aquilo. E eu pensava que chegava lá em Santos, pegava aquele troço e vinha embora, e já estava vendo a imagem. Mas nada disso. Chegamos lá, descarregamos tudo. Naquele tempo existia em São Paulo um transporte que se chamava CGT. Era a única empresa que tinha carretas . Era uma coisa monstruosa. Quando passava a carreta, todo mundo ficava olhando. Então nós descemos com essas carretas e tiramos do navio. Até houve um acidente, o primeiro acidente da televisão acho que foi esse. Nós tiramos o primeiro carro de reportagem e o cabo de aço escapou, amassou o carro, ficamos com uma preocupação danada, se estragou, mas não estragou nada não. Só amassou um pouco a lataria e carregamos esse carro e viemos embora pra São Paulo. Subimos a serra, o carro de reportagem na frente... Uma curiosidade: esse carro tinha uma escotilha, que era pra montar câmera em cima, montar microondas... e nós nunca tínhamos visto. Então, pelo carro, tinha uma escada que saía no teto. Então, abrimos lá, subimos a serra, todo mundo olhando por cima e viemos embora pra São Paulo. Chegou aqui em São Paulo com a faixa: primeira estação da América Latina*, aquela publicidade toda. E demos uma volta. Passamos pela Rua Direita, aquela carreta enorme cruzando a Rua Direita, Praça da Sé, foi um carnaval enorme dentro de São Paulo, com a primeira estação de televisão que chegava à América Latina. E fomos à Rua Presidente Wilson, mas não podia abrir. Ficamos até meio frustrados, porque queríamos ver logo. Mas o seguro tinha que ser o primeiro a abrir, pra ver se estava tudo certo, se não tava certo, aqueles problemas todos. E assim fomos. Descarregamos tudo na Presidente Wilson. Posteriormente voltamos da Presidente Wilson com a torre, que a antena tinha que ser montada, íamos lá desmontar, revisar, com o cara do seguro e tal. A torre nós tiramos e trouxemos ela pra Rua Sete de Abril. Estava sendo feito um prédio na Sete de Abril e embaixo era um tapume. Não tinha nada. Então ela foi montada ali embaixo, porque eram 3 sessões de 6 metros cada sessão. Dava 18 metros de comprimento. Daí então, depois que nós pusemos ela ali, então ficou definido que ela ia ser instalada no Banco do Estado. Olha, pra nós irmos para o Banco do Estado foi outro problema. O Banco do Estado não foi feito pra receber televisão, e aí tínhamos que instalar no último andar. O último andar não estava preparado pra nada disso. Nem tampouco com água pra refrigerar o transmissor, porque o transmissor era refrigerado a água. Então tivemos de fazer tudo. Não tinha um plano terra antigamente. Hoje não. Hoje é um material muito mais simples. Antigamente era*

muito difícil. Tinha que ter um plano terra muito bom, tinha muita interferência. Tinha um programa de 60 ciclos, qualquer coisa interferia. Então tivemos que fazer os núcleos. Tinha engenheiros da RCA que estavam lá no Banco do Estado. Então tivemos que fazer um tablado inicial, depois tivemos que fazer um revestimento, um assoalho de cobre, todo ele emendado, tivemos que puxar energia desde o térreo até lá em cima, por dentro do prédio, os cabos, uma cabine primária, tivemos que puxar água porque a água que tinha lá em cima não era suficiente, porque estávamos já ali perto daquela cúpula de vidro que tem, como sabem, 33 ou 34 andares. Então preparamos tudo e chegou a hora de subir o material e de subir a torre. Tinha que montar a torre também. Então foi preparado um eixo, desses em pé, pegando três ou quatro andares pra baixo, pra ter suporte, pra poder ser parafusada essa torre e começamos a subir com o material. Para nossa surpresa, os elevadores não comportavam. Então, algumas coisas ele comportou. Nós tiramos o teto do elevador, porque o elevador também não vai direto até o último andar, tinha um estágio, descarregava. Botava em cima do elevador e nós íamos segurando o cabo de aço do elevador, até chegar no andar, descarregar e tal... e tal. E assim nós conseguimos levar uma parte. Uma grande parte levamos assim. Nós tínhamos um andaime. A torre tinha que ser erguida. Não existia andaime de ferro. Eram feitos de madeira com vigotas de peroba, grandes, de 4 metros de comprimento. E aí encostou no Banco do Estado uns 5 caminhões carregados dessas vigotas. E vamos subir as vigotas. As outras não couberam dentro do elevador, e nós tínhamos que subir pelo vão da escada. Carregava, descarregava um andar, passava pra cima, carregava em outro andar. E assim nós fomos levando. Aos pouquinhos, até chegar no último andar, lá em cima. Muito que bem! Aí conseguimos montar. E fomos montar sem noção de segurança, sem noção do que era possível. Montamos aquilo lá agarrado pelas paredes. E levantamos. A torre subiu por fora do prédio. Ela não subiu por dentro do prédio, porque não comportava. Aí montamos o guindaste pra armar essa torre. E assim concluímos a torre, transmissor, essas coisas todas. Canal 3. Naquela época, quando nós montamos, era o Canal 3, que foi quem colocou a primeira imagem no ar. E assim, com seu jeito simples e emocionado, Nelson de Mattos fala de sua participação e de seu grande amor pela Televisão TUPI.

Vida Alves perguntou a Jorge Edo:
E como era a equipe que fez essa montagem. Era grande? Era pequena? Quantas pessoas foram contratadas para esse serviço pesado?
Pouca gente. O senhor Alderighi instalou o transmissor. Ele teve dois auxiliares, um de procedência alemã, senhor Bast, e outro o senhor Wilson Leite. Veio também um engenheiro norte-americano Nor Hollisson,

para ajudar, testar a antena e nada mais que isso. O Hollisson era um sujeito maravilhoso e eu explorei seus conhecimentos quanto pude, até o ponto de dizer: Ajuda um pouco aqui, me diz como eu tenho que fazer aqui no estúdio*. No estúdio era pouca gente. Contratei pouco. Eram meus próprios auxiliares da rádio que estavam montando tudo.*

Quem fez o treinamento do pessoal?
Nós mesmos. Nós é que treinamos o pessoal e, como brasileiros, começamos a fazer todas essas coisas.

Quantas horas o senhor trabalhava por dia?
Umas 15 ou 16 horas. Sempre até a madrugada.

Caminhões com os equipamentos da TV Tupi. Vindos de Santos, desfilam pelo centro de São Paulo

Capítulo 9

O Amor nos Jovens Corações

O *cast* das Rádios Tupi e Difusora era grande. O diretor-artístico da Rádio Tupi era **Walter Forster**, e o da Rádio Difusora, **Oduvaldo Viana**. O diretor-geral das duas, era o baiano **Dermival Costalima**. Casado com a redatora e apresentadora Sarita Campos, ele era chamado de *Chefe*. Tranqüilão, avantajado de corpo, sempre falando macio e suave, era respeitado e amado por todos. Não chegava a ter 40 anos.

A maioria dos atores e produtoras era gente jovem. Elenco grande e unido. Todos faziam de tudo. Mesmo sendo contratados pela Rádio Tupi faziam participações na Rádio Difusora e vice-versa. E ninguém era só ator ou diretor. Os horários de trabalho eram longos. Não se tinha hora para entrar ou para sair. Obedecia-se só às escalações. Com isso não concordavam os responsáveis pela administração. Mas o *Chefe* acobertava a todos. Foi Dermival Costalima quem ficou responsável pela novidade: a emissora de Televisão Canal 3 Tupi-Difusora, a pioneira do Brasil.

Cassiano Gabus Mendes foi escolhido para seu auxiliar direto. Com 23 anos, filho de Otávio Gabus Mendes, radialista de sucesso, falecido pouco antes, Cassiano era um jovem superdotado. Seus olhos grandes, vivos, chamavam a atenção de todos. Sua paixão também era a imagem. Só pensava em cinema. Isso aprendera com seu pai Otávio, de quem herdara esse amor. Gostava também de música, de fotografia e de dirigir pessoas. O jovem líder tinha seguidores: **Walter George Durst**, **Dionísio Azevedo**, **Silas Roberg**, **Lima Duarte** e vários outros.

Na Rádio Tupi, que antes tivera Otávio Gabus Mendes como diretor, havia o programa *Cinema em Casa*, e a esse programa se dedicaram todos. Era tanto interesse que a *turma* ia junto assistir ao filme, para depois adaptá-lo para o rádio. A música, a entonação, tudo era feito à la 7ª arte. O jeito de falar, meio sussurrado, os tiques dos grandes atores, os efeitos sonoros, tudo o mais caprichado possível. E os principais filmes eram levados ao ar. Daí a passar para a televisão...

Cassiano Gabus Mendes passou a comandar a programação de televisão. Quando Dermival Costalima saiu para abrir a TV Paulista, a segunda emissora de São Paulo, Cassiano ficou à frente da TV Tupi. E era chamado de *Chefinho*.

Dupla de câmeras da TV Tupi (à esquerda, Walter Tasca)

Capítulo 10

1950 – Agitação Geral

Em março de 1950 chegou o material da RCA ao Brasil. Foi feita a instalação da torre no alto do Edifício do Banco do Estado de São Paulo. E os estúdios, no bairro do Sumaré. A equipe artística estava se preparando para a inauguração da programação. No dia **31 de maio de 1950** a cidade parou, nas proximidades do Viaduto do Chá. Todos queriam ver as imensas máquinas que iriam ser montadas a 140 metros do chão, na Praça Antonio Prado, idem a pesada antena Superturnstyle.

O ajuste dos transmissores foi supervisionado pelo engenheiro W. F. Hansor, da RCA. A primeira etapa, no Saguão dos Diários Associados, e a segunda já no alto do Edifício do Banco do Estado, com a presença de Ernst Bast,engenheiro alemão.

Em **15 de junho de 1950** foram realizados cinco *shows* experimentais de televisão, consecutivamente. Mas com material da GE, outra grande empresa norte-americana.

O que houve, então? Traição? Alguém passou alguém pra trás?
Responde **Hélio Bittencourt**, engenheiro da GE na época: *Isso não dá pra responder. Eu era engenheiro da GE. Era o responsável no Brasil. Havia residido nos Estados Unidos, muito tempo. Sabia das negociações, mas quando estava no Brasil, fui chamado para as experiências que íamos fazer. Montamos todo o material no Hospital das Clínicas, onde iríamos trabalhar. Mas nossa imagem era praticamente em circuito fechado. Era um projeto patrocinado pela Laboratórios Squibb Indústria Farmacêutica. E era fascinante o nosso trabalho. Todas as manhãs transmitíamos cirurgias. Eram os médicos trabalhando, e a gente gravando e retransmitindo para o Instituto de Engenharia, na Rua Líbero Badaró. E tudo material da GE. Foi no dia 15 de junho de 1950 que realizou-se o primeiro show artístico. Lembro-me que nos primeiros programas apareceram artistas da Rádio Tupi e também da Rádio Record. Da Tupi eu me lembro do Homero Silva, que apresentou cinco shows. Da Record, me lembro do Arrelia, o palhaço, que a gente gostava tanto, e da cantora Elsa Laranjeira. Lembro-me do Balé Municipal, das cobras do Instituto Butantan, e havia também moças muito bonitas: Helenita Sanches, Marly Bueno e Míriam Simone. Essa pra mim era a mais bonita, tanto que me apaixonei e me casei com ela. E com ela estou até hoje. Míriam me deu filhos que me deram netos. Foi o maior presente que a televisão me deu. Quanto à sua pergunta inicial, ah,* se a RCA passou a G.E para trás? *Sei lá. Eu estava preocupado com tantas outras coisas... Mas, na minha lembrança, vieram materiais da RCA e também da GE. Ninguém passou ninguém para trás. Afinal eram grandes empresas e tinham que vender.*

A verdade é que Assis Chateaubriand comprou material da RCA para a TV Tupi-Difusora de São Paulo, mas comprou da GE a aparelhagem para a Tupi, a emissora que foi instalada no Rio, no mês de janeiro de 1951.

A Record também comprou todo o material para a instalação de sua emissora de televisão da GE, o que só aconteceu em 1953. Para isso ela já estava fazendo testes em 1950, pelo que conta o engenheiro Hélio Bittencourt.

Outros testes foram realizados pelas Emissoras Associadas. As imagens eram sempre experimentais. A princípio as transmissões eram realizadas em um estúdio improvisado, na Rua 7 de Abril, Edifício dos *Diários Associados*. Era ali que funcionava o Museu de Artes Assis Chateaubriand. Lá é que aconteciam as experimentações. O primeiro e mais importante dos testes foi em 4 de julho de 1950, e contou com a presença do frei-cantor José Mojica, que fazia sucesso internacional. A apresentação foi feita por Homero Silva e Walter Forster. Foi uma verdadeira festa.

Lima Duarte dá outros detalhes com seu jeito eternamente artístico de ser: *Frei Mojica era uma espécie de* latin-lover*, que canta, faz muito sucesso. Ele era isso. Mas ele era meio, acho que ele era meio... Mas quando cantava fazia muito sucesso com as mulheres. No auge da carreira resolveu ser padre. E foi assentar praça pra padre lá. Botou a batina e ficou padre. Mas ele continuou cantando o repertório dele, de sucesso, do* latin-lover*. De maneira que pra inaugurar a televisão ele cantou sua música de maior sucesso:* Jura-me*. E a televisão foi ao ar no Brasil, com um padre pedindo beijos até a loucura* Jura-me*. A música diz assim (ele canta):* Besame, besame hasta la loucura*. Um padre? Então é por isso que a televisão é assim, penso eu. Já imaginaram a televisão que ia sair daí? Uma loucura!*

Carlos Jachieri era um esquerdista, ou comunista, como ele próprio dizia, e muito artista. Estava contratado pelo TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, no ano de 1950, como cenógrafo. E ele contou essa passagem: *Um dia apareceu lá alguém para falar comigo. Eu tinha meu ateliê com o Bássamo Vaccarini, num prédio em frente ao Teatro Brasileiro de Comédia. Era um senhor magrinho, pequeno, chamado Cassiano Gabus Mendes. Ele disse:* Sei que você tem experiência em teatro, tem experiência em cinema, é considerado promissor como artista plástico. Vamos inaugurar a televisão. Quer ser o primeiro cenógrafo de televisão da América Latina? *Claro que eu respondi* **sim***.*

Estava tudo pronto: os cenógrafos, os maquinistas, os iluminadores, os técnicos, o telecine, o elenco de radioteatro associado, as bailarinas, os diretores. E ia começar a reunião para a primeira programação.

Ali estavam: Dermival Costalima, Walter Forster, Jorge Edo, Cassiano Gabus Mendes, Nelson de Matos, Carlos Jachieri, Edmundo Monteiro, Homero Silva e tantos outros heróis, que eram anônimos.

De repente, veio a pergunta: *O Brasil não tem televisores. Quem vai assistir ao nosso programa?*
Conta Lima Duarte: *Rapidamente alguém avisou o Chateaubriand, que pegou um avião Constellation da Panair e foi imediatamente para os Estados Unidos, comprou 20 televisores e trouxe para o Brasil.*

Conseguiu também autorização do governo, que permitiu a importação de 200 aparelhos de televisão, para que fossem colocados em lugares estratégicos e, dessa maneira, pudessem inaugurar a PRF-3 TV Tupi Difusora de São Paulo, a primeira Emissora de Televisão da América Latina.

Dia 18 de setembro de 1950.

Nascia, enfim, o fruto dessa linda história de amor.

Wilma Bentivegna e conjunto Quatro Amigos*, no show da inauguração*

Walter Obbermuller, engenheiro-chefe da RCA Victor Brasil, supervisiona a montagem de todo o aparelhamento de TV Difusora (revista O Cruzeiro)

Capítulo 11

Nasce a TV Tupi – A Pioneira

Como resultado do amor de tantas pessoas, nasceu a Televisão Tupi. **Era o dia 18 de setembro de 1950**, no Alto do Sumaré, que era chamado de *Cidade do Rádio*. Havia muita agitação.

Os televisores comprados por Assis Chateaubriand foram colocados em vários pontos estratégicos de São Paulo. Lugares especiais – Jockey Clube, Lojas Mappin, no centro de São Paulo, Saguão dos *Diários Associados* e em vários outros lugares.

Disse Lia de Aguiar: *Uma revolução. Uma emoção muito grande, porque não se sabia o que poderia resultar.*

Como ninguém sabia nada, veio um técnico norte-americano, **Walter Obbermuller**, para dar as noções gerais. Era uma coisa muito rígida. O lugar da câmera era marcado no chão com giz. Não podia mudar.

Jorge Edo: *Conseguimos um aparelho especial, que foi colocado no Jockey Clube, pois Chateaubriand iria, após a cerimônia de inauguração, receber seus convidados num jantar oferecido pelas Associadas. Não me lembro os nomes das lojas todas que receberam os aparelhos, mas eu me lembro da Cássio Muniz, que era importante naquela época. E depois eu soube que havia muito público na cidade, no aguardo da transmissão.*

Desde as 16 horas os sinais de ajuste e o padrão da emissora estavam no ar. Por isso havia muita aglomeração de gente, em todas as lojas e cantos que receberam os televisores.

No Sumaré, depois de derrubada a torre da Rádio Difusora, dois estúdios foram construídos. O Estúdio A, que era o principal, e o Estúdio B, auxiliar, modesto, só para comerciais e locuções.

Para a cerimônia de inauguração foram convidadas muitas autoridades. O primeiro apresentador foi Homero Silva. O bispo auxiliar de São Paulo, d. Pedro Rolim Loureiro, após breves palavras, aspergiu água benta em todo o estúdio e abençoou todos os equipamentos.

Homero Silva era o principal locutor de todas as solenidades. E ele estava ali, elegante e sério, ao lado de Chateaubriand e de seus convidados, apresentando toda a cerimônia.

A atriz **Lia de Aguiar** apresentou a madrinha da solenidade, a poetisa Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, autora de um discurso poético. Foram feitos agradecimentos das mensagens especiais enviadas pelo brigadeiro David Sarnoff, presidente da RCA, do senhor Maurício Nabuco, embaixador do Brasil em Washington e demais autoridades.

Foto tirada 5 minutos antes da primeira transmissão experimental de TV no País: a partir da direita, na primeira fila, Homero Silva, cantor do grupo de Frei Mojica, Frei José de Guadalupe Mojica e Walter Forster.

E aí foi dada a palavra a Assis Chateaubriand. Esse agradeceu ao governador do Estado, senhor Adhemar de Barros, aos diretores do Banco do Estado de São Paulo, ao coronel Lawdry Sales, diretor dos Correios e Telégrafos e aos quatro amigos patrocinadores: **Antarctica Paulista**, **Sul América Seguros**, **Moinho Santista** e **Organização Francisco Pignatari**.

Chateaubriand disse: *Ao sentirmos madura a televisão nos Estados Unidos e na Inglaterra, pedimos àqueles quatro anunciantes nossos que, em vez de nos entregarem uma autorização de publicidade, demonstrassem um pouco mais de confiança em nossa estabilidade. E eles nos deram suas ordens de inserção de anúncio por 12 ou 18 meses. Fomos aos bancos que trabalham conosco, descontamos as autorizações por antecipação. E assim estou cumprindo o compromisso assumido: a TV Tupi está entregue ao povo paulista.*

Houve grande salva de palmas, coquetel e os convidados foram visitar os estúdios, as dependências da emissora, ouviram explicações dos técnicos sobre a televisão. Depois o padrão da imagem ficou no ar, com música de fundo, sendo anunciado que às 21 horas seria dado início à programação artística. Assis Chateaubriand levou seus convidados ao jantar festivo no Jockey Clube. Em seguida, os convidados iriam acompanhar o primeiro programa da TV Tupi de São Paulo.

O apresentador

Homero Silva apresentou a cerimônia inaugural. Ele era o locutor oficial para todas essas ocasiões. Alto, magro, elegante, era sempre impecável.

Sua história de vida singular não era quase conhecida, pois Homero Silva, o mais pioneiro dos pioneiros, não falava quase de si. Nem de sua infância e juventude pobres, pois quando perdeu o pai aos 18 anos, começou a vender sabão de porta em porta, que era fabricado em casa, por sua mãe, dona Cândida, para garantir o sustento. Assim mesmo Homero e seu irmão Gilberto estudaram e entraram na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1° e 2° lugares, respectivamente. Dono de inteligência e memórias surpreendentes, logo Homero conseguiu emprego na Rádio Difusora e Tupi, passando depois a ser diretor-artístico das duas. Dono do programa *Clube do Papai-Noel*, transmitido pela Rádio Difusora, e que era um programa para as crianças e feito por crianças, Homero Silva era o principal nome artístico da época. Nada mais justo que ele fosse chamado para ser o apresentador de todos os convidados, quando da inauguração da TV Tupi – Difusora Canal 3 de São Paulo.

Homero Silva e Assis Chateaubriand na festa de inauguração da PRF-3 TV Tupi-Difusora de São Paulo

O senhor Walter Obbermuller, engenheiro-chefe da RCA Victor Brasil, explicando às senhoras Morganti e Fábio Prado o funcionamento da televisão (revista O Cruzeiro)

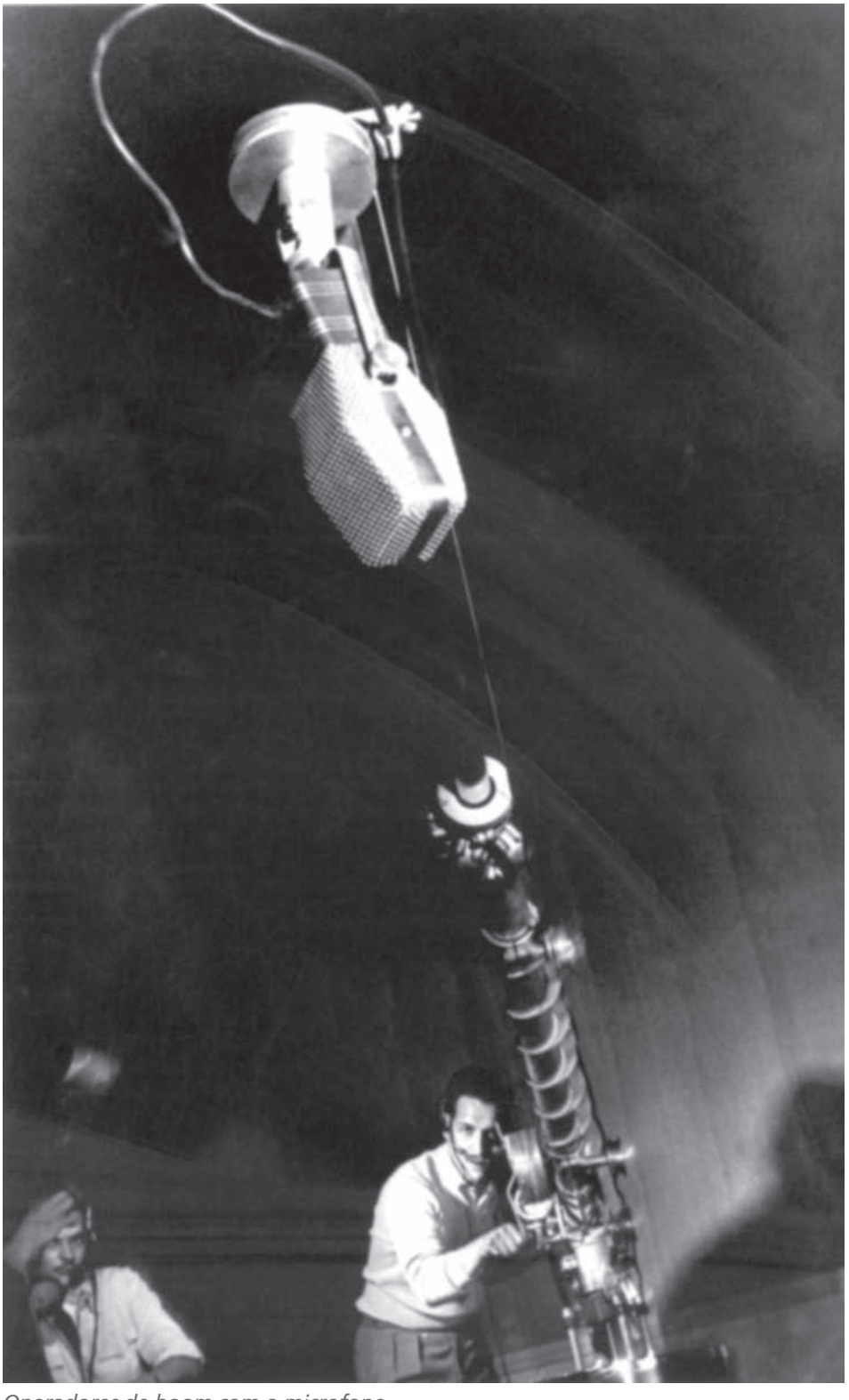
Entre os presentes, o bispo d. Paulo Rolim, a poetisa Rosalina Coelho Lisboa Larragoitti, escolhida para madrinha da televisão e Edmundo Monteiro, à direita (revista O Cruzeiro)

Foto do dia da inauguração da TV Tupi

Ao centro, abaixados: Georges Henry (maestro), Simplício e Lulu Benencase (comediantes); em pé (frente): Walter Tasca (câmera), Wilma Bentivegna (cantora), Marcos Ayala, Míriam Simone (atriz), Helenita Sanchez (atriz), Sidney Moraes (cantor); em pé (atrás): dois cantores do conjunto, Homero Silva (apresentador), Rosa Pardini (cantora), Osny Silva (cantor) e Maurício Loureiro Gama (jornalista)

Frei Mojica canta na transmissão experimental de TV

Lia Aguiar e Rosalina Coelho Lisboa Larragoitti, a madrinha da TV Tupi-Difusora



Operadores de boom com o microfone

Sonia Maria Dorce, ao lado da câmera da TV Tupi

Defronte à câmera da TV Tupi, Paulo Bonfim recebe Assis Chateaubriand, Aurélio Campos e outros

Capítulo 12

A Grande Inauguração

Recorda **Sonia Maria Dorce** para o Museu da Televisão Brasileira: *Não me lembro da data. Eu era pequena, mas me lembro que o papai trouxe para casa um aparelho grandão. Meu pai era o maestro Francisco Dorce. Ele era diretor-artístico do programa da Rádio Difusora, que se chamava* Clube do Papai-Noel*. E era amigo de todos. Acho que foi Chateaubriand que deu, e aí ele trouxe pra casa aquele móvel bonito, que a gente não podia mexer. Era uma coisa sagrada. De vez em quando a gente abria a portinha. Tinha um vidro meio redondo lá dentro, que não se sabia o que era. A gente via um índio parado, monte de risquinhos, uns ângulos. Até que um dia meu pai disse:* Hoje vai aparecer imagem aí dentro*. Minha avó, calabresa, disse:* Imagina! Eu não acredito de jeito algum*. O papai botou a televisão na janela, pra que muitas pessoas vissem aquele programa. A minha avó, incrédula, disse depois:* Meu Deus! E não é que apareceu mesmo? É mágica! *Na minha rua fizeram festa, com pipoca e guaraná. Foi uma grande noite. E só eu não vi.*

É que a garotinha Sonia, de 5 anos de idade, apareceu na televisão. Ela foi com o pai à rádio, tal qual se falava naquele tempo. Na verdade ela foi à Televisão Tupi. Lá no estúdio pequeno, vestiram-na com uma calcinha especial, um cocar na cabeça com uma peninha e só. Ela era o indiozinho da televisão. Mandaram e ela disse: *Está no ar a televisão do Brasil*. Era o indiozinho, o símbolo, o logotipo da televisão Tupi de São Paulo.

Sonia Maria Dorce não estava estreando. Aos 5 anos de idade, que era o que tinha em 1950, Sonia já era *profissional*. Desde os 3 anos de idade cantava e declamava. E cantava até em espanhol. Seu pai, o maestro Chico Dorce, sempre dava a ela as coisas mais difíceis. Acreditava nela e a menina correspondia. Era a *Shirley Temple brasileira*. Loirinha, cabelos cacheados, fazia muito sucesso, da mesma forma que a atrizinha americana, estrelinha da Hollywood, que conquistava o mundo. Sonia Dorce era a rainha do programa *Clube do Papai-Noel*. Verdadeira criança prodígio. *Eu não me achava menina prodígio e nem sabia quem era Shirley Temple. Nunca tinha visto filme dela. E o papai tinha muito cuidado com isso. Eu devo muito à criação maravilhosa que ele deu a mim e à minha irmã. Nunca deixou perceber que eu era isso, de criança prodígio. Eu seguia ao largo desse estrelismo. Muito ao contrário. Eu tinha de estudar e estudar muito.*

Jorge Edo: *Foi entrando gente, gente e mais gente no estúdio. Eu estava no controle do telecine. Quando fui pôr as câmeras em funcionamento verifiquei que a câmera do estúdio pequeno, que era operada pelo*

Walter Tasca, não funcionou, se recusou. Os outros dois câmeras eram o Álvaro Alderighi e o Carlos Alberto. Com muito trabalho consegui entrar no estúdio pequeno, ao passar pelo meio da multidão. Voltei então ao controle e falei pelo microfone da câmera, o intercomunicador, com o Walter Tasca: Walter, se eu liberar, vocês mudam esse stand, esse cenário para o Estúdio A, e você seria capaz de correr de um lado para o outro. Eu te solto um pouquinho antes da apresentação, você com a câmera, pra fazer o programa? *Ele disse:* Faço, Edo*. Virei pro Costalima e pro Cassiano, que estavam atrás de mim preocupados, e disse:* Posso fazer isso? *Imediatamente, tanto o Costalima como o Cassiano, disseram:* Faça isso, pelo amor de Deus, Edo. Vamos inaugurar isso*. E o Costalima ainda disse:* Eu vou ajudar lá dentro do estúdio, correndo o cabo, ajudando o trajeto do Walter Tasca*. E foi aí que nós começamos a transmissão.*

– E a história de que foi Chateaubriand que, de tão emocionado e feliz, com uma garrafa de champanhe, quebrou uma das câmeras? O que foi exatamente que aconteceu?

Isso é folclore. O doutor Assis era bastante inteligente e não ia quebrar uma garrafa de champanhe na câmera. Foi como falei: uma pane na câmera que estava com o Walter Tasca, no estúdio auxiliar. Depois do que combinei com o Tasca, foi tudo excelente, porque nem teve intervalo, não teve nada. E houve até uma pequena falha, a qual ninguém percebeu. Naquela corrida, o Walter Tasca, quando passou de um lado pro outro, focalizou a rodinha do boom*, girando, e para o espectador pareceu um efeito especial. E foi assim que inauguramos. O doutor Chateaubriand nem ficou sabendo de nada. Foi para o Jockey Clube. Quem ficou nervoso foi o representante da RCA, engenheiro Walter Obbermuller, que era o responsável no Brasil. Ele estava atrás de mim, limpando o meu suor, porque eu suava em bicas. E ele dizia:* Não dá. Vamos suspender tudo. Foi tudo marcado, ensaiado para as três câmeras*. Eu não ouvia mais ele. Eu estava decidido a resolver tudo sozinho. Terminado o programa, foi uma euforia geral. Palmas, aplausos e o pessoal maravilhado com o que viu. O Dr. Assis telefonou depois dizendo:* Está todo mundo convidado para um churrasco*. E nós fomos. Quando estávamos no início do churrasco, quem apareceu foi o engenheiro Walter Obermiller. Tinha bebido, estava alegre. E eu disse:* Walter, onde você esteve? Foi assim que você me ajudou? *E ele:* Ah, Edo, eu não agüentei. Pensei que ia morrer. Achei que não ia haver inauguração. Fui a um bar e... enchi a cara*. E eu falei:* É que você não conhece o *jeitinho brasileiro*. Com ele nós conseguimos fazer o impossível*.*

Capítulo 13

O Primeiro Programa Artístico

A primeira programação foi correta. Com muita preocupação e capricho, marcas de giz no chão para delinear cada passo, cada movimento. *Vamos mostrar o que somos. O que fazemos. O que temos*. E mostraram. O programa se chamou: ***TV na Taba.***

Após a fala simples da menina Sonia Maria Dorce, no pequeno estúdio B, no estúdio A, o maior, apareceu a linda atriz Yara Lins. A ela coube dizer de cor o nome de todas as emissoras das Rádios Associadas que iriam retransmitir o espetáculo. Eram mais de 20. Haja memória!

Yara estava bem arrumada da cintura para cima, pois apareceria em close. E a saia podia ser qualquer uma. Tinha passado o dia inteiro nervosa, decorando um texto de imensa responsabilidade, andando de um lado para o outro.

Depois apareceu Homero Silva, o nome mais importante do rádio em São Paulo. Ele era o cicerone de duas visitantes, as jovens atrizes Míriam Simone e Helenita Sanches, curiosas sobre os novos estúdios. E iam dando um passeio.

Embora a ordem não tenha sido esta exatamente, os ingredientes eram estes:

1. Música Clássica – Grande Orquestra Tupi, sob a regência do maestro Renato Oliveira, supervisão geral do maestro **Georges Henry**, diretor-musical da emissora.

2. Ainda Música Clássica – Solo de piano com o maestro **Rafael Puglieli**, de fraque.

3. Música Popular Brasileira – Cantaram: **Rosa Pardini**, **Wilma Bentivegna**, **Osny Silva** e o Conjunto *Quatro Amigos*, cujo chefe era **Sidney Moraes**.

4. Ainda Música Popular – Cantou a convidada especial **Rayito Del Sol**, rumbeira cubana e seu conjunto típico, com o bongozeiro **Dom Pedrito**. Apresentou-se também **Marcos Ayala**, cantor e bailarino.

5. Dança Clássica – Com a bailarina **Lia Marques**.

6. Teatro – Walter Forster fez um pequeno quadro romântico com as atrizes **Lia de Aguiar** e **Vitória de Almeida**. O quadrinho chamava-se *Ministério das Relações Domésticas*.

Luiz Gallon (diretor de TV), Hélio Tozzi (câmera) e Waldemar Lejac (técnico) na PRF-3 TV Tupi-Difusora, em 18/09/1950, estudando a marcação do show inaugural

7. Humorismo

• **Pagano Sobrinho**, humorista, fez um quadro sozinho, conforme seu estilo em rádio.

• **Paulo Leblon** escreveu e dirigiu a *Escolinha do Ciccilo*, com vários humoristas, entre eles **Simplício**, **Lulu Belencase**, **Nelson Guedes**, **Aldaísa de Oliveira**, **Xisto Guzzi**, **João Monteiro**, **Walter Avancini**.

• **Mazzaroppi** fez o quadro sertanejo *Rancho Alegre*, com **João Restiffe** e **Geni Prado**.

8. Infantil – Homero Silva apresentou um *flash* do *Clube do Papai Noel*, com as crianças que cantavam na Rádio Difusora.

9. Jornalismo – **Maurício Loureiro Gama** apresentou a crônica *Em Dia com a Política*.

10. Esporte – Aurélio Campos fez uma crônica sobre futebol.

11. Hino da Televisão – Lolita Rodrigues cantou o hino composto especialmente para a data.

12. Reportagem Externa – Apareceu um filme, previamente preparado, mostrando o exterior do prédio da televisão, o interior dos Diários Associados, o Edifício do Banespa, com a torre e panoramas da cidade de São Paulo.

13. Música de Encerramento – Foi tocado *Acalanto* de Dorival Caymi para despedir e encerrar.

Estava inaugurada a TV Tupi!

O Hino da Televisão Brasileira foi escrito pelo poeta paulista Guilherme de Almeida, com música do grande maestro Marcelo Tupinambá. Quem cantou foi **Lolita Rodrigues**. E a letra era assim:

Vingou, como tudo vinga
No teu chão Piratininga,
A cruz que Anchieta plantou;
Pois dir-se-á que ela hoje
Acena por uma altíssima
Antena,
Em que o cruzeiro
Pousou e te deu num amuleto
O vermelho, branco e preto
Das contas do teu colar,

Yara Lins, primeira atriz a aparecer na TV Tupi

E te mostra num espelho
O preto branco e vermelho
Das penas do teu colar.

Jorge Edo: *No dia da inauguração tinham sido filmados, de manhã, imagens de tropas, de bandeiras, de movimento das gráficas dos jornais, e no telecine isso passava pra televisão. Quando a Lolita Rodrigues cantou o hino que deveria ser cantado pela Hebe Camargo, mas que não foi, eu sobrepunha as imagens, e então aquilo foi uma coisa que ninguém esperava. Tremendo sucesso.*

Ainda o Programa Inaugural

Uma coisa que não tinha sido pensada com antecedência foram os letreiros de apresentação. É o que conta **Álvaro de Moya**: *Quando soube do advento da televisão eu procurei Walter George Durst, meu amigo. Ele me apresentou ao Cassiano Gabus Mendes, diretor-artístico da TV Tupi-Canal 3. Durst lhe disse que eu era desenhista. Também Dermival Costalina, diretor-geral, viu os meus desenhos e os aprovou, e recomendou que eu fizesse os cartões para a programação de estréia. Procurei o engenheiro Mario Alderighi e o técnico Jorge Edo. Eles pegaram uma estante de música e disseram:* É aí que tem que colocar os cartões. Nada de papel branco, porque a luz reflete mais*. E então lembramos das cartolinas cinza e as letras em preto. O Silas Roberg, meu amigo e grande redator, ajudou-me. Mas como não sabia desenhar, só enchia os vazios negros. Eu fiz as letras. Não vi esses cartões pela televisão, pois não guardei nenhum e nem assisti ao show de inauguração. Mas como a inauguração foi um sucesso, usaram o tipo de cartão por muito tempo. Era até superstição. Enquanto era PRF3-TV Tupi Canal 3. Só mudaram, quando alteraram para Canal 4.*

Depois, Álvaro de Moya não aceitou ser contratado como desenhista da emissora. Foi embora. Em seu lugar ficou Mário Fanucchi, no Departamento de Arte. Armando de Sá era o assistente. Mário Fanucchi foi o criador do logotipo do *Indiozinho*, símbolo da TV Tupi de São Paulo.

A Festa dos Pioneiros

Disse **Sonia Maria Dorce**: *Teve uma festa grande, mas eu estava com tanto sono... Não me lembro de nada.*

Lima Duarte: *Estavam 18 pessoas no estúdio, na hora da inauguração. De homem, eu sou o único que está vivo. Mulheres, há algumas. A Lolita, por exemplo. Estava lá o governador, o doutor Assis Chateaubriand, que foi o grande visionário e que viu o poder e a grandeza dessa arma fantástica, que é a televisão e o mundo maravilhoso que se descortina*

atrás do entretenimento, que é a grande indústria do momento, que é o grande movimentador de dinheiro, de emprego, de trabalho no mundo de hoje; é o entretenimento. O Chateaubriand era um delirante, um louco (...) Tem aquela estória incrível do Cassiano Mendes: A transmissão, esse mero happening*, acabou. Fomos todos jantar e tal, uma maravilha! Aí o Cassiano virou pra mim e disse:* Ó Lima, e amanhã, hein? Não temos nada para colocar no ar amanhã*.*

Ninguém tinha pensado na programação do dia seguinte.

Míriam Simone: *A Cantina do Romeu era na Rua Pamplona. E foi lá o jantar só para os artistas. Eu ouvi dizer que o doutor Assis esteve lá, mas eu já tinha ido embora. Meu pai não deixava a gente ficar até tarde. E depois eu não lembro bem. Também, já faz mais de 50 anos. É tempo...*

Hélio Tozzi falava bem inglês, pois já tinha morado nos Estados Unidos. Na época da criação da televisão foi chamado como intérprete. O pai do Hélio era amigo do Mário Alderighi, o engenheiro brasileiro responsável pela televisão, e conseguiu esse lugar para o rapaz. Hélio fazia de tudo: era tradutor, assessor, *enganador*, como ele mesmo diz: *Se alguém porventura contar tintim por tintim como foi o dia da inauguração, a noite festiva e tudo, estará mentindo. Era tanto nervosismo, tão grande a expectativa, que aquilo não teve a devida preparação. Fizemos testes de equipamentos. A base de áudio pifou, tudo muito empírico. É, nós aqui fizemos tudo* na raça*. Essa é a grande verdade. Se me perguntarem detalhes, direi:* Não vi, não lembro*. Até as moscas, se houvessem, não estavam calmas. Foi uma epopéia só.*

Na Cantina do Romeu, onde era o jantar e para onde Chateaubriand se dirigiu e novamente discursou, para parabenizar a todos e dizer: *Estamos celebrando a hegemonia do Sumaré.*

Ali mesmo, em baixa voz, Cassiano chamou seus auxiliares mais diretos e chegados, entre os quais Lima Duarte, e disse: *Quero todo mundo na rua amanhã, nos consulados, pegando filmes, juntando material, tem filmes de Marshall Macluhan, quero tudo. Vamos fazer a programação de amanhã, de depois de amanhã e de depois de depois de amanhã... Havemos de fazer uma programação de primeira.*

Era o *jeitinho brasileiro* tomando conta da televisão no primeiro dia.

O Dia Seguinte

Os filmes de Marshall Macluhan, ao qual Cassiano Gabus Mendes se referia, eram feitos em celulóide. Assim como todos os outros filmes conseguidos pelos auxiliares da direção artística da TV Tupi – Canal 3. Por isso existia o *telecine.* O que era o *telecine*?

Prossegue Jorge Edo: *Era a maneira que tínhamos de passar filmes, numa câmera especial, com projetores, em que se podiam exibir filmes na televisão. Hoje não há mais telecine. O filme vem gravado em vídeoteipe.*

Lima Duarte: *Saímos correndo pros consulados, pra pegar os filmes e então fizemos uma televisão sofisticadíssima. Tinha filmes de cientistas fazendo experiências, tinha filmes sobre desintegração das amebas na Polinésia... a biologia não sei lá de quê. Ficava passando esses filmes todas as noites. O pessoal disse que a gente era louco, mas o espectador também fez parte do jogo lúdico, interessante e mágico, que foi o estabelecimento da televisão. Só nós éramos loucos... E o espectador, então? Às 6 horas da tarde eles ligavam a televisão e ficavam lá sentados diante daquela luz que brilhava. Vinham os filhos, os vizinhos, ficavam olhando para aquele aparelho chiiiiiiiiiiiiii... chiando, até ir pro ar. E deu nisso que é hoje. Mas foi assim no começo. Uma chiadeira!*

De pé, o maquiador Miro retoca o ator Rubens Greiffo (sentado). Ao fundo, os atores Amilton Fernandes e Mário Alimari.

Vida Alves, Lima Duarte e Dionísio Azevedo, na peça O Homem Que Vendeu a Alma
(TV de Vanguarda)

Capítulo 14

A Ocupação dos Estúdios

Carlos Jacchieri, primeiro cenógrafo de televisão da América Latina, trabalhava no Teatro Brasileiro de Comédia, quando foi visitado e convidado por Cassiano Gabus Mendes. Ele conta: *O estúdio A, o principal, pelo que eu tenho de memória, tinha 15 metros de altura e 24 ou 25 ou 26 metros de comprimento. Não era um estúdio enorme. Mas havia um estúdio pequeno, onde se produziam comerciais. O Cassiano me liberou para encontrar meus auxiliares. Tinha apenas um que me foi dado, que já estava colocado lá dentro, o Miúdo, carpinteiro técnico, e me advertiram que eu deveria aceitá-lo, porque ele era comunista. E eu era também, portanto, estávamos em família. Eu estou no Partido Comunista desde que nasci, portanto, não ia me desentender com o Miúdo. Ele ficou meu carpinteiro. Aí eu peguei outro, o João Fortes ou José Fortes, um homem muito habilidoso. Ele também era de esquerda, movimento que era muito forte naquela época. Tinha o Marcos, que era chamado Marcos Careca. Era um rapaz que tinha tido uma doença e não tinha um pêlo no corpo todo. Até hoje é meu amigo e mora em Santos. Tinha um pintor americano, Willian Earle, que era um bom pintor. Tinha um colombiano, que agora não me lembro o nome. E só. Éramos uma equipe muito pequena. Uns seis, no máximo. E nós fazíamos uma média de 20 cenários por noite.*

E como vocês faziam para executar essas montagens e desmontagens?
– *Então, o que é que eu bolei? Perguntei ao Cassiano:* Você conhece os brinquedos de crianças, que são chamados de módulos, que as crianças pegam aqueles pauzinhos, montam igrejinhas, montam coisas? Eu vou resolver por aí. Vou criar um sistema de módulos. *À medida que nós temos os degraus do cenário, porque fizemos degraus de 15 cm de altura. No teatro é de 20 cm de altura. Nós fazíamos todo o sistema de praticável calculado em 20, 30 ou 30, e 45, e tal, para facilitar o trabalho dos atores, para não subirem escadas altas, para manterem a elegância da figura feminina no descer e subir as escadas. Ficamos com os módulos 15, 30, 45. Ficou assim, para poder juntar, e nós construímos com aqueles módulos a arquitetura e os demais componentes dos cenários. Um ornato a mais, um ornato a menos, você faz uma arquitetura barroca, gótica, ou clássica, moderna, na base de somar a parte plástica com a parte pictórica.*

E as tapadeiras, eram feitas de pano?
–*Tapadeiras de pano, como no teatro. Algumas eram rígidas, porque cenas de circo eram ensaiadas, com o Walter Stuart, por exemplo. Tais cenas tinham de ter a maleabilidade necessária para a ocasião.*

Quantas horas você passava na televisão, por dia?
– Das oito até 23 horas. Todos os dias. Eu e toda a turma, porque tínhamos que desmontar tudo para fazer e erguer outros cenários no dia seguinte. Eu participei desse período heróico. E eu gosto. Quando entro na rotina eu me canso e bem...

A Programação

A programação da TV Tupi – Canal 3 começava às 20 horas e terminava às 23 horas. Apenas três horas nos primeiros dias. Foram passados *clips*, aos quais Luiz Gallon se referiu em capítulo anterior. Eram musicais previamente filmados com os cantores da casa, ou algum visitante estrangeiro em temporada no Brasil e passava nas Emissoras Associadas.

Mas, como ainda afirma Luiz Gallon: *A televisão é de uma voracidade incrível. Além dos* clips*, que é claro não se chamavam assim, constavam da grade de programação reprises de estréia, filmes emprestados dos consulados, filmes de cinema, principalmente desenhos animados e jornalismo.*

A televisão percebeu desde logo que sua vocação principal era informar. Mesmo porque, o *cacique*, o *Capitão das Associadas*, era um jornalista, que, ainda que sendo ao mesmo tempo advogado, professor de Direito, empresário, mais tarde diplomata e político, sempre gostava de ser chamado de jornalista. Assis Chateaubriand, jornalista, era assim que ele próprio se identificava.

Nas emissoras de Rádio e Televisão Associadas, sempre foi dado destaque para o departamento jornalístico. A televisão foi buscar locutores e redatores nos jornais impressos e nas agências noticiosas do mundo inteiro.

Noticiar e informar passou a ser a principal tarefa do novo veículo de comunicação: a televisão.

Já no primeiro dia foi para o ar o ***Imagens do Dia***. Não tinha horário fixo, mas acontecia todas as noites. Eram reportagens curtas, filmadas por **Paulo Salomão** e **Jorge Kurkjan**, com a locução e direção de **Ruy Rezende**. Ia ao ar de 2ª a 6ª feira. Não era apresentado aos sábados e domingos.

Humorismo

Outro item importante da grade de programação da TV Tupi. Já na noite de estréia apareceram os humoristas vindos do rádio. O primeiro deles foi **Pagano Sobrinho**. Belíssimo contador de piadas, fazia sucesso nas programações noturnas das Emissoras de Rádio Associadas. Eram pequenas aparições no palco do auditório, sempre lotado.

A Escolinha do Ciccilo também foi ao ar na primeira noite. E voltou a acontecer sempre. Escrita e dirigida por **Paulo Leblon**, era exatamente do mesmo tipo das que acontecem até hoje. Os comediantes principais e permanentes eram Lulu Belencase, Simplício, Xisto Guzzi, Maria Vidal.

Rancho Alegre**,** também um show que aconteceu na estréia, era criação de **Amácio Mazzaroppi**, o caipira ladino, matreiro, que morava no interior, mas sabia tudo da cidade. Ele fazia parte do elenco das Rádios Tupi e Difusora. Passou pela televisão com muito sucesso, mas se fez mesmo como ídolo nacional com seus inúmeros filmes e a Companhia Cinematográfica de sua propriedade.

Mazzaroppi escolheu a atriz Geny Prado para sua parceira, sua mulher, sua noiva, e João Restiffe, para sua *escada*, como são chamados os atores que dão sustentação ao elemento principal da trama.

Comédia – Com esse titulo genérico, **Ribeiro Filho** escrevia pequenos esquetes, que, de forma leve e graciosa, entretiam o público. Também Ribeiro Filho veio do rádio, onde fazia o mesmo tipo de programação. Seus atores prediletos eram Maria Vidal, grande humorista e João Monteiro. Nunca deixava, porém, de colocar uma moça bonita para enfeitar o quadro.

Romance – **Walter Forster** sempre escrevia crônicas e quadros românticos, além de novelas de rádio. Ele era o galã mais bonito e apreciado pelas fãs. Mas era também respeitado. Com isso, desde cedo foi diretor de novelas da Rádio Bandeirantes e, em seguida, diretor-artístico da Rádio Tupi. Na noite de estréia escreveu e dirigiu um quadro em que ele também contracenava com Lia de Aguiar e Vitória de Almeida. Era o começo da vocação da televisão: contar histórias e emocionar corações.

Música – O rádio brasileiro sempre foi muito musical. As emissoras de rádio de São Paulo e do Rio programavam todo tipo de música, da popular à clássica, passando pela sertaneja e pelas internacionais. E quase todas tinham sob contrato grandes orquestras, grandes conjuntos musicais e variados instrumentistas.

A Cidade do Rádio, que ficava no Alto do Sumaré, em São Paulo, abrigava inicialmente as Rádios Tupi e Difusora. Depois passou também a sediar a TV Tupi – Canal 3. Nada mais natural, portanto, que tivesse em suas dependências um grande auditório. Nele cabiam quase 300 pessoas.Em muitas noites ou nos sábados e domingos à tarde, ficava lotado. Era realmente a Cidade do Rádio.

A Orquestra – Música Sempre

Georges Henry era o diretor-musical da Rádio Tupi, quando a televisão foi inaugurada. Nascido na França, fazia parte da Orquestra de Ray Ventura e tocava no *Midnight Room*, no Copacabana Palace, do Rio de Janeiro. Depois Ray Ventura voltou para Paris e Georges Henry ficou cantando sozinho. Foi quando Adolfo Tohol, *manager* dos Lecuona Cuban Boys, o ouviu e disse: *Você precisa organizar sua orquestra*. Georges Henry formou sua orquestra com músicos argentinos e brasileiros. Saiu em excursão pela América Latina e chegou a São Paulo. E foi um sucesso. Apresentou-se na Boate Excelsior e foi contratado pela Rádio Tupi em 1949 como diretor-musical.

Georges Henry: *A música tinha muita importância naquele tempo, no rádio e depois na televisão. O departamento musical que eu chefiava era composto de 60, 70 músicos. Uma orquestra enorme. Todos contratados e recebiam mensalmente. Havia cinco, seis ou sete excelentes maestros. Tinha o Rafael Puglieli, tinha o Guedes, um rapaz do nordeste, muito bom, tinha o Ector Lagna Fietta, que era famoso na Argentina, tinha o Aldo Petriolli, que se ocupava muito de óperas, tinha o Leonel Morpurgo, que fazia as músicas clássicas. E, principalmente, tinha um rapaz, que eu tenho muita honra de ter lançado, o Luizinho de Arruda Paes. Ele era o pianista da orquestra e gostava muito de escrever músicas. E mesmo antes de saber escrever orquestrações, eu o encarregava disso. Então ele se esforçou muito e ficou um maravilhoso maestro. Ele é maravilhoso como músico, como pessoa. Um santo.*

Regional – Música Popular

Antônio Rago era o chefe do regional das Rádios Tupi e Difusora. Desde menino era apaixonado pelo violão, e viveu sua vida inteira como músico. Sempre ia à fabrica de violões Del Vecchio. Lá conheceu o professor Edgar de Mello, que vendo o menino simples, apaixonado por música, resolveu ensiná-lo de graça. Aos poucos, Rago se profissionalizou e se empregou em emissoras de rádio. Primeiro Rádio Cultura, depois Record, onde acompanhava cantores de renome nacional – Aracy de Almeida, Sílvio Caldas, Francisco Alves. Rago tremia de medo ao acompanhá-los. E Sílvio lhe dizia: *Não precisa tremer, garoto. O titio aqui não está nem aí. Você vai ser bom violonista*. Depois Rago foi para Buenos Aires e foi se firmando em sua carreira. Ficou 15 anos na Rádio Tupi Difusora. Foi quando chegou à televisão. Assumiu a liderança do Conjunto Regional do Rago desde a inauguração da TV Tupi e acompanhou os cantores populares naquela noite memorável da inauguração.

Balé – Como não podia deixar de ser, o balé entrou na televisão logo no primeiro dia. Aliás, o balé clássico e o popular.
No balé clássico surgiu a bailarina **Lia Marques**, com sua beleza morena, bem brasileira e suas sapatilhas de ponta.
Boa profissional, era do Balé do Teatro Municipal. Os balés clássicos apareceram com muita constância nos primeiros tempos. Assim como a música clássica, com as grandes orquestras, também o Corpo de Baile viu na televisão uma grande oportunidade de ganhar mais popularidade e mais público.
Também danças populares apareceram sempre. No primeiro show apareceu a cantora Rayto Del Sol, rumbeira cubana, que estava fazendo turnê pelo Brasil e era acompanhada por seus músicos, entre os quais o bongozeiro Dom Pedrito. Fizeram o maior sucesso.

Esporte – O esporte sempre balançou o coração dos brasileiros. O futebol reinava nas emissoras de rádio. Vários locutores dedicavam-se à reportagem esportiva, e, mais especificamente, à transmissão do jogo de futebol. Os locutores eram sempre rapazes cultos, de bom improviso e boa dicção, que tinham que dar o ritmo forte, a voz solta, para emocionar os ouvintes, pois no rádio só se ouve, nada se vê.
Vários locutores esportivos eram estudantes de Direito ou advogados formados. Esse era o caso de **Aurélio Campos**, bacharel em Direito, homem culto e importante, locutor esportivo das Emissoras Associadas de Rádio, em São Paulo. Ele foi escolhido para ser chefe do departamento de esportes oficial da TV Tupi de São Paulo, a pioneira.
A programação artística do dia 18 de setembro de 1950, o primeiro dia da televisão no Brasil, consolidou os próximos 50 anos que se seguiram.

Música, esporte, jornalismo, política, humorismo, constituem a programação até hoje. Grandes conquistas aconteceram nessa área.

A técnica mudou muito. Melhorou e cresceu. Mas a essência artística estava lançada, desde a primeira hora. A garra, a emoção, o entusiasmo, a ousadia, o *jeitinho brasileiro* e, sobretudo, o amor, fizeram com que aquele grupo de jovens profissionais vindos do rádio, lançasse a forte semente da televisão, que hoje virou produto de exportação pra todos os países do mundo. E isso é, portanto, orgulho para todos nós do Brasil!

Capítulo 15

Programação pra Valer

Após os primeiros dias, em que a improvisação e os delírios, predominaram, houve uma reunião artística geral.

Dermival Costalima (seu nome aparece muitas vezes como Demerval Costalima), que era o diretor geral do Sumaré, onde funcionavam e estavam sob seu comando, a Rádio Tupi, a Rádio Difusora e a Televisão Tupi, reuniu-se com Cassiano Gabus Mendes, jovem diretor-artístico da TV Tupi. Este chamou os principais "*cabeças*" do Sumaré. Eram eles: Túlio de Lemos, Aurélio Campos, Walter Forster, Walter George Durst, Dionísio Azevedo, Ribeiro Filho, Jota Silvestre, Lima Duarte e Luiz Gallon.

Muitos deles tinham salas individuais ao longo do corredor, que ia da portaria do prédio antigo até o final deste, onde foram instalados os estúdios de televisão. Os que não eram diretores estavam ligados à direção, e por certo opinavam nesse momento.

Onde foi a reunião, não dá pra saber, já que as salas eram pequenas, mas o que foi resolvido, mais ou menos se sabe. A programação iria continuar das 20 às 23 horas, tal qual nos primeiros dias. E teriam os mesmos itens já descritos antes e outros acréscimos:

1. Publicidade

A parte comercial tinha que começar a funcionar. Os profissionais da área de outras mídias, só muito devagar perceberam a importância e o alcance que o novo veículo iria ter. Talvez não imaginassem quanto. Contudo no começo, face ao pequeno número de aparelhos de televisão que existiam, não era grande o retorno que se obtinha das verbas aplicadas.

Os quatro grandes patrocinadores pioneiros: **Companhia Antarctica Paulista**, **Sul América Seguros**, **Moinho Santista** e **Organização Francisco Pignatari**, receberam cartas de crédito e tinham direito de inserções seguidas, por 12 ou 18 meses. Eles haviam *bancado* a compra dos materiais para a instalação da televisão.

Nesse momento, porém, foi contratado um diretor-comercial para a TV Tupi. Seu nome: **José Fernando de Carvalho Severino**. Profissional de propaganda, já com dez anos de carreira de sucesso em agências de publicidade, entre as quais a Standard Olgilvy & Mather Propaganda, a Grant e a Reunidos de Propaganda, onde era gerente. Ainda bastante jovem, aceitou o desafio. Assumiu a direção comercial da TV Tupi de São Paulo, e lá permaneceu por 30 anos.

TODDY
TODDY
TODDY
TODDY
TODDY
LATAS
VENDE-SE
CR$ 200
ARROZ DOCE

Batalhador incansável, foi homem chave no crescimento da TV Tupi. E começou, por esperteza e tino comercial, a procurar seus clientes entre os donos de lojas.

Os magazines, foram os grandes anunciantes nas primeiras épocas da televisão. Disse Fernando Severino: *Excluindo da lista os quatro grandes patrocinadores e amigos de Assis Chateaubriand, os primeiros anos de vida da Televisão Tupi – Canal 3 foram mantidos com as verbas dos varejistas. Mas essas verbas eram irregulares e sazonais. Embora já em dezembro de 1950 tenha sido assinado um contrato com os fabricantes de tecidos Princesa, dos irmãos Emílio Willian e Jean Haidar, donos da União Comercial de Tecidos. Eles eram apaixonados por televisão e acreditavam em seu futuro.*

As agências de publicidade é que demoraram a acreditar no poder do novo veículo.

As garotas-propaganda foram aparecendo aos poucos e merecem um capítulo à parte.

2. Circo

Na fase experimental, o *palhaço* **Arrelia** surgiu e fez sucesso na televisão. O circo era de agrado popular.

Os diretores da TV Tupi resolveram chamar artistas de circo para enfeitar a programação televisiva.

Já no mês de outubro de 1950, **Fuzarca e Torresmo** formavam uma dupla de palhaços circenses, que apareceram na televisão e ali ficaram por muitos anos. Depois surgiu **Walter Stuart** e toda a família vinda do circo.

Animais e treinadores também vieram. Mr. Broni e seus pequenos bichos amestrados, fizeram grande sucesso.

3. Luta livre

O ringue na TV era uma coisa fácil de realizar e trazia audiência. *Hércules e seus lutadores* apareceram logo nos primeiros dias.

4. Folclore – tradições regionais

Alceu Maynard Araújo, estudioso de folclore, era muito ligado às Emissoras Associadas. Seu acervo pessoal continha uma série de películas sobre seus estudos por todo o Brasil. Esses filmes e seus comentários foram muito importantes no programa *Veja o Brasil*.

5. Aulas de inglês

Chateaubriand sempre foi inquieto. Tinha pontos de trabalho em vários lugares do Brasil e também no exterior. Em Nova York contava com um grande amigo, Mr. Yasigi. Então, logo pensaram os diretores da TV Tupi em colocar no ar aulas de inglês.

O professor Fisk ficou sendo o professor-apresentador e suas aulas faziam sucesso. Como é óbvio, os programas iniciais tinham de ser práticos e baratos.

6. Desenhos animados

A seguir apareceram os desenhos animados. O do *Pica-pau* (em inglês *Woody Woodpecker*) foi o primeiro deles. Vários outros o acompanharam.

7. Futebol

Desde o primeiro dia, Aurélio Campos comentou futebol.Mas a primeira transmissão ao vivo deu-se num domingo de outubro. A programação iniciou-se efetivamente às 15h30min.Local de retransmissão: Estádio Municipal do Pacaembu. O narrador foi Jorge Amaral e o comentarista, Ary Silva.

A programação fez uma pausa às 18 horas, para a transferência do equipamento aos estúdios. E só voltou ao ar às 19 horas, com um filme de longa-metragem legendado.

8. Humorismo

O humorismo sempre existiu em rádio. E desde a primeira noite, quando houve o *TV na Taba*, os programas humorísticos tiveram lugar. Pagano Sobrinho, com seu tipo bem paulistano, com suas piadas. Paulo Leblon montou a *Escolinha do Ciccilo*, esquema muitas vezes repetido em outras emissoras, quer de rádio ou de TV. Mazzaroppi apresentou o *Rancho Alegre* e fez sucesso. Ao lado de Geny Prado e João Restiffe, estava ele reafirmando na televisão o tipo que faria sucesso sua vida inteira.

Amácio Mazzaroppi

Paulistano, de 9 de abril de 1912. Sua família era humilde, mas sempre procurou ligar-se ao circo. Foram, porém, morar em Taubaté, onde *Mazza* viveu parte da infância e da juventude. Sempre com o sonho artístico em seu sangue, começou a trabalhar em uma peça no Theatro Polytheama, de Taubaté. Depois voltou à capital, onde o pai arranjou emprego de motorista de praça e a mãe de doméstica. Em 1946, foi convidado por Dermival Costalima para fazer o programa *Rancho Alegre* na Rádio Tupi de São Paulo. E aí o tipo *caipira matreiro* pegou

de vez. Quando chegou à televisão, apresentou-se com o seu grupo e fez sucesso. Convidado, já em 20 de janeiro de 1951, para aparecer na inauguração da TV Tupi do Rio de Janeiro, foi o único artista pioneiro de televisão por duas vezes.

Ainda em 1951, conheceu Abílio Pereira de Almeida e realizou um filme pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Começou então sua carreira no cinema, primeiro como contratado e, depois, como proprietário da Pan Filmes, companhia que fundou em 1958. Mazzaroppi participou e produziu 31 filmes, todos foram um sucesso de bilheteria. Mazza foi realmente um fenômeno. Seus filmes sempre enfocavam, de forma satírica, o tipo caipira esperto, maroto. Era o Jeca Tatu, o brasileiro romântico e ladino. Mas jamais esqueceu de enfocar problemas sociais e humanos. Mazzaroppi faleceu em 1980, quando estavam rodando o filme *Maria Tomba Homem*. Na cidade de Taubaté, que ele amava tanto, foi criado o Museu Mazzaropi, local onde o genial ator tinha seu estúdio de cinema.

Pagano Sobrinho

Nasceu em São Paulo, capital, 1910. Tipo bem paulistano, sua graça era espontânea e natural. Comediante de rádio, fazia suas apresentações sempre ao vivo, no palco, com o público. Esteve nas Associadas por muitos anos, mas depois foi para a TV Record, e fez sucesso com o programa *É Proibido Colocar Cartazes*, em 1968. Pagano Sobrinho faleceu em 24 de outubro de 1972.

E assim o circo, o jornal, o esporte, o cinema e o rádio se juntaram à televisão, a nova arte que nascia.

Disse Dias Gomes: *Na verdade, a televisão nada inventou. Apenas acrescentou imagem à programação que o rádio criou*.

Da esq. para dir., Álvaro de Moya (3º), Túlio de Lemos (5º), Lolita Rodrigues (6º), Lúcia Lambertini (7º) e Dionísio Azevedo (8º), entre amigos

Walter George Durst

Capítulo 16

Teledrama, o Grande Achado

Walter George Durst não era só uma "*cabeça*". Era um crânio. Descendente de alemães, obstinado, organizado, sério, incrivelmente apaixonado por arte, reuniu sua turma, e todos tinham o mesmo empenho.

Eram eles: Dionísio Azevedo, Silas Roberg, Lima Duarte e Cassiano Gabus Mendes, considerado um gênio do rádio. Ele tinha lançado grandes novidades, entre as quais o *Cinema em Casa*. Esse era um espetáculo completo, uma adaptação de um grande filme para rádio. Na realização desse programa, a turma de Cassiano Gabus Mendes, esforçou-se muito.

Otávio Mendes morrera cedo. Pouco mais de 40 anos. Seu jovem filho, aos 20, só tinha irmãs, uma delas Maria Edith, programadora. Mas foi ele quem herdou a imensa carga de conhecimentos sobre rádio e cinema. Além dos inúmeros scripts que Otavio deixou.

Cassiano esforçava-se para estar à altura do pai. Para o *Cinema em Casa*, ele e sua equipe só escolhiam o programa após assistirem várias vezes ao filme. Depois disso, o escolhido era reassistido e ali, na sala de projeção, gravavam os sons, os ruídos, as vozes, as inflexões. Trabalho apurado, perfeito. Imenso sucesso no rádio.

Por que não transportá-lo para a televisão?

Foi essa a principal resolução daquela famosa reunião de diretores e do grupo imbatível de inteligências das Emissoras de Rádio Associadas. Iria iniciar-se a **Teledramaturgia**.

O diretor-artístico, Cassiano Gabus Mendes, estava com 23 anos e apostou em grandes espetáculos de teatro pela televisão.

O Primeiro Grande Sucesso

No dia 29 de novembro de 1950, o primeiro teleteatro completo vai ao ar. Adaptação de Cassiano Gabus Mendes, do filme americano *Sorry, Wrong Number*, baseado na peça de Luciele Fletcher. Em português foi dado o nome *A Vida por um Fio*. No cinema americano a atriz foi Bárbara Stanwyck. No Brasil, o papel principal coube a Lia de Aguiar, grande estrela da época.

Era a história de uma mulher paralítica, sozinha, numa cama, e ali, através do telefone, ela sabe que vai ser cometido um assassinato. Não sabe quem, nem onde, nem quando. Sabe apenas do crime por pequenas referências, as quais ia obtendo aos poucos. E ela tenta sempre, por telefone, avisar várias pessoas, a polícia, os amigos, os médicos, porém, ninguém acredita nela. Ela fica fumando, desesperada, até perceber que a vítima será ela própria, numa trama urdida pelo marido.

Lia de Aguiar em A Vida por um Fio (Sorry, Wrong Number); e *Walter Tasca na câmera*

Em cena era só você?
– *Era*, responde Lia. *Só eu e as vozes, pelo telefone. E uma mão que entra só no final*.

E você decorou tudo ou havia ponto eletrônico?
– *Absolutamente tudo. Não existia ponto eletrônico. Era tudo decorado. Essas vozes entravam através do telefone, em determinados momentos, quando ela tenta se comunicar com as pessoas. Então alguém responde do outro lado e entra a voz no telefone. Não havia como recorrer e naquele tempo não tinha ponto eletrônico. Tudo era absolutamente decorado. Eu fiz essa peça várias vezes em São Paulo e no Rio de Janeiro*.

E foi muito difícil?
– *Não me lembro bem. Mas um dia desses encontrei com o Jorge Edo, aquele diretor-técnico, e ele me disse:* Lia, lembra de quando você fez *A Vida por um Fio*? Você ficou tão tensa, de ficar paralisada, que quando acabou e disseram: *Pode sair, Lia,* você não conseguiu. Estava paralisada mesmo, não conseguiu se levantar da cama. Lembra? *E eu lembrei. E fiquei tão emocionada de ver que ele se lembrava disso, depois de 50 anos..., que até chorei. É como se tivesse voltado no tempo. Chorei, chorei...*

Lia de Aguiar e Walter Forster em cena de teleteatro

João Restiffe, Geni Prado e Amácio Mazzaropi em cena de Rancho Alegre

Capítulo 17

Filmes de Longa-metragem

Os filmes de longa duração começaram a ser programados sempre para os domingos à noite. E aquilo passou a ser uma mania em toda a cidade de São Paulo.

Os filmes eram alugados, naturalmente, e reuniam as famílias, que, em casa, curtiam juntos a nova diversão. Alguns filmes eram legendados. E eram poucos. Ainda não existia a dublagem.

Os *Televizinhos*

Foi aí que surgiram os *televizinhos*. Um fenômeno que apareceu logo no primeiro dia, e que foi crescendo, crescendo. Como contou Sonia Maria Dorce, seu pai, o maestro Francisco Dorce, que teve a sorte de ganhar um televisor de presente de Chateaubriand, fez questão de colocar o aparelho na janela, para que a novidade fosse compartilhada com todos. O mesmo ocorria nas lojas, que começaram a vender os aparelhos. E, vez por outra, algum brasileiro de mais posses, vindo dos Estados Unidos, aparecia com a novidade em casa. Bastava os vizinhos saberem, para a notícia correr. E, na hora do filme da noite, principalmente as salas de jantar, os bares e as lojas ficavam lotados de gente entusiasmada. Nas transmissões de futebol, então.....

Os Televisores

É claro que a compra de aparelhos foi aumentando. Se no primeiro dia, como se fala, foram só 200 aparelhos adquiridos por Chateaubriand, dias depois, segundo Jorge Edo, o governo brasileiro concedeu licença para que três companhias estrangeiras fabricantes de receptores, por meio de seus representantes no Brasil, trouxessem dois mil aparelhos cada uma. Eram elas a RCA, a General Electric e a Philips.

Além disso, várias pessoas trouxeram televisores para si e para os amigos. Por isso, imagina-se que pelo final de 1951 existiam em São Paulo dez mil aparelhos ou um pouco mais. É o que se presume.

Mas os televisores eram muito caros. Há registros de que a firma H. Lopes Importadora anunciava que logo estaria entregando receptores da marca GE por US$ 5.760. Hoje um aparelho semelhante custaria R$ 480,00.

A televisão começou apenas para a classe A.

CANAL 3

Capítulo 18

A Logomarca, ou...

Que Nome Tinha Naquele Tempo?

Chateaubriand sempre gostou dos índios. Amigo do Marechal Rondon, fazia incursões à região do Xingu e colocava em suas emissoras de rádio, e posteriormente de televisão, nomes indígenas. Lutava pela melhoria e o respeito à vida e à cultura indígenas.

A primeira emissora de TV recebeu o nome de Tupy, assim, com y. E ele queria que tivesse uma marca tipicamente brasileira. Foi por isso que colocaram na menina Sonia Maria Dorce o cocar, para que ela representasse a idéia que ele queria. Ela era, naquela inauguração, a personificação do espírito de Chateaubriand. Na imagem padrão para ajuste, havia um velho índio norte-americano. A primeira imagem que se imaginou foi de um índio. Mas era um índio adulto, sizudo, com uma lança na mão. Atitude desafiante.

Por deficiências técnicas de material, o tal índio ficava muito tempo no ar. Chegava a ser amedrontador. As pessoas reclamavam e começavam a brincar: *Você é chato feito o índio da Tupy*.

O Curumim

Cassiano Gabus Mendes pediu a **Mário Fanucchi**: *Você é um grande desenhista e já é o chefe do departamento de arte daqui. Dá um jeito nisso pra mim. O que você pode fazer?*

Mário Fanucchi veio do Paraná, de Ponta Grossa, e começou a trabalhar em rádio e televisão em São Paulo. Pensava em tudo, menos em ser desenhista. Só que seus desenhos eram ótimos e fizeram sucesso, e ele, que precisava do emprego, aceitou o cargo de desenhista-chefe. Seu auxiliar era **Armando de Sá**. Na verdade, para Fanucchi aquilo era uma ponte, um meio de adentrar a atividade que tanto queria: produtor de televisão, escritor de programas, enfim, queria voar bem alto, pois era muito inteligente e vocacionado.

Olhando para aquele índio sério, remanescente da marca da Rádio Tupi, Fanucchi ficou pensando, repensando e teve uma grande idéia: o curumim. Se a emissora era nova, recém-nascida, por que não apresentá-la com a figura de um índio criança? Com essa figurinha simpática, mesmo que o padrão ficasse no ar por bastante tempo, as pessoas não tinham como implicar. Era mais aceitável. Mais agradável.

E foi o que ele fez. O curumim. O indiozinho da Tupy. Detalhe: ele tinha um pequeno cocar, com a antena da televisão em cima. Estava decidida a marca. Sucesso absoluto.

A Próxima Atração

Luiz Gallon, jovem paulistano, estava na TV Tupi desde o primeiro dia. Apaixonado, querendo sempre melhorar as coisas, era auxiliar direto de Cassiano Gabus Mendes e vivia *fuçando*, criando novidades.

Pensou: *Por que não promover um programa no outro? Isto é, fazer chamada para o próximo programa.* Então Gallon criou inicialmente o *Amanhã É Dia de...* Esta chamada tinha uma sonoplastia própria e vinha com os títulos dos programas do dia seguinte.

Aí, Mário Fanucchi criou o indiozinho e uma coisa ligou-se à outra. A chamada, de tão original, conseguiu até ser patrocinada. Levava o nome de *Nossa Próxima Atração*. E esses dois jovens pioneiros criaram, de maneira conjunta, um jeito de marcar e elevar a uma posição de destaque a programação da emissora que nascia. Mário Fanucchi acabou por perceber o valor do que tinha feito e começou a brincar com a coisa. Era, por exemplo, o indiozinho com roupas mexicanas anunciando *Nossa Próxima Atração, Imagens Hispano-Americanas*, ou o indiozinho subindo a Serra de Santos, ou o indiozinho descansando.

Mário Fanucchi e Armando de Sá, ambos de branco

E entrou nesse trabalho um terceiro elemento genial da taba associada: o maestro **Erlon Chaves**. O indiozinho deitado numa rede e indo dormir. A musiquinha do Erlon e a letra do Fanucchi, que dizia:

Já é hora de dormir
Não espere mamãe mandar.
Um bom sono pra você
E um alegre despertar.

Emocionante! Inesquecível! Isso acontecia exatamente às 21 horas. Era a televisão cumprindo sua função de educar. A criança ia para a cama feliz. Não precisava a mamãe mandar. Se o curumim dormia, o menino ia dormir também.

Ary Silva (primeiro comentarista esportivo, 1º em pé, à direita) e toda a delegação dos Associados ao Mundial do Chile (1962), apresentada a Assis Chateaubriand por Enéas Machado de Assis (ao centro)

Capítulo 19

Futebol – Romance – Circo – Balé

No dia 15 de outubro de 1950, menos de um mês, portanto, após a inauguração da TV Tupi, foi realizada a primeira transmissão externa de futebol.

Os estúdios, como já foi dito, estavam no Alto do Sumaré, bairro de São Paulo, o qual dista dois quilômetros do Estádio Municipal do Pacaembu, hoje denominado Estádio Paulo Machado de Carvalho. Mas para chegar até lá... Era um jogo entre São Paulo e Palmeiras. O caminhão de externa era enorme, e tinha de se locomover até o local do jogo. E era a primeira vez que o fazia.

Nelson de Mattos: *Foi uma correria. O material que recebemos era um material móvel. Nós tivemos que montar o microondas naquela torre de iluminação, lá em cima. Tivemos que subir com o material. Não tinha outro lugar. E depois, quando terminou o futebol, toca subir lá em cima da torre outra vez, desmontar tudo e ir correndo para o Sumaré, porque a Estação ia entrar no ar, com aquele mesmo material que estava fazendo o futebol. E tinha o patrocinador fixo, que era o Caçula da Antarctica. E era uma briga se atrasasse um pouquinho. Então o Pathern ficou no ar até a gente desmontar e montar tudo no estúdio. O jogo tinha muito público, muita gente. E nós atrasamos pra tirar os cabos. Eram cabos compridos. Demorado. Até chegar no Sumaré e montar tudo outra vez... Aí montamos tudo, as câmeras, tudo. Eram só aquelas três câmeras, entendeu?*

Assim mesmo aquela transmissão externa empolgou. E virou coqueluche. E sempre aquele mesmo trabalhão.

Ary Silva (o primeiro cronista esportivo): *Eu apareci logo no primeiro dia. O* brother*, sabe quem é? O Walter Forster, que para mim era um irmão, fez a apresentação logo no dia da inauguração. Aliás, foi o Aurélio Campos quem apresentou a equipe. O Walter Forster fez o programa. Agora, trabalhar realmente foi uns dias depois, naquela reportagem no Pacaembu. O Aurélio era o locutor. Eu, o comentarista. Será que era o Aurélio? Ou o Jorge Amaral?*

Na equipe de repórteres de esporte, todos eram formados em Direito. Muito bem preparados intelectualmente?

– Eram, porque... Bem, acho que nos jornais o esporte era cabide de emprego. E gente que aparecia pedindo emprego, geralmente, era estudante. Tinha estudante de Direito, de Medicina, de Engenharia... No jornal acho que tinha o revisor. Tinha o Nino Guedes, o Paulinho

de Oliveira, que é um intelectual. Para o futebol, depois veio o Blota Júnior, o Geraldo José de Almeida, o Aurélio, tudo gente de alto nível. O Jorge Amaral era médico. E depois era tudo de improviso. Não tinha nada escrito. E não tinha o clic *para desligar, pra dar uma tossidinha, pra fazer nada. Era o improviso direto. Cada jogo era uma história diferente pra fazer. Mas nós vínhamos do rádio e no rádio também era assim. A gente já tinha prática.*

Aurélio Campos formou-se em Direito, mas sempre sua tendência foi o rádio e depois a televisão. Desde a década de 30 era conhecido por comandar o programa *Teatro Alegre*, na PRA-5 Rádio São Paulo, onde chegou a ser diretor. Em 1945, já na Rádio Tupi, começou a comandar o setor esportivo. Ficou sendo o chefe. Foi ele que descobriu Walter Abrahão, que ficou seu assistente e mais tarde seu substituto. Aurélio esteve no programa *TV na Taba*, na inauguração, mostrando em ponto pequeno o que viriam a ser as transmissões esportivas. Foi ele também o apresentador de *O Céu é o Limite* e o criador do bordão: *Absolutamente certo*. Isso teve continuidade com Jota Silvestre e foi tema de filme realizado por Anselmo Duarte. Aurélio Campos é nome de rua, de centro esportivo e é considerado pelos colegas grande nome no cenário da crônica esportiva do rádio e da televisão brasileira.

Walter Abrahão nasceu em Piraju, interior de São Paulo, em 5 de janeiro de 1931. Filho de pequenos comerciantes, veio para São Paulo e formou-se em Direito pela USP, tendo muito orgulho disso, não só pelos colegas importantes que teve, mas pela carreira brilhante que fez. Isso, porém, não o impediu de entrar para o rádio e para a televisão. Foi pelas mãos de Wilson Brasil que tudo começou. Passou logo a assistente de Aurélio Campos, o líder. Em 1962 passou ele à liderança, com o afastamento de Aurélio. Diretor do departamento esportivo, locutor dos melhores, dono de bom improviso e dicção perfeita, foi sempre um bom colega e a ele os amigos recorriam, em seu escritório de advocacia. Walter Abrahão chegou à presidência do Tribunal de Contas da cidade de São Paulo. Esteve na TV Tupi até o dia em que foi decretada sua falência, em maio de 1980. Aí foi para o SBT, mas começou a se distanciar da liderança esportiva. Walter Abrahão é um nome muito querido entre todos que o conhecem.

Curiosidade: Muitos grandes profissionais do rádio e da televisão do Brasil começaram a carreira pela locução esportiva. Ou nela *tiveram um pé*, por bastante tempo. É o caso de Chico Anysio e Ary Barroso, ambos de renome nacional e internacional em outras áreas, mas com grandes participações no jornalismo esportivo.

A Crítica

Talvez fosse exatamente por isso que a crônica esportiva e o público criticavam tanto a equipe de televisão. *Eles falam gritando. Eles falam depressa. Eu não sou surdo. Eu não sou cego.*

Os locutores da televisão vieram do rádio e adotaram o estilo radiofônico de transmitir futebol. Esqueciam que o telespectador já estava vendo o jogo e não precisavam descrevê-lo.

Só aos poucos é que isso foi tomando um formato televisivo, mais moderado, mais ao gosto do telespectador. Mas a verdade é que ainda hoje, passados 50 anos, há quem goste mais do estilo entusiasmado do locutor de rádio. É muito comum ver aqueles que *olham* a televisão e *escutam* a transmissão do jogo pelo rádio. E até nos estádios de futebol há os torcedores fanáticos que não dispensam o radinho de pilha, colado ao ouvido, para acompanhar os gritos frenéticos dos locutores de rádio. Já que não houve alguém para registrar os fatos, tudo sobre o início da televisão foi anotado quase 50 anos depois. Há algumas contradições. Por exemplo: 1. O primeiro jogo de futebol transmitido a 15 de outubro de 1950, no Estádio Municipal do Pacaembu, foi entre São Paulo e Palmeiras? Ou entre São Paulo e Portuguesa de Desportos? 2. Aconteceu mesmo em 15 de outubro? 3. O primeiro locutor esportivo foi Aurélio Campos? Ou foi Jorge Amaral? Ou foi Wilson Brasil? Cada um dos livros consultados registra um dado diferente.

A garota-propaganda Paula Léa e Jorge Amaral, primeiro narrador esportivo

Walter Stuart apresentando o Circo Bombril*, com Arnaldo Cardoso Jorge na câmera*

Capítulo 20

Romances – Contos – Estórias

Os redatores **Walter Forster** e **Ribeiro Filho** gostavam de criar coisas ligeiras sobre o cotidiano, sobre os romances, sobre os problemas conjugais. E do rádio passaram para a televisão e mantiveram o mesmo estilo.

Os romances de **Walter Forster** eram bastante cativantes. Lia de Aguiar, Yara Lins, Vitória de Almeida eram suas atrizes preferidas.

Ribeiro Filho apreciava a comédia e utilizava muito a comediante Maria Vidal, ótima atriz, João Monteiro e Xisto Guzzi.

Walter George Durst e **Dionísio Azevedo** redigiam para o teleteatro. **Túlio de Lemos** e **Aurélio Campos** gostavam de trabalhar juntos em roteiros mais sofisticados, mais intelectualizados. Combinavam textos com música, com dança e os cantores Caco Velho, Rosa Pardini, Romeu Ferez.

Júlio Nagib, ator desde adolescente, também apreciava a música. Seus trabalhos eram de textos musicais e tinham a participação de Hebe Camargo, Maísa, Romeu Ferez, Zezinho e seu conjunto.

Mário Fanucchi, ótimo desenhista, achou um jeito diferente de entrar para o corpo dos redatores e produtores. Já em dezembro de 1950 escreveu *Xeque-Mate*, texto interpretado por Dionísio Azevedo, Heitor de Andrade e Yara Lins. Partiu para o gênero do suspense, aventura e até ficção científica.

Péricles Leal adaptava os contos brasileiros. Tinha seu estilo próprio. E depois foi ser diretor de emissoras no Brasil.

O Circo

Os humoristas tinham muito espaço e muitos horários.

Walter Stuart, vindo do circo, apresentava-se com muito brilho no *Bola do Dia*, charge rápida sobre algum acontecimento diário. Depois brilhou com o *Circo Bombril*.

O *Circo Bombril* era um acontecimento na TV Tupi de São Paulo. Dentro do Estúdio A, montava-se um circo de verdade. Tamanho pequeno, é claro. Um circo cenográfico. Ali apresentavam-se os principais artistas circenses do Brasil. Malabaristas, mágicos, dançarinos, palhaços... Eram todos anunciados por Walter Stuart, o mestre-de-cerimônia: *Respeitável público*. Era assim que ele falava todas as segundas feiras, quando abria o espetáculo. E a música o acompanhava. Com sua roupa clara, seu corpo elegante, sua dicção caprichada, Walter Stuart era o rei da noite de São Paulo.

Walter Stuart e seu filho, Adriano Stuart

Adriano Stuart fala (sobre Walter Stuart, seu pai): *Meu pai, Walter Canalles, em arte Walter Stuart, nasceu em Birigüi, interior de São Paulo, no dia 22 de julho de 1920, filho de uma família circense. Até os 29 anos meu pai viajou com o circo pelo Brasil: Minas, interior de São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Santa Catarina... Aí meu avô vendeu o circo e viemos para São Paulo. A Televisão Tupi foi inaugurada em 1950, e nós começamos a trabalhar na emissora em março de 1951. A família toda foi contratada: meu pai, minha mãe, meu tio Henrique Canalles, minha tia Cathy Stuart, meu avô e minha avó. Todos trabalhavam em circo e todos foram contratados. Ah, e eu também, é claro. Fizemos teste com Oduvaldo Viana. Engraçado que todos foram contratados como atores, menos meu pai e meu tio Henrique. Os dois ficaram como diretores de estúdio, cargo muito importante na época. Mas meu pai sempre foi muito criativo e logo começou a representar. Aliás, Walter Stuart era um ator* full-time*. Durante as 24 horas do dia ele estava representando. Só conheço outra pessoa assim, o Lima Duarte. E meu pai fazia isso dentro e fora da televisão. Até no Xingu, onde ia sempre com Orlando Vilas Boas. Ele fingiu que ia bater no Luiz Gallon, era de mentirinha, os índios viram, agarraram ele, de verdade, e o jogaram no rio. Ele recebeu o troco. Nesse dia ele se deu mal. Imagina agora, o que ele não fazia dentro da televisão! No* Circo Bombril*, ele fazia o Mestre. Mas participava também das cenas com os palhaços. Ele cansou de se machucar de verdade. E de machucar os colegas. Aí ele ficava muito triste, mas voltava a fazer a mesma coisa outra vez. Ele subia nas laterais, nas tapadeiras de 6 ou 8 metros e voava lá de cima no meio do picadeiro, quando ninguém esperava. Uma loucura.*

Sua família toda é de circo?

– Toda. Meu pai é primo-irmão do Oscarito, o grande comediante de cinema. O Oscarito era sobrinho da minha avó, filho da irmã dela. Meu primo em segundo grau. E vai por aí afora. Uma ramificação muito grande.

O *Circo Bombril* ficou no ar por dez anos consecutivos. Um grande sucesso da Televisão Tupi de São Paulo.

Outros tantos comediantes, os quais estavam presentes no dia da inauguração da Televisão Tupi, permaneceram no ar por vários anos. Paulo Leblon e sua escolinha, Pagano Sobrinho, Mazzaroppi e seu *Rancho Alegre*, além de Fuzarca e Torresmo, os eternos palhaços.

Fuzarca, Sonia Maria Dorce, Homero Silva e Torresmo

Torresmo (cujo verdadeiro nome é Brasil Queirolo) no programa Pullman Jr., *apresentação de Iara Pereira (na versão da TV Gazeta, década de 70)*

O Balé Enfeita a TV

De repente uma beleza maior. Cenário mais caprichado, véus, panos transparentes, luzes especiais, música, linda música ao fundo. A TV Tupi, a pioneira, deu grande importância à arte da dança e principalmente ao balé clássico, em sua programação.

No primeiro dia, no *TV na Taba,* apareceu Lia Marques. Morena, linda, cabelos soltos, sapatilhas de ponta, leve sorriso no rosto, expressão suave e o balé clássico a enfeitar a televisão.

Lia Marques foi a primeira bailarina por muitos anos. Tinha seu lugar reservado, mas não era a única bailarina. Sua coreógrafa foi **Marília Franco**. Marília era a primeira bailarina do Theatro Municipal de São Paulo e também diretora do Corpo de Baile.

A dança vivia uma fase áurea no Brasil. Temporadas de balé no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, temporadas de balé no Theatro Municipal de São Paulo, sempre lotadas. Fãs querendo ver de perto as famosas bailarinas, sílfides, musas, figuras etéreas, encantadas. Eram montadas peças famosas no mundo inteiro.

Maria Pia Finocchio estava no grupo de bailarinas dos primeiros tempos de TV Tupi. Foi a primeira bailarina e coreógrafa do programa *Concertos Matinais*, patrocinado pela prefeitura de São Paulo e transmitido todos os domingos, diretamente do Theatro Municipal. Na seqüência dessa programação, o produtor e diretor foi **Theóphilo de Barros**.

Desse grupo de grandes e lindas bailarinas participaram **Suzana Vieira** e **Maria Isabel de Lizandra**, que logo entraram para o teleteatro e abandonaram o balé. Tornaram-se grandes estrelas nacionais.

Havia vários outros programas de dança clássica na TV Tupi: *Atrações Pirani, Programa Bombril, Clube dos Artistas*.

Marilu Torres também esteve na TV Tupi nos primeiros tempos. Fez participações no programa *Música e Fantasia*. Passou depois para a TV Record, para atuar nos programas *Premiére* e *Noturno*. Mais tarde Marilu Torres concluiu a faculdade de História, Ciências e Letras e se tornou jornalista e apresentadora de grandes programas. Ela é casada há muitos anos com o diretor Nilton Travesso.

Ismael Guiser, coreógrafo e bailarino argentino, chegou ao Brasil em 1953. Ele foi figura exponencial do balé em São Paulo e no Brasil.

Marília Fanco era mestra. Ao lado de seu partner, **Joshey Leão**, dançou em todos os *Concertos Matinais*, programa muito assistido

e muito querido. Theophilo de Barros, o produtor e diretor, fazia questão de sua presença.

O *Ballet do IV Centenário* foi coreografado por **Aurell Millos**. Grande artista e encenador, produziu grandes espetáculos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Esse balé foi um verdadeiro divisor de águas e revelou excelentes bailarinos, entre eles **Marika Gidali**, **Ruth Rachou**, **Lia Marques**, **Victor Arikstin**, **Gilberto Mota**, **Armando Nesi**. Logo apareceu o *Ballet de Câmara de São Paulo*, com Marika Gidali e Marilena Ansaldi.

Maria Pia Finocchio dedicou-se sempre ao balé. Fez inúmeras viagens internacionais e ganhou muitos prêmios. Foi considerada pela crítica especializada a mais versátil e a mais laureada bailarina brasileira.

Estudiosa e pesquisadora, o governo brasileiro nomeou-a *Embaixatriz do Turismo*, cargo posteriormente ocupado por Pelé.

Foi presidente da Comissão de Dança e Cultura do Estado de São Paulo. E presidente do Sindicato dos Profissionais de Dança.

Eva Wilma era bailarina do Teatro Municipal do Estado de São Paulo. Abandonou o balé e passou ao teatro. Hoje é uma das damas do cenário artístico nacional.

A bailarina Lia Marques, na inauguração da TV Tupi

Lolita Rodrigues, cantora

Capítulo 21

Grandes Teatros na Televisão

Quando a televisão surgiu no Brasil, em São Paulo, aproveitou todo o seu pessoal radialista. A palavra *radialista*, criada por Nicolau Tuma, adequa-se aos trabalhadores de rádio e televisão. E foram os profissionais de rádio que fizeram a televisão. Por bastante tempo continuavam também em rádio. Deu-se apenas uma extensão de trabalhos e só posteriormente houve a divisão. Foi o rádio que fundou, alimentou e fez crescer a televisão em São Paulo.

Mas e os elementos de teatro? Produtores? Atores? Dramaturgos? Como se posicionaram quanto à chegada da televisão?

Dizia-se na época que a televisão era um veículo menor, e que os atores exponenciais das ribaltas não se rebaixariam a ela.

Isso não se deu. Ao contrário. Aos poucos eles foram aparecendo, aparecendo e engrossando o caldo televisivo, com seu valor e arte.

A primeira atriz a apresentar-se na TV foi **Madalena Nicol**. Mulher de personalidade forte, voz firme, posição segura, em 10 de janeiro de 1951 estreou na televisão. Estava lançada uma boa idéia, vantajosa para o novo veículo, e, também, para o profissional do eterno e inigualável teatro.

João Restiffe, rapaz de bom gênio, temperamento fácil, foi chamado por Cassiano Gabus Mendes: *Restiffe, você que está sempre nas rodas dos atores de teatro e de circo, você que vive ali na* esquina*, você vai me ajudar. Quero uma companhia teatral apresentando-se aqui por semana.*

– Mas Cassiano, para quê?

– Pra gente dobrar essa turma. Eles não percebem que a televisão é o veículo do século? E, além disso, vão ganhar uma graninha!

– E nós, o que ganhamos?

– O nome deles. Imaginou tê-los todos aqui em nosso elenco? E você, meu caro, ganhará uma comissão, além de passagens para o Rio e tudo o mais que for preciso para trazê-los.

João Restiffe era comediante. Filho de calabreses, o pai tinha casas comerciais em Caconde, interior de São Paulo. Já na capital, com 15 anos, fez amizade com atores da Rádio Record, e com Blota Junior, que o colocou na rádio. Restiffe começou fazendo pontinhas em radioteatro. Mas passou logo a participar de teatros mambembes, aqueles que

viajam por várias cidades e permanecem um pouco em cada uma. Como era uma pessoa curiosa e valente, fez muitos amigos entre atores e diretores de teatro.

Eles se reuniam todas as noites, após os espetáculos, na *Esquina*, lugar no centro de São Paulo, conhecido pela importância dos artistas que ali compareciam.

Cassiano Gabus Mendes tinha razão. Logo a TV Tupi de São Paulo estava apresentando Procópio Ferreira, Dulcina, Odilon, Paulo Goulart, Margarida Rey, Walmor Chagas, Fernanda Montenegro, Sérgio Britto, Nicette Bruno, Cacilda Becker, Cleyde Yáconis, Bibi Ferreira, Maria Fernanda, Maria Della Costa e todos os grandes cartazes da época, que se revezavam para fazer o *Grande Teatro das segundas-feiras*.

No começo, o público, que ia aumentando a cada dia, estranhava um pouco o jeito de representar do ator teatral. A voz mais jogada, mais projetada, pois devia chegar ao público que estava distante muitos metros do ator, fazia com que a inflexão parecesse afetada, a dicção exagerada. Era esse o comentário geral.

Em contrapartida, os nomes eram famosos, grandiosos, respeitados, e como o público televisivo era classe A, e só aos poucos chegou à classe B alta, os atores de teatro se impunham. No início, sob críticas quanto à projeção vocal, mas logo se adaptaram.

A soma estava feita. Daí para frente, os grandes nomes do teatro foram para a televisão, e os grandes nomes da televisão brilharam em palcos brasileiros.

O nome do teatro variou: *Teatro das segundas-feiras*, depois *Teatro Monções* e, por fim, *Grande Teatro Tupi*, nome definitivo.

Vários diretores estiveram à frente dessa grande programação: Ruggero Jacobi, Geraldo Vietri, Luiz Gallon e Wanda Kosmo, esta última a que permaneceu por mais tempo na direção.

Aos poucos, porém, o esquema inicial foi sendo esquecido, pois era para ser uma programação independente, em que a televisão entrasse só com o cenário e com a equipe técnica, mas foi mesclando elencos e colocando atores de TV e teatro juntos, em todas as segundas-feiras.

Primeira Peça

Foi em **21 de maio de 1951** que a TV Tupi levou para o vídeo uma peça que estava em cartaz em São Paulo. Denominava-se *Professor de Astúcia*. A televisão apenas armava o cenário. Os atores, as roupas e os adereços eram do teatro.

Essa soma, para não se dizer essa *luta*, entre artistas de teatro e de televisão, foi longe. Foi difícil para o pessoal de teatro reconhecer que a televisão viera para ficar. E essa polêmica era internacional. Tanto no Brasil como no resto do mundo, os atores e diretores de um veículo de comunicação criticavam os diretores e atores do outro.

Grandes textos foram encenados. *Suplício de uma Saudade, Casa de Bernarda Alba, Berenice, Transgressão, Eu Soube Amar, A Malvada, Deus Pede Silêncio* e tantos outros.

E, para o bem de todos, a grande soma realizou-se.

Grande Teatro Tupi*, com Maria Cecília, David Neto, Gaetano Gherardi (abaixado) e Francisco Negrão, 1952*

Walter Avancini e Erlon Chaves, no filme Quase no Céu

Capítulo 22
Grandes Meninos

Se é para mexer na memória, se é para recorrer a ela, como fonte fidedigna, vamos lá, pois mexer no baú das lembranças é o que tenho feito, desde que comecei este livro. E aí há o grande milagre da recomposição das figuras, da reconstrução dos fatos, da vivificação da história. E tudo parece que foi ontem...

No *Clube do Papai-Noel*, dirigido por Homero Silva, havia um garotinho, tinha no máximo 4 anos, que cantava com uma loirinha. Ele era negro. E se chamava Erlon. Seu pai, bem apessoado, educado, elegante, estava sempre com ele. **Erlon Chaves**, nome completo, era daquelas criaturinhas feitas para encantar. Sua parceira em arte, cujo nome esqueci, também era *profissional*. Assim pensavam todos, e o afirmavam, cobrindo-os de elogios. Ele, o garoto, era verdadeiro menino-prodígio.

Lá perto, com 9 anos de idade, estava eu, Vida Alves, que cantava também, agradava também. Mas de prodígio não tinha nada. Fazia parte do grande elenco do *Clube do Papai-Noel*.

Era fácil ver a diferença. Em mim salientava-se a determinação, a seriedade, a brejeirice (eu imitava Carmen Miranda). Mas o garoto, já se dizia, tinha o *ouvido total*. Havia de ser cantor, ou maestro... Ia vencer na arte.

E maestro ele foi. Maestro **Erlon Chaves**. Ainda jovem. Depois de ser ator de rádio, de cinema, de televisão, voltou-se inteiramente à música, que o consagrou.

O maestro Erlon Chaves nos deixou muito jovem. Com certeza foi fazer parte de uma orquestra maior, onde um maestro maior o recebeu de braços abertos, dizendo: *Venha, Erlon, venha. Aqui também nos encantamos com músicos especiais como você. Porque a música é divina e faz felizes as criaturas, estejam elas na terra ou no céu, como agora você está.*

Walter Avancini era loirinho, bonitinho, especial também. O garoto estava com 6 anos de idade, quando a mãe, dona Carmem, o levou a participar do *Clube do Papai-Noel*. Dali, Avancini passou para o elenco de Oduvaldo Viana, na Rádio Difusora. Fez bonito em várias novelas, entre as quais uma que se chamava *Pelos Caminhos da Vida*.

Oduvaldo tinha raízes no cinema, e como já se falou aqui, dirigiu o filme *Quase no Céu*, para Chateaubriand, antes da chegada da televisão. *Quase no Céu* fez tanto sucesso que as portas de muitos cinemas se quebraram com a avalanche do público, para ver os artistas.

Nesse filme Walter Avancini e Erlon Chaves faziam uma dupla de garotos levados, ambos com 8 anos de idade. Sucesso total.

Disse Walter Avancini: *Gosto de lembrar e falar do tempo de rádio. Foi aí que se formou a minha personalidade, minha individualidade, minha identidade ideológica. De Oduvaldo Viana, o pai, herdei a determinação e o perfeccionismo, que nele eram fora do comum. Ele era autoritário. Daí vem o meu autoritarismo também, que eu exercito até hoje, em minha profissão. Eu fazia o menino das novelas e atuava com grandes atrizes: Lia de Aguiar, Vida Alves, Wilma Bentivegna. Foi no rádio, também, que fiz amizade com homens que eram grandes transformadores da cultura naquele momento: Túlio de Lemos, Walter George Durst, Otávio Gabus Mendes, Oswaldo Moles, Cassiano Gabus Mendes. Essas figuras transformaram a linguagem acadêmica de rádio. E eu guardo lembranças de Lia de Aguiar, quando eu tinha 10 anos e me apaixonei por ela, pois me afagou quando perdi um papel por não conseguir falar:* Os três reis magos*. Eu comia um* s*. E a diretora Sarita Campos colocou outro no meu lugar. Lia me viu chorar, me acarinhou e disse:* Isso passa. Você vai fazer sucesso. Espere*. Acho que a amei com paixão por 10 anos. Ela nunca soube disso. De Vida Alves me lembro o espanto. Era estudante de Direito, seu jeito de ser, de vestir, seu jeito de passar por cima dos preconceitos... Ela era a modernidade... Ela era o que ninguém tinha coragem de ser. Com essa gente aprendi a ler Marx, a enxergar o mundo...*

Walter Avancini saiu da TV Tupi em 1953, após ter feito um discurso inflamado contra a saída de José Castellar, e a entrada de Jota Silvestre, na direção-artística da Rádio Tupi. Em 1960, Walter Avancini participou da diretoria do Sindicato dos Radialistas do Estado de São Paulo.

Após muitos anos de sucesso como diretor de novelas na Rede Globo de Televisão e outras emissoras, Walter Avancini faleceu a 20 de setembro de 2002. Grande perda para o cenário artístico nacional. Considerado um dos grandes diretores de todos os tempos, temido e amado, Walter Avancini jamais será esquecido.

Na minha lembrança ainda o vejo garoto de cabelos sedosos, loiros, lindo, verdadeiro menino-prodígio, que, por tantas vezes, fez o encanto de todo o elenco, com sua voz doce e sua inteligência. E que depois se fez autoritário, determinado, criando uma televisão genial, artística, ímpar, arte maior.

Capítulo 23
A Primeira Telenovela

Idéia de **Walter Forster**. O homem bonito, charmoso, educado, descendente de alemães, querido por todos, nasceu em Campinas, em 1917.

Disse Walter Forster Júnior, sobre o pai: *Desde menino ele queria ser o maior locutor do mundo. E, então, como meu avô tinha armazém de secos e molhados e importava vinho, meu pai subia nos sacos de arroz, de feijão e com o funil do vinho na boca imitava os locutores da época. Esse era o seu sonho, o que ele quis e conseguiu ser. Uma vez, já em São Paulo, foi diretor e ator de muitas emissoras de rádio. E fazia tudo serenamente. Era um verdadeiro galã. Loiro, alto, bonitão. O problema eram as fãs. Minha mãe contava que no casamento deles foi uma loucura. Na Igreja Santa Cecília, as mulheres montaram em cima do altar dos santos... gritando.O padre já nem queria fazer o casamento, mas meu pai falou com o Emílio Carlos, que era amigo dele, e com o Fauze Carlos, e eles acertaram tudo. Na hora da saída, a minha mãe queria ir pela porta de trás, fugir do tumulto. Mas minha avó chamou minha mãe e disse:* Você vai me desculpar, mas essas pessoas todas vieram até aqui pra ver vocês, pra ver o Walter, e vocês vão sair pela porta da frente e deixar todas elas felizes. *E eles assim fizeram. Minha família foi sempre muito equilibrada, diz Walter Forster Júnior, com orgulho*.

Walter Forster pensou: *Uma novela. Vou lançar uma novela na televisão*. O público feminino está crescendo dia após dia. E as mulheres adoram romance. Um trio amoroso. Isso dá suspense. E cada capítulo tem que acabar no alto, para dar gancho pro capítulo seguinte. *Ah, e vou colocar um beijo. Vai ser sensacional!*

O entusiasmo de Walter Forster tinha razão de ser, mas... ele não contava com as dificuldades.

Disse Costalima, o diretor-geral: Beijo? Você está louco, Walter? Não se vê beijo nem em filme.

– Em filme americano tem. Eu já vi.

– Americano, alemão, gente estrangeira, acredito. Mas nós, brasileiros...

– Chefe, pense bem...

– Já pensei. Televisão entra nas casas, no seio das famílias...

– Mas, chefe... Assim faremos sucesso. Estaremos lançando moda.

– Não, Walter. Já disse não.

A discussão foi longe. Entraram outros diretores para opinar. Realmente, o beijo não era usual nas artes, no teatro, nada.

E nem em público, ruas, reuniões. Só em casa. E entre pessoas casadas. Complicação. Até que...

– Alemão, você venceu. Mas olhe lá, que seja uma coisa muito discreta. E quem vai ser sua parceira, perguntou Costalima?

– Vida Alves.

– Vida Alves? Mas ela é casada!

– Ela vai pedir pro marido. Vai dar certo.

A estrela era Lia de Aguiar, que faria o papel da certinha, a noivinha. A outra do triângulo, seria representada por Vida Alves, mais brejeira, mais marota. O nome da novela: *Sua Vida me Pertence*.

Pouco menos de 30 capítulos, com duração de meia hora cada. Duas vezes por semana. E o beijo no final, num grande *The End.*

– Eu? Eu vou ter que dar o beijo? Nossa!!!

– Não. Receber. Eu é que vou dar. Fale com seu marido. O Gianni Gasparinetti é europeu, é moderno, sabe que não tem nada de mais. É profissional. A gente fará uma coisa terna, romântica, suave. Eu mesmo serei o diretor e o ator. Você confia em mim? É só. Está resolvido.

Dia **21 de dezembro de 1951, *Sua Vida me Pertence*** foi ao ar. Escrita, dirigida e interpretada pelo grande galã, Walter Forster. No elenco estavam, além dele, Vida Alves, Lia de Aguiar, José Parisi, Dionísio Azevedo, João Monteiro, Tânia Amaral, Astrogildo Filho e Néa Simões.

Assim, a novela foi deslizando devagar, aos poucos, com humildade. Aquela era uma novela sobre o cotidiano. Um escritório, colegas, mexericos, romances. E, no último capítulo, quando finalmente o galã (Walter Forster) se decide pela *outra* (Vida Alves), acontece o primeiro beijo. Lento, romântico. Lábios nos lábios. Cabeças inclinadas. Amor. Suavidade. Beleza.

– Escândalo! Isso foi um escândalo!

Walter Forster e Vida Alves em Sua Vida me Pertence*, 1951*

– Mas escândalo por quê?

– Vocês não viram? A Vida Alves e o Walter Forster deram um beijo na boca. Nunca na vida eu tinha visto isso. É uma vergonha.

Algumas pessoas ficaram alvoroçadas. Escandalizadas. Outras apenas caladas. Outras assustadas. Uma coisa importante tinha acontecido, disso todos sabiam.

– Quero uma fotografia do beijo. Vou mandar publicar.

– Fotografia? Mas eu não fotografei!

– Chico, você não está aqui pra isso? Você não tem que fotografar o que é mais importante?

– E eu sou louco? Quem é que vai publicar uma coisa dessas? É um escândalo, Cassiano. Não sei como você deixou.

Ninguém fotografou o beijo. Chico Vizzoni era fotógrafo dos *Diários Associados*, lotado no Sumaré, para acompanhar o desenvolvimento da

Sua Vida me Pertence: *Néa Simões, Dionísio de Azevedo, Lia de Aguiar e José Parisi*

televisão. Só ele, como fotógrafo, estava no estúdio, na hora do beijo. E não o registrou. Também não havia vídeoteipe e não foi filmado. As fotos alusivas ao fato registram momentos antes e momentos depois. Mesmo assim o beijo passou a ser um fato histórico. Passou para os anais. Marcou a história da televisão.

E a novela, que começou tão humilde, foi crescendo, crescendo e dominou a audiência. De produto menor, passou a ser o ponto alto de quase toda a programação das emissoras de televisão.

É claro que o "*faro*" dos novelistas de rádio percebeu o filão que surgia. Vários começaram a escrever para a televisão. Porém, sem deixar o rádio, pois todos eram contratados para as radionovelas. Essas é que eram sucesso... Além do que, diga-se, a novela ainda era considerada uma experiência na televisão. E a radionovela já estava em seu décimo ano de existência em São Paulo, pois tinha começado em 1942, na Rádio São Paulo, sob direção de Oduvaldo Viana. Era sucesso garantido sempre.

A Rádio Tupi e a Difusora tinham novelas e programas variados, das 9 às 21 horas . Nesses programas todo o *cast* associado participava. Escritores, atores, diretores, contra-regras, técnicos faziam rádio e passaram a fazer televisão. Só aos poucos é que os técnicos e o pessoal de apoio formaram equipes separadas. Alguns ficaram no rádio e outros exclusivamente na televisão.

A segunda novela, *Um Beijo na Sombra*, foi escrita por **José Castelar**, antigo radialista, que logo se apaixonou por televisão. Em 1953 transferiu-se para a TV Paulista e depois para a TV Cultura, onde permaneceu muitos anos.

Depois, **Jota Silvestre**, outro radialista famoso, que era ator, redator, diretor de novelas e diretor artístico, e que ficou famoso como apresentador, logo se transferiu para a televisão.

A TV Tupi foi a porta de entrada para todos.

Inauguração da TV Paulista*: ao centro, Walter Forster e, à esquerda, de branco, Hebe Camargo, entre amigos.*

Capítulo 24

A 2ª Emissora de Televisão

Em 1951 já havia outra emissora de televisão no Brasil. Era a TV Tupi do Rio de Janeiro - Canal 6, que foi inaugurada **em 20 de janeiro de 1951**, dia do aniversário da cidade. Foi instalada inicialmente, no mesmo edifício em que funcionavam a Rádio Tupi e a Rádio Tamoio, na Rua Venezuela, 43. Era a segunda emissora de televisão do jornalista Assis Chateaubriand. Sua torre foi instalada no Pão de Açúcar. E houve uma coisa curiosa: ninguém, segundo se soube, foi a São Paulo ver e *aprender* com os paulistas, que afinal já estavam no ar havia alguns meses.

Devemos registrar que a TV Tupi do Rio espantou a todos, por suas ousadias. Toda a programação procurava ser mais descontraída, com muitas externas, muitas transmissões de jogos de futebol, de peças de teatro, diretamente dos palcos da cidade. Era a PRG3 TV Tupi.

O diretor técnico assinava F.A. Bandeira de Melo, ou seja, era o engenheiro **Fernando Chateaubriand**, filho de Assis, o *Comandante.*

Modificações

Em **1952**, porém, grandes modificações aconteceram na TV Tupi de São Paulo. Uma verdadeira revoada. Dermival Costalima, sua esposa Sarita Campos e mais 40 pessoas se transferiram da emissora, para a Rádio Nacional de São Paulo.

Yara Lins disse: *Costalima, o* Chefe*, a quem eu devo toda a minha carreira artística, chegou para mim e disse:* Você tem que assinar em branco. Tem que confiar em mim. Mas vai ganhar muito mais do que ganha aqui*. E eu assinei. Fui para a Rádio Nacional. Um dia o Edmundo Monteiro, que era o diretor-presidente das Associadas em São Paulo, me disse, em um almoço em que nos sentamos juntos, que nunca ia esquecer o dia em que o Costalima tirou dele, da Tupi, 42 elementos, de uma vez só. E eu fiquei bem calada, de medo que ele se lembrasse, embora tivesse passado tanto tempo, que eu também estava no meio deles. E estavam também: Hebe Camargo, Walter Forster, Waldir Guedes, Cacilda Lanuza, nem me lembro de todos os nomes. Tinha Paulo de Gramont, era muita gente.*

Verdadeiro desfalque realizado na TV Tupi. Aquela gente, sabedora de que as Organizações Victor Costa estavam se preparando para implantar a segunda emissora de televisão em São Paulo, se mudou para a Rádio Nacional. O próprio Victor Costa, no começo, entrava na parte artística. Foi ele, segundo Yara Lins, quem ensaiou a primeira novela que ela fez na Rádio Nacional, de nome *Presídio de Mulheres*. Foi trazido da Rádio São Paulo Odair Marzano, galã muito prestigiado, para fazer par com Yara, a grande estrela do novo elenco.

Na verdade passaram todos para a TV Paulista. Essa emissora foi inaugurada pela OVC, Organizações Victor Costa. A TV Paulista foi inaugurada a 14 de março de 1952. Passou a seguir a ser TV Globo, maior emissora do País.

Novelistas, Produtores, Diretores de Programas

Como já foi dito, havia uma elite intelectual, nas Emissoras Associadas. Para as Rádios Tupi e Difusora todos escreviam novelas, seriados ou programas especiais. E os mesmos que escreviam dirigiam, produziam.

O mesmo homem, a mesma pessoa para fazer as três funções. Era assim com todos. E por isso todos ficavam tempo integral na *rádio* como se dizia naquele tempo, mesmo após a inauguração da televisão. Em verdade, faziam programas para a Rádio Tupi, para a Rádio Difusora e também para a TV Tupi. Eis aqui a relação dos programadores dos primeiros tempos.

Principais escritores e diretores

- **Cassiano Gabus Mendes** – ator, diretor, redator, ensaiador de rádio e televisão e diretor artístico da TV Tupi.
- **Oduvaldo Viana** – escritor, cineasta, dramaturgo, diretor de rádio e cinema. Oduvaldo foi para o Rio de Janeiro pouco tempo depois da inauguração da televisão.
- **Túlio de Lemos** – ator, cantor, redator, ensaiador, produtor e apresentador de rádio e televisão.
- **Walter Forster** – ator, apresentador, redator, ensaiador, produtor de rádio e televisão e diretor artístico da Rádio Tupi.
- **Aurélio Campos** – locutor esportivo, diretor da equipe esportiva, apresentador da Rádio e TV Tupi.
- **Jota Silvestre** – ator, novelista, apresentador, diretor, ensaiador de rádio e TV.
- **Walter George Durst** – redator, diretor, ensaiador de rádio e TV.
- **Ribeiro Filho** – ator, redator, diretor, apresentador de rádio e TV.
- **Luiz Gallon** – diretor de TV, diretor de programas.
- **Lima Duarte** – ator, diretor de programas de rádio e TV e apresentador.
- **Cyro Bassini** – escritor, novelista de rádio e TV.
- **Teixeira Filho** – escritor, diretor e novelista de rádio e TV.
- **José Castellar** – escritor, diretor e novelista de rádio e TV.
- **Julio Nagib** – ator, produtor musical, novelista de rádio.
- **Dr. Alberto Leal** – escritor, novelista de rádio.
- **Isa Silveira Leal** – redatora, novelista de rádio.

- **Sarita Campos** – redatora, apresentadora de rádio.
- **Jorge Ribeiro** – redator de TV (apelido Cagliostro)
- **Dionízio Azevedo** – ator, diretor, produtor de rádio e TV.
- **Dulce Santucci** – redatora, novelista de rádio.
- **Vida Alves** – atriz, redatora, novelista, apresentadora de rádio e TV.
- **Ivani Ribeiro** – redatora, novelista de rádio e TV.
- **Silas Roberg** – redator, diretor de rádio e TV.
- **Péricles Leal** – redator, diretor de rádio e TV.
- **Tânia Ramirez** – redatora e produtora de rádio.
- **Lúcia Lambertini** – atriz e redatora de TV
- **Mario Fanucchi** – locutor, ator, desenhista e produtor de rádio e TV.

E mais alguns que, vez por outra, escreviam, dirigiam. Era realmente uma plêiade de grandes e inteligentes profissionais. Um orgulho para São Paulo.

Walter Avancini disse: *Eu era só um menino, mas aprendi com essa gente, entre os quais estavam aqueles que eram transformadores e conseguiram transformar a linguagem acadêmica do rádio. Ali eu vivenciei todo tipo de experiência e me formei como individualidade ideológica. Eram de uma criatividade fora do comum. Com essa gente eu vivi dos oito aos meus 17 anos, mais ou menos. Nessa fase estão as minhas primeiras grandes impressões, seja do ponto de vista lúdico, seja do ponto de vista intelectual, afetivo e de ousadia. Eu nasci na Tupi.*

Jornalista Lyba Fridman (em pé) e escritora Ivani Ribeiro

Marlene Morel,
uma das primeiras
garotas-propaganda

Lisa Negri,
garota-propaganda e atriz

Capítulo 25

As Garotas-Propaganda

No começo quase não existiam propagandas filmadas. Apareceram então as *garotas-propaganda*, que vendiam tudo. Essa denominação foi dada por Cassiano Gabus Mendes, na TV Tupi de São Paulo, já no princípio.

A primeira garota-propaganda foi **Rosa Maria**, que ia ao ar antes do programa *A Bola do Dia*. Este programete, de 5 minutos, era sempre uma piada encenada e bolada por Walter Stuart. Antes, a bela morena Rosa Maria fazia o reclame da Marcel Modas. E a moça ficou famosa por seu mote: *Não é mesmo uma tentação?* Maneira graciosa de vender que conquistou o público.

Muitas outras moças bonitas foram aparecendo. Elas eram selecionadas e ensaiadas pelo diretor artístico Cassiano Gabus Mendes. Mas isso só acontecia nos primeiros dias. Depois elas ficavam lindas, livres e soltas. Eram elas e elas. Seu chefe direto era Fernando Severino. Ei-las:

- **Nely Reis** - fez sucesso como a aeromoça da Varig. Era sua garota-propaganda. Depois foi apresentadora e em seguida voltou-se só para o turismo.
- **Marlene Mariano** - era mais ligada à moda. Era garota-propaganda, apresentadora e depois se tornou empresária de moda.
- **Ana Maria Neumann** - era garota-propaganda, atriz, apresentadora, mas formou-se em Direito e deixou a vida artística.
- **Marlene Morel** - muito risonha, era garota-propaganda e atriz, mas atriz cômica, pois não conseguia fazer nada sem dar grandes gargalhadas.
- **Neide Alexandre** - bonita pra valer, foi garota-propaganda, apresentadora e depois socióloga.
- **Meire Nogueira** – que mais tarde se formou em Direito, era garota-propaganda e, por muitos anos, apresentou programas femininos.
- **Elizabeth Darcy** – grande voz, também era garota-propaganda e apresentadora.
- **Vininha de Moraes** – apareceu um pouco mais tarde, mas fez sucesso e tornou-se jornalista das boas. Era também atriz.
- **Vida Alves** – também foi garota-propaganda das lojas Mappin, por pouco mais de um ano.

Rosa Maria, a primeira garota-propaganda (acima) e Nely Reis (abaixo), também garota-propaganda e apresentadora

- **Odete Lara** – era atriz, e foi a garota-propaganda que anunciou o Mappin e que ficou por mais tempo.
- **Jane Batista** – garota-propaganda, apresentadora de modas, é jornalista, profissão em que se formou, e é atuante até hoje.
- **Sonia Greiss** – também foi garota-propaganda dos primeiros tempos.

Várias outras fizeram comerciais, porque só então as agências de propaganda estavam se adaptando e fazendo filmes para a televisão.

A quantidade de comerciais de varejo foi crescendo. As moças chegavam a fazer de 10 a 15 comerciais por dia. Elas passaram a ser uma *coqueluche*, expressão da época. Vendiam como quem vende *pãozinho quente.*

Para isso usavam *dálias*, que não se sabe bem quem inventou, mas que logo se disseminaram. Eram cartolinas, colocadas ao lado da câmera e onde estava o texto, que as garotas-propaganda iam dizer.

É nada. No meu tempo não era assim, disse Marlene Morel*. Eu tinha, nós tínhamos que saber tudo de cor. Vou contar como foi a minha primeira vez. Uma loucura. De enlouquecer. A Sonia Greiss entrou em férias e eu fui chamada no departamento de publicidade e me disseram:* O Cassiano mandou você decorar isto*. E eu falei:* Eu não consigo*. Eu estava tão nervosa que lia a primeira linha e não conseguia ler a segunda. Eram dois comerciais das Lojas Isnard. O primeiro era um fogão, e o segundo um sofá e duas poltronas. Daí o Sr. Henrique Canalles, que era um anjo, era diretor de estúdio, falou:* Olha, Marlene, você não se preocupe. Eu vou ficar aqui abaixadinho e se você esquecer olha pra mim, que eu te dou o texto, eu falo*. Isso me aliviou. Daí acendeu a bendita luz da câmera e ele fez:* Fala*. E eu:* Boa-noite, telespectadores. Este maravilhoso fogão... *E deu aquele branco. Eu fiquei cega, surda e muda. Daí o Sr. Henrique falava:* Fala que tem quatro bocas*. Eu falava:* O quê? *Ele:* Fala que tem quatro bocas. Mas eu não estou ouvindo o que você está falando*. Ele falava:* Não fala*. E eu:* Fala ou não fala? *E ele:* Fala que tem quatro bocas*. E eu:* Onde? *E ele:* No fogão*. Olha, cortaram, porque me deu um... Eu queria morrer, porque tinha avisado pra todo mundo que ia aparecer na televisão. Eu queria morrer... Então falei:* Depois do papelão que eu fiz, eu quero ir embora*. Mas alguém chegou perto de mim e me deu, eu não sei bem o que era. Acho que era conhaque. Eu não bebia nada. Tomei tudo. Aquilo começou a girar, e eu falei:* Agora eu quero falar*. E o seu Canalles dizia:* Agora não é hora do comercial*. Só sei que, quando chegou a bendita hora, eu falei, lembrei o texto inteiro, sentei no sofá, tonta, tonta, achando tudo ótimo. Aí terminou e eles disseram:* Você foi muito bem*. E eu perguntei:* Então

tenho sempre que tomar um conhaquinho? *Seu Canalles:* Não senhora. Não vai tomar nunca mais*. E assim foi o meu primeiro comercial.*

E depois, fez muitos?

– Muitos. Fiquei no lugar da Rosa Maria, que foi para a Record. Fiquei fazendo a Tentação do Dia*. Fiz para a Mesbla, Clipper, Riachuelo, as grandes lojas da época. E nunca mais precisei beber na minha vida.*

As garotas-propaganda ditavam moda, eram imitadas, prestigiadas e recebiam bons pagamentos, pois, além dos salários da emissora, passavam a ganhar cachês dos patrocinadores. Era a glória!

Nem sempre, disse **Sonia Maria Dorce**, em seu depoimento ao Museu da Televisão Brasileira. *Eu fazia a* Gurilândia*, que apareceu na televisão desde o primeiro dia, e era uma extensão do* Clube do Papai-Noel*, do rádio. Eu usava roupas cedidas pela Madame Clô. E fazia os* shows *externos. Mas meu pai não permitiu que eu cobrasse um tostão de ninguém. Francisco Dorce, que era diretor musical desses programas, dizia que o meu era um dom divino, eu declamava, eu falava com tanta naturalidade, que não precisava cobrar. Quase semanalmente eu fazia* shows *para o Hospital do Câncer ou no Leprosário Santo Ângelo, para as crianças. Elas tinham as cabeças raspadas, bracinhos magros, era triste. Elas riam e eu declamava. O Lulu Belencase, grande escritor, ia conosco, escrevia poesias caipiras. Mas ninguém ganhava nada. Meu pai, Chico Dorce, nunca deixou ninguém cobrar nada.*

Eu fui garota-propaganda do Mappin, e ganhei extra, sim, diz Vida Alves. *Mas não foi tanto. Naquele tempo acho que ninguém ganhava muito em cargo nenhum. Nem os diretores ganhavam bem. Eu estava grávida novamente, de minha segunda filha. E o que me lembro é que fazia meu pedaço, atrás de uma mesa alta, para esconder a barriga. Todos foram sempre muito carinhosos comigo. E a gente ganhava, sim. Não era muito, mas ganhava.*

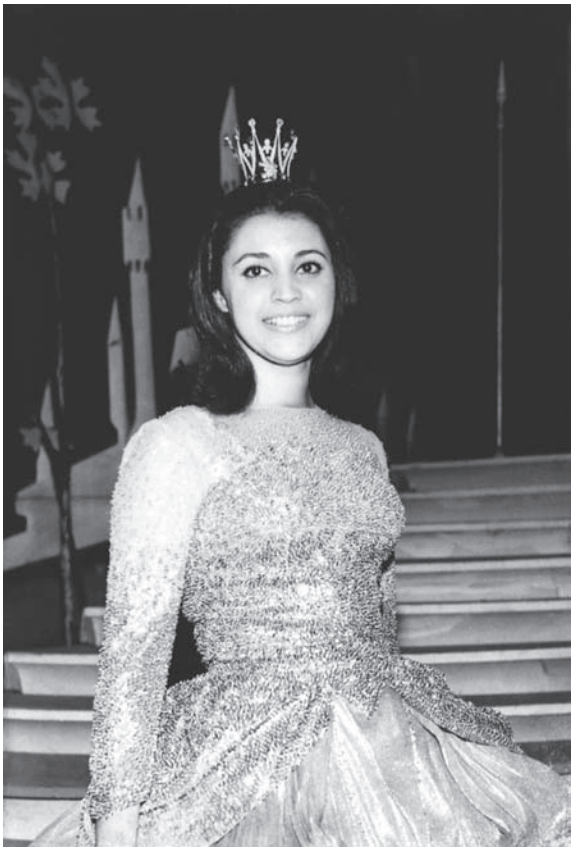
Curiosidade: Embora ser *garota-propaganda* tenha sido uma função só exercida por mulheres, pode-se afirmar, sem medo de errar, que foi o *garoto-propaganda* **Carlos Moreno**, que maior notoriedade obteve, como o *Garoto Bombril*. O segundo grande *garoto-propaganda* pode-se dizer que foi o ator Fabiano Augusto, grande sucesso, que promoveu as Casas Bahia.

As Dálias

A origem das dálias é meio obscura. No seu livro *Era uma Vez... A Televisão*, o meu amigo João Loredo, diretor de programas de emissoras de TV do Rio de Janeiro, diz que quem as inventou foi Fregolente, grande ator carioca, que era também médico e contador de piadas.

Garota-propaganda e apresentadora, Ana Maria Neumann

Cathy Stuart, atriz



Irenita Duarte, garota-propaganda

Os atores, sem tempo adequado para decorarem seus textos, muitas vezes os colocavam espalhados pelo cenários, nos móveis, nos objetos, nas plantas. E até nas costas dos colegas.

E eis que uma vez Fregolente colou seus textos em dálias, lindas flores, que enfeitavam o cenário, criado por Pernambuco de Oliveira, o primeiro cenógrafo da TV Tupi do Rio. Mas o diretor da peça, Mario Provenzano, não gostou do cenário. Mandou que fossem retiradas todas. Na hora de representar, uma vez em cena, Fregolente procurou suas colas, as flores, quer dizer, suas *dálias*. E, vendo-se perdido, se pôs a gritar: *Cadê minhas dálias? Cadê minhas dálias?* E o nome pegou.

Por muitos e muitos anos as dálias salvaram os artistas da televisão. As garotas-propaganda então....

Vida Alves e Jane Batista, apresentadoras

Beatriz Oliveira, garota-propaganda e atriz

Capítulo 26

Uma Grande Família

Todos sabem como é uma grande família, Há os pais, os avós, os tios, os filhos, os sobrinhos, os primos, os agregados, os amigos... Todos juntos é que formam uma grande família. Assim foi na TV Tupi de São Paulo, durante muitos anos. Ninguém perguntava quem era quem. Todos faziam parte da família. Família de coração.

Havia, porém, algumas famílias de sangue, inteiras, trabalhando ali dentro. Quando falamos do circo, não pudemos deixar de citar a família de **Walter Stuart**, Mora Stuart, Cathy Stuart, Henrique Canalles, Adriano Stuart, que depois fez carreira brilhante, como diretor de programas na TV Globo, além dos pais de Walter – Dona Oni e Sr. Canalles – que foram donos de circo e às vezes também apareciam na TV.

Vamos agora falar de outra família importante e querida de todos: a família de **Regis Cardoso**.

Vieram do Sul, onde faziam teatro. Norah Fontes, a mãe, era chamada carinhosamente de *Gaúcha*. E era muito bonita e jovem. Estava no rádio quando a televisão chegou. E participou também do filme *Quase no Céu*, de Oduvaldo Viana. Fazia par com Dionísio Azevedo como os pais de Vida Alves, no filme.

Norah Fontes trabalhava na Tupi com seus dois filhos: Renato, o mais velho, e Regis, o caçula. Estava em seu segundo casamento, com Armando Mota, que era locutor da rádio. Renato trabalhava nos esportes. Eram então quatro elementos de uma mesma família.

E Regis foi se criando por ali. *Xereta*, como ele mesmo diz, estava em todos os lugares. Era um adolescente vibrante, enxerido, que aparecia em tudo. Estava com 12 ou 13 anos, no início da TV. Sua função maior era tirar cópias no mimeógrafo, que era a álcool e dava o maior trabalho. Mas o menino era também contra-regra e às vezes... Bem, às vezes também era ator.

Quando houve a debandada, em 1951/52, para a Rádio Nacional e à seguir TV Paulista, Regis foi junto. Mas voltou para a TV Tupi em 1958. Já era diretor de novelas. Depois na Globo, foi um dos maiores profissionais da TV, dirigindo *Estúpido Cupido, Pecado Rasgado, Escalada, Anjo Mau, O Bem-Amado*. Regis Cardoso foi um orgulho para a grande família Tupi.

Regis Cardoso (à esquerda) contracena com Edson França na TV Tupi

Outras Famílias

Sidney Moraes, o cantor, também encaminhou para a TV Tupi toda a sua família: Geraldo, Jane... Bons cantores, tinham, porém, necessidade de sobrevivência e então aceitavam outras funções. Mas voltavam a cantar juntos, formando grupos, várias vezes. Mais tarde, quem se salientou por conta própria foi Jane, que, ao lado do marido Herondy, fez sucesso com muitas gravações. Sidney passou a ser Santo Morales, tendo feito turnês internacionais, cantando e gravando boleros. Grande moço, o Sidney desde jovem era responsável por seus irmãos.

Francisco Dorce era maestro, querido por todos. E ali também estavam sua filha Sonia, a estrelinha, e, algumas vezes, Márcia, a irmã menor. Linda família.

Lima Duarte, sua primeira esposa Marisa Sanches e suas filhas Débora, grande atriz mirim, e a menor, Mônica, que às vezes também fazia uma participação. Família unida, acima de tudo.

Parentes e Amigos São da Família

As Rádios e a Televisão Tupi – Difusora eram realmente uma família. Uma imensa família. Cada um em seu setor, cada um com seu chefe, com suas funções, mas todos juntos, em muitas horas do dia. Havia alguns lugares de encontro obrigatório. Entre eles o bar do Jordão.

O que era isso? Ora, o que o nome diz: um bar, que levava o nome do dono – Jordão. Um brasileiro simpático, simples, que arrendava um espaço dentro da rádio, e onde todos, mas todos mesmo, faziam refeições e tomavam constantes cafezinhos. *Vamos tomar café?* Era o mais freqüente convite do dia. E o passeio pelo corredor, pelo saguão, até o balcão do bar do Jordão, era uma distração. Todos aceitavam. Todos convidavam. E eram atores, diretores, técnicos, familiares... Sem crachá, sem nada. Certa vez, sentadas em volta de uma mesa estavam: a mãe da Hebe Camargo, da Lolita Rodrigues, da Vida Alves e da Lia de Aguiar, tomando um café, uma água, um chazinho e falando sobre suas filhas. Cada uma dizia que sua filha era isso e mais aquilo. Era a melhor. Claro. Conversa de mães, e mães bem corujas... Mas aquilo dava um jeito tão familiar ao ambiente...

Outro lugar de encontros, mas esse só masculino, era a barbearia do Lau. Lau era o Wenceslau. Magro, garoto, eternamente gentil, amigável. Não tinha homem das Emissoras Associadas que não freqüentasse a barbearia. Ali era um ponto. Piadas, fofocas, brincadeiras, desabafos. E o Lau sempre amável.

Dinheiro emprestado, dinheiro pago. Sempre ali, na barbearia. Muitos, mesmo não tendo trabalho naquele dia, não deixavam de ir ao Lau. Grande garoto, esse barbeiro, que até hoje tem sua barbearia, agora no SBT.

Ser costureira, marceneiro, iluminador, telefonista ou lá o que fosse era diferente, quando essas funções eram exercidas dentro da *rádio*, no Sumaré. Ninguém queria sair, ninguém queria mudar. E isso porque todos sabiam que faziam parte da grande família associada. Todos amavam trabalhar na Tupi, como genericamente se dizia.

Mais uma família importante. Não para o público, mas para a família associada em si, para ser mesmo considerada uma família. **Waldemar Lejac** estava ali desde o primeiro dia da televisão. Sua função era de iluminador, mas, por seu temperamento, atuava em tudo. Fazia projeção de filmes e outras coisas. Ficou nas Associadas por 15 anos. E ali colocou sua esposa, a querida dona Nina, a camareira, que cuidava de todas as atrizes, cantoras e convidadas. Sempre dedicada a todas. Primeira e única. Para servir. Conhecia a todas, sempre carinhosa, a dona Nina. Sua filha, Lourdes, trabalhava na cabine telefônica, no PBX. Aos 16 anos namorou e casou com o ator Nelson Guedes, que era assistente de Costalima e mais tarde de Walter Forster. O jovem casal teve uma filha, Ana Maria, mas Nelson Guedes morreu cedíssimo, e Lourdes ficou viúva, com menos de 18 anos. Muito tempo depois casou-se pela segunda vez com Jander Oliveira, técnico. Hoje o casal, com filhos e netos, é dono da Vídeo-Som, onde foram gravados os depoimentos dos pioneiros, para o Museu da Televisão Brasileira. Vida Alves os considera amigos, quase irmãos.

Adriano Stuart foi criado no circo. E ele fala sobre isso: *A vida familiar no circo é muito fraterna. As pessoas são obrigadas a se amparar umas às outras. Por exemplo, como os circos ficam 15 dias em um lugar, 15 em outro, não tínhamos como estudar. São os tios, os primos, os irmãos mais velhos, que ensinam os pequenos a ler e escrever. E as pessoas que trabalham em circo, independentemente de laços sanguíneos, acabam sendo uma grande família. E foi isso que aconteceu no início da Televisão Tupi. Como ficávamos juntos 24 horas por dia e tínhamos que apoiar uns aos outros, éramos realmente uma grande família.*

Um lugar que não se pode esquecer: a Padaria Real. Hoje tem outro nome. E não é mais padaria. Mas para os artistas, para os técnicos, para todos os funcionários da Tupi é sempre a querida e amiga Padaria Real, lugar de encontro, de papo, de preparo de idéias e, é claro, de uma cervejinha também, porque afinal ninguém é de ferro... Ah, saudade que dá, mesmo para quem nunca bebeu. Só ver a alegria e a união que todos sentiam ali...

Capítulo 27

O *TV de Vanguarda*

Apesar da perda de atores e diretores para a Rádio Nacional e para a TV Paulista, o elenco restante ainda era grande. E o espírito associado, o espírito da família Tupi, estava intacto. Surgiram várias idéias. Muita coisa a fazer.

A principal idéia foi criar o *TV de Vanguarda*. Foi **Walter George Durst**, com certeza, quem a concebeu. Ou foi o próprio Cassiano Gabus Mendes? Ou ainda terá sido Dionísio Azevedo, grande ator, ou até Lima Duarte, quase menino? Ou foram todos juntos? Mais Silas Roberg? Era um grupo. Todos apaixonados por cinema. Todos ligados à imagem. Foi resolvido então que, a cada quinze dias, iriam colocar no ar um teatro completo. E o título seria *TV de Vanguarda*. Sem dúvida iriam ousar.

De onde tirariam os textos? Do cinema, é claro. Do teatro também. De toda a dramaturgia. Por que não?

E quem faria as adaptações? Ora, eles mesmos. Os grandes profissionais das Emissoras de Rádio Associadas.

E os atores? Mas que pergunta! O elenco continuava enorme...

Lima Duarte: *E assim foi. No* TV de Vanguarda *desfilamos todo o repertório clássico do mundo. Anos após anos. 16 anos. Uma peça a cada 15 dias. Foi feito de tudo. Toda a obra de Shakespeare, de O´Neill, de Sartre, de Guimarães Rosa, de Pirandello, tantos... Não dá pra relacionar. Quando fomos fazer* O Julgamento de João Ninguém*, que foi o primeiro e em que eu fiz o João Ninguém, tinha um pedacinho de externa, um trechinho, que foi feito um filme de 16 mm, que partia, depois sumia, e o homem era encontrado. No meio do mato, desmemoriado, cansado, esse tal João Ninguém. Fomos filmar em Interlagos. Não tinha ainda o Autódromo de Interlagos. Era uma mata fechadíssima, um perigo andar por ali por causa dos bichos, cobras, tigres, sei lá...*

Assim, Lima Duarte, com seu temperamento lúdico, lembra com saudade o primeiro *TV de Vanguarda*, adaptação de Dionísio Azevedo. Tremendo sucesso. E os sucessos foram se seguindo, passando a ser programa obrigatório dos paulistanos, nos domingos alternados, às 9 horas da noite. O público adorava seus artistas, os venerava. E todos trabalhavam com o maior capricho possível. O importante era o tom. Era isso que mais marcava o *TV de Vanguarda*.

Como diz Walter Avancini: *Durst vinha de formação de cinema. Oduvaldo Viana tinha origem no teatro. O tom exigido pelo Durst era mais*

TV de Vanguarda*: Vida Alves e Cláudio Marzo em* A Dama das Camélias

adequado para um veículo de maior intimidade, como a televisão e o cinema são.

O Durst tentava trazer para a televisão o espetáculo mais visual, menos dependente da palavra, como se fazia pela cultura radiofônica ou teatral. A palavra estava no momento certo e tinha que ser no tom certo.

Aí um grande problema: **o ponto**. Os textos eram grandes, pois o espetáculo tinha duas horas de duração, ou mais. Muitas vezes textos clássicos. Havia necessidade do ponto. Este era o diretor de estúdio. Figura mais importante do espetáculo. O tempo de ensaio pequeno. Embora o elenco fizesse milagres, o ponto era a grande salvação. Ele ficava aos pés do ator, debaixo da mesa, da cama, da escada, onde desse para ficar sem aparecer. E acompanhava todo o texto, lendo o trecho que o ator esquecia. Mas muitas vezes o microfone pegava sua voz melhor do que o ator a ouvia. Verdadeiro drama. Motivo de grandes discussões e reclamações até do público. Os diretores de estúdio que mais se salientaram foram **Walter Stuart**, **David Neto**, **Henrique Canalles**. Verdadeiros heróis. Santos milagrosos. Venerados por todos os atores, que não viviam sem eles.

Apenas para citar, algumas peças do *TV de Vanguarda*: *Madame Butterfly, Dama das Camélias, O Idiota, De Repente no Último Verão, A Malvada, Henrique IV, A Grande Mentira, O Homem que Vendeu a Alma* (com Dionísio Azevedo e Lima Duarte), *E o Vento Levou, O Massacre, Corpo Fechado, A Hora e a Vez de Augusto Matraga, Os Meninos da Rua Paulo, Casa de Bonecas, Divórcio, O Garoto de Ouro, Hamlet, Romeu e Julieta, A Ponte de Waterloo, Macbeth, Ana Karenina, Helena* (de Machado de Assis), *Entre Quatro Paredes* (de Sartre), *A Noite Tudo Encobre, O Castelo do Homem sem Alma, Mulher sem Pecado, Calunga, Inocência, Crime e Castigo, Pigmaleão, A Grande Mentira, A Casa de Bernarda Alba, Canção Sagrada* e tudo o mais que se puder pensar.

Como disse Lima Duarte: *Tudo o que estivesse ao alcance dos olhos e dos sonhos. Estórias de época, estórias modernas, internacionais, clássicas, brasileiras, enfim, tudo, tudo.*

Por 16 anos ininterruptos o *TV de Vanguarda* esteve no ar. Citamos alguns, apenas para dar uma idéia da coragem e da ousadia dos produtores e diretores da TV Tupi. Não nos esquecendo que eram dois estúdios só. Muitas vezes complementados pelos corredores, pelos jardins, pelas escadas intermediárias. Verdadeira invasão, contanto que se pudessem adaptar as obras da melhor forma possível.

O *TV de Vanguarda* foi apresentado pela primeira vez, em **17 de agosto de 1952**, com a peça *O Julgamento de João Ninguém*, adaptada por

TV de Vanguarda*: Marcia Real e Manoel Carlos em* O Urso*, de Tchecov*

TV de Vanguarda*: Jussara Menezes e Fabio Cardoso em* O Castelo do Homem sem Alma*, de A. J. Cronin*

TV de Vanguarda*: Cassiano Gabus Mendes e Lia de Aguiar*

Glória Menezes, Aída Mar e Vida Alves em A Jaula

Dionísio Azevedo, e com Lima Duarte no papel-título. Era um conto que estava no *Queens Mister Magazzine* e em inglês é *John Nobody*. É a história do julgamento de um pobre-diabo. No papel de promotor, José Parisi. Heitor de Andrade era o juiz.

Curiosidade: O *TV de Vanguarda*, inicialmente, foi chamado de *Teatro de Vanguarda*. Foram Álvaro de Moya e Silas Roberg que convenceram Cassiano Gabus Mendes de que o espetáculo, mais que um teatro, tinha características próprias e deveria se chamar *TV de Vanguarda*. Cassiano se convenceu, e Walter George Durst também.

Os Atores

No *TV de Vanguarda* participavam quase todos os atores de televisão de São Paulo. Vamos tentar citá-los, mas, sem dúvida, iremos esquecer tantos... É que esse programa ficou no ar por 16 anos consecutivos, e como as peças eram muito variadas e longas, seus elencos também eram variados e múltiplos.

Vamos lá:

Cassiano Mendes, Lima Duarte, Lia de Aguiar, Heitor de Andrade, Vida Alves, Henrique Martins, Laura Cardoso, Dionísio Azevedo, Fabio Cardoso, Francisco Negrão, Márcia Real, Walter Avancini, Erlon Chaves, Sonia Maria Dorce, Flora Geny, Araken Saldanha, Percy Ayres, Glória Menezes, Maria Cecília, David Neto, Marly Bueno, Miriam Simone, Fernando Balerone, Amilton Fernandes, Tarcisio Meira, Geny Prado, Norah Fontes, Regis Cardoso, Aída Mar, Elíseo de Albuquerque, Guy Loup, Anita Greiss, Rogério Marcico, Rildo Gonçalves, Walter Stuart, Marisa Sanches, Xisto Guzzi, Lolita Rodrigues, Wilma Bentivegna, Adriano Stuart, César Monteclaro, Cathy Stuart, Augusto Machado de Campos, Annamaria Dias, Juca de Oliveira, Carmem Marinho, Néa Simões, Olívia Camargo, Wilson Fragoso, Lisa Negri, Patrícia Mayo, Suzana Vieira, Paulo Figueiredo, Aldo César, Léa Camargo, Norma Blum, Tereza Campos, Eduardo Abas, Marcos Plonka, Rita Cleós, Débora Duarte, Clenira Michel, Elias Gleiser, Ana Rosa, Helio Souto, Maria Luiza Casteli, Eva Wilma, John Herbert, Benjamin Cattan, Wanda Kosmo, Guiomar Gonçalves, Tony Ramos, Dennis Carvalho, Jaime Barcelos, Jussara Menezes, Bárbara Fazio, Turíbeo Ruiz, Cleide Yaconis, Patrícia Ayres, Sonia Greiss, Gianfrancesco Guarnieri, Dina Sfat, Luiz Gustavo, Marlene França. Araci Balabanian, Luiz Orione, Lídia Costa, Nidia Licia, Célia Camargo, Altair Lima, Célia Rodrigues, Lídia Vani, Zuleika Pinho, Domitila Gomes da Silva, Cidinha de Freitas, atriz mirim, Mário Alimari...

Meu Deus! Terei esquecido alguém? Por certo que sim. Não há como relacionar todos, principalmente nos baseando só na memória, essa

ingrata, injusta, falha, falsa, fraca parte de nós, seres humanos. É o que somos. Por mais que queiramos, é o que é. E sei que nos amam como somos.

O *TV de Vanguarda* foi o grande celeiro de atores no Brasil. Dali saíram aqueles que iriam povoar e encantar todos os elencos teatrais televisivos do Brasil. Foi uma escola. Uma grande escola da arte de representar na tela pequena, na televisão.

O Material

As dificuldades da época não eram só técnicas. Eram materiais, de todo tipo.

Diz Luiz Gallon: *O Walter George Durst foi o grande produtor do* TV de Vanguarda*, que naquele tempo era ao vivo. Durst chegava na hora do ensaio, com malas e malas cheias de coisas, que ele trazia de casa: trazia lençol, cobertor, tudo que a televisão não tinha. Os artistas é que forneciam tudo. Eles lavavam as roupas que vestiam. A televisão não tinha nada. A minha mãe, quando assistia televisão, falava:* Olha lá onde é que foram parar as minhas toalhinhas de crochê. *Estava tudo em cima das mesas, nos cenários da televisão. A PRF3-TV, quando inaugurou, tinha três câmeras, então tinha três cameramen. Tinha o operador da mesa, operador de microfone, técnico que ajustava. Essa era a parte técnica. Mas na parte artística, o Cassiano era o diretor; o Jacchieri, o primeiro cenógrafo; o José de Alcântara, o primeiro ceno-técnico, que era o marceneiro que fazia os cenários, e como assistente da direção artística, tinha eu. Como assistente eu fazia o quê? Eu era o faz-tudo. Eu ia na Casa Teatral alugar roupas, mas só roupas de época. Eu ia nas lojas de móveis, pedia emprestado e procurava as pessoas conhecidas, para os adereços, para botar em cima dos móveis. Era a maior dureza.*

Diz Vida Alves: *Também eu levava tudo de casa. E isso durou muitos anos. Lembro que levei uma piscina portátil de borracha, das minhas crianças. Ela foi colocada no estúdio. Água dentro, terra e mato em volta, e parecia um grande lago. Era difícil, mas a gente achava isso tudo tão natural...*

O desenhista Armando Sá observa o funcionamento do GT (Graytellop) ao lado do operador de telecine Watanabe

Câmeras e equipe técnica fazem transmissão esportiva no Estádio do Pacaembu

Capítulo 28

O Cinema

Desde o começo, e sempre, o cinema ajudou a televisão. Muita gente até hoje faz da TV o seu cinema em casa. E os programadores sabem disso. Reservam sempre vários horários para os longas-metragens. Sem contar que há redes de canais a cabo especializadas só nisso. É um filme atrás do outro, nas 24 horas do dia.

Mas a colaboração que o cinema deu, nos primórdios da televisão, não se restringia apenas a isso. Era o celulóide, a película mesmo, que fazia grande parcela da programação, principalmente no que tangia ao telejornal. Devemos lembrar que não havia *videoteipe* e que toda a externa tinha que ser filmada.

Antonio Vituzzo era garotão em 1950. Paulistano, nascido e criado no bairro do Cambuci, vivenciou bem esse fato, pois ele era o diretor da empresa Saturno, que era constituída por cinco rapazes, que, como ele, estavam com 20 anos. Desde os seus 16 anos, Vituzzo já possuía sua máquina e seu projetor de filmes. E quando, em 1950, ficou sabendo que a televisão ia ser inaugurada em São Paulo, procurou os diretores da TV Tupi e se colocou à disposição deles, para o fornecimento de filmes virgens, rolos de filmes, que eram depois rebobinados e usados em reportagens. E assim ele era o grande fornecedor da emissora. Fez amizade com Wilson Menin, Armando Cavalier, Antonio Giurno, João Gimenez, e José Alfredo Machado de Assis, posteriormente.

E seu grande orgulho é seu profissionalismo: *Nunca deixei faltar um metro de filme. Quando percebia que os importadores estavam se atrasando, eu mesmo mantinha contato com os americanos, e fazia a importação do celulóide. Comprava da Kodak, da Dupont, da Gevaert. Na emissora o cinegrafista recebia o filme, fazia a reportagem, voltava, entregava o material para a edição. Esses filmes, já editados, iam para o telecine, que recebia a imagem ótica e mandava eletronicamente para a saída de TV, e aí já ia para todos os lares. Passava para o processo eletrônico,* disse Antonio Vituzzo.

Você vendia também filmes artísticos?
– Alugava. E achei um sistema prático e camarada. Deixava o meu material na emissora, eles usavam o que queriam e no fim do mês me relatavam o que tinham usado. E aí fazíamos a prestação de contas.

Trabalhava em consignação?
– Acordo de cavalheiros. Camaradagem. Eu também fazia parte daquela grande família.

E quais os desenhos animados, que passavam no começo?
– Lembro-me do Andy Panda, Woody Pecker, o Pica-Pau. Eram os mais procurados. E também alugávamos muitas vezes filmes de Chaplin, Gordo e Magro, Abbott e Costello. Era uma programação leve e agradável.

Wanda Kosmo, atriz e diretora, e David Neto, ator

Capítulo 29

A Conquista do Mundo

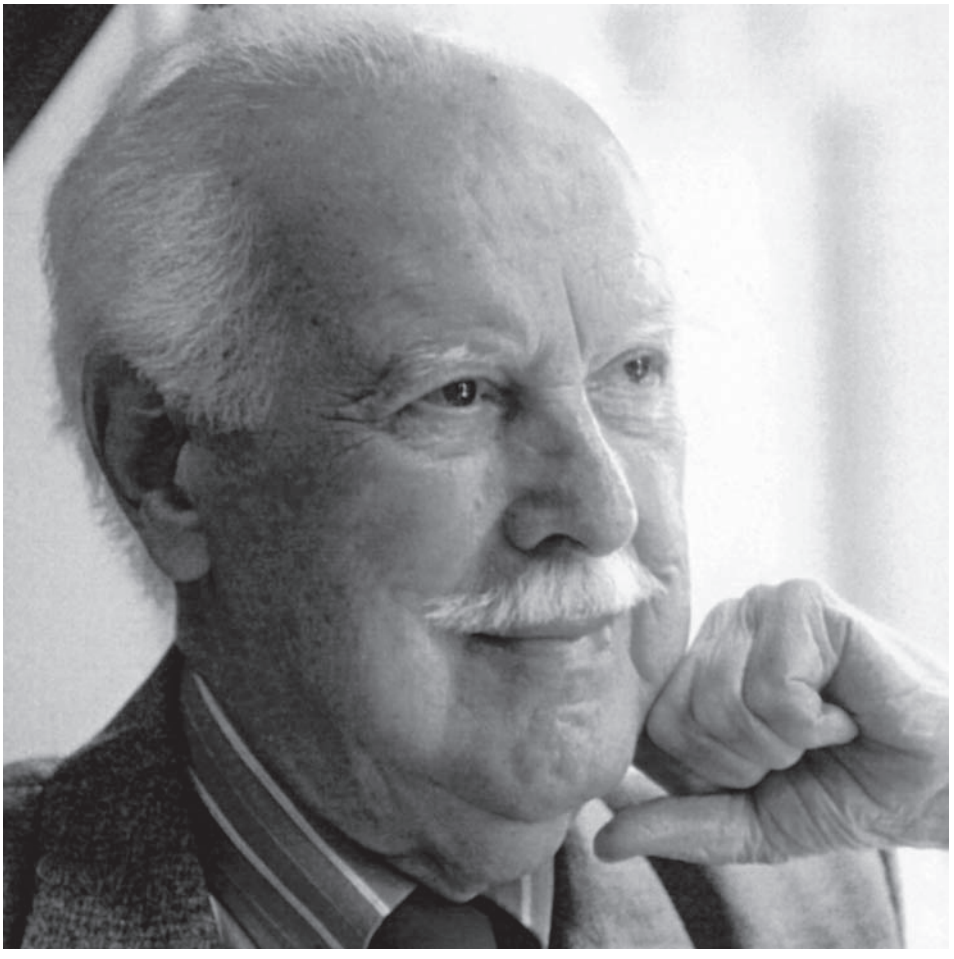
Era um rapaz elegante, gentil, inspirava simpatia. Mas seus olhos eram vivos e inteligentes, de quem sabe das coisas. Eu o vi uma tarde, andando às pressas, perto da igreja da Consolação, São Paulo. Paramos para falar. Quis lhe dar um abraço, sempre gostei tanto dele... Não pude. Ele sobraçava várias latas grandes de filmes, que levava não sei pra onde. Mas seu carinho e fala gentil, guardei para sempre.

Jorge Adib, de quem falo, era de uma agência de propaganda. Na época não sei se Colgate-Palmolive ou Multi. Mas sei que era publicitário e, como vários deles, enfronhado entre nós, fazendo parte da família. Ele vendia, que eu saiba, o famoso seriado *Rin-tin-tin*, que era campeão de audiência em todos os horários. E tomava conta de vários programas mais.

Anos depois eu o convidei para participar de um programa meu, *Vida em Movimento*, na Gazeta, e que teria a honra de ser o primeiro programa em cores, em São Paulo. **Era o dia 13 de março de 1972.** Ele veio, sempre gentil e carinhoso. Ainda com aqueles olhos vivos de quem sabe o que quer e é vencedor. Mais tempo se passou e sei, através da crônica escrita por ele no livro *50 x 50*, de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que ele tinha conseguido mudar o rumo dos ventos. Seguindo o gancho aberto por Luiz Eduardo Borguetti, e ampliando cada vez mais, agora Jorge vendia, para os estrangeiros, os filmes brasileiros de maior sucesso. Claro que novelas, seriados, minisséries e tanta coisa boa.

Jorge Adib conta: *Coisa gostosa termos mudado a direção dos ventos, levando para longe, para colocar neste mundo de Deus o* brazilian way of life*, nossas belezas naturais, a alegria de nossa gente, o talento de nossos atores, diretores. E vendo nossos produtos na frente deles, ganhando em audiência. Fenômenos como* Gabriela, Escrava Isaura, Malu Mulher...

A emoção toma conta de mim, ao ler e saber de seu sucesso. Sua figura jovem, radiosa, de rapaz, carregando os rolos de filmes, me vem à mente. E me vem ainda o desejo de lhe dar aquele abraço que eu não dei, por absoluta falta de espaço, entre seus braços. Parabéns, amigo Jorge Adib. Parabéns, televisão. Parabéns, Brasil.



Mauricio Loureiro Gama, jornalista

Capítulo 30

Jornalismo, Informação Sempre

A televisão foi implantada no Brasil por um jornalista, Assis Chateaubriand. E ele dizia: *Somos um batalhão, a serviço da informação, pelo bem do Brasil.*

Há quem não goste de televisão. Mas não há quem não goste de jornalismo em televisão. De manhã, na hora do almoço, no meio e no fim de todas as noites, as emissoras têm os seus noticiários. Hoje há os canais de jornalismo 24 horas, cujo pioneirismo foi da CNN americana.

Vindo das emissoras de rádio e dos jornais escritos, o jornalismo eletrônico uniu todo o Brasil e todo o mundo. Hoje, se uma bomba explode no leste do mundo, seu estrondo é ouvido no oeste do planeta, no mesmo segundo, graças ao milagre da televisão.

Nem sempre foi assim. A TV Tupi de São Paulo criou o *Imagens do Dia*, logo na noite de estréia. Mas teve que preparar o material com antecedência, pois tudo era gravado em filme. **Paulo Salomão**, **Jorge Kurkjian**, **Alfonso Zibas** e o redator **Ruy Rezende**, eram os responsáveis por esse programa, que, sem hora marcada, entrava no ar todas as noites, informando, mostrando imagens, colocando o jornal na televisão. A televisão percebeu, logo no primeiro dia, que sua vocação era informar. E foram então buscar – nos jornais escritos, nas emissoras de rádio, nas agências noticiosas do mundo inteiro, – os profissionais para o novo veículo.

O Primeiro Cronista Político

Maurício Loureiro Gama, embora já tivesse cabelos grisalhos, era moço. Nascido em Tatuí, interior de São Paulo, em 1912, estava então com 38 anos, e já era *veterano* na imprensa escrita, na qual começou com menos de 20 anos, como *foquinha*, tendo como pagamento por um dia de trabalho, quando começou, só um sanduíche, pra não morrer de fome. E assim era obrigado a acumular vários empregos. Trabalhava no *Diário de São Paulo*, no *Diário da Noite*, no *Correio Paulistano*, em *A Gazeta*, no *Tempo*, no *A Hora*, na Rádio Tupi de São Paulo, tudo ao mesmo tempo.

Então ele foi crescendo. Sempre muito bem informado, começou a escrever sobre política. Logo descobriu, em si, uma veia crítica. Educado, bonito, charmoso, fazia sempre boa figura. Foi uma crônica que criou na Rádio Tupi, às 10 horas da noite, que lhe deu mais notoriedade. Era o *Ponta de Lança*. Crônica lida pelo melhor locutor da época, **Homero Silva**. O programa já estava no ar havia dez anos, quando veio a televisão. Maurício fazia a cobertura da Assembléia Legislativa de São Paulo. Costalima, o diretor-geral das Emissoras Associadas, chamou-o e disse: *Você vai levar esse programa para a televisão.*

Mauricio se espantou, é claro, mas ficou feliz. Conhecia a personalidade das principais figuras do cenário político da época e escolheu Jânio Quadros, para sua primeira crônica. Jânio havia recebido um murro na cara, na Câmara Municipal de São Paulo, e saiu sangue. E ele deixou aquilo no rosto e mostrava para todo mundo. *É o sangue do povo, é o sangue do povo.* Foi o que Mauricio contou em seu depoimento ao Museu da Televisão.

Eu escrevi sobre isso. E li na televisão, na minha crônica, que se chamava Em Dia com a Política*. Achei que foi bom, tudo mais, mas aí, no dia seguinte, aconteceu um fato que mudou a minha vida. Eu estava descendo a rua Marconi, e já entrando na rua 7 de Abril, onde eram os Diários Associados, quando uma mulher de cinqüenta e poucos anos, simpática, me parou e disse:* Eu vi o senhor ontem na televisão. Eu o reconheço porque o senhor tem cabelos grisalhos. Mas eu quero dizer que o senhor é um homem insolente*. Eu me espantei.* Insolente, como? O senhor não me consultou. O senhor poderia ter trocado idéias comigo e não fez nada disso. Mas como é que eu podia fazer isso? É televisão! *E a mulher disse:* Perguntando: o senhor gostou? E a senhora, o que pensa sobre isso? Enfim, olhando para mim, que estava olhando para o senhor. Eu sei o que digo. Eu morei em Nova York e sei como fazem televisão.

Fui para a redação, depois para casa, só pensando no que tinha me falado aquela mulher. Rasguei a crônica que tinha feito para aquela noite e pensei, pensei... Mandei colocar uma máquina de escrever no estúdio. Decorei toda a minha crônica. Fingi que estava acabando de escrever, tirei o papel da máquina e conversei com o telespectador sobre o assunto da crônica. Foi uma beleza. Todos gostaram. No dia seguinte, Assis Chateaubriand me chamou e disse: Parabéns. O senhor foi o único que entendeu como se faz televisão. *E eu, dentro de mim, agradeci imensamente a mulher que me chamou de insolente.*

E a equipe ?

Aí é que está, continua Mauricio Loureiro Gama. *Não tinha elenco, produtor do jornal. Eu produzia, eu datilografava, eu dizia, era tudo eu. Aí, com o passar dos tempos, o jornal foi ficando maior, tinha colunas e era complicado fazer tudo sozinho. Aí eu comecei a mostrar o que diziam outros jornais. O* Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, o* Jornal do Brasil*,* O Estado de S. Paulo*, e isso já ia engrandecendo o jornal a que dei o nome de* Revista Diária dos Diários e Revistas*, um jogo de palavras. Uma maneira que inventei de preencher o tempo, sempre eu mesmo. E assim acho que foi nascendo e crescendo, ficando mais nítido como jornal. Era o embrião do que é hoje. Esse jornal passou a se chamar* Diário de São Paulo na TV*. Era apresentado às oito e meia da noite, diariamente.*

Os Primeiros Repórteres e Locutores

José Carlos de Moraes, desde logo, ganhou o apelido de *Tico-Tico*. Nascido na cidade de Angatuba, interior de São Paulo, perdeu o pai quando tinha 13 anos, e foi criado pela mãe, a professora Maria Zoraide de Camargo. O rapaz passou a ser o chefe da família. Decidido, levado, alegre, brincalhão, era conhecido como *Zé do Né*, que era o apelido de seu pai.

Seu primeiro contato com o jornalismo foi com José de Freitas Nobre, uma figura impoluta da política brasileira. Logo Zé Carlos disse que gostaria de falar em microfone. O que atrapalhava era o *sotaque* caipira. E ele então começou a trabalhar na Agência Nacional e *berrava* as notícias ao telefone, pois aí o sotaque não atrapalhava. E assim foi sendo conhecido nos jornais do interior, que anotavam seus telefonemas e os publicavam.

José Carlos de Moraes foi aluno da famosa deputada Chiquinha Rodrigues. De um lado Freitas Nobre e de outro, Chiquinha Rodrigues, iam lapidando o rapazinho falante, que queria ser locutor, repórter, cantor, qualquer coisa servia. Acabou por entrar também na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e lá se deu muito bem. Não nos estudos, mas nas Caravanas Artísticas. Em menino tinha participado do programa de Sylvia Autuori, a Tia Chiquinha, que logo implicou com seu sotaque, com seu ***r*** caipira. E ele então começou a cantar, e todos perceberam que o garoto era mesmo um *Tico-Tico*, que pulava de cá para lá. Nas Caravanas do Centro XI de Agosto cantava emboladas, sempre saltitante. Quanto à faculdade, é bem verdade que demorou, mas acabou se transferindo para Niterói, onde se formou – *Apenas para dar esse presente para minha mãe*.

Começou, finalmente, a trabalhar em emissoras de rádio. Rádio Educadora Paulista, Rádio São Paulo, Rádio Bandeirantes, Rádio Panamericana e depois a TV Tupi de São Paulo.

Era um caminhão enorme. E era com ele que eu fazia as reportagens. E eu ia para todos os lugares. No começo só em São Paulo, depois no Vale do Paraíba, depois no Rio de Janeiro. O Jorge Edo ia bolando e eu ia fazendo. Eu me empolgava. E depois fui pelo mundo. Estados Unidos, toda a Europa, União Soviética, tudo. Eu estive em tudo. Estive em todos os cantos da vida, em todas as esquinas, em todos os bares do mundo.

Baixinho, cara-de-pau, olheiro, foi em dos maiores repórteres do Brasil. Entrevistou o presidente John Kennedy, Carmem Miranda, Getúlio Vargas, Fidel Castro, Oliveira Salazar, o presidente Eisenhower e todos os papas de sua época. Foi repórter por 55 anos consecutivos. Chamado de *Tico-Tico*

Jornalistas da TV Tupi de São Paulo: Enéas Machado de Assis, Tico-Tico*, Carlos Spera, Heitor de Andrade e Heitor Augusto, entre outros, na inauguração de Brasília*

O repórter Tico-Tico, em propaganda do programa Bolso de Repórter

pelos brasileiros, *Taico-Taico* pelos americanos, *Ticot-Ticot* pelos franceses, e sabe-se lá mais o que, no resto do mundo, José Carlos de Moraes saiu do interior de São Paulo e conquistou o mundo, literalmente!.

Toledo Pereira foi o primeiro apresentador de telejornal no Brasil. Apresentava o *Mappin Movietone*.

Nascido em Itajubá, Minas Gerais, em 2 de setembro de 1922, entrou para o rádio em 1943. Era um dos locutores do *Grande Jornal Falado Tupi*, sob a direção de **Corifeu de Azevedo Marques**. Quando veio a televisão, foi escolhido para apresentar o primeiro telejornal com o horário fixo, que teve o nome de *Telenotícias Panair* e, mais tarde, *Mappin Movietone*. Sempre ligado ao jornalismo, Toledo Pereira foi diretor de jornalismo da Rádio Morada do Sol, de São Paulo.

Maria Edith Mendes, irmã de Cassiano Gabus Mendes e filha de Otávio Gabus Mendes, radialista, foi a primeira repórter de rua, e em 1956 cobriu o Grande Prêmio do Jóquei Clube de São Paulo, pela TV Tupi.

Carlos Spera nasceu em São Paulo, em 15 de junho de 1929. Começou sua carreira jornalística no jornal Hoje, indo depois para o jornal *A Hora*. Só então foi para os Diários Associados. Entrou na Rádio Difusora, fazendo o programa *Ronda dos Bairros*. Foi quando se revelou como repórter irreverente, rápido, independente, que tentava sempre a melhor posição, para dar uma boa notícia. Muito prestigiado, logo subiu no conceito do público e de seus colegas. Passou para a TV Tupi, e junto com *Tico-Tico* fazia coberturas para todos os telejornais, inclusive para o *Edição Extra*, primeiro jornal vespertino da televisão, que era ancorado por Mauricio Loureiro Gama.

Fez muitas entrevistas internacionais, mas ficou famoso quando, junto com *Tico-Tico*, atirou-se em cima do carro do presidente John Kennedy, para lhe arrancar as últimas notícias e lhe perguntar sobre sua vinda ao Brasil. Nada temia. Tudo ousava. Ele e o colega poderiam ter sido metralhados pela segurança do presidente americano. Quando perguntado por que agia assim, com naturalidade, respondia: *Porque essa é a minha profissão. Sou repórter.*

Carlos Spera morreu cedo, aos 36 anos de idade. Foi o grande repórter do Brasil. Seu nome foi dado à rua que é uma das laterais da TV Cultura, emissora onde trabalhou e pela qual fez muito.

Kalil Filho, vindo de família grande, que imigrou do Oriente para o Brasil, era admirado por todos os colegas, por seu temperamento afável e sua educação. Sorria com facilidade, mas levava seu trabalho a sério, tanto na rádio, onde começou, quanto na televisão.

Em 17 de junho de 1953 foi convocado para ser o *Repórter Esso*, de São Paulo. Por sua voz, sua dicção, seu rosto bonito, ganhou conceito e respeito. Falava para todo o Estado, já que a televisão, aos poucos, foi ganhando abrangência. Chegou mesmo a ser assistido nos estados vizinhos, no tempo em que ainda não havia satélite e nem redes e poucas emissoras no interior do País.

Dalmácio Jordão era o *Repórter Esso* da rádio, mas Kalil o substituía em caso de necessidade e vice-versa, isto é, às vezes Dalmácio aparecia na televisão.

Por 17 anos, o *Repórter Esso* ficou no ar. Nunca faltou em pontualidade. E essa marca revolucionou o telejornalismo. Quando o programa foi extinto, e Kalil Filho passou para a TV Bandeirantes, continuou um nome importante do cenário jornalístico e era ainda lembrado como *O Primeiro a Dar as Últimas* e *Testemunha Ocular da História*, bordões criados pelo Repórter Esso, que continuava na memória e na saudade de todos.

Kalil Filho ganhou em São Paulo a mesma notoriedade que Gontijo Theodoro conquistou no Rio de Janeiro, e era chamado de *Repórter Esso*.

Kalil Filho morreu, em um acidente automobilístico, na década de 70.

Saulo Gomes, de família humilde, praticamente um autodidata, desde as primeiras letras. Teve todo tipo de emprego, inclusive o de *engolidor de fogo* num circo de sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Começou trabalhando em serviço de alto-falantes, passando depois para rádios. Esteve nas Rádios Continental e Tupi, do Rio de Janeiro. Depois televisão. Ingressou na TV Tupi de São Paulo em 1964, já com bastante estrada rodada. Salientou-se sempre na apresentação de programas e temas polêmicos, tendo sido diretor de emissoras, como a Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro. Seu maior furo foi quando entrevistou o médium Chico Xavier, que foi sucesso no Brasil inteiro. Saulo Gomes esteve em várias outras emissoras. Hoje está mais sossegado, com 6 filhos e vários netos, mas continua sempre o grande repórter, que sempre foi.

Edição Extra

Nos primeiros anos, toda a programação era noturna. À tarde não existia nada, mas, aos poucos, a programação foi crescendo. E nasceu a *Edição Extra*, o primeiro jornal da tarde. **Mauricio Loureiro Gama** era o âncora, o responsável. E ***Tico-Tico*** era o repórter.

Os dois faziam juntos uma bela programação, que logo depois foi seguida por todas as emissoras. E havia ainda uma simpática locutora, de

voz grave e bonita, para ler o noticiário. Era o ano de 1960. O *Edição Extra* era das 12h30 às 13 horas. E foi até 1964.

Aí houve a revolução de 31 de março, que modificou o cenário político do Brasil. Foi quando José Carlos de Moraes deixou as Associadas e foi para outra emissora. Percebendo-se sozinho, Mauricio Loureiro Gama procurou Vida Alves, e ela tornou-se sua parceira no *Edição Extra*. Tinha o direito de escrever sua própria crônica, sobre assuntos gerais, principalmente os ligados à cidade, ou à mulher, no sentido mais moderno. Vida Alves, embora não sendo jornalista, e sim advogada, sempre gostou dessa atividade. E chegou a dizer: *A* Edição Extra *é a menina dos meus olhos.*

Mas, em 1968, quando foi instituído o AI-5, Vida Alves escreveu uma crônica sobre o deputado federal Marcio Moreira Alves, que não pôde ir ao ar, por motivos políticos. E aí Vida deixou o *Edição Extra*, e só anos mais tarde participou do jornal de Hélio Ansaldo, na TV Record de São Paulo.

Em 1967, os Diários Associados, incluindo os jornais e a TV Tupi, marcaram um grande gol no jornalismo. Foi a única equipe do mundo a registrar a chegada do helicóptero com o corpo de Che Guevara, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Na equipe, o cinegrafista **Walter Gianello**, o fotógrafo **Antônio Moura** e a grande jornalista veterana **Helle Alves**, irmã de Vida Alves. *Faro jornalístico* de primeira! Jamais igualado. Grande equipe!

Tico-Tico, Roberto de Almeida Rodrigues e Mauricio Loureiro Gama apresentando o Edição Extra

Homero Silva no Clube do Papai-Noel. Na frente, à esquerda, a menina Sonia Maria Dorce (sentada)

Capítulo 31

A Criança, o Jovem, a Aventura

Homero Silva fez seu nome em cima de um programa de rádio feito para crianças e por crianças. Ia ao ar pela PRF3 – Rádio Difusora de São Paulo. Era o *Clube do Papai-Noel*.

Homero Silva, ainda jovem, sério e magro, era chamado por todos de Papai-Noel. Esse programa, que ficou no ar por muitos e muitos anos, lançou muitos artistas, entre os quais Hebe Camargo, Vida Alves, Erlon Chaves, Zilda de Lemos, Wilma Bentivegna, Lia de Aguiar, Walter Avancini, Sonia Maria Dorce. Um eterno sucesso.

No primeiro dia da televisão, Homero Silva, que foi o apresentador oficial da solenidade e do programa artístico, apresentou também um *flash* do *Clube do Papai-Noel*, que mais tarde recebeu na televisão o nome de *Gurilândia*. E, como no rádio, as crianças cantavam, dançavam, declamavam.

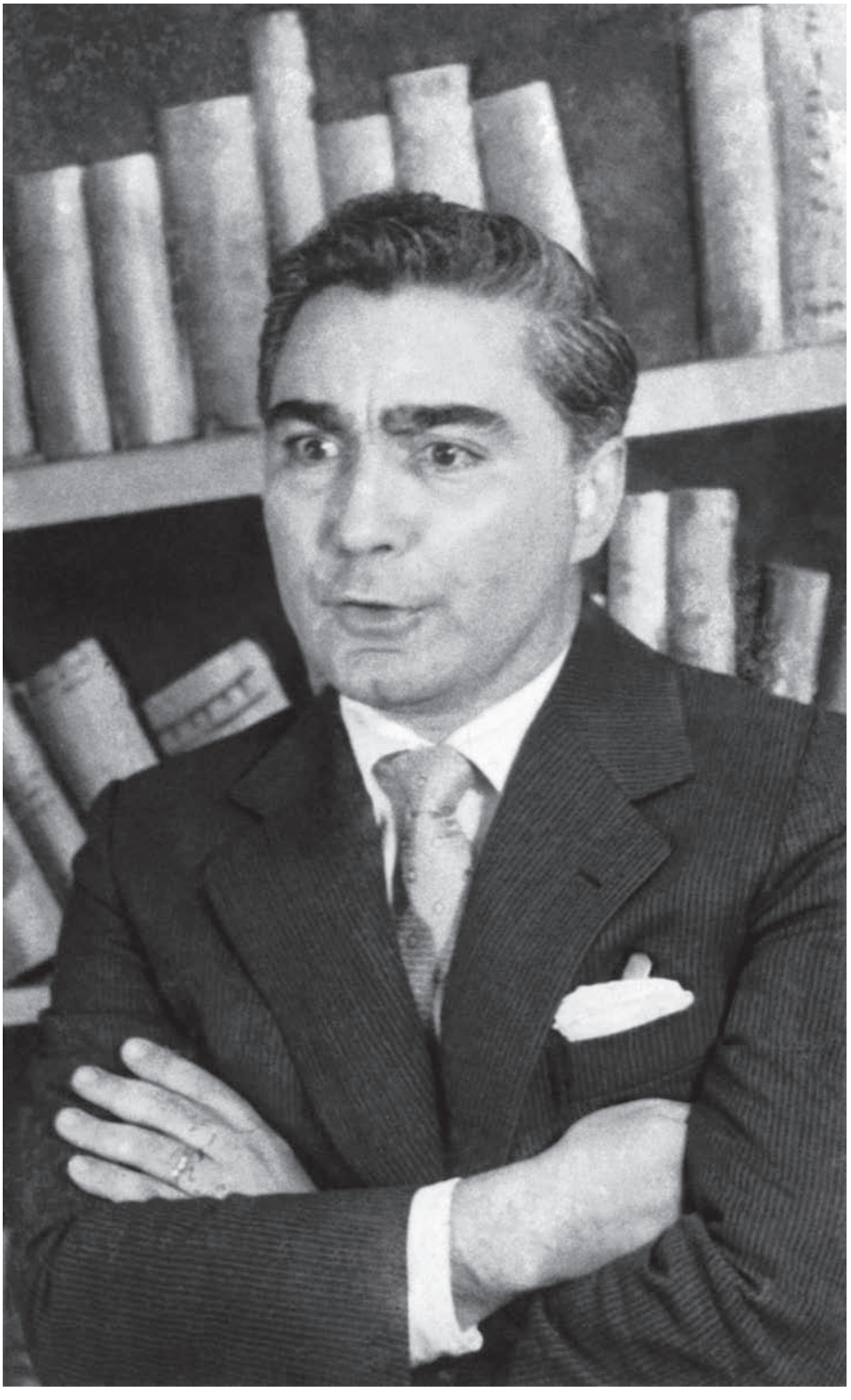
Foi, porém, em 1952 que Cassiano Gabus Mendes resolveu investir no público infantil, e procurar o Tesp – Teatro Escola de São Paulo. Seus diretores eram o médico psiquiatra e educador **Júlio Gouveia** e sua esposa, **Tatiana Belinky**. Nascida em São Petersburgo, em 1919, Tatiana veio para o Brasil aos 10 anos. Aqui viveu, trabalhou e se casou com o moreno bonito, de nome Júlio Gouveia. E só quando já tinha seus dois filhos é que começou a trabalhar como roteirista, nos teatros infantis, onde o marido era diretor.

A visita do jovem diretor artístico da televisão, porém, modificou a vida deles, pois se o trabalho no Tesp tinha um ritmo, por certo esse foi acelerado, quando deram o *sim*, e se comprometeram a trabalhar com Cassiano. Eram independentes, mas não tanto, isto é, se não tinham vínculo empregatício, tinham esse vínculo maior, que é o do compromisso, da palavra empenhada, da honra.

De 1948 a 1951 o casal apresentava montagens nos teatros da Prefeitura de São Paulo. E, a partir de 1951, por 13 anos consecutivos, apresentaram trabalhos na TV Tupi de São Paulo.

O primeiro trabalho televisionado foi *Os Três Ursos*, já nos estúdios do Alto do Sumaré, em 1952. Era um programa dirigido às crianças, que começou se chamando *Fábulas Animadas*.

Mas o casal conheceu pessoalmente o grande autor infantil **Monteiro Lobato**. Olhos negros, sobrancelhas cerradas, a simpatia foi recíproca. Gostaram-se logo. Entenderam-se bem e Lobato autorizou o casal a



Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, que trouxeram o Sítio do Pica-pau Amarelo *para a Tupi*

lançar sua obra no rádio e na televisão, que ainda nem existia. Resolveram depois lançar *O Sítio do Pica-pau Amarelo*. Esse era um programa semanal, mas já em horário nobre. O encantamento que esse trabalho suscitou a todos foi uma revolução.

A inteligência de Tatiana para escrever, a simpatia de Júlio Gouveia para apresentar, o elenco sensacional que reuniram, marcaram época.

O primeiro Pedrinho foi David José. A primeira Narizinho, Edi Cerri, e a primeira Emília, a sensacional e nunca igualada Lúcia Lambertini. Ainda que já sendo mocinha, Lúcia fazia uma boneca perfeita, cheia de trejeitos, de movimentos, de encantamento.

O resto do elenco também era de primeira grandeza, com Suzi Arruda, como Vovó Benta; Benedita da Silva, como Tia Anastácia; Hernê Lebon, como Visconde de Sabugosa, e outros.

David José conta que fez Pedrinho de 1955 a 1959, sendo que até hoje, mesmo sendo PhD em História, é por muitos chamado de Pedrinho.

O Sitio do Pica-pau Amarelo, com a primeira edição de Tatiana Belinky e Júlio Gouveia, depois foi para o Rio de Janeiro, na TV Globo, e encantou outras gerações. Ali o diretor-geral era Geraldo Casé, e o diretor da série era Mauricio Shermann. Zilka Salaberry foi a Vovó Benta de maior sucesso nacional.

A terceira edição, ainda na Rede Globo, teve Nicette Bruno como Vovó Benta. Essa edição usa recursos visuais, efeitos especiais para atender às novidades tecnológicas, a que estão acostumadas as novas gerações.

Pouco tempo depois de fazer o *Sitio do Pica-pau Amarelo*, Júlio e Tatiana produziram minisséries, duas vezes por semana e nelas fizeram *O Pequeno Lorde* e várias peças mais. No começo o nome da série era *Era uma Vez*, em que Júlio Gouveia começava e terminava o programa numa estante de livros. A intenção era realmente promover a leitura e o amor aos livros, por parte das crianças.

A seguir, o casal conseguiu um horário aos domingos, que se chamava *Teatro da Juventude*. Tudo era sempre calcado na literatura nacional e estrangeira, sendo que este último programa tinha uma hora e meia de duração. Esses quatro programas davam picos de audiência e estiveram no ar por 13 anos consecutivos.

Caso pioneiro, em que se fez ampla programação infanto-juvenil cultural, formativa, numa emissora de televisão comercial.

E nunca faltaram patrocinadores, disse Tatiana Belinky, sorrindo, a eternamente jovem mulher de mais de 80 anos, hoje viúva, mas com mais de

Rubens Molino, como o Visconde de Sabugosa, e Lúcia Lambertini, como a Emília, no Sítio do Pica-pau Amarelo

uma centena de livros publicados, sempre dedicados às crianças. Tatiana fala russo, alemão,ídiche, inglês, francês e, naturalmente, português à perfeição. Verdadeira pérola que Petrogrado enviou ao Brasil.

Maria de Lourdes Lebret também escrevia programas para crianças. **Vida Alves** tinha filhos pequenos e gostava muito de ser mãe. Teve então uma idéia. Conseguiu com Cassiano um horário, que não era considerado nobre, às 6 e meia da tarde, e nele colocou um seriado infantil: *Ciranda... Cirandinha*. Um nome para criança pequena ver, mas o texto era para criança um pouco maior.

Em São Paulo, capital, ainda se brincava na rua, principalmente em bairros residenciais. Após as aulas, 5 horas da tarde, 5 e meia, e todos os garotos se encontravam no portão. Ali as brincadeiras floresciam. Era pegador, amarelinha, esconde-esconde, estátua, bandido e mocinho, peteca, e tanta coisa mais.

E aí veio a idéia: um grupo de garotos fixos, seis ou sete, algum amigo de fora, um passante, um adulto, alguma avó ou avô... E a turma ia vivendo. O programa fez sucesso. Inocente, simples, fácil de fazer o cenário, vez por outra um interior de casa, fácil de decorar... Tudo bom.

E foi nesse programa que algumas crianças se mostraram pela primeira vez. É o caso de Débora Duarte, filha de Lima Duarte e Marisa Sanches. Tão pequeninha, sem os dentinhos da frente. Uma graça de criança. Heitor de Andrade fazia o avô de um deles. Era querido por todos. E apareciam também David José, Adriano Stuart, Verinha Darcy, Sonia Maria Dorce e outros. O programa saiu do ar. Coisas da programação. E as crianças cresciam também. Não podiam continuar.

Voltou, anos depois, com o nome de *Prosa em Miniatura*. Já era 1960. Meninos com 10 ou 11 anos. O mesmo esquema. Outros artistas: Vivian Miragaia, Flaminio Fávero, Mônica Duarte, a irmã mais nova de Débora.

Vida gostava daquilo. Era trabalhar e brincar, tudo ao mesmo tempo. E deixar brincar, isso era importante. Tanto quem assistia, como quem fazia televisão. Uma felicidade!

Capítulo 32

A Aventura

Os jovens gostam de aventura. Todos sabem disso. E foi sempre assim.

Dentre as idéias novas que surgiram, após o primeiro ano da implantação da TV Tupi, **Péricles Leal**, bom redator e enfronhado em televisão, apareceu com algo genial e próprio para jovens: *O Falcão Negro*.

Péricles Leal nasceu na Paraíba e desde cedo gostava de ler. Seu pai era jurista. Péricles começou na rádio, mas se deu muito bem em televisão.

Escreveu novelas, programas variados, até que teve uma idéia genial: *O Falcão Negro*. Um herói para os jovens. Pura aventura. E encontrou o ator certo para o programa: **José Parisi**. Moreno, alto e forte, Parisi era ligado às artes marciais. E quando colocava a roupa própria, virava o próprio herói juvenil.

E partia para as lutas com tal fervor, que muitas vezes o elenco do *Falcão Negro* terminava as noites no Hospital de Clínicas de São Paulo. Um braço quebrado, uma mão luxada, um nariz sangrando, havia de tudo. José Parisi lutava pra valer. E Péricles Leal criava um episódio novo, uma aventura nova, que deixava os jovens espectadores sem fôlego. O *Falcão Negro* foi o primeiro herói da televisão brasileira.

O seriado, em São Paulo, teve duas fases. A primeira durou oito anos. E a segunda foi de 1967 a 1969. Isso sem contar o Rio de Janeiro, onde também a série teve muito sucesso, sempre com *script* de Péricles Leal, e tendo como herói o ator **Gilberto Murtinho**. Gilberto, dizem, era o *Falcão Negro* 24 horas por dia. Personagem de capa e espada, cavaleiro da Idade Média, era defensor dos desvalidos e isso comovia toda a população. As lutas de espadas encantavam as crianças e os jovens. José Parisi, que foi o *Falcão Negro* de São Paulo, para dar mais veracidade ao personagem, foi estudar esgrima com o professor Bowafina. E se esmerava nas lutas.

Nascido em São Paulo, em 1922, vindo de família humilde, José Parisi gostava de ler, desde pequeno. E com isso foi treinando leitura, pois lia para seu pai, que não sabia ler, mas lhe comprava livros de presente. Quando jovem, trabalhou, na zona cerealista de São Paulo, como selecionador de grãos. Mais tarde, já um rapaz alto e bonito, ficou sabendo que Maria Della Costa, grande estrela do teatro nacional, estava à procura de um galã, para sua companhia. José Parisi apresentou-se e venceu o concurso. Começava aí sua carreira artística. E isso se deu na rádio, só indo depois para a televisão.

Ilustração de José Parisi, como o Falcão Negro

José Parisi apareceu já na primeira telenovela, *Sua Vida me Pertence*, e em muitos outros *TVs de Vanguarda*. Mas nada se comparava à dedicação que teve ao personagem Falcão Negro.

Conta José Parisi Filho: *Quando o meu pai representava o* Falcão*, no ensaio fazia tudo com técnica, na marcação, sob direção. Mas na hora, baixava a adrenalina... Tem um caso muito engraçado do* Falcão Negro *com o Machadinho, o ator Augusto Machado de Campos. Machadinho era muito amigo, e já era um senhor, cabelos grisalhos. Na cena final meu pai encurralava o vilão, que vinha com seu séquito. O texto dizia que o Falcão tinha que matar todos os guarda-costas e aí prender o vilão, isto é, o Machadinho. Mas o meu pai veio com toda a gana do mundo. Pegou o primeiro figurante, deu uma porrada no sujeito e ele desmaiou. Caiu. Os demais atores ficaram com medo e fugiram. E aí meu pai ficou de cara com o Machadinho. E este, que era um ator tarimbado, vendo que o Falcão ia lutar pra valer, não teve dúvida: colocou a mão no peito e caiu duro. Meu pai, e era tudo ao vivo, como estava preparado para bater, teve que entrar na improvisação e disse, olhando pra câmera:* Além de canalha, era cardíaco*. Risos no estúdio, e fim do capítulo.*

Curiosidade: Boni – **José Bonifácio de Oliveira Sobrinho** – quando jovem apareceu no *Falcão Negro*. Seu papel era o arqueiro *Pé de Coelho*, mensageiro do herói.

Vigilante Rodoviário

Naquele tempo os programas eram ao vivo, como temos falado sempre aqui. Claro que intercalados com filmes. E esses eram importados. Tanto os de longa metragem como os seriados. Dentre estes, os mais importantes eram *Papai Sabe Tudo* e *Rin-tin-tin*. Para os jovens, para aqueles que gostavam dos heróis, não havia nada. Foi aí que surgiu a idéia, nos produtores de cinema, de fazer um filme de aventura. Um filme para os jovens, os meninos. **Alfredo Palácios**, profissional de cinema, firmou contrato com a Norton Publicidade e esta conseguiu o patrocínio da Nestlé. Foi escolhido Ary Fernandes para dirigir o filme: *Vigilante Rodoviário.*

O seriado tinha como herói um policial das estradas, que era um tipo bem elegante e forte, e com um grande amigo, um cachorro.

Carlos Miranda foi escolhido. O concurso foi feito entre interessados, atores ou não. Carlos era paulistano, nascido no bairro da Mooca e funcionário de cinema: era técnico. Em verdade fazia também teatro amador, no Serviço Social da Indústria, o Sesi.

Espantado com sua escolha, fez tudo por merecer a confiança nele colocada. Fez treinamentos, estudou luta livre e jiu-jítsu. E era tão humilde em suas pretensões, que aceitou ganhar apenas um salário mínimo, como remuneração. E para melhorar sua renda, seu cão Lobo, ganhava um salário também.

O seriado começou na TV Tupi em 20 de dezembro de 1961. Ficou até 1962. Foram 38 episódios. Depois passou para a TV Cultura, TV Excelsior e TV Globo no Rio de Janeiro. Além disso, foi passado em cinema, que, à época, tinha público maior que a televisão.

Curiosamente, no caso de Carlos Miranda, a vida imitou a arte. Ele interessou-se tanto pelo personagem que entregou sua vida a ele. Prestou concurso na Polícia Rodoviária e ingressou para a corporação. Carlos Miranda ficou sendo vigilante rodoviário.

Carlos Miranda, ainda elegante e bonitão, tem hoje cinco filhos e quatro netos. O *Vigilante Rodoviário* em cima de sua motocicleta Harley-Davidson 1952, ou de um Simca Chambord 1959, era a imagem perfeita do herói nacional, idealizada por brasileiros e que emocionava a todo o povo. Sua figura faz sucesso até os dias de hoje.

Maria Vidal, comediante

Carlos Miranda, o Vigilante Rodoviário *e seu fiel companheiro, o cachorro Lobo.*

As atrizes Patrícia Mayo e Laura Cardoso

Capítulo 33

Tribunal do Coração - 1º Programa Interativo

Theophilo de Barros Filho nasceu em Maceió, em 1911, numa família numerosa de 15 filhos. Inteligente, interessado, logo foi para Recife estudar. E lá formou-se em Direito e depois em Jornalismo. Entrou para a *Jazz Band Acadêmica* de Recife. Era músico nato. Tocava instrumentos sem nunca ter estudado música.

Sua vida profissional inclinou-se, então, para a rádio. Foi a convite de Francisco Pessoa de Queiroz que Theóphilo montou a Rádio Comércio de Recife, onde foi diretor artístico.

Nessa época conheceu Assis Chateaubriand, que precisava de um diretor competente para São Paulo, pois acabava de perder Dermival Costalima para a Rádio Nacional, e a seguir para a TV Paulista. Grande perda, pois Costalima saíra levando mais de 40 elementos. Esse novo diretor associado, escolhido por Chateaubriand, foi o moço nascido em Maceió, de nome Theophilo, assim mesmo, com *h* depois do *T* e depois do *p*.

Theophilo de Barros ocupava a sala que tinha sido de Dermival Costalima, no grande corredor, que ia da frente do prédio até os fundos, onde ficavam os estúdios.

Um dia ele chamou **Vida Alves**, e disse: *Vida, quero que você escreva e produza um programa para a Rádio Tupi. É coisa de seu ramo, aliás, do nosso ramo: Direito.*

– Rádio? Eu pensei que fosse para a televisão!

– Rádio. Mas é coisa boa. Se a gente combinar bem, acho que vai ser sucesso. Temos também que escolher o nome.

– Então me explique, Dr. Theophilo.

– É o seguinte: um julgamento radiofonizado. Você pede cartas, os ouvintes mandam... Ainda não bolei tudo.

– Eu escolho a carta, faço a adaptação... Um assunto verdadeiro.

– É. E depois acontece o julgamento.

– Com júri?

– Com júri. Você formou-se em Direito. Já viu algum júri?

– Claro que vi. E estou gostando da idéia. Depois da adaptação da estorinha, a gente monta uma sala de júri. Os dois advogados, o réu, o meirinho, o juiz... E como a gente faz com os jurados?

– Você é que sabe. Pode escalar atores...

– Ou pode escolher entre o público

– Isso é bom. Mas onde a gente coloca os jurados?

– No estudinho.

– É. Até parece que dá pra fazer na televisão. Se os convidados vierem...

– Também acho. Tenho tanta vontade de ir direto para a televisão...

– Não. Para começar é em rádio. E se der certo, mais tarde a gente pensa em televisão. Vamos devagar, menina. Por ora, rádio. E o nome?

–Tribunal do Coração*. O que o senhor acha?*

– Ótimo. Resolvido.

Theophilo de Barros era muito inteligente, e se deu bem com Vida Alves. O *Tribunal do Coração*, que eles amarraram naquele dia, se transformou em sucesso. Primeiro em rádio e depois em televisão. Vários anos no ar. Na televisão o programa ficou interativo mesmo. As cartas eram muitas. Os advogados, que a princípio eram atores, com texto inteiramente escrito por Vida Alves, logo começaram a ser convidados entre profissionais da área. O corpo de jurados também era escolhido entre os espectadores, que tinham liberdade de votação. Recebiam uma tabuleta, onde vinha escrito, de um lado *Culpado*, de outro *Inocente*. E eles escolhiam, na hora, o que colocar. Feita a contagem das tabuletas, o juiz solenemente dizia: *Que o réu fique de pé. Nosso corpo de jurados chegou à seguinte conclusão: CULPADO!* (ou *INOCENTE*).

E então lia a sentença (dentre as duas opções que tinha em mãos). No caso de culpa, o réu devia ter alguma atitude altruísta, fazer alguma doação, pedir perdão, corrigir o erro cometido etc. No caso de inocência, só recebia elogios, era mostrado como exemplo à sociedade.

Claro que eram enfocados casos graves, verdadeiros, mas que não chegavam a infringir o Código Penal. Eram sempre situações-limite. E o tom era principalmente emocional, humano, pois o objetivo era atingir os corações. O que sempre se conseguia. Dionísio Azevedo era o juiz. Figura muito considerada, Dionísio era mineiro, descendente de árabes. Ator, diretor, autor, fazia tudo com muito carinho e capricho. No papel de juiz do *Tribunal do Coração*, ele era impecável. Emocionava até o elenco, quando lia a sentença final e fazia as recomendações, com sua voz grave. Ao vestir a toga, Dionísio era realmente um juiz.

Curiosidade: Vida Alves recebia tantas cartas, que não conseguia abri-las todas. Contratou então um secretário – homem que com eles sempre trabalhou melhor. E em sua sala havia muitas malas de cartas, verdadeiros baús. Sucesso absoluto. Estilo de programa muitas vezes repetido em todas as emissoras. **O primeiro programa interativo da televisão.**

Theophilo de Barros produziu muitos outros programas. Era considerado por muitos como o maior produtor de televisão de todos os tempos. Inteligente, calmo, culto, cavalheiro, gentil. Cláudio de Luna o considerava *o melhor de todos*. Quando Theophilo faleceu, sua esposa Ivonete deu de lembrança a Claudio sua caneta, que era o bem mais prezado por Theophilo de Barros Filho.

Capítulo 34
O Diretor de TV

Hélio Tozzi, irmão de Décio, arquiteto, e Cláudio Tozzi, pintor famoso, entrou para a televisão mais por falar línguas, principalmente o inglês, do que por outro motivo qualquer. Seu pai era amigo de Mario Alderighi, o engenheiro da televisão. E o rapazinho Hélio, que estava com 20 anos, começou a ajudar a todos, principalmente com suas traduções. Mas como no início todos faziam de tudo, Tozzi logo começou a mexer na câmera e viu que levava jeito.

Ele havia morado nos Estados Unidos, em Boston, onde estudou Relações Públicas e Comunicação. E lá, em dois anos, fez um curso que aqui seria em quatro anos. Isso também o ajudou. A verdade é que logo passou a conhecer a parte técnica e em seguida a artística, tornando-se diretor de TV.

Esse cargo tinha como função acompanhar o ensaio e depois, uma vez no controle, é ele quem ia conduzindo os câmeras e comandando o espetáculo. Pois Hélio Tozzi foi escolhido para ser o diretor de TV do *Tribunal do Coração*.

E ele disse ao Museu da Televisão Brasileiro: *Era uma programação digna dos dias de hoje, ou até de melhor qualidade. Eu fiz dupla com Vida Alves, e era um júri, com a lei do coração. Era uma televisão sem grana, sem recursos, sem nada, mas fazíamos coisas muito interessantes, excelentes.*

Interatividade, já nos primeiros anos da televisão.

Dermival Costalima e Hélio Tozzi

Capítulo 35
A Redatora

Vida Alves, nascida em Itanhandu, Minas Gerais, veio para São Paulo com a mãe e os irmãos Helle, Homem, Poema e Ritmo, quando o pai faleceu. Foi, porém, aos 9 anos que começou a entrar em rádio cantando, como amadora. Aos 12, já como profissional, começou a fazer radioteatro, em papéis infantis, com Oduvaldo Viana. Após passar por várias emissoras, chegou à Rádio Tupi, em 1947. Entrou para a Faculdade de Direito do Largo São Francisco. E, em 1950, fazia parte do elenco da Rádio e também da TV Tupi de São Paulo. Foi quando começou a escrever para os dois veículos. Seu programa de maior sucesso foi o *Tribunal do Coração*, com supervisão de Theóphilo de Barros Filho.

Vida Alves ficou conhecida pelo fato de ter dado o primeiro beijo da televisão brasileira, em dezembro de 1951, na novela *Sua Vida me Pertence*, de Walter Forster, que era também o protagonista.

Mas Vida foi, acima de tudo, uma batalhadora e uma redatora e diretora de inúmeros programas de rádio e de televisão.

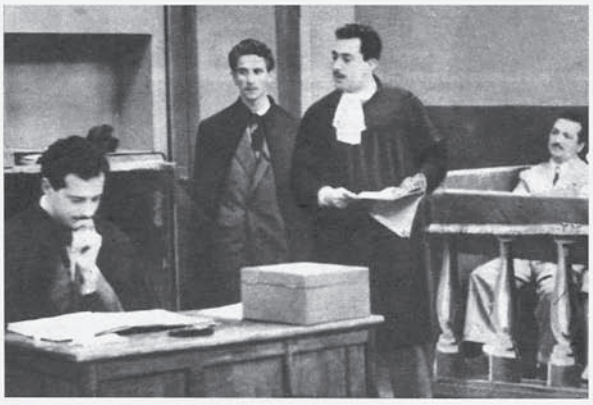
Você é o Autor

Vida Alves sempre foi ousada, não se pode negar. E foi uma fase em que isso era permitido e até incentivado na televisão.

O programa *Tribunal do Coração* fez sucesso. Mas ele aconteceu em duas etapas. A primeira foi de 1953 a 1955. Depois voltou e ficou até 1958.

Nesse intervalo Vida Alves criou o *Você é o Autor*. Mais um programa interativo. Assim: Era uma novela em que o primeiro capítulo era escrito pela autora e os seguintes seguiam os roteiros escolhidos entre os muitos que os telespectadores enviavam por carta. Grande idéia. Interatividade total.

Mas, como o trabalho era muito, o programa saiu do ar em poucos meses, para decepção de Vida Alves e prejuízo, sem dúvida, da televisão brasileira.



TRIBUNAL DO CORAÇÃO. No TV-3 e na emissora do Sumaré. Tem ampla ressonância humana. É como um júri de verdade, julgando os casos de conflitos sentimentais. Os casos são extraídos da vida real, da vida cotidiana. A êles recorrem todos os que têm a alma aflita nos embaraços dos caminhos...

O TRIBUNAL DO CORAÇÃO

Como nos júris verdadeiros, são julgados os casos sentimentais que ateiam as grandes tormentas da alma.

Reportagem de CHICO VIZZONI

A RÉ, Márcia Real. Repudiara a filha por amor de um homem.

NA emissora e na TV do Sumaré, em São Paulo, 4 vêzes por semana, vai ao ar o Tribunal do Coração. Nesse júri popular "sui-generis" entram em julgamento dramas humanos, recolhidos dentre o povo — dramas que tecem o mundo dos conflitos sentimentais.

O Tribunal do Coração, seu nome bem o diz, julga os casos segundo as razões do coração. Trissemanalmente, às segundas, quartas e sextas, pelas 20 horas, no rádio, e às sextas-feiras, às 22 horas, no vídeo pioneiro da América Latina. A ficção não tem acolhida, os casos são todos verídicos; excluem-se, porém, os crimes contra a lei.

A autenticidade humana do Tribunal do Coração concorre para fazê-lo um programa de emoção e interêsse, figurando entre os seus ouvintes e tele-ouvintes centenas de advogados. Criou-o Teófilo de Barros Filho, sendo atualmente a sua programadora Vida Alves, que o pôs também na programação da TV-3.

Matéria da revista O Cruzeiro *sobre* O Tribunal do Coração (17/07/1954)

Capítulo 36

O Céu é o Limite

A Televisão Tupi foi a pioneira. E, embora com poucos recursos, era rica. Rica em inteligências, em potencial humano. Uma dupla de amigos, porém, se salientava: **Túlio de Lemos** e **Aurélio Campos**. Eles foram os responsáveis por um dos principais programas de todos os tempos: *O Céu é o Limite*.

O Baixo mais Alto

Túlio de Lemos era alto, muito alto. Tinha 2,04 m. E era cantor. Sua voz era de baixo-profundo. Era cognominado *o baixo mais alto do mundo*. Túlio era também ator. Nascido em Ponta Grossa, Paraná, em 1910, era auto didata. Estudou só até o 4º ano primário. Em Curitiba, mais tarde, conheceu um maestro que se encantou com sua voz. Assim encaminhou-o ao canto lírico. Túlio estrelou várias óperas, inclusive *Mefistófeles*, de Arrigo Boito.

Depois foi para São Paulo e conheceu Oduvaldo Viana. Passou a ser ator e redator de radionovelas, na Rádio São Paulo. Pouco depois foi para a Rádio Panamericana e chegou à Rádio Difusora, ao lado de Oduvaldo. Em 1950, quando veio a televisão, Túlio vibrou. Ele era um intelectual, devorador de livros e possuía também uma grande pinacoteca, com quadros de Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Aldemir Martins, Anita Malfatti, Portinari e outros. Seus trajes eram somente calças largas, camisa esporte por cima da calça e sandálias. Mais nada. Nunca. Ele foi produtor de programas importantes, como *Antarctica no Mundo dos Sons, Ora Direis Ouvir Estrelas* e *O Céu é o Limite.*

Aurélio Campos era formado em Direito, mas desde cedo começou em rádio. Já na década de 30 seu nome era conhecido e respeitado como apresentador. Em 1945 foi para a Rádio Tupi. Logo passou ao setor de esportes, e tornou-se diretor do departamento esportivo. Ele apareceu já no programa *TV na Taba*, na inauguração. Aurélio entrevistou o craque Baltazar, diante de um campo de futebol em miniatura. Era o futebol, já no primeiro dia de televisão.

O Céu é o Limite

Inspirados no programa americano de perguntas e respostas *The $ 64,000 Questions*, Aurélio Campos e Túlio de Lemos faziam *O Céu é o Limite*, em São Paulo. O programa, que começou em 1955, se tornou febre, com a apresentação de Aurélio Campos. No Rio de Janeiro este apresentador era **Jota Silvestre**.

E quando a Rede Tupi foi formada ele foi o apresentador para o Brasil inteiro. Aurélio Campos criou a frase que é conhecida até hoje: *Absolutamente certo!*, que eles diziam quando o candidato acertava a resposta. A vibração do público era total. Sucesso absoluto!

Ribeiro Filho era o produtor e coordenador e Túlio de Lemos era responsável por fazer as perguntas, o que requeria uma grande cultura, pois os assuntos eram variados e profundos. Cada concorrente se inscrevia para responder sobre determinado tema. E as perguntas aconteciam por várias semanas consecutivas. Cultura em alto grau.

Lima Duarte fala sobre isso: *Eram vários candidatos. Um após o outro. Entre tantos participantes, houve uma senhora muito charmosa, bonita mesmo, de nacionalidade francesa, chamada Cristiane, que, tendo se casado com um membro de tradicional família brasileira, recebeu o sobrenome de Mendes Caldeira. Essa senhora respondia sobre Marcel Proust e sua maravilhosa tetralogia* Em Busca do Tempo Perdido. *E o fazia com tal charme, elegância e cultura, que se transformou no primeiro grande ídolo popular da televisão brasileira. Era apontada nos bares, nas esquinas, nos pontos de ônibus.* Lá vai a mulher do Proust, Essa aí é a fera do *Tempo Perdido*, Puxa, que mulher genial, Como pode saber tudo o que ela sabe? *Sem dúvida alguma, era uma televisão diferente, a que fazíamos.*

Por tudo isso é que o *céu é o limite*. O espírito criativo, a riqueza em buscas, em procuras, em novidades, faziam da televisão pioneira um verdadeiro celeiro de produtividade. Todos tinham orgulho de estar trabalhando no novo veículo de comunicação.

Claudio de Luna, apresentador

Jota Silvestre, apresentador de O Céu é o Limite

Lia de Aguiar e Walter Avancini, quando menino

Capítulo 37

A Mulher na TV

A programação ia se estendendo. À noite, a televisão já ficava no ar seis horas. As equipes se revezavam, os atores e produtores também, e a programação ia ficando compacta. Mas estava completamente desprezado o horário vespertino. O número de televisores crescia dia a dia. Foi então que se pensou na mulher. O esporte e o jornal, programação mais indicada aos homens, deixavam as mulheres para trás.

Fernando Severino, com seu faro comercial e ligando-se ao varejo, como já foi explicado, vislumbrou na programação feminina a chance de atingir as lojas de roupas, comida, artesanato, beleza, saúde, enfim, assuntos que sempre foram do interesse da mulher, principalmente da dona-de- casa. Conversando com Cassiano Gabus Mendes, Severino chegou a conclusão de que era possível colocar a televisão da tarde a serviço da mulher. O nome ainda iria ser escolhido, mas a idéia estava lançada.

O Irrequieto Abelardo

Um produtor carioca andava por São Paulo. Baixinho, loiro, muito vivo e inteligente. Seu nome era **Abelardo Figueiredo**.

Nascido em Niterói, em criança tinha sido vizinho de Nicette Bruno, de quem foi eternamente amigo. E Nicette viera a São Paulo para montar o *Teatro de Alumínio*, que se chamava, em verdade, *Teatro Íntimo Nicette Bruno.* E com ela veio Abelardo Figueiredo.

O *Teatro de Alumínio*, que foi rejeitado no Rio de Janeiro por Lucio Costa, foi montado em São Paulo, na praça das Bandeiras. Quando souberam disso, Cassiano e Fernando Severino procuraram aqueles atores e o novo diretor teatral Abelardo Figueiredo. Era o ano de 1956.

Nesse ano foi aberta a programação diurna da TV Tupi. Após os primeiros acertos, Abelardo aceitou o convite, sendo que o diretor de estúdio seria o **Antunes Filho**, um jovem muito magro e com cara de gênio. Nicette Bruno conheceu Paulo Goulart em São Paulo, logo depois disso, e com ele se casou. Abelardo Figueiredo começava sua carreira na TV Tupi de São Paulo, como diretor da *Revista Feminina*.

Revista Feminina

O nome escolhido foi ótimo, pois era realmente uma revista. Disse Abelardo Figueiredo, em seu depoimento: *Coloquei minhas secretárias Maria Thereza, Marlene Mariano e até minha mulher Laurinha, que nunca tinha encarado uma câmera de televisão, para fazer os quadros.*

Maria Thereza Gregori e Ofélia Anunciato, na Revista Feminina

E o principal é que fazíamos as novelinhas, que iam ao ar de segunda a sexta-feiras, e era maravilhoso. Todo mundo trabalhando, andando naqueles corredores da Tupi, todo mundo jovem, todos amando o que faziam e se respeitando e ajudando, e depois, quando a gente chegava em casa, colocava o aparelhinho Invictus *no meio da sala, vinham os vizinhos, 30, 40 pessoas, e todo mundo assistia junto. Era realmente um tempo maravilhoso. A Maria Thereza Gregori, a Marlene Mariano, minha mulher Laurinha, o Antunes, todos, todos, reunidos para fazer a* Revista Feminina*. Uma verdadeira glória para todos nós.*

A Escolhida

Maria Thereza Gregori era bonita e vaidosa. Gostava de artes. Gostava de pintura, estudou pintura, queria ser pintora. Fazia quadros, mas precisava ajudar a mãe viúva e foi trabalhar em escritório. Conheceu Alfredo Mesquita e foi ser sua secretária na Escola de Arte Dramática (EAD). Teve profunda admiração pelo Dr. Alfredo Mesquita, que era o fundador e diretor da EAD. Sua sabedoria e seu amor às artes influenciaram muito Maria Thereza. E aí Abelardo Figueiredo estava procurando uma pessoa para apresentar o programa da tarde, que iria preencher a lacuna vespertina, até o horário infanto-juvenil da TV Tupi, que começava às seis horas.

Disse Maria Thereza: *O Abelardo começou a procurar uma moça. Fala com uma, fala com outra, e chegou a Lalucha Fonseca Sigan, que organizava desfiles de moda e ela disse:* Vou indicar a Maria Thereza. Você vai gostar. *Fui falar com o Abelardo e ele disse:* Você é a mulher que eu preciso. *E aí veio:* Como é que vai se chamar o programa? *Teu Nome é Mulher; Sua Excelência, a Mulher; Revista Feminina*. *E estava escolhido o nome.* Será *Revista Feminina*. E você vai ser a apresentadora e minha secretária. Continua: *O nome estava certinho. A gente dividia o programa em páginas. Eu fazia a capa, que aparecia no ar logo na abertura, dizia tudo que ia acontecer, e iam se passando os quadros. Eu fazia duas ou três entrevistas, mas havia o quadro de culinária, o quadro de medicina, o de ginástica e vários outros. A Ofélia Anunciato, por exemplo, que depois ficou famosa, com um programa só dela e muitos livros publicados, começou na* Revista Feminina. *A irmã Rosa fazia crônicas lindas. Nunca me esqueço de uma em que ela falou sobre a importância do sorriso. E tínhamos também seção de artesanato, em que ensinávamos às mulheres trabalhos com os quais elas podiam ganhar um dinheirinho extra. E tinha a seção de troca... Ah!...Fizemos de tudo. Até novelinhas em capítulos. E o que vocês pensam? Que tinha* videoteipe*? Não. Era tudo feito ao vivo. O programa ficou no ar, só na TV Tupi, por 13 anos.*

Depois de um certo tempo, Maria Thereza ficou também sendo produtora. Abelardo Figueiredo, que criou o programa e o dirigiu nos primeiros anos, enveredou por outros caminhos, tornou-se cada vez mais um produtor de grandes *shows* musicais. E Maria Thereza permaneceu à frente de tudo. Ela, que nunca havia pensado nisso, descobriu-se uma comunicadora nata. Foi o maior sucesso, com sua naturalidade e feminilidade.

A *Revista Feminina* ficou 23 anos no ar, nas emissoras de São Paulo, tendo estado na TV Tupi, TV Bandeirantes e TV Gazeta. Foi, sem dúvida, aquele que criou a fórmula de todos os quadros que até hoje existem em programas femininos. *Revista Feminina* pode ter sido imitado, mas nunca foi *igualado*, dizem todos os que tiveram oportunidade de ver e ouvir Maria Thereza Gregori, que é irmã do ex-ministro da Justiça José Gregori.

O programa tinha 3 horas de duração. Era todo produzido e dirigido por Maria Thereza Gregori, depois do afastamento de Abelardo Figueiredo. Maria Thereza lançou também grandes cantores: Wilson Simonal, Mario Albanese e outros.

Ela conta uma história, entre gargalhadas, com seu jeito natural e bondoso de ser, que é a seguinte: *Um dia chegaram para mim e disseram:* Aquele mocinho ali quer cantar na *Revista Feminina*. Parece que canta direitinho. *Olhei para o rapaz e disse para minha assistente:* Fala pra ele cortar um pouco os cabelos e se ajeitar um pouco melhor, e aí eu deixo ele cantar. *Sabe quem era ele?* ***Roberto Carlos.***

E completa: *Viram que fora tão grande eu dei? Espero que ele não tenha ficado zangado comigo. E, se ficou, peço perdão atrasado, mas sincero, bem sincero.*

Walter Forster, Meire Nogueira e Paulo Grammont

O maestro Georges Henry e o produtor musical Abelardo Figueiredo

Aurélio Campos, mestre-de-cerimônias

Capítulo 38

Os Mestres-de-Cerimônias

Para quem vê televisão hoje em dia, fica um pouco difícil perceber a importância que tiveram, no começo da televisão, os mestres-de-cerimônias. Porém, como já foi dito e reiterado aqui várias vezes, a televisão veio da rádio. E o rádio é um veículo que se baseia na voz, na dicção, no som, no envolvimento que vem pelo ar. É, por isso mesmo, considerado um veículo quente, pois exige do ouvinte a imaginação, a complementação.

Mas o que pouca gente sabe é que era muito importante a improvisação. Não para os atores, claro, pois estes obedeciam rigidamente a um *script* preparado. Nem para os locutores exclusivamente comerciais.

Mas havia os mestres-de-cerimônias, aqueles que apresentavam cantores, humoristas, convidados especiais, ou faziam programas de auditório, programas de perguntas, programas de calouros e outros.

A Rádio Tupi e a Difusora, no Alto do Sumaré, possuíam um auditório muito grande, e nele eram feitos, todas as noites, programas especiais. E aí que entravam os mestres-de-cerimônias, ou seja, o locutor culto, de bom improviso, boa presença, bom contato com o público e principalmente carisma. Muitos deles ficaram famosos para sempre. São lembrados até hoje, pois eram a máquina que puxava o trem.

O Jeito de Cada Um

Homero Silva, advogado, que se formou pela USP, em 1º lugar, inegavelmente foi sempre considerado o *apresentador número um*.

Foi ele o escolhido para o primeiro dia de televisão, quando entrevistou, entre outros, Assis Chateaubriand. Foi diretor artístico da Rádio Tupi e também da Rádio Difusora. Narrou a cerimônia da festa do IV Centenário de São Paulo, quando permaneceu dez horas falando ininterruptamente ao microfone. Sua característica: era perfeito ao falar.

Entrou para a política, tendo sido eleito vereador por duas vezes, e por duas vezes deputado estadual, sendo que na segunda, em 1958, foi o mais votado de São Paulo. Mais tarde foi diretor artístico da Rádio Cultura e professor da FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas). Homero Silva faleceu em 1981, sendo velado no Hall Monumental da Assembléia Legislativa de São Paulo.

Heitor de Andrade era formado em Filosofia, Ciências e Letras. Seu jeito delicado, gentil, humano, preocupado em levar cultura e arte ao povo, salientou-se ao apresentar o programa *Sabatina Maizena*, que reunia alunos dos melhores colégios particulares, competindo, em igualdade

de condições, com os garotos de escolas estaduais e municipais. Heitor de Andrade vibrava, demonstrando carinho com os jovens, sendo amado e admirado por todos.

Aurélio Campos era bacharel em Direito, mas sua vocação era a de apresentador de esportes, que comandou por muitos anos, na rádio e na televisão. Narrador esportivo perfeito, era também um líder, tendo descoberto e comandado muitos profissionais, que tiveram carreiras importantes, entre os quais Walter Abrahão, que também foi diretor de esportes da Televisão Tupi.

Alfredo Nagib, advogado militante por toda a vida, nasceu em 1909. Fazia parte da elite dos locutores que trabalhavam com Corifeu de Azevedo Marques, diretor do *Grande Jornal Falado Tupi* e mais tarde do *Matutino Tupi*, o primeiro jornal a ganhar o horário das manhãs.

Nagib foi apresentador de muitos programas, tendo lançado cantores importantes, como Caco Velho e outros. Foi brindado com o título de *Melhor Locutor de São Paulo*. Mas seu interesse era também pela publicidade, o que continuou fazendo sempre.

Alfredo Nagib comandou a *Caravana da Alegria*, programa muito importante que levava artistas por todo o interior de São Paulo e outros estados, tendo publicado vários livros sobre Direito. Seu jeito sério fazia-o ser respeitado como ótimo profissional.

Cláudio de Luna, advogado criminalista, foi um grande locutor e mestre-de-cerimônia. Seu estilo é do comunicador nato, que gosta de piada, de riso, de brincadeira, de interagir com o público. Bonito, alto, charmoso, também se formou no largo de São Francisco.

Mesmo sendo de temperamento brincalhão, foi o escolhido para apresentar o programa *Concertos Matinais Mercedes-Benz*, que acontecia todos os domingos no Teatro Municipal de São Paulo, às 10 horas. Era uma combinação de rádio e televisão e era transmitido em português, espanhol, francês, alemão e inglês. Eram cinco locutores. Cláudio de Luna era o que apresentava em português. O Teatro Municipal enchia. Ali apresentavam-se as grandes orquestras brasileiras e internacionais. Cláudio de Luna apresentou também *Grandes Espetáculos União e Caboclo, Atrações Pirani* e muitos outros programas.

Cláudio de Luna depois dedicou-se só à advocacia, tendo participado, como advogado, em 1,2 mil sessões de Tribunais de Júri. Ele faleceu em 2007.

Walter Forster, bonito, alto, elegante, descendente de alemães, impunha não só por sua figura, mas por sua voz perfeita. Veio da rádio, onde atuou desde 1935 em Campinas, onde nasceu.

Era principalmente ator e locutor. Mas sua voz combinava tanto com sua figura, que conquistou o mundo feminino, quando apareceu pela Televisão Tupi, já no primeiro dia. Walter Forster recebeu cinco vezes o *Troféu Roquete Pinto*, o principal prêmio da televisão, quase sempre como ator de radionovela. Como mestre-de-cerimônias era sóbrio e elegante. Sua característica principal: um verdadeiro lorde.

Jota Silvestre, de todos os mestre-de-cerimônias da televisão, foi o que ganhou maior notoriedade nacional.

Não tinha formação universitária, mas era de uma inteligência vivaz, rápida, própria para dominar situações de auditório. Isso não quer dizer, porém, que tenha tido ascensão rápida. Veio do interior de São Paulo, nascido na cidade de Salto, em 1922. Em 1941 começou com Walter Forster na Rádio Bandeirantes de São Paulo, como radioator, mas era também sonoplasta, contra-regra, e depois ensaiador e redator. Foi contratado para a Rádio Tupi em 1949.

Na TV Tupi escrevia novelas e ao mesmo tempo aparecia como ator. E era também mestre-de-cerimônias. Foi ele quem apresentou, entre outros, o *Voz de Ouro ABC*.

Bonito, moreno, sua grande chance aconteceu quando foi para o Rio de Janeiro e passou a apresentar muitos programas de auditório. Vários deles, sendo o principal *O Céu é o Limite*, que era transmitido já pela Rede Nacional de Emissoras Associadas. Continuou como mestre-de-cerimônias, sempre. Radicou-se depois nos Estados Unidos, por vários anos, com sua família. E foi lá que faleceu, em 2000.

Vários outros atores também, eventualmente, eram mestres-de-cerimônia. Entre eles: **Amilton Fernandes**, grande ator, muito bonito e querido, um verdadeiro galã, que apresentou, por exemplo, a entrega do *Troféu Tupiniquim*, ao lado de Márcia Real, sempre impecável. Também **Ribeiro Filho** era um grande apresentador, um grande mestre-de-cerimônias.

Certamente outros mestre-de-cerimônias existiram, mas, sem dúvida, estes foram os principais. E, vale observar, que não tinham só essa atividade. Eram ao mesmo tempo atores, redatores, diretores; enfim, cada um tinha um sem número de funções. Mas o mais espetacular é observarmos o currículo deles, sua formação cultural, intelectual, acadêmica.

A televisão começou grande, ainda que pequena, nasceu forte, ainda que com pouca abrangência. Nasceu com a impetuosidade e a pujança com que nascem os que vislumbram, ainda que inconscientemente, um belo destino à frente.

Júlio Nagib e Márcia Real, no Clube dos Artistas

Capítulo 39

Um Repórter, um Produtor Musical e uma Grande Idéia. Aliás, Duas...

Clube dos Artistas

Airton Rodrigues estava lá. Se não no primeiro dia, mas nos primeiros dias. Alto, simpático, era assessor de Assis Chateaubriand. Mas não tinha pose, pelo contrário, simples, jeitoso, sorridente, fez amizade com todo mundo. E logo se viu que era um repórter diferente.

Nascido em Campinas, em 1922, gostava do ambiente, das pessoas, das coisas e o que queria era divulgar, levar para os Diários Associados aquilo que via na televisão. E que artista não gosta disso?

Sua função realmente era de crítico de TV. Não demorou muito e passou a conversar com as pessoas sobre programas.

Júlio Nagib, irmão mais novo do locutor impecável Alfredo Nagib, era ator desde 13 ou 14 anos e fazia parte do *cast* Associado. Mas sua maior paixão era a música. Nascido em Sorocaba, interior de São Paulo, em 1929, tocava instrumentos musicais de ouvido. Era um verdadeiro artista. E teve uma intuição: *Por que não reunir todos, como se fosse num bar, ou num clube?* **O *Clube dos Artistas.***

Foi de Júlio Nagib a idéia do *Clube dos Artistas*. Uma coisa simples. Cenário bonito, com flores, enfeites, um apresentador e convidados. Estes tinham que ser importantes. Figuras do governo, da sociedade, artistas convidados. Esses seriam os principais participantes. Júlio Nagib e Airton Rodrigues poderiam consegui-los. Música, muita música, queria Júlio. Airton, já como repórter, pensava convidar personalidades. Era como se fosse mesmo um clube, em que as pessoas iriam vestidas de gala, como convinha e era moda naquela época, ouviriam músicas e conversariam.

Airton Rodrigues ficou logo entusiasmado. Ambos seriam os produtores. Para começar, colocaram Júlio Nagib para apresentador, segundo Norma Avian, sua viúva. Em seguida, concluíram que nada melhor do que Homero Silva, que era considerado o *mestre-de-cerimônias número um* do Sumaré. E sua companheira seria Márcia Real. Ela era atriz, e desde pequena gostava de declamar. Sua voz grave, sua dicção perfeita, seu porte alto, sua elegância, a faziam a indicada.

Walter Tasca seria o diretor de TV. Ele estava na TV Tupi desde o primeiro dia e tinha sido o *salvador* de Edo, quando a câmera não funcionou na estréia, e teve que se movimentar de um estúdio a outro, com uma

agilidade impressionante. Vindo de família de artistas, Walter Tasca tornara-se um artista da imagem. E as câmeras antigas eram enormes, pesadas... Ele tinha a agilidade necessária para fazer a seleção de imagens e o comando dos câmeras.

O *Clube dos Artistas* começou em 1953. Todas as sextas-feiras à noite. Várias mesas para os convidados, um piano, muitos músicos, às vezes o regional do Rago, os cantores, os divulgadores, uma verdadeira festa. A audiência era total. Todos queriam comparecer ao *Clube dos Artistas*. E o público adorava.

Márcia Real ficou no *Clube* por dez anos consecutivos. Mas depois foi substituída por Cacilda Lanuza, e até por Vida Alves, por um pequeno tempo. Homero Silva foi substituído por Heitor de Andrade.

Assim como havia pequenos concursos e o comparecimento dos familiares dos artistas e várias coisas mais. Airton Rodrigues sempre apresentava novidades.

Foi quando o próprio Airton passou à apresentação. E, com ele, **Lolita Rodrigues**, muito linda. O casal fez sucesso. Não só por terem um estilo coloquial e carinhoso, como por serem realmente um casal. Haviam se apaixonado e se casado. Airton tinha uma grande qualidade: sabia atrair as pessoas.

No seu programa todos iam cantar, sem receber cachê. Simplesmente apareciam, ou eram indicados por gravadoras. Nem ganhavam, nem pagavam. Tudo era uma verdadeira troca. Dezenas de participantes.

Lolita conta que uma noite, após o programa, estando praticamente só no estúdio com o marido, recebeu um rapaz que se apresentou educado, tímido, querendo que o ouvissem, pois queria cantar. Não iria cobrar nada. Airton gostou quando o ouviu e aí perguntou: *Como é seu nome?* E ele, com seu sotaque castelhano, respondeu: *Mi nombre és Julio. Julio Iglesias*.

Júlio Nagib saiu da TV Tupi e foi para a Rádio Nacional, onde organizou e dirigiu programas de sucesso. E depois foi diretor de gravadoras. Porém, quando o *Clube dos Artistas* fez 25 anos, Airton o chamou e lhe entregou um troféu, por ter sido ele o idealizador e o iniciador de tudo.

Airton e Lolita Rodrigues: 20 anos no ar com O Clube dos Artistas

Clarisse Amaral, Airton Rodrigues, Roberto de Almeida Rodrigues e a cantora Laila Cury, no Almoço com as Estrelas

Capítulo 40

Almoço com as Estrelas

Lorenzo Madrid era chileno. Muito culto, advogado, escritor, sempre ligado às artes. Começou a fazer teatro na Bolívia, escrevendo peças. Depois se transferiu para a Argentina, meca das artes na América do Sul, e ali Madrid logo se tornou membro da Sociedade de Autores Teatrais.

Veio para o Brasil. Queria fazer programas de televisão, mas tinha contra ele, seu sotaque castelhano, muito forte, embora em pouco tempo tivesse aprendido português. Foi quando conheceu Airton Rodrigues e os dois se entenderam muito bem. A idéia de fazerem o Almoço com as Estrelas foi de Madrid. Cassiano Gabus Mendes disse: *Mostrar gente comendo diante das câmeras? Que loucura!*

O que fez Lorenzo Madrid? Comprou o horário. E foi assim que, após dar o ***sim***, Cassiano viu nascer e crescer um programa que era procurado por todas as pessoas de destaque no mundo artístico e cultural do Brasil.

Em São Paulo era apresentado por **Jota Silvestre** e, num segundo momento, por **Airton Rodrigues** e **Lolita Rodrigues**. No Rio de Janeiro, também numa segunda fase, por **Aerton Perlingeiro**. Sucesso absoluto e total. O *Almoço com as Estrelas* estava em todos os lares.

Curiosidade: Lorenzo Madrid era adido cultural da Embaixada do Chile no Brasil e teve muita importância na programação televisiva de São Paulo.

O *Almoço com as Estrelas* começou em 1956. Era aos sábados, da 1 às 3 horas da tarde. Tinha convidados variados e, para estes era servido um leve almoço, como já foi dito, muitas vezes deixado no prato, pois era temeroso comer e ser entrevistado ao mesmo tempo. A produção era de Airton Rodrigues. E ele fazia tudo sozinho. Convidava. Recebia. Entrevistava. Verdadeira fera, o repórter Airton. Ficava à porta, esperando os retardatários...

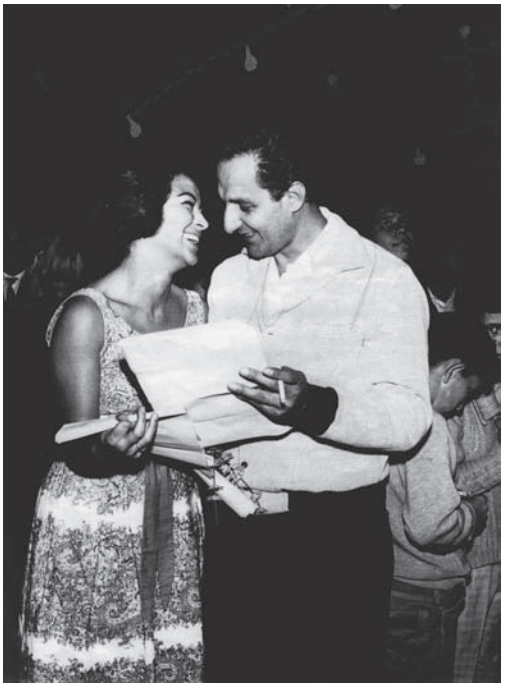
Esse programa ficou no ar por 30 anos, ininterruptos. E nele, os que mais compareceram foram Hebe Camargo, Pelé, Jair Rodrigues, Lupiscínio Rodrigues e tantos quantos tinham alguma coisa para contar ao público. Todos os atores de teatro, os lançamentos e às vezes políticos faziam questão de almoçar com o Ayrton e a Lolita. Fórmula simples e perfeita. Sucesso absoluto da TV do Brasil. Em 1970, o *Almoço com as Estrelas* passou a ser gravado, mas permaneceu no mesmo esquema.

Melhores da Semana

Heitor de Andrade e **Márcia Real** faziam *Os Melhores da Semana*. No início o apresentador foi Jota Silvestre. Era um prêmio semanal distribuído aos melhores nas atividades artísticas. Teve o patrocínio Nestlé por muito tempo. E era muito desejado por todos. Mais uma produção de Airton Rodrigues, que conseguia, mais uma vez, se desdobrar, pois era ele pessoalmente quem fazia a seleção dos que deviam ser premiados e produzia etc. E, sendo assim, Airton Rodrigues, que quando começou não se sabia a que vinha, se transformou no produtor que teve programas no ar por mais tempo na Televisão Tupi de São Paulo. *Verdadeira fera*, voltamos a dizer, com uma capacidade de trabalho espetacular.

Tito Bianchini era o diretor de TV do *Almoço com as Estrelas*. O diretor de TV e o diretor do programa eram muito ligados, naqueles tempos. Trabalhavam em verdadeira dupla. E isso aconteceu sem falta, entre Tito e Ayrton.

Alberto Bianchini, seu verdadeiro nome, era rapaz muito inteligente. Tinha iniciado o curso de Medicina, mas parara. Sua atração pela televisão foi fatal. Começou como camera man, depois diretor de estúdio, diretor de TV, diretor de tudo que aparecia. Até ator o moço foi. Alto, bonitão. *As moças consideravam os câmeras astronautas, alienígenas, seres interplanetários. Tinham por eles verdadeira veneração*. Nascido em Orlândia, interior de São Paulo, no dia 15 de fevereiro de 1931, mais tarde Tito Bianchini formou-se em Direito e montou a indústria Mosca, que comanda até hoje. Foi também presidente do Sindicato dos Radialistas o inteligente Tito Bianchini, orgulho da classe.



Tito Bianchini com Geórgia Gomide

Capítulo 41
Seriados

Na importante reunião que aconteceu logo após a inauguração da televisão, em que Dermival Costalima e Cassiano Gabus Mendes perceberam que havia tudo a fazer, várias idéias surgiram. Os chamados *produtores associados* eram muitos e ótimos. Eles precisavam conscientizar-se de que havia um novo veículo e um novo modo de comunicação. No mais, era criar. A idéia de fazerem seriados surgiu logo. E eles foram nascendo. Vamos citar alguns:

De Mãos Dadas - 1ª fase

Já em 1951 esse seriado foi criado por **Túlio de Lemos**. Ele era o autor e diretor. Ia ao ar duas vezes por semana, às 20 horas. Dois personagens fixos centrais: **Heitor de Andrade** e **Sonia Maria Dorce**. Um viúvo e sua filhinha. A história tinha forte apelo emocional, pois a menininha era órfã e todos queriam suprir nela a falta do carinho materno. Os outros personagens passavam pelas vidas deles e completavam o enredo. No final de cada episódio, eles apareciam de mãos dadas. A 1ª fase foi de 1951 a 1952.

De Mãos Dadas - 2ª fase

De 1955 a 1956. Os mesmos atores centrais, o mesmo autor. Só que agora a menininha tem uma irmã gêmea, que é representada pela mesma atriz mirim, Sonia Maria Dorce. Elas são Maria Clara e Maria da Graça. A primeira tem uma pinta no rosto, que a diferencia da irmã, além do gênio irascível. A outra é suave e boazinha. Aparece também, fazendo parte do elenco fixo, a atriz Maria Vidal, no papel de empregada, maquiada de negra, e o menino Adriano Stuart, parceiro de brincadeiras, além de Turíbio Ruiz, o jardineiro. A série era transmitida no mesmo horário e dia. Na 2ª fase o patrocinador era a Sadia, cuja logomarca era uma holandesinha, personificada por Sonia Greiss. Certa vez, durante a demonstração da *delícia de salaminho*, a garota-propaganda Sonia Greiss abriu a gaveta, onde deveria estar o produto e, para sua surpresa, o prato estava vazio. Ela não teve dúvida, disse em alto e bom som: *Quem comeu o salaminho? Só pode ter sido a Sonia Maria Dorce*. Coisas da televisão ao vivo!

Vestidos da Minha Vida

De 1951 a 1952. O autor era Cassiano Gabus Mendes e o diretor, Gaetano Gherardi. A atriz fixa era Sonia Maria Dorce, coadjuvada por todos os atores da TV Tupi. A cada semana contavam-se as aventuras e desventuras

da menina, por meio de seus vestidos. O patrocinador era a Rhodia, e os vestidos, cedidos pela Casa Clô, especializada em roupa infantil.

Foi gravado um *jingle* para o programa, com letra e música de Francisco Dorce, cantada por Sonia Maria Dorce, que era assim:

Alô papai, papaizinho alô,
Venha cedinho para casa,
Que eu estou tão bonitinha,
Com meu novo vestido da Casa Clô.

Além de cantarem a musiquinha, todas as menininhas queriam comprar vestidinhos na Casa Clô.

48 Horas com Bibinha

De 1953 a 1954. Esse programa tinha como autor e diretor Cassiano Gabus Mendes. Ia ao ar uma vez por semana. Atores fixos: Sonia Maria Dorce, Márcia Real, José Parisi, Dionísio Azevedo, Rosa Maria, David Neto e Fuzarca. Bibinha era de uma família muito rica, mas seus pais, por causa da intensa vida social, descuidaram da menina. Um dia ela é raptada por um marginal, Dionísio Azevedo, que tem bom coração e acaba por devolvê-la aos pais. O sofrimento e a aflição duraram todo o seriado.

Passeando pela História

De 1954 a 1955. Autor, Túlio de Lemos. Atores fixos: Sonia Maria Dorce, Adriano Stuart, Torresmo, David Neto, Rosa Maria e grande elenco. Esse seriado teve o patrocínio do Banco do Canguru Mirim. Também teve um jingle especialmente composto para ele, assim:

Um cruzeiro, dois cruzeiros,
Papai vai dar pra mim
Vou ganhar o meu dinheirinho,
No Canguru Mirim.

Era um seriado educativo e de aventuras. Ensinavam-se História Universal e História do Brasil.

Observação: Até aqui enumeramos vários seriados protagonizados por Sonia Maria Dorce apenas. E o fizemos propositalmente, para que os leitores de hoje tenham um pouco de visão do que era a televisão dos primeiros anos, e como realmente procurava-se recriar e ensinar. Sonia Maria era garotinha, e era lindinha. As crianças gostavam de segui-la e imitá-la.

Outros Seriados

O Pequeno Mundo de Dom Camilo

De 1955 a 1956. Autor e diretor, **Túlio de Lemos**. Atores fixos: **Otelo Zeloni** e **Heitor de Andrade**, nos papéis de d. Camilo e d. Peppone, o prefeito comunista. Outros atores: Norah Fontes, Sonia Maria Dorce, Adriano Stuart e grande elenco. Peripécias, desavenças e avenças de um padre de uma aldeia italiana do pós-guerra e o prefeito comunista, mas com família profundamente católica.

Pollyanna

1957. Autor, Túlio de Lemos. Diretor, Cassiano Gabus Mendes. Atores: Márcia Real, como a tia malvada; Sonia Maria Dorce, como Pollyanna, a menina órfã que faz o *jogo do contente*.

Os Grandes Amores

Autor e diretor: **Péricles Leal**. Histórias verídicas, adaptadas para a televisão. Um dos episódios enfocou o amor de César e Cleópatra. Atores: Vida Alves e Dionísio Azevedo. O seriado ficou um ano no ar.

Os Três Mosqueteiros

De Alexandre Dumas Filho, adaptado por **Jota Silvestre**, que também era o diretor do seriado. O elenco era composto por José Parisi, Walter Stuart, Rogério Márcico, Fernando Balerone e Turíbio Ruiz, que fazia o cardeal Richelieu. Vida Alves fazia Milady, o que a obrigou a tingir os cabelos de loiro.

Marcelino, Pão e Vinho

1958. Houve o filme, o livro e o programa de televisão. **Wilma Bentivegna**, mais tarde, gravou a música com voz infantil. Fez muito sucesso. Letra de Ribeiro Filho:

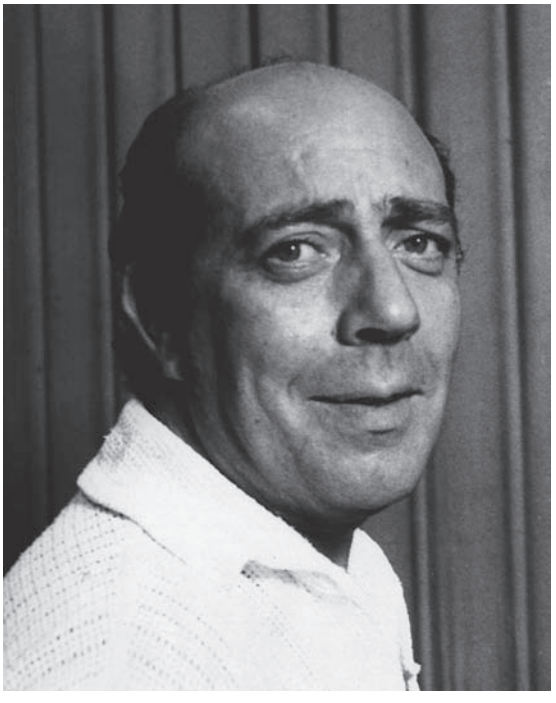
Sonha, sonha, Marcelino,
Já começa a clarear,
Doces santos cuidam teu dia,
Guardam tua alma contra o mal.

Com essa gravação, Wilminha ganhou o prêmio Chico Viola que era, para a música, o que o Roquette Pinto era para o rádio e a televisão.

O Legionário Invencível

1955. Seriado de **Péricles Leal**. Ia ao ar às 4ªs e 6ªs feiras, às 19h45. Era uma epopéia heróica sobre a Legião Estrangeira, num ambiente típico

Cena de Os Três Mosqueteiros*. À mesa, Fernando Baleroni*



Otelo Zeloni, comediante

de deserto marroquino, infestado de bandidos. Cenários de Alexandre, tendo Henrique Martins no papel-título. Contando ainda com Luiz Gustavo, Jussara Menezes, Xisto Guzzi, Luiz Orione, Nelson Machado.

Os Grandes Condenados Fora das Grades

Vamos chamar de seriado esse programa, mas ele tinha características diferentes. O autor e apresentador era **Túlio de Lemos**. E cada semana ele se apresentava com a família toda de um detento, mostrando que eles, sim, eram os grandes condenados, embora vivessem fora das grades.

Oliver Twist

1955. Seriado preparado por **Dionísio Azevedo**, do original de Charles Dickens, às 4ªs e 6ªs feiras. O papel-título foi vivido por Adriano Stuart. Ele é órfão e vive na Casa dos Pobres, onde não tem bondade e é maltratado. Mas ele reencontra o lar, pela mão de seu avô.

O Palhaço

1956. Seriado escrito por **Nelson Machado**. Uma menina rica, que só encontra afeto junto a uma trupe circense. Jaime Barcelos e Sonia Maria Dorce nos papéis principais. Direção de Walter Tasca – Sonoplastia de Salathiel Coelho.

Os Anjos não Têm Cor

1955. Escrito por **Ribeiro Filho**, mais uma vez esse autor dedica-se às crianças, mostrando que elas se amam, indiferentes à cor de sua pele. *Os anjos não têm cor,* porque as almas são todas iguais. Ator principal: Adriano Stuart.

Lever no Espaço

1957. Criação de **Mario Fanucchi**. *Lever no Espaço* foi o primeiro programa *science-fiction* da televisão brasileira. Esse seriado durou um semestre. Foi definido como super produção. Disse Mario Fanucchi:

O Boni atuava como coordenador. O Cassiano era o diretor-geral. Três estúdios montados para a apresentação do programa. Aparecia um ser estranho e uma voz, falando a bordo do disco voador. Teve sucesso muito grande. Repercussão muito boa. E isso tudo, antes do lançamento do Sputinik*, que confirmou grande parte das previsões. Antes do lançamento, houve uma campanha inusitada: de efeitos (intencionais), ruídos, mensagens estranhas, um vulto de um extra terrestre e coisas para amedrontar o telespectador e chamar sua atenção. A idéia foi do Boni, criador da campanha.*

Aponte o Culpado

Supervisão de Colgate-Palmolive. Ia ao ar às 2ª feiras às 20:55 horas. Produção de **Walter George Durst**. Personagens fixos: Heitor de Andrade, Maria Dilnah e Henrique Martins.

Existiam outros seriados de mais sucesso ainda. Foi o caso do *Tribunal do Coração*, que tinha apenas um personagem fixo: Dionísio Azevedo, como juiz. Todos os outros variavam, pois as estórias adaptadas e *julgadas* eram diferentes a cada semana. Os seriados feitos por Julio Gouveia e Tatiana Belinky tiveram sempre muita audiência.

O seriado que mais *emplacou*, porém, para usar um termo atual, foi *Alô Doçura*, que ficou dez anos no ar.

Os seriados sempre existiram na televisão brasileira. E sempre fizeram sucesso, porque se constituem no estilo de programação que atinge o interesse, a emoção, a curiosidade. Diferente das novelas, que têm começo, meio e fim, os seriados conquistam pela identificação, pela aproximação dos personagens, pela *camaradagem,* que se estabelece entre o imaginário e o real, entre o fictício e o verdadeiro.

É assim, e sempre foi assim. No Brasil e no exterior, ontem e hoje. Os seriados, quando bem-feitos, conquistam a fidelidade do público. E não é por outro motivo que todos os profissionais, quer sejam de rádio, de televisão ou de cinema, adoram quando conseguem um papel importante num seriado. Eles costumam dizer que *ganharam um presente do céu*, quando isso acontece.

O diretor de TV Luiz Gallon, no switcher da Tupi

Capítulo 42

Alô Doçura

Cassiano Gabus Mendes acompanhou bem de perto a arte e a criatividade de Otávio Gabus Mendes, seu pai. Otávio era "*fera*" na rádio. As maiores idéias, as maiores ousadias, Otávio radiofonizava. Entre outros programas, ele criou o *Cinema em Casa*. Tinha uma especial predileção pelo cotidiano romântico, e assim o programa *Encontro das Cinco e Meia* fez uma carreira muito longa na Rádio Tupi de São Paulo. Era sempre a história de um par romântico, encontrando-se na vida. Cassiano, após a morte prematura de seu pai, continuou com o programa. E esse foi longe. Ia ao ar mesmo depois da inauguração da televisão.

A idéia surgiu. Por que não fazer o *Encontro* na televisão?

O nome escolhido inicialmente foi *Namorados de São Paulo*. E o casal protagonista, Eva Wilma e Mário Sérgio. Em seguida, John Herbert entrou no lugar de Mário Sérgio, e o casal se fixou. Altos, elegantes e bonitos, ambos. John Herbert era estudante da Faculdade de Direito do largo de São Francisco, quando conheceu Vivinha, Eva Wilma, a linda moça que era bailarina de Maria Olenewa, do Teatro Municipal. Começaram a conversar e a namorar. Aí foram chamados por José Renato para atuar juntos na peça *Uma Mulher e Três Palhaços*, no Teatro de Arena. Foi um enorme sucesso. E então veio o convite para a televisão. Era o ano de 1953. O programa começou, logo passando a se chamar *Alô Doçura*.

Conta John Herbert: *A carreira correu rapidamente. Comecei a fazer cinema, a Vivinha também. Eu fiz* Floradas na Serra, Uma pulga na Balança. *E a Eva Wilma fez* O Homem dos Papagaios. *Estávamos começando, mas à toda. Nós nos casamos em 1955, na Igreja Nossa Senhora do Carmo. O* Alô Doçura *era tanto sucesso, que nem nossos convidados nem nossas famílias conseguiram entrar na igreja. Não estou querendo ser mascarado, absolutamente não. É que o texto do Cassiano era muito bom e nós nos entrosávamos muito bem. O programa era muito gostoso. E o sucesso era total.*

O *Alô Doçura* ficou no ar por 10 anos. Até 1964. A carreira de John Herbert e Eva Wilma foi de imenso sucesso. O *Alô Doçura* foi só o começo. Ambos continuam atuando até os dias de hoje. E não só em televisão, mas também em teatro e em cinema.

Só para registrar: John Herbert atuou em 30 novelas de televisão, além de programas humorísticos e seriados. Em cinema fez mais de 17 filmes. Eva Wilma começou como bailarina, quando participou do Ballet do IV Centenário de São Paulo. Na televisão fez mais de 30 novelas.

Em cinema, fez mais de 20 filmes. Em teatro, mais de 24 peças. Mas o mais importante, e nem dá para registrar, é a quantidade de prêmios que Eva Wilma ganhou. Tanto no teatro como no cinema e na televisão.

O que prova que Cassiano Mendes, quando escolheu aquele casal de atores principiantes e desconhecidos para estrelar o *Alô Doçura*, sabia o que fazia. Ele estava colocando no ar um seriado que tocava o coração dos jovens de todas as idades. E o fazia através de um casal que tinha os ingredientes perfeitos, para atingirem o sucesso.

John Herbert e Eva Wilma em Alô Doçura

Capítulo 43

TV de Comédia

Dois domingos por mês, à noite, a programação estava vaga, pois o *TV de Vanguarda* acontecia a cada 15 dias. Foi aí que surgiu uma sugestão de Geraldo Vietri e que convenceu o diretor-artístico Cassiano Gabus Mendes: o *TV de Comédia*.

A idéia era fazer uma programação mais leve, dar um enfoque mais suave e engraçado, fazer, enfim, um *TV de Comédia*. Foi o que aconteceu em 1957. E o mais importante: só textos brasileiros.

O elenco era menor e se repetia mais. E tinha em seu corpo vários comediantes, mas também atores do *TV de Vanguarda* apareciam por ali. E se mesclavam. Todos gostavam de participar. Também eram espetáculos grandes, de duas horas de duração, mas sempre mais leves, mais descontraídos, mais fáceis de montar e de fazer.

Entre os comediantes de presença constante, apareciam: Cazarré, Amândio Silva Filho, Eduardo Abas, Clenira Michel, Marcos Plonka, Elias Gleiser, Dorinha Duval. E os atores: Vida Alves, Luiz Orione, Patrícia Mayo, Laura Cardoso, Geórgia Gomide, Lisa Negri, Amilton Fernandes, Guy Loup, Rolando Boldrin, Célia Rodrigues, Norah Fontes, Gloria Menezes, José Parisi, Marisa Sanches, Flavio Pedroso, Geny Prado, Marlene Morel, Jean Carlo, Flamínio Fávero, Sergio Galvão, Xisto Guzzi, João Monteiro, entre outros.

Geórgia Gomide (que fez muito *TV de Comédia*) disse: *Foi principalmente no* TV de Comédia*, ao lado de todos os amigos e do Vietri, que formei minha personalidade artística. Os tipos que o Vietri escrevia eram humanos ou até ingênuos. E a gente conversava muito sobre o dia-a-dia, sobre a vida. Aquilo mexia muito com o meu coração e eu acho que com o coração de todos nós.*

O Diretor

Geraldo Vietri era um tipo diferente. Magro, bem magro, era destituído de qualquer vaidade exterior. Sua vaidade estava dentro, no interior, na alma. Amava o que fazia de todo coração, e por isso era um líder paternalista. Seus principais atores eram seus pupilos e seus pupilos eram seus principais atores. Fazia questão de se entrosar com todos os atores, fossem eles grandes ou pequenos. Trocava com eles experiências, vida. Quando *bolava* um texto, fazia-o com fé, com ardor. Gastava todo o dinheiro na sua produção.

Nascido em São Paulo, capital, no bairro da Mooca, em 1930, era filho de italianos, muito amoroso e ligado à família.

Pelo seu temperamento e jeito de dirigir, pelo tom de comédia, pelo elenco que reunia, o *TV de Comédia* passou a apresentar um clima diferente. Não que não se levasse a sério o trabalho, até pelo contrário, visto que Vietri era um perfeccionista, mas seu gênio explosivo o fazia gritar várias vezes e até xingar os atores. Participar do *TV de Comédia* era estar numa verdadeira casa italiana. Muita extroversão, muita emoção, muito palavrão, muito amor, muita compreensão.

Vietri presenteava, Vietri castigava, Vietri fazia, com suas mãos, enfeites para o cenário e adereços para os atores. Ele fazia de tudo e todos o ajudavam. E a *família italiana*, digamos assim, foi ganhando corpo e personalidade. Era una, era coesa, era profundamente amorosa.

No início eram adaptações. Exemplo: *Chica Boa*. Este foi um *TV de Comédia* em que estavam Vida Alves, Cazarré, Amândio Silva Filho e Eduardo Abas. Era uma adaptação feita por Geraldo Vietri da peça de Paulo Magalhães.

Depois Vietri começou a escrever originais, e aí se encontrou. Sua criatividade e sua emoção não tinham fim. Uma vez disse a Vida Alves: *Gosto de escrever originais, porque é fácil demais. Sento na máquina, penso um minuto, bato a primeira palavra e depois não paro mais. Começou, vai até o fim. É só abrir a torneira e pronto. Parece que as histórias já estavam todas ali, guardadas dentro de mim.*

Geraldo Vietri escreveu mais de 25 novelas, além de TVs de Comédia, seriados e filmes.

TV de Comédia
Acima: Dorinha Duval (palhaço), com Rolando Boldrin, Luiz Orioni e Amilton Fernandes em pé, e Clenira Michel, Cazarré, Lolita Rodrigues e Rubens Greiffo, sentados.

À esquerda: Vida Alves e José Parisi em pé, com Clenira Michel, Gian Carlo, Patrícia Mayo e Cazarré sentados.

TV de Comédia*: Glória Menezes, Vida Alves e Amilton Fernandes, em* Uma Mulher de Outro Mundo

Novelas

As novelas existiam há algum tempo, quando Vietri se interessou por elas. E então ele não parou mais. Foi de sucesso em sucesso. Começou como diretor de *Alma Cigana*, em que a atriz Ana Rosa fazia a personagem em que de dia era a freira e à noite, a bailarina. Sucesso. Depois adaptou *A Inimiga*, de um original argentino. Também foi muito bem recebido. Em seguida adaptou e dirigiu *A Ré Misteriosa, A Intrusa, A Ponte de Waterloo.* Essas novelas já eram diárias e foram ao ar pela TV Tupi, entre os anos de 1964 a 1967.

Mas aí, Geraldo Vietri começou a mostrar inquietação quanto ao gênero. Queria reformular a telenovela, ainda na TV Tupi. E surgiu seu trabalho mais profícuo. Vietri passou a retratar o que conhecia, o que vivia, o que vivenciava. Era o cronista de sua época e de seu povo.

Essa renovação aconteceu com as novelas: *Os Rebeldes* (1967-68); *Antonio Maria* (1968-69), *Nino, o Italianinho* (1969-70); *A Selvagem* (1971); *A Fábrica* (1971-72); *Vitória Bonelli* (1972-73); *Meu Rico Português* (1975; *Os Apóstolos de Judas* (1976); *João Brasileiro, o Bom Baiano* (1978). Todas eram ambientadas em São Paulo.

Quando a TV Tupi fechou, em 1980, Vietri passou a escrever para a TV Globo, TV Cultura, TV Bandeirantes, TV Manchete, CNT e, por fim, ASJ (Associação do Senhor Jesus), onde, em parceria com a Igreja Católica, fez várias novelas de cunho religioso. Essa associação funcionou em Valinhos, Estado de São Paulo, e possuía uma rede, encabeçada pela TV Século 21.

Nino, o Italianinho (acima), com Aracy Balabanian, Juca de Oliveira e Bibi Vogel; e Os Rebeldes (à esquerda), com Guy Loup, Ana Maria Dias, Ana Rosa, Tony Ramos, Gian Carlo e Ademir Rocha

Geraldo Vietri dirigindo Juca de Oliveira em Nino, o Italianinho

Marisa Sanches e Rildo Gonçalves

O sonoplasta Salathiel Coelho trabalhando na TV Tupi

Capítulo 44

TV Tupi

A novela começou em 1951, na TV Tupi de São Paulo, a pioneira, pois foi ela que realizou o projeto de colocar no ar a novela: a estória em capítulos. Acontecia duas vezes por semana, à noite, às 20h30. Eram capítulos de 20 minutos. E uma novela sucedia à outra.

É importante registrar, que foi a TV Tupi de São Paulo que lançou o gênero no Brasil. A telenovela aconteceu em continuação à radionovela. Os autores, os atores, os sonoplastas, todos, enfim, conheciam o gênero, e para eles foi fácil realizar o trabalho. Foi apenas uma questão de adaptação ao novo veículo.

O número de capítulos era de até 20. E a trama num núcleo só. Um centro principal e suas ramificações, ou seja, a partir de uma pessoa, a estória ia acompanhando seus interesses, seus amigos, seus familiares, seus inimigos, seus amores etc.

É a fórmula usada até hoje: cada capítulo terminando em alta, com um suspense, para que a atenção do espectador fique atiçada, e ele volte a ligar o aparelho no dia seguinte. Tudo exatamente como é feito até hoje.

A Diferença

A grande diferença, porém, é a questão econômica. **A TV Tupi de São Paulo, por doze anos consecutivos, fez toda a sua programação ao vivo.** E, além disso, usando a mesma equipe que era utilizada para as rádios Tupi e Difusora.

Toda a garra, toda a força, toda a concentração da equipe, já pelos motivos acima, isto é, por economia da emissora, eram concentradas para o *TV de Vanguarda*, o *TV de Comédia*, os *Grandes Teatros*.

Os jovens profissionais tinham o sonho de levar ao ar, pela televisão, o melhor da dramaturgia mundial. Todos os clássicos da literatura. E para isso entregavam-se completamente. Não economizavam esforços, e faziam gastos. Sendo assim, a novela era um produto menor.

Todo capricho era canalizado para o *TV de Vanguarda*, por exemplo, e para este colocavam dentro dos estúdios: carroças, cavalos, elefantes, pontes, carros, carruagens, escadarias, castelos, tudo.

A novela ficava com pequenos espaços para cenários, como escritórios, casas ou apartamentos de classe média, frentes de casas, consultórios, enfim, sempre pequenos gastos.

Os atores eram os mesmos, e tinham salário fixo. Ninguém era mais, ninguém era menos. Rodízio total. Com isso não se gastava mais. Nenhuma estrela. Não se podia criar estrelas, como fazem as novelas hoje em dia. Não existiam estrelas.

Novelas: Duas Vezes por Semana

Para que se veja, porém, a importância dessa fase de luta da telenovela, em que ela caminhou por uma estrada estreita, vamos relacionar aqui alguns títulos:

A primeira novela foi ***Sua Vida me Pertence***, escrita por Walter Forster, em dezembro de 1951. A segunda foi de José Castellar, ***Um Beijo na Sombra***. Depois, o novelista foi Jota Silvestre: ***Uma Semana de Vida***. A seguir, ainda no ano de 1952, mais uma de Castellar, ***Direto ao Coração***; e uma de Jota Silvestre, ***Meu Trágico Destino***.

No ano de 1953, mais cinco novelas, que, como foi dito, não tinham mais do que 20 capítulos. E daí para a frente, vários redatores apareceram: Ciro Bassini, Dionísio Azevedo, Vida Alves, Alves Teixeira, Péricles Leal, Lucia Lambertini e outros.

Em 1953, ***A Viúva***. Essa novela fez sucesso no rádio, e Jota Silvestre a adaptou para a televisão. Jota fazia um advogado, Márcia Real era a mãe e Wilma Bentivegna uma colegial, que acabou se apaixonando pelo namorado da mãe. Havia uma cena em que o advogado tenta seduzi-la, ela não quer e ele lhe dá um tapa, mas aí Jota Silvestre o faz de verdade. Wilminha recebeu a bofetada e caiu sentada no chão. O que era pra ser técnico foi feito pra valer. Televisão ao vivo era assim.

Ainda de Jota Silvestre: ***As Quatro Irmãs***, que eram interpretadas por Lia de Aguiar, Flora Geny, Wilma Bentivegna e Vida Alves. ***Segundos Fatais***, 1953, também de Jota Silvestre.

Em 1954, foi a vez de Péricles Leal lançar-se como novelista. Escreveu, entre outras, ***Sangue na Terra***. A estória passava-se na serra de Borborema, onde o jagunço Antonio Silvino se tornou cangaceiro de Virgulino Ferreira, o Lampião.

O Corcunda de Notre Dame, 1957. Adaptação de Silas Roberg, direção de Luiz Gallon. É Paris, de Luiz XI, becos misteriosos, escuros, frios. O ator Douglas Norris fez o monstro de Notre Dame. Lolita Rodrigues, Esmeralda; Percy Ayres, o poeta Gringoire; Norah Fontes, a velha bruxa; João Monteiro, o rei da França.

Sangue na Terra, 1960, de Péricles Leal.

Nascida para o Mal, 1960, adaptação de Dionísio Azevedo, com Glória Menezes e Vida Alves nos papéis principais. Novela de sucesso.

O Destino Desce de Elevador, 1960, Péricles Leal.

Klaus, o Loiro, 1962, adaptação de Geraldo Vietri, protagonizando Henrique Martins.

Prelúdio*, a Vida de Chopin*, 1962, adaptação de Geraldo Vietri, com Miriam Simone no papel de George Sand.

O Segredo de Laura, 1964, original de Vida Alves, com Lisa Negri, que fazia uma enfermeira, Amilton Fernandes que era o doutor e Patrícia Mayo, uma paciente.

Inúmeras outras novelas existiram. Não vamos enumerá-las aqui. Não temos pretensão de realizar um trabalho histórico. Queremos é mostrar, e isso com todo vigor, que a novela teve permanência, foi contínua e não apenas ligada ao melodrama *mexicano*, como se pensa hoje. Os *produtores*, como se dizia, os *roteiristas*, como se fala hoje, os *criadores*, como digo eu, eram muitos e variados. Havia os românticos, os ousados, os ligados à história, os ligados a temas bem brasileiros. Citamos por isso alguns títulos. Dá para perceber a diversidade de estilos e de temas.

Os Novelistas

Algumas Rápidas Biografias

Era esse o nome que se dava a quem escrevia novela. O pioneiro no gênero, como já se viu, foi **Walter Forster**. Lutou por implantar a telenovela, o fez, conseguiu sucesso, criou o gênero, mas em 1952 saiu da TV Tupi e foi com Dermival Costalima para a Rádio Nacional e em seguida para a TV Paulista. Ele era também ator, apresentador e diretor-artístico da emissora.

José Castellar

Nasceu em Recife em 1924. Foi para o Rio de Janeiro e começou a escrever com 14 anos. Conseguiu emprego em rádio, veículo para o qual escreveu incontáveis novelas.

Na época, os autores de novelas eram contratados diretamente pelos patrocinadores. E assim aconteceu com José Castellar. Depois, já em São Paulo, além de autor, foi também diretor de novelas. Ficou alguns anos nas Emissoras Associadas de Rádio e Televisão, depois transferiu-se para a TV Paulista, que, anos depois, se transformou na TV Globo. Foi, porém, na TV Cultura que Castellar ficou a maior parte de sua vida, tendo sempre como companheira de trabalho Heloisa Castellar,

sua esposa. Castellar faleceu em 12 de fevereiro de 1994. Ele ganhou inúmeros prêmios internacionais para a TV Cultura.

Jota Silvestre

Nasceu no interior de São Paulo, na cidade de Salto, em 1922. Descendente de italianos, bem mocinho chegou a trabalhar em uma fábrica de tecidos. Em 1941, já na capital paulista, enfrentou um concurso de locutores e venceu em 1° lugar. Começou sua carreira na Rádio Bandeirantes. Depois passou para a Rádio Tupi e, em seguida, para a TV Tupi.

Dionísio Azevedo

Nasceu em 4 de abril de 1922, em Barro Preto, cidade de Minas Gerais, mas logo se mudou para Muzambinho, onde foi estudar. A família veio para São Paulo em 1938, e Dionísio começou a freqüentar cinemas e a dizer aos familiares: *Ainda vão ver meu nome escrito lá*. No Instituto Nacional do Cinema, conheceu o importante cineasta Lima Barreto, que praticamente o adotou. Como trabalhar em cinema era difícil, Dionísio procurou a Rádio Record, e foi Oswaldo Moles quem o ajudou. Sua carreira na rádio foi sólida e foi aí que escolheu o nome artístico de Dionísio Azevedo, pois seu nome verdadeiro é Taufic Jacob, descendente de sírios. Em 1946 foi para a Rádio Difusora de São Paulo e em 1950, para a TV Tupi. Sempre apaixonado por cinema, foi dele o primeiro *TV de Vanguarda* e muitos outros mais. Mas era também novelista, sendo que seu forte eram as adaptações. Lia e estudava sem parar. Seu grande orgulho foi ter adaptado Guimarães Rosa para a televisão. O próprio cinema não ousava tanto, naquela época.

Mario Fanucchi, profissional importante da TV Tupi, a pioneira, disse em seu depoimento: *Houve um tempo, na Tupi, em que várias novelas, com cerca de 20 capítulos, eram apresentadas duas vezes por semana e feitas ao vivo. Para muitos registros sobre novelas na televisão, essa fase passa quase despercebida, pelo fato de não ser novela diária. Criou-se a idéia de que tem que ser diária, quando a novela na televisão foi resultado da novela de rádio. E a novela de rádio, normalmente, tinha três capítulos por semana. Era uma coisa habitual, por exemplo, na Rádio São Paulo, que transmitia novela de manhã, à tarde e à noite, fazer novela com três capítulos semanais.*

Na televisão nós chegamos a fazer dois capítulos por semana, pelas dificuldades de montagem de cenários e tal. E as novelas não eram quilométricas como as de hoje. Eram curtas, porque havia a necessidade de condicionar o estúdio a um trabalho que logo pudesse ser substituído por outro. Não havia tempo de montagem para se fazer uma novela

que tomasse o estúdio inteiro, o tempo todo. Nessa época eu escrevi a novela **Cabra Cega***, que tinha tema musical e música incidental criadas por Elcio Álvares, o que era novidade na época. E era música de muito boa qualidade. Outra novela que escrevi tinha o titulo de* **Eleonora***, do Canal 3. O tema musical foi escrito por Tito Madi.*

Novelas de muito boa qualidade, enquadradas dentro da duração e espaço dos estúdios, que existiam na época.

Mario Fanucchi

Nasceu em Ponta Grossa, Paraná, em 1927, e lá começou sua carreira profissional. Em São Paulo, integrou-se à equipe de Corifeu de Azevedo Marques, como locutor de jornal radiofônico. Passou para a televisão logo no primeiro dia. Foi o criador do *indiozinho*, logomarca da Tupi. Mas seu grande sonho era escrever para a televisão. E o fez, com vários programas muito criativos e perfeitos. Alguns anos depois passou para a TV Cultura, onde foi diretor artístico. Foi também coordenador da Fundação Padre Anchieta e produtor da emissora. Dedicou-se a lecionar na Escola de Comunicação e Artes da USP. Lançou o livro *Nossa Próxima Atração, o Interprograma do Canal 3*, pela Editora da Universidade de São Paulo.

Não se pode menosprezar a existência dessa fase da novela, como não se nega a importância do alicerce de uma casa, da estrada de terra, por debaixo do capeamento, da árvore, da qual cai o fruto suculento e saboroso. Foi a fase da experimentação e da ousadia. Foi o caminho. Foi o começo e a continuação. Foi a fase heróica e amorosa. Foi o lar. Foi a família. Foi a educação. A telenovela chegou ao que é, graças às telenovelas desse período. Tempo bandeirante, de descobrimento, luta, vitória.

Os *Grandes Teatros*, o *TV de Vanguarda* e o *TV de Comédia* eram o orgulho, mas as novelas eram a continuação, a perseverança, a raça, a determinação, o pai, a mãe, a árvore frondosa.

Logotipo da TV Cultura, de autoria de Mario Fanucchi, na sua fase Associada

Capítulo 45
Novidades

Em televisão há sempre novidades. Mas, como é óbvio, há momentos de mais novidades. E isso aconteceu com as Emissoras Associadas de São Paulo, entre os anos de 1960 a 1965.

A TV Cultura

1960 – No dia 20 de setembro de 1960, foi inaugurada a TV Cultura de São Paulo, mais uma Emissora Associada. Instalada no 15º andar do Edifício Guilherme Guinle, sede dos Diários Associados, ganhou como principal *slogan Um presente de cultura para São Paulo*. Ela havia sido adquirida em 1958. E desde então fazia testes no Canal 2 paulistano. Era, porém, tão exíguo seu espaço, seus estúdios, e tão precário seu material, que a TV Cultura sofria para fazer o mínimo de programação.

Seus apresentadores principais eram Xênia Bier e Ney Gonçalves Dias. Os produtores, Fausto Rocha e Jacinto Figueira. Seu diretor-artístico, Mario Fanucchi e o responsável geral, José Duarte Junior.

Em 1963 foi feito um convênio com o Governo do Estado de São Paulo, tendo a TV Cultura a obrigação de realizar uma série de programas culturais, toda semana.

Tudo começou a mudar, quando aconteceu um incêndio em suas dependências, destruindo boa parte dos equipamentos. Então a TV Cultura se instalou no Alto do Sumaré. A irmã caçula buscava aconchego ao lado da irmã mais velha, no ano de 1965.

Em 1966, porém, foi para novas e belas instalações na Freguesia do Ó, bairro novo de São Paulo.

Em 1967, o governador Abreu Sodré criou a Fundação Padre Anchieta. E a TV Cultura ficou independente, não mais era uma Emissora Associada. Foi reinaugurada, em sua nova fase, em **15 de setembro de 1969**.

Videoteipe

O videoteipe foi implantado oficialmente no Brasil em 21 de abril de 1960, quando nasceu Brasília. Esse episódio descrevemos com mais minúcias no capítulo *Novacap*, quando a equipe técnica de São Paulo, sob o comando de Jorge Edo, fez bonito e cobriu ao vivo toda a cerimônia da inauguração, por meio de um *link* (a palavra não era usada) entre três aviões, devidamente equipados com microondas e voando em

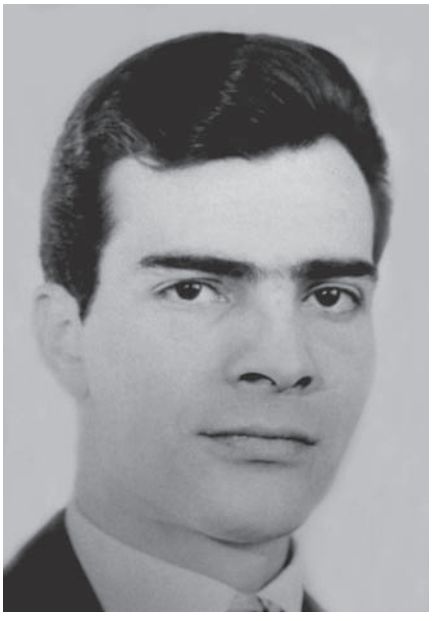
círculos diferentes. Daí conectavam-se com a terra. Mas a programação transmitida ao vivo foi também gravada em videoteipe. As máquinas de *teipe* eram de João Batista do Amaral, dono da TV Rio e da TV Alvorada, de Brasília.

A classe artística não via com bons olhos a chegada do novo equipamento. Não o conhecia. Os rolos de fita eram enormes. O corte era feito na gilete. Um transtorno. Não se percebia, num primeiro momento, suas vantagens. O programa ao vivo tinha o tempo do programa. Um programa gravado em *teipe*, sabia-se lá quanto iria demorar. E o calor do vivo, a adrenalina, a verdadeira arte, iriam por água abaixo, diziam muitos.

Disse Flavio Cavalcanti: *Não posso aceitar reportagem em videoteipe. Seria anular meu espírito de repórter.*

Disse Zé Trindade: *Se me aparecesse o inventor do teipe, dava-lhe um tiro na testa,* depois de horas e horas de gravação.

Mesmo assim o *teipe* foi entrando, foi entrando... O primeiro grande teleteatro, em *videoteipe* pela TV Tupi, aconteceu em **18 de setembro de 1960**, quando do 10º aniversário de sua inauguração. **Foi o *TV de Vanguarda,* com *Hamlet,* de Shakespeare**, tendo o ator Luiz Gustavo no papel-título. Estava absorvida a importante novidade.



Tarcísio Meira

Glória Menezes

Capítulo 46
Edifício Novo

Como bem ficou explicado, nos primeiros capítulos deste relato, a Televisão Tupi – Difusora, Canal 3, foi montada às pressas. Assis Chateaubriand fechou seu contrato de compra nos Estados Unidos, mandou dois engenheiros do Brasil adquirirem os equipamentos, avisou a todos no Brasil e a toque de caixa montou a emissora. No mesmo prédio em que funcionavam as rádios Tupi e Difusora, passou a se instalar e funcionar a TV Tupi.

Foram feitas adaptações, construídos dois estúdios de televisão, uma técnica e só. Até os camarins, os banheiros, tudo, foram sendo feitos aos poucos. Os escritórios, que já eram exíguos, ficaram ainda mais apertados, pois a televisão é espaçosa por natureza. Vai empurrando as emissoras de rádio para o canto.

No entanto, estas funcionavam e davam mais lucro, eram sólidas, eficientes. Seus programas de radioteatro, seus musicais, seu grande palco, seu auditório continuavam a existir. Mas...

Até o arquivo musical, pois as Associadas possuíam grandes orquestras e seis ou sete maestros, pois até isso, com suas partituras feitas à mão, nota a nota, cópia a cópia, foi destronado e sumiu, dizem. Não houve tempo ou capricho para acomodá-las, e não existia quem percebesse que ali estava um tesouro guardado.

Era premente a construção de um prédio, para onde se pudesse transferir as emissoras de rádio e até grande parte dos escritórios, que estavam atopetados, entulhados. Chateaubriand fiscalizava a obra pessoalmente. Ou, pelo menos, olhava sua parte estética, o que sempre lhe chamou a atenção. Vida Alves o viu por diversas vezes, à frente do edifício, escolhendo o painel, que iria enfeitar o frontispício. Foi escolhida uma obra de Portinari, cuja cópia em ladrilhos coloridos está ali até hoje.

Em 28 de setembro de 1960, foi inaugurado o edifício novo, de oito andares. Com todas as acomodações para os escritórios e as emissoras de rádio. Também um grande restaurante, no subsolo, além de dois ou três estúdios para televisão, que acoplavam dois andares, por causa do pé-direito, que necessitava ser alto. Nessa ocasião, o Canal 3 passou a ser Canal 4 – TV Tupi de São Paulo. Em 1961, a TV Tupi adquiriu o Cine Ritz Consolação, para lá fazer seus programas de auditório, pois a televisão se alargava cada vez mais, crescia, precisava de espaço.

Curiosidade: A vida apronta coisas inesperadas e, às vezes, tristes. O Edifício novo, das Associadas, cujo frontispício foi cuidadosamente

escolhido por Assis Chateaubriand, hoje se chama Edifício Victor Civita, pois foi adquirido pela Fundação do mesmo nome, e ali funcionam a TVA e a MTV do Brasil.

Os Enlatados

Falava-se sobre isso nos estúdios. Com medo. Com curiosidade. Mais uma novidade que chegava. Seria bom? Seria ruim? Divisão de opiniões.

Os filmes americanos, dublados em português, eram chamados de *enlatados*, pois vinham prontos, dentro de latinhas. Isso iria tirar o emprego dos profissionais de televisão, e então seria ruim. Mas iria dar emprego aos profissionais de rádio, e então seria bom.

Os estúdios de dublagem da Rua Tibério, no bairro da Lapa, em São Paulo, em pouco tempo, ficaram lotados de atores e atrizes, que se transformaram em dubladores. Até os principais nomes ali estiveram, ali trabalharam.

O primeiro filme a ser falado em português foi *Ford na TV*, sendo os dubladores principais: Henrique Martins (da TV), Ilka de Oliveira e Cibele Silva (da rádio). Rádio e TV se uniram. Alguns dubladores ganharam nome e dinheiro. Para exemplificar: Borges de Barros, Lima Duarte, Luiz Orione, Henrique Martins e vários outros fizeram inúmeras dublagens. Eram vozes versáteis e com muitas utilizações. E, até hoje, há atores que vivem de emprestar suas vozes a atores americanos e de outras nacionalidades, inclusive japoneses. As lutas e discussões iniciais caíram por terra. Mais uma novidade que veio para ficar.

Frase de Plínio Marcos que cabe bem aqui: *Na televisão brasileira, o artista americano morto ganha mais que o artista brasileiro vivo.*

Plínio Marcos

Capítulo 47

A Inauguração da Novacap

O Brasil estava em festa. Ia ser inaugurada Brasília. Chateaubriand conversou com Juscelino Kubitschek e prometeu: *Vamos transmitir a cerimônia ao vivo. O Brasil todo precisa festejar o grande acontecimento. Brasília já tem televisão e é claro que vamos conseguir. É uma promessa, presidente.*

Edmundo Monteiro, diretor-presidente das Emissoras Associadas de São Paulo, estava indeciso. Como fazer? Como não fazer?

Jorge Edo conta ao Museu da Televisão Brasileira: *Foi um caso muito engraçado. Fui chamado pelo Edmundo Monteiro, que me disse:* Temos que fazer isso. Como vai ser, Edo?

– Olha, eu ainda não sei. Só sei que o pessoal do Rio está querendo colocar *links*. Mas é muito caminho, é muita estrada. Eu tenho uma idéia. Eu pediria a você três aviões. Esses três aviões irão fazer círculos, um distante do outro, recebendo a televisão, transmitindo para outro avião, e o outro pro outro avião e finalmente o último avião, para a terra.

– Mas é uma loucura!

– É uma loucura. Mas se você conseguir os aviões DC3, que são aviões pequenos, sem pressurização, que voam a 5000 metros de altura, nós vamos conseguir. Os aviões ficam fazendo círculos e começaremos a transmitir. O povo brasileiro vai poder ver a inauguração de Brasília pela Televisão.

Os aviões viraram satélites? – pergunta Vida Alves.

Viraram satélites. A minha idéia foi a seguinte, mas antes eu quero pedir, por favor, não pense que eu... Tenho alguma coisa especial. É que eu tinha visto uma publicação sobre aviões de guerra, as fortalezas voadoras, que estavam sobrando depois da guerra. Elas foram vendidas e usadas para o seguinte: nos Estados Unidos se instalava dentro duma dessas fortalezas voadoras, eram duas, um videoteipe e um transmissor, cobrindo cinco Estados americanos e enquanto um ficava voando em círculos, gastando o menos possível de combustível, o outro estava pronto para voltar a subir e ficar no lugar deste. Essa foi a minha idéia. Logicamente ninguém sabia o que era satélite, nem como se poderia colocar isso. A era espacial estava muito longe.

Quem apoiava você nessas suas idéias malucas?

Essas idéias eram muito bem recebidas. Todos lutavam juntos para poder fazer coisas que pareciam impossíveis. E eu tinha o apoio da

Carlos Spera entrevista Juscelino Kubitschek na inauguração de Brasília

diretoria, e principalmente do doutor Enéas Machado de Assis, que era um dos diretores. Ele ficou muito entusiasmado e prestigiou de todas as maneiras.

Enéas Machado de Assis era um dos diretores das Emissoras Associadas, sempre atuando no setor de relações governamentais. Sua atuação era também junto à União Internacional de Telecomunicações e à Associação Internacional de Radiodifusão, a AIR, que inclui rádio e televisão. Enéas participou de mais de 60 congressos, que, por vezes, duravam meses. Assuntos muito complicados, pois visavam sempre ajustar o interesse de todos os países, no campo das telecomunicações. O doutor Enéas era, portanto, a pessoa certa para agilizar junto ao governo as idéias de Jorge Edo, o técnico da Televisão Tupi de São Paulo.

Disse Enéas Machado de Assis ao Museu da Televisão Brasileira: *Foi um momento empolgante. Queríamos transmitir a inauguração de Brasília. Não havia satélite e as transmissões eram feitas por microondas terrestres. Mas nós fizemos através de aviões. Equipamos três aviões, com transmissores dentro, transgredindo algumas regras, recomendadas para o mundo, para esse meio de transporte. Tivemos que furar os aviões, para colocar antenas. Tivemos que levar dentro do avião tubos de oxigênio, tivemos que levar geradores para os transmissores. Fizemos coisas muito arrojadas. Um avião voava mais ou menos sobre São Paulo, o outro voava sobre Belo Horizonte e o outro, sobre Brasília. Não eram posições exatas, porque eles voavam em círculos, pois eles obedeciam um tempo, em que tinham que abastecer para voltar. Fizemos então uma coisa inédita. Mais uma vez os Diários Associados demonstraram a coragem, a força de vontade e o amor dos seus funcionários. Aliás, naquele tempo, não usávamos esse termo. Falávamos* companheiros.

Enéas Machado de Assis, nascido em 1913, na capital paulista, trabalhou todos os dias na Rádio Capital. Foi um de seus diretores. Figura impoluta. Ele era formado em Direito, pela USP. E sempre foi ligado ao Código de Telecomunicações. Para lutar por ele, entrou também para a política. Atuou no Brasil e no exterior. Foi também o responsável, dentro das Emissoras Associadas, pela comemoração dos 400 anos da cidade de São Paulo, quando houve a famosa *Chuva de Prata*, inesquecível acontecimento, para os paulistanos daquela época. Enéas Machado faleceu em 2006, com 93 anos de idade.

E a Recepção?

José Carlos de Moraes, o repórter, foi fazer a cobertura desse evento. Isso era com ele mesmo. Sempre inquieto e loquaz, Tico-Tico estava feliz. Disse ele: *Os microondas eram nas asas. E tudo foi um malabarismo incrível.*

Toda a operação chefiada pelo doutor Enéas. Eram aviões da FAB e da Vasp. E São Paulo é que fez tudo, porque o Rio não quis fazer. Agora, quanto à recepção, a verdade é que as imagens apareciam distorcidas.

Eu fiz a reportagem e depois telefonei para Cidinha, minha mulher, e ela disse: Olha, tinha hora que o seu nariz ia parar na testa, depois descia pro queixo. *Mas a verdade é que fizemos o trabalho e foi uma beleza. E, além disso, foi gravado em* videoteipe *e passado em Brasília, para as pessoas que estavam lá.*

Algumas horas depois os espectadores de São Paulo, do Rio e de Belo Horizonte também receberam o videoteipe da gravação da inauguração de Brasília. E assistiram à repetição na mesma noite.

Inaugurações

Três emissoras foram fundadas, nesse mesmo dia, na nova capital. Uma delas foi a TV Brasília, dos Diários Associados. Foi ela que fez a cobertura da inauguração do Distrito Federal; a TV Alvorada (Emissoras Unidas) e ainda a TV Nacional, que hoje é a NBR.

Brasília foi inaugurada dia 21 de abril de 1960. E nessa data a TV Tupi de São Paulo, pelos seus funcionários, com sua garra, sua criatividade e seu amor *à casa*, fizeram esse feito inédito, não apenas para o Brasil, mas para o mundo. *Links* feitos por aviões.

Outras idéias

Além do jornalismo, dos musicais, dos programas infantis, dos desenhos animados, dos grandes teatros dos domingos e das segundas-feiras, do futebol, do programa feminino da tarde, dos programas de auditório, dos filmes, muitas outras idéias surgiram ao longo dos dez anos (1950 – 1960).

A rádio tinha uma programação grande e variada. No caso das Associadas, eram duas emissoras: Tupi e Difusora. Vasta programação e vasto número de programadores, como já ficou explicado. Cada um queria fazer uma coisa diferente.

Cassiano Gabus Mendes reunia-se com todos e ia acatando sugestões. E as experimentava. Havia liberdade total de criação, respeitando-se, é óbvio, a precariedade das condições materiais.

A programação ia se alongando. Não mais apenas as três horas iniciais. Não mais apenas um jornal diário, não mais apenas um futebol no domingo. Os patrocinadores vinham e a televisão crescia. O tempo ia passando.

Tico-Tico, Carlos Spera, Edmundo Monteiro (diretor-geral dos Associados), o presidente Juscelino Kubitschek, Ulisses Guimarães e o General Mourão Filho (ministro do Exército) na inauguração de Brasília.

Ribeiro Filho apresenta telejornal na TV Tupi

Capítulo 48

Programas e Programadores

Apenas para lembrar, alguns programas e alguns programadores:

Ribeiro Filho

Criou, dentre outros, os programas *Filho de Peixe* e *Novos em Foco*. Neste, lançou e deu o nome artístico ao menino Tony Ramos.

Túlio de Lemos

Homem culto, interessava-se por problemas sociais. São seus: *Monumentos de São Paulo*, com apresentação de Heitor de Andrade; *O Céu é o Limite; Grandes Condenados Fora das Grades*, e vários outros.

Silas Roberg

Colaborava em todos os teleteatros.

Péricles Leal

Profundamente inteligente, são deles *O Contador de Histórias*, que era um espetáculo único, inteiro; e o *TV Aventura*, no qual colocava toda a sua criatividade.

Heitor de Andrade

Comandava *game-shows*, como *Você Confia em sua Mulher?*; *Sabatina Maizena*, que recebeu Menção Honrosa na Câmara de Vereadores de São Paulo. Ia ao ar às 6ªs feiras às 18 horas. Duração de 35 minutos; profundamente elogiado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, pois fazia sabatina entre colégios estaduais e particulares. *Divertimentos Kedley*, também programa cultural, campeão absoluto de audiência.

Vida Alves

Antes mesmo de entrar para o *Edição Extra*, telejornal vespertino, criou o *Tribuna da Mulher*, uma crônica de cinco minutos, que antecedia o *Revista Feminina*. Abordava assuntos de política, direito e comunicação.

Mario Fanucchi

Contou ele: *Como quase todo o pessoal da televisão, eu ainda não podia me dar ao luxo de ter um aparelho de televisão. O jeito era acompanhar a programação numa saleta chamada* Auditório da TV*, onde os interessados assistiam e ouviam os comentários dos colegas, sobre os próprios trabalhos.*

Esse Ibope, bem empírico, como tudo no começo da televisão, servia de estímulo aos que se iniciavam no novo veículo. E foi aí que assisti a

Xeque-Mate, título da minha primeira história, transmitida já no primeiro ano da televisão. Os telecontos, as histórias curtas, eram minha preferência.

O Contador de Histórias

Este foi um dos famosos teleteatros produzidos pela Tupi. Era semelhante ao *TV de Vanguarda*, mas de menor tamanho. Eram adaptados contos, de preferência. Sua duração era de 45 minutos. Foi criado em 1955 por **Péricles Leal** e Cassiano Mendes. Ia ao ar às 6ªs feiras, finais de noite. No final de 1960, **Benjamin Cattan** assumiu sua direção. No começo eram principalmente temas de mistério, considerados próprios para o horário.

Mais tarde, O *Contador de Histórias* teve vários redatores, ou *produtores*, como se dizia, entre os quais Silas Roberg, Lídia Costa, Geraldo Vietri, Vida Alves, Walter George Durst.

Vamos citar alguns espetáculos que se destacaram:

Antes da Festa, 1955; *Quando a Noite Acaba,* 1955; *O Dr. Coppelio,* 1957; *Vestiário B,* 1958; *Duas Facas Afiadas,* 1959; *Acre e Doce Círculo,* 1959; *O Carrasco,* 1960.

O *Contador de Histórias* saiu do ar em 1960. Voltou depois, sob o mesmo esquema, com o nome de *Studium 4*. Nessa fase foram adaptados contos de Jack London. O *Studium 4* saiu do ar em 1962.

Contos Brasileiros

Faltava, porém, mais enfoque na literatura nacional. O programa *Contos Brasileiros* foi criado então logo depois do *Contador de Histórias*. Ia ao ar às 5ªs feiras à noite. E também tinha duração de 45 minutos.

Vários redatores se apresentavam para fazer parte do corpo de produtores, como eram chamados, pois escreviam, escalavam e muitas vezes dirigiam e ensaiavam. Entre eles Dionísio Azevedo, Vida Alves, Péricles Leal, Ribeiro Filho, Flora Geny, que era esposa de Dionísio, e também enveredou pela redação.

O *Contos Brasileiros* era um programa que incentivava nossos escritores, principalmente contistas. Não teve duração longa.

Capítulo 49

Miss Brasil

Um programa que foi um sucesso na TV Tupi: *Miss Brasil*. Assis Chateaubriand registrou a marca *Miss Brasil*, em nome de *O Jornal* (um de seus jornais). As Associadas, a partir de 1951, apresentavam o evento a cada ano. E se tornou uma tradição. A apresentadora que ficou por mais tempo foi a linda **Marly Bueno**, ainda hoje atriz de televisão. E a seu lado estava Paulo Max. O *Miss Brasil*, por muitos anos, foi um acontecimento nacional.

Disse Marly Bueno: *Quando entrei no concurso de* Miss Brasil*, eu já estava casada. E meu marido me tinha dito:* Eu não quero que trabalhe na televisão, porque não vou suportar ver você beijando bigodes*. Ele é um bom pernambucano. E eu concordei e saí. Mas quando me chamaram para o concurso, ele deixou. Fui contratada pela Helena Rubinstein e fiquei 15 anos apresentando o* Miss Brasil*. Viajava para Miami, para buscar os produtos, enfim, eu fiquei sendo uma executiva da Helena Rubinstein. Mas a primeira vez que entrei no Maracanãzinho, eu nunca tinha enfrentado um público tão grande:* ***25 mil pessoas****. E elas estavam cansadas de esperar. O evento era transmitido pela TV Tupi e anunciaram para às 9 horas. Mas entravam às 9:30, 10 horas ou 10:30. Quando o meu colega apresentador entrou, recebeu uma vaia danada, por causa do atraso, mas quando eu entrei, bem... acho que eles queriam ver mulher, ver roupa, ver beleza, não sei. Eu não quero dizer que sou bonita, mas sabia me apresentar bem e fui muito aplaudida.*

Primeiro concurso de Miss Brasil *feito pela televisão, com o produtor Brancato Jr. (ao centro)*

Miriam Simone, atriz

Capítulo 50

A Novela Diária

Todos conhecem a estória de Sherazade. Para não se entregar ao seu sultão, a bela odalisca resolveu contar a ele histórias que se desenrolaram por mil e uma noites. Curioso, o sultão entretinha-se com o relato e aguardava agitado, mas paciente, o capítulo que viria no dia seguinte, ao fim do qual, pensava ele, ganharia sua bela. E isso não acontecia nunca...

Quando o rádio começou com a radionovela, não fez mais do que imitar Sherazade. As histórias em fascículos, porém, eram bem mais antigas que o rádio e estavam espalhadas pelo mundo. A literatura de massa sempre as explorou, baseada no mesmo princípio e técnica: entreter o velho e eternamente curioso coração humano.

Soap Opera

Nos Estados Unidos, quando o rádio começou a explorar o gênero, o fez para o público feminino. E o produto que bem se adequava a patrociná-lo era o sabão. *Ópera de Sabão*. Novelas de sabão, ou melhor, de sabonete.

Não foi diferente com o rádio no Brasil. E não foram diferentes os patrocinadores do Brasil, pois eram multinacionais norte-americanas. Suas agências de publicidade, tinham filiais sediadas no Brasil. *Entre suas contas constavam Gessy Lever, Colgate, Palmolive*, etc... Eram os produtos que bancavam a novela. Não foi diferente com a novela de televisão.

Walter Forster lançou o gênero na TV Tupi de São Paulo, com *Sua Vida me Pertence*. E ela foi patrocinada pela Coty e produzida pela J.W.Thompson.

Mas, como foi explicado no capítulo *Novela*, a trajetória da telenovela foi difícil, estreito seu caminho, pois os 20 minutos do capítulo que ia ao ar apenas duas vezes por semana, perdiam-se no emaranhado de contos, seriados, programas de auditório, musicais que aconteciam todas as noites.

Mais Investimentos

Vendo que a TV Excelsior estava mostrando forças e com o surgimento do *vídeoteipe*, tudo se entrosava para que também a TV Tupi colocasse no ar suas novelas, diariamente. Era o momento de mudar. Não mais um produto menor, sem importância. Não mais apenas um único núcleo sentimental, não mais uma história linear. É verdade que isso já acontecia. Os irrequietos e inteligentes produtores da TV Tupi tentavam sempre ousar.

Péricles Leal, no distante 1954, fizera uma novela passada no Nordeste (e isso era feito em estúdio), tendo como personagem principal o jagunço Antônio Sibino, seguidor de Lampião. Só esse exemplo mostra perfeitamente que a criatividade existia, a inteligência existia, os profissionais existiam. É claro que com o passar do tempo a direção artística da TV Tupi passou a investir mais na telenovela. Mais espaço para cenários, mais externas, mais novelistas, mais dinheiro, mais contratações. A novela foi fortalecida. E começaram a desaparecer os outros teleteatros, como os seriados constantes, os contos e as outras criações. Até os teatros completos, como o *TV de Vanguarda* e o *TV de Comédia* foram, aos poucos, decaindo de importância, desaparecendo. A parte econômica não sustentava os dois tipos de programação. E saíram do ar em 1967.

Novos Autores e Atores

Em 1964, Cassiano Gabus Mendes, sempre muito vivo, percebeu que era o momento de disputa no mercado, já que não tinha mais a liderança garantida. A TV Excelsior, depois da TV Paulista e da TV Record, arrancava-lhe nomes, buscava os profissionais na fonte. E fazia sucesso. Ele teria de fazer o mesmo. Mas não poderia buscá-los naquelas emissoras. Tinha que ir a outros cantos. E foi ao teatro, principalmente. Atores como **Juca de Oliveira**, **Aracy Balabanian**, **Cleyde Yáconis** foram chamados. E vieram. Juntaram-se aos remanescentes da TV Tupi, que ainda eram numerosos e bons.

Importantes Novelistas

Em 1964, na TV Tupi, as novelas começaram a ser diárias. A primeira delas foi *Alma Cigana*, de **Ivani Ribeiro**, que estava escrevendo para a TV Excelsior, mas concordou em escrever para a Tupi.

Alma Cigana era uma novela bem folhetinesca, baseada num original de Manuel Muñoz Rico. Era a história de uma jovem que de dia era freira e à noite bailarina. A atriz **Ana Rosa** fez esse papel-chave e *arrasou*, segundo se diz hoje.

De dia a freirinha Thereza era boazinha, convicta. À noite, Esmeralda encantava os homens. E o galã era Amilton Fernandes, enroscado com o enigma: *Era uma? Seriam duas?* Acabou por se apaixonar.

Essa novela inaugurou o horário das 20 horas e aconteceu de 2 de março a 8 de maio de 1964.

Disse Rildo Gonçalves: *A primeira novela que fiz, Alma Cigana, foi um grande sucesso. No dia anterior, o Cassiano reuniu o elenco inteiro e*

disse que o futuro de nossa televisão estava naquela novela. Inaugurava um horário. A Tupi tinha 2% de audiência, passou para 10%, para 15% e chegou a 50% de audiência. Mas teve um problema: a novela deveria ter 38 capítulos e como se iria tirar do ar uma novela de 50% de audiência? Nem se pensava que uma novela pudesse ter 180, 200 capítulos, como posteriormente viria a acontecer. E aí... Bem, aí a novela chegou a 55% e depois tiraram do ar. Uma lástima. Houve reunião, discussão, mas foi isso aí.

Ivani Ribeiro já era antiga em rádio. Nascida na cidade de Santos, em 1922, era normalista formada. Veio para a capital paulista, para cursar Faculdade de Filosofia. Logo, porém, entrou no rádio e conheceu Dárcio Alves Ferreira, com quem se casou. Fez sucesso como radionovelista, embora também fosse radioatriz. E ela sabia armar as tramas, criar suspense, engendrar diálogos. Todos gostavam de participar de suas novelas, quer no rádio, quer na TV. Ivani, que em verdade se chamava Cleyde de Freitas Alves Ferreira, faleceu em 1995.

Ivani Ribeiro foi tão importante para o teleteatro que escrevia para várias emissoras: Excelsior, Tupi, Record e Bandeirantes. Sempre havia uma novela de Ivani no ar.

Ainda em 1964, Ivani escreveu três novelas, duas para a Tupi: *A Gata* e *Se o Mar Contasse*, e uma para a Excelsior: *A Moça que Veio de Longe.*

Em 1970, depois de 15 novelas para outras emissoras, Ivani Ribeiro voltou a escrever para a TV Tupi. Até o ano de 1973 escreveu mais sete novelas para essa emissora. Sua produção era realmente impressionante.

Em 1974, escreveu novamente um grande sucesso: *Mulheres de Areia*.

Duas mulheres (desta vez, duas irmãs gêmeas) numa aldeia de pescadores, Ruth e Raquel. A grande intérprete foi Eva Wilma, num trabalho duplo, seguida por grande elenco: Carlos Zara e Gianfrancesco Guarnieri (como Tonho da Lua). Sucesso absoluto. Essa novela foi refeita, anos depois, pela TV Globo.

Em 1976, após mais quatro novelas para a Tupi, Ivani parte para o tema espiritualista: *A Viagem*. Outro grande sucesso e também refeita pela TV Globo.

Em 1979, com mais três títulos, a novelista escreve seu último trabalho para o Canal 4: *Aritana*, com Carlos Alberto Ricelli no papel título.

Ivani Ribeiro continuou a escrever para a Bandeirantes e a Globo, até o seu falecimento, aos 73 anos de idade.

Geraldo Vietri – Era prata da casa. O criador do *TV de Comédia* resolveu investir pra valer em novelas. Seu estilo bem brasileiro, bem paulistano, bem coloquial e familiar conquistou o público. Novelas diárias de Vietri, para a TV Tupi:

A Inimiga, 1966 – *A Ré Misteriosa,* 1966 – *A Intrusa,* 1967 – *A Ponte de Waterloo,* 1967 – *Os Rebeldes,* 1967/1968 – *Antonio Maria,* 1968/1969 – *Nino, o Italianinho,* 1969/1970 – *O Selvagem,* 1971 – *A Fábrica,* 1971/1972 – *Vitória Bonelli,* 1972/1973 – *Meu Rico Português,* 1975 – *Os Apóstolos de Judas,* 1976 – *João Brasileiro, o Bom Baiano,* 1978.

Foram 13 novelas no espaço de 12 anos. Além de continuar, por vários anos, a escrever para o *TV de Comédia* e outros seriados. Geraldo Vietri lançou em suas novelas grandes atores: Sérgio Cardoso, Berta Zemel, Juca de Oliveira e outros.

Outros Novelistas

Vários outros novelistas surgiram na TV. Aliás, eram todos novelistas de rádio e foram transferindo-se para a televisão. É que havia mais oportunidades, mais horários, mais estilos. Por exemplo: *O Segredo de Laura*, escrita por Vida Alves, inaugurou o horário de novelas das 18h30min. Para a segunda novela desse horário, foi chamada Lúcia Lambertini, autora de *Quem Casa com Maria?*

E outros redatores vieram: **Ciro Bassini**, ótimo autor de radionovelas; **Júlio Atlas**, também vindo do rádio; **Marcos Rey**, escritor, jornalista; **Alba Garcia**; **Lauro César Muniz**, que começou aí e fez muito sucesso; **Dulce Santucci**, famosa no rádio e na televisão, com a primeira' novela diária da TV Excelsior, *2-5499 Ocupado*; **Benedito Ruy Barbosa**, que foi vitorioso sempre, e é considerado por muitos, o melhor novelista do Brasil; **Walter George Durst**, famoso pelo *TV de Vanguarda* e até **Cassiano Gabus Mendes**, que, em 1966, escreveu *O Amor tem Cara de Mulher.*

Enfim, eram muitos. Agora era a vez da novela. Todos queriam experimentá-la. Todos queriam tirar um pedacinho que fosse dessa que começava a ser a mania nacional.

Teixeira Filho, outro grande novelista da TV Tupi. Nascido no Paraná, na cidade de Cambará, em 1922, era formado em jornalismo, mas sempre foi redator de rádio e mais tarde de televisão. Foi também locutor, mas sua inclinação era para a redação. Além desse seu talento, dirigiu várias emissoras de rádio. Esteve ainda muitos anos na Europa, onde estudou televisão. Teve muitas novelas de sucesso, originais e adaptadas. Foi casado com a atriz Carmem Lídia. Faleceu em 1984, com 62 anos de idade.

O autor havia adaptado para a Eurovisão, a novela *O Velho e o Mar*, de Hemmingway. Já no Brasil escreveu *A Pequena Órfã, O Direito dos Filhos, O Tempo e o Vento, Rosa dos Ventos*, *Ídolo de Pano*, *Um Dia, o Amor, Um Sol Maior* e *O Direito de Nascer* (todas na Tupi).

O Direito de Nascer

E surgiu *O Direito de Nascer*, em 7 de dezembro de 1964. Escrita por **Teixeira Filho** e **Talma de Oliveira**, essa novela foi um sucesso estrondoso, inspirada em Felix Caignet.

A estória passa-se em Cuba, sociedade moralista, início do século 20. E há um emaranhado de situações, em que uma mãe solteira, Maria Helena, para livrar seu pequeno filho do avô tirano, permite que a negra Dolores o leve para uma outra cidade e o crie anonimamente. Albertinho Limonta, esse garoto, cresce e forma-se em medicina. Os anos passam e, um dia, por ironia do destino, ele salva da morte o avô que o perseguiu. Aí conhece Isabel Cristina, sua prima e também neta do avô tirano, apaixona-se e casa-se com ela.

Como se percebe, um intrincado e perfeito romance de amor e ódio, suspense e paixão, que atraiu o público. E o suspense maior é que os personagens não se conhecem, mas o público sim. E por isso torce, para que as coisas se desenrolem a contento. Jamais houve novela com tanta atração.

Os atores: Amilton Fernandes (Albertinho Limonta); Nathália Thimberg (Maria Helena, a mãe); Isaura Bruno (Mamãe Dolores); Guy Loup (Isabel Cristina, a neta); José Parisi (Jorge Luiz); Elísio de Albuquerque (dom Rafael, o avô); Vininha de Moraes (Dorinha); Rolando Boldrin (Ricardo); Henrique Martins (Alfredo).

E mais uma dezena de outros. Todos eram reconhecidos, amados, idolatrados, ou odiados pelo público. Foi o primeiro grande sucesso da televisão brasileira. Tanto que Guy Loup passou a adotar o nome artístico de Isabel Cristina.

Disse Guy Loup para Vida Alves: O Direito de Nascer *começou em dezembro de 64 e terminou em agosto de 65. O encerramento foi um delírio. Nunca eu tinha visto coisa igual. Primeiro em São Paulo, no Ginásio do Ibirapuera, e no dia seguinte, no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. O estádio estava superlotado. Todos gritavam os nomes de nossos personagens. Uma verdadeira avalanche, uma neurose. Eu era muito nova e meu papelzinho era água-com-açúcar. Aqueles beijinhos, não como os beijos de hoje. Tanto que, a conselho do Cassiano Gabus Mendes, mudei meu nome. Passei a me chamar Isabel Cristina.*

No começo isso foi uma boa, porque o Amilton me chamava para as festas de debutantes, e tudo o mais.

Mas depois isso complicou. Não tivemos apoio, não tivemos quem agenciasse nosso sucesso. As coisas eram diferentes. E aí eu não fiquei nem Isabel Cristina e nem Guy Loup. Não foi bom.

Mamãe Dolores, por onde passava, todos gritavam seu nome e choravam. A destemida mulher negra que salvou e deu vida ao menino Albertinho Limonta, o herói. E este ficou sendo o maior galã de todos os tempos: Albertinho Limonta. ***O Direito de Nascer*** **foi toda gravada em *vídeoteipe* e transmitida para sete Estados.**

Curiosidade: nem todas as emissoras que exibiam *O Direito de Nascer* eram *Associadas*. No Rio de Janeiro, a TV Tupi não achou viável a novela paulista e decidiu não exibi-la. A compradora foi a TV Rio, que se deu bem com o sucesso.

Ao ler o *copião* deste, Boni nos enviou um texto sobre o fato, que por ser *verdadeiro e curioso*, será incluído no corpo do livro, como curiosidade. Vamos lá:

Na verdade, a idéia de fazer O Direito de Nascer *foi minha. Eu e o Walter Clark enviamos a Dercy Gonçalves e o David Raw para o México, onde estava residindo o cubano Felix Cagnet e, como a TV Rio estava mal de finanças, compramos com dinheiro do nosso bolso os direitos para televisão no Brasil.*

A TV Rio não tinha condições de produzir a novela, nem adaptadores, nem estúdios, nem elenco. Oferecemos à TV Record que não acreditou no projeto.

Face ao prejuízo eminente, procurei a Lintas que se interessou pelo projeto e condicionou seu patrocínio a que encontrássemos uma emissora disposta a produzir. Procurei o Fernando Severino que, entusiasmado, me levou ao Cassiano Gabus Mendes. Em princípio, ele não tinha condições de produzir porque a TV Tupi do Rio ficaria de fora, uma vez que eu era diretor-artístico da TV Rio e sócio dos direitos.

Por pura amizade, o Cassiano decidiu convencer a Tupi do Rio de que os Associados *produziriam* O Direito de Nascer *e teriam que entregar a exibição, no Rio, à TV Rio. Conversamos com o Rogério Severino e ele convenceu o pessoal da Tupi Rio. Finalmente conseguimos a liberação para aquela praça, em troca da cessão dos direitos autorais para o resto do Brasil.*

Se não fosse o Fernando Severino e o Cassiano, eu estaria endividado até hoje.

Boni

Festa de encerramento da novela O Direito de Nascer*: no palco, Vininha de Moraes, Nathália Timberg, Isaura Bruno, Guy Loup, Luiz Gustavo, José Parisi (ao microfone), Henrique Martins, Elísio de Albuquerque e Amilton Fernandes, 1965*

Outras Novelas

Depois do estrondoso sucesso de *O Direito de Nascer*, as novelas cubanas e depois as mexicanas invadiram as praças. A TV Globo tinha **Glória Magadan**, a indestrutível, e outras emissoras pensavam sempre em dramalhões, embora esse não fosse o gosto da direção artística da Tupi. A TV Tupi tinha três horários de novela por dia. Chegou a quatro: *O Preço de uma Vida*, escrita por Talma de Oliveira, com Sérgio Cardoso interpretando o doutor Valcourt, em 1965; *A Outra*, de Walter George Durst, com Juca de Oliveira e Vida Alves, em 1965; *O Pecado de Cada Um*, de Wanda Kosmo, em 1966; *Ana Maria, Meu Amor*, de Alves Teixeira, em 1966; *Calúnia*, de Talma de Oliveira. Nessa novela trabalhou Fernanda Montenegro, 1966; *O Amor tem Cara de Mulher*, de Cassiano Gabus Mendes, que reuniu quatro atrizes protagonistas: Eva Wilma, Aracy Balabanian, Cleyde Yáconis e Vida Alves, 1966; *Somos Todos Irmãos*, de Benedito Ruy Barbosa, 1966; *A Ré Misteriosa*, de Geraldo Vietri, com Lima Duarte, Juca de Oliveira e Nathália Thimberg encabeçando o elenco, 1966; *Presídio de Mulheres*, de Mário Lago (única novela escrita por ele), com Lisa Negri, 1967; *Meu Filho, Minha Vida*, de Walter George Durst, 1967; *A Ponte de Waterloo*, de Geraldo Vietri, 1967; *Éramos Seis*, escrito por Póla Civelli, do romance de Maria José Dupret, 1967; *Estrelas no Chão,* de Lauro César Muniz, 1967; e *O Décimo Mandamento*, de Benedito Ruy Barbosa, 1968. E muitas outras.

Beto Rockefeller

A direção artística da TV Tupi e os dramalhões não combinavam. De um lado, e quase por conta própria, caminhava Geraldo Vietri e seus tipos bem populares, que faziam sucesso. Mas a tendência nessa época era as novelas desembocarem no dramalhão. Foi quando apareceu **Bráulio Pedroso**. Combinando bem com Cassiano Gabus Mendes, resolveu quebrar as estruturas, modificar o estilo dramalhão e folhetinesco que ameaçava o cenário novelístico nacional (apesar das exceções já citadas). O gosto brasileiro estava ficando piegas.

Como derrubar tudo? Como recomeçar? Como inovar?

Criando um anti-herói. Foi aí que surgiu **Beto Rockfeller**.

Rapaz de classe média, vendedor de casa de calçados, simpático, falante, mentiroso, Beto era o oposto do herói clássico. Era o anti-herói.

Seu desejo era entrar nas altas rodas, era subir. Então ele se faz passar por milionário. Trapaça, vigarice, simpatia e charme eram os ingredientes.

Luiz Gustavo, à esquerda, em cena de Beto Rockfeller *e Marcos Plonka*

A direção coube ao já veterano **Lima Duarte**, que era sobretudo ator, mas que foi maravilhosamente bem na nova função. A estrela foi Débora Duarte e o astro principal, Luiz Gustavo, o famoso e querido Tatá. Beto tinha três namoradas, interpretadas por Débora Duarte, Ana Rosa e Bete Mendes. Foi nessa novela que Irene Ravache ganhou popularidade ao fazer a irmã de Beto. A novela durou um ano. De novembro de 1968 a novembro de 1969. Estava criada, definitivamente, a moderna linha da telenovela nacional.

Futebol + Carnaval + Novela = Brasil.

Curiosidade: só para mostrar a força que a TV Tupi tinha nessa época, convidou-se para engrandecer o elenco da novela *Beto Rockfeller* o ator britânico **Peter Ustinov**, o qual fez uma participação especial. Peter Ustinov já era ganhador de dois *Oscars*. Ele faleceu em 2004.

Capítulo 51

Música, Divina Música

Quando Deus criou o mundo, quando fez a natureza e as coisas todas, por certo se preocupou com a beleza. Com a imagem, com o som, com as cores, com os cheiros, os perfumes.

E aí veio o homem, seu produto mais acabado, mais perfeito, que criou a música, que criou a arte. Deus, o regente maior, gostou. Assim, a arte, a música e a beleza estão ligadas ao homem de forma divina, natural. Mesmo o ser mais primitivo admira o som, a arte, se emociona com eles, percebe-os dentro de si, desperta, acompanha, liga-se a eles com todo o seu interior.

Quando o rádio foi criado, **no princípio do século 20**, tornou-se o veículo do som, indo a todos os cantos, levando notícia e música, principalmente.

Quando a televisão foi criada, **na metade do século 20**, tornou-se o veículo do som e da imagem, indo a todos os cantos, levando notícia e música, principalmente.

O Rádio

Em São Paulo a televisão veio do rádio e do jornal. Chateaubriand era proprietário de inúmeras emissoras de rádio e de jornais. A televisão foi então a decorrência, a conseqüência.

Os profissionais do rádio, seus diretores, redatores, atores, os cantores, os maestros, os que faziam a arte da música, juntaram-se para criar o novo veículo de comunicação.

Tudo vindo do rádio e, em dose menor, do jornal escrito, embora este também estivesse na televisão desde o primeiro dia.

O rádio tinha vasta programação musical. Muita música ao vivo. E para fazê-la chegar mais ao público, era apresentada muitas vezes em palcos, em auditórios e em praças públicas.

As programações noturnas, nas emissoras de São Paulo, e por certo também nas do Rio, eram acontecimentos, eram eventos.

Os Maestros

Georges Henry, nascido na França, excursionou pela América Latina. Cantava em francês, inglês e espanhol. Também era músico. Tocava trompete. Elegante e bonito, fazia sucesso nos cassinos, nas boates grã-finas. Foi logo após o término da guerra que ele se casou e resolveu ficar no Brasil.

Georges Henry dirigindo grande orquestra no dia de inauguração da TV Tupi

Formou então uma orquestra, tendo estudado e se tornado maestro. Georges Henry foi contratado, em 1949, para as rádios Tupi e Difusora, como diretor-musical. E o departamento musical dessas emissoras tinha tanta importância, que era composto de 70 profissionais contratados mensalmente. Com sete ou oito maestros, cada um com sua especialidade e seu gosto.

Disse Georges Henry: *Eram excelentes maestros. O* ***Rafael Puglielli****, o* ***Élcio Álvares****, o* ***Guedes****, o* ***Hector Lagna Fieta****, o* ***Aldo Petriolli****, o* ***Leonel Morpurgo****, o* ***Luis Arruda Paes****, o* ***Francisco Dorce****... Um se ligava à ópera, outro ao popular, outro... Enfim, cada um com seu estilo, sua preferência. O meu programa era* Antarctica no Mundo dos Sons. *Modéstia à parte, um grande sucesso, que mesmo hoje, passados mais de 50 anos, ainda é lembrado pelo público. Era um programa produzido pelo próprio Cassiano Gabus Mendes, com tudo o que havia de melhor, na época*.

No grande auditório da Tupi, maestros, cantores e toda a orquestra apresentavam-se de gala. As cantoras de longo, os músicos, os apresentadores de *smoking*, o maestro de fraque. Como era exigido à época: grande gala.

Os Cantores

Cantar com orquestra era uma coisa séria, pois os programas eram transmitidos por rádio, por televisão e tinham público. Os cantores eram bons, eficientes, e os ensaios eram muitos.

Cantores Líricos

Clélia Simone, nascida em São Paulo, na região dos Jardins, filha de família tradicional, conheceu o Maestro Georges Henry por acaso e ele se encantou com sua voz. Fê-la *estrelinha* do *Antarctica no Mundo dos Sons*, embora ela fosse uma principiante. Cantava músicas de filmes que estavam muito em voga, na época. Clélia Simone era uma soprano e, além disso, sabia línguas. Era perfeito. Sabia inglês, francês, espanhol, italiano, alemão e português. Fez um sucesso enorme e cantou no *Música e Fantasia* também. Cantou *Aleluia*, num *show* inesquecível. Clélia Simone ficou dez anos na TV Tupi de São Paulo.

Romeu Ferez foi o que mais se destacou. Tenor, estava em todos os programas da TV Tupi. Além da belíssima voz, sua alegria e sua personalidade eram cativantes. Seu riso solto marcava sempre. Era amigo de todos, o grande Romeu Ferez.

Willian Forneaux era cantor, assobiador e elemento muito importante nos programas de Georges Henry. Tinha um público cativo, que delirava ao vê-lo.

Nancy Lonzã Miranda tinha voz mais de contralto. Forte, grave, fazia parte do corpo permanente de cantores da TV Tupi. Foi tão importante para a música lírica que acabou por criar a Fundação Nancy Louzã Miranda, numa extensão de sua escola de cantores, que existia em São Paulo, e chegava aos Estados Unidos, para onde ia sempre dar aulas para cantores de cinema. Sua fama era internacional.

Geraldo Castelari tinha voz de barítono. E estava em todos os programas. Casou-se com Nancy Louzã Miranda.

Pedro Celestino, cantor de operetas, irmão de Vicente Celestino, fez sucesso com sua trupe de cantores líricos, entre eles Amadeu Celestino, Tânia Amaral, Tercine Sarraceni.

Cantores Populares

A música sempre foi muito bem recebida no Brasil. E vários cantores nessa área se salientavam.

Hebe Camargo era muito considerada. Filha de Fego Camargo, o querido Feguinho, cantava, a princípio, com sua irmã Estela e com sua prima. Depois passou à carreira solo e a fazer sucesso, bem antes de se tornar apresentadora. Dentre os *clips* que foram feitos na fase preparatória da TV, há um em que Hebe Camargo canta, ao lado de Ivon Cury: *Pé de Manacá*. E este é reprisado ***n*** vezes, sempre que se quer recordar os primórdios da TV Tupi. Hebe Camargo gravou vários discos já nessa época. Um deles, de autoria de Antonio Rago e Ribeiro Filho, é: *Jamais te Esquecerei.*

Triana Romero começou a cantar desde aos 3 anos de idade. Adorava música. Aprendeu a tocar piano com a irmã e só entrou no Conservatório Lírico e Musical de São Paulo, no último ano, para tirar o diploma. Até hoje é pianista do Teatro Municipal de São Paulo. Mas seu sucesso como cantora foi com músicas espanholas, que eram do gosto do público. Casou-se com Astrogildo Filho, que era cantor e ator, teve filhos. Graciosa, alegre, amiga, Triana cantou no conjunto *De Ontem e de Hoje*. Esse grupo, quando se apresentava, era sempre muito aplaudido.

Norma Avian, dona de uma voz excepcional, desde menina, começou a cantar e ainda era adolescente quando ganhou um concurso de canto. Seu início foi na TV Tupi. Participou do conjunto *As Três Meninas*, ao lado de Estela Camargo e Lourdinha Pereira. Depois foi para o *Trio Itapoan*, com Estela Camargo e Helena Andrade. E logo a seguir passou para a TV Record, que ia cada vez mais se especializando em musicais. Ganhou programa próprio, logo conseguindo patrocínio das Lojas Sutoris e Petistil, e ficou no ar muito tempo. Norma gravou muitos

discos. Cantou ainda no *Conjunto Farroupilha*. Norma Avian casou-se com o diretor e produtor musical Júlio Nagib, que veio a falecer muito jovem. Norma Avian havia se formado em Psicologia e passou a cantar só eventualmente, ao lado de Triana Romero, Wilma Camargo e Manô Bittencourt, no conjunto *De Ontem e de Hoje*.

Nelson Novaes, nascido em 1920, cantou desde cedo e canta ainda nos dias de hoje. Começou em boates. Atuou muito no Cassino da Urca. Logo passou para emissoras de rádio. Na Rádio Cultura, que era chamada *Palácio do Rádio*, ficou muitos anos. Depois foi para as rádios Tupi e Difusora e para a TV Tupi. Ele gravou vários discos pelas gravadoras Continental, Toda América e Copacabana.

Agnaldo Rayol, uma das melhores vozes deste país, começou a cantar quando tinha 3 anos de idade. Com 8 anos apresentou-se na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Logo fez tanto sucesso que foi para o cinema, cantando no filme *Também Somos Irmãos*, ao lado de Vera Nunes e Grande Otelo. Mais tarde assinou contrato com a TV Tupi do Rio de Janeiro, tendo sido chamado por J. Antonio D'Ávila. Cantava *Ave Maria*, de Vicente Paiva, e *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso. E aí foi cantar em São Paulo, na TV Tupi, chamado por Ribeiro Filho. Começou então a apresentar o programa *Sonhos Musicais*, que ficou quatro anos no ar. Foi quando gravou seu primeiro disco, *Se Todos Fossem Iguais a Você* e *Prece*. Voltou ao cinema e seu sucesso não teve fim. Trabalhou também como ator na TV Excelsior, na TV Record, na TV Cultura, na TV Globo. Seu auge foi no programa *Agnaldo Rayol Show*. E ainda é preciso salientar sua apresentação em *Festa Baile*, da TV Cultura, onde se tornou um grande ídolo. Sempre fazendo sucesso, além dos discos 78 e 45 rotações, gravou 45 *long-plays*. Agnaldo Rayol estava na TV Tupi de São Paulo, a convite de Walter Avancini, quando a emissora pioneira estava para fechar suas portas. Cantor nacional e internacional, Agnaldo Rayol também foi um dos cantores da TV Tupi de São Paulo.

Curiosidade: Maysa foi a primeira cantora a ser lançada pela televisão.

Outros grandes cantores fizeram parte do *cast* associado.

Rosa Pardini - Detentora de uma voz doce, inigualável e de um rosto perfeito, angelical. Nascida em São Paulo, capital, em 1926, atuou em várias emissoras, como Record, Cultura, São Paulo e Associadas.

Esterzinha Borges – Nasceu em 13 de maio de 1927, na capital paulista. Sempre muito graciosa, bonita e simpática, atuou muitos anos nas Emissoras Associadas.

Ivon Cury – Nasceu em Minas Gerais, na cidade de Caxambu, em 5 de junho de 1926. Começou na rádio, como cantor, na Tupi do Rio de Janeiro. Depois passou para São Paulo e estava já no dia da inauguração. Muito extrovertido e simpático, era também um grande comunicador.

Osny Silva – Nasceu em Rio Branco, Estado do Acre, em 30 de setembro de 1917. Trabalhou em rádio como operador de som, mas quando lançou-se como cantor teve sucesso imenso. Gravou *A Monolita*, e onde quer que fosse, tinha que cantar essa música.

Margalô Bruce - Nasceu a 24 de abril no Rio de Janeiro. Voz grave, gostosa, cantou em várias emissoras.

Lourdinha Pereira – Começou cantando na Rádio Tupi. Em 1961 começou a gravar. Fez *Amor Desfeito*, pela Chantecler. Depois *Papéis Velhos, Não Devolvi, Lembranças, Meu Coração é meu Juiz, Um Cantinho para Dois*, e vários outros discos. Lourdinha integrou o famoso *Conjunto Farroupilha*. Casou-se com o cantor e compositor Rolandro Boldrin.

Léo Romano - Foi um dos principais cantores populares das Emissoras Associadas. Bela voz, bela figura, atuava tanto em rádio como em televisão.

Agostinho dos Santos – Era crooner de orquestra. Sua característica principal era numa mesma música fazer variações vocais. Ficou famoso cantando *Manhã de Carnaval, Balada Triste, Hino de Amor*. Morreu prematuramente em um desastre de avião.

Leny Caldeira – Nasceu em 2 novembro de 1932, em Itabira, Minas Gerais. Começou cantando em programas infantis. Ainda estudante, apresentou-se na Rádio Belgrano de Buenos Ayres. De volta ao Brasil, foi contratada pela Rádio Mayrink Veiga e depois São Paulo. Cantou na Rádio Bandeirantes, a seguir Tupi e Difusora. Passou para a TV Tupi, ficou por 30 anos, nas Emissoras Associados, cantando em todos os programas musicais. Ficou em 1° lugar no programa *Astros do Disco*, com a música *A Confissão*.

Laila Cury – Moça da sociedade, voz forte, repertório acurado. Bela cantora.

Wilma Camargo – Maestrina, é também cantora, além de compositora, letrista, regente de coro. Foi teleatriz, tendo participado do grupo Tesp, de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Gravou discos na Fermata e Som Livre. Atualmente é a responsável pelo grupo musical *De Ontem e de Hoje.*

Caco Velho - Cujo nome é Mateus Nunes, nasceu em Porto Alegre, RS, no dia 12 de março de 1919. Começou sua carreira como cantor, tendo atuado em várias emissoras, como Tupi, Difusora, Record de São Paulo e Nacional do Rio de Janeiro.

Arminda Falcão – nasceu em 14 de dezembro de 1906, na cidade de Coimbra, Portugal. Começou sua carreira na rádio como cantora, tendo atuado nas rádios Educadora, Record e Associadas de São Paulo. Gravou um dos *clips* que passaram nos primeiros dias da TV Tupi de São Paulo.

Astrogildo Filho – Nasceu em Santos, Estado de São Paulo, em 29 de março de 1923. Começou sua carreira artística aos 12 anos, atuando como radioator, cantor e locutor. Por muitos anos atuou nas Emissoras Associadas de Rádio e depois de Televisão. Foi casado com a cantora Triana Romero. Faleceu prematuramente.

Elza Aguiar – Nascida em São Paulo, no dia 12 de fevereiro, começou, aos 7 anos, na Rádio Educadora. Fazia dupla com o irmão Eduardo. Cantou depois na Rádio Bandeirantes e Rádio Gazeta. Em 1958 foi para a TV Tupi, onde participou de vários programas, tendo recebido troféus como *imitadora*, especialidade a que Elza se lançou.

Wilma Bentivegna – Nasceu em São Paulo, capital, a 17 de julho de 1929. Desde menina gostava de cantar. Voz excepcionalmente linda. Além disso sua interpretação era primorosa. Foi também radioatriz excelente. Seu tipo físico pequenino ajudava para que todos a achassem garota e a chamassem de Wilminha. Fez muito sucesso com sua gravação do *Hino ao Amor* e *Marcelino, Pão e Vinho*.

Sidney Moraes – Nasceu em Pirajibu, Estado de São Paulo. Começou a cantar desde menino e, quando veio para São Paulo, em 1946, foi contratado pelas rádios Tupi e Difusora. Formou com os amigos o quarteto *Garotos Vocalistas*, que depois passou a se chamar *Os 4 Amigos*. Eles cantaram na inauguração da TV Tupi. Depois Sidney, que era também professor de violão, dedicou sua vida à música, tendo feito várias gravações. Fez parte do *Conjunto Farroupilha*, com o qual excursionou pelo mundo. A seguir passou a usar o nome de Santo Morales e se especializou em cantar boleros.

Zita Martins – Nascida em 10 de novembro, na capital paulista, começou sua carreira como cantor. Trabalhou muitos anos nas Emissoras Associadas e na Rádio Nacional. Mais tarde, como pianista, auxiliava o maestro Francisco Dorce no famoso programa *Clube do Papai-Noel*.

Titulares do Ritmo – Esse grupo formou-se no dia 3 de setembro de 1945. Isso aconteceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Conjunto musical, cujo slogan era *O mais harmonioso do Brasil*. O grupo atuou em várias emissoras, sempre com muito sucesso, tanto em Minas como no Rio e em São Paulo. Os nomes dos cinco elementos são: Geraldo, Domingos, Costa, Foter Chico e Britto. Todos deficientes visuais, todos absolutamente harmoniosos.

Outros grandes cantores populares atuavam nas Emissoras de Rádio e Televisão Associadas. Um exemplo disso era o grande evento que acontecia todos os anos, no Teatro Municipal de São Paulo, com a apresentação de Homero Silva, a presença das crianças do *Clube do Papai Noel*, e participação especial de cantores de nome nacional, como Luiz Gonzaga. Era uma festa para São Paulo.

Cantores Internacionais

Além dos cantores da casa e que eram muitos, a TV Tupi convidava cantores estrangeiros quase todos os meses. Nisso, é verdade, a primeira colocação estava com a TV Record, que trouxe, entre outros, **Nat King Cole**, **Sarah Vaughan** e **Johnny Mathis**.

Mas, falando de Tupi, citaremos alguns cantores que aqui estiveram e eram sucessos mundiais:

Maurice Chevalier, o *chançoniere* francês, dono de um charme pessoal e um jeito especial de cantar e dançar. Dominava a França e o mundo.

Josefine Baker, a *musa negra*, alta, magra, penteados exóticos, dominava os homens com sua voz possante e seu estilo marcante.

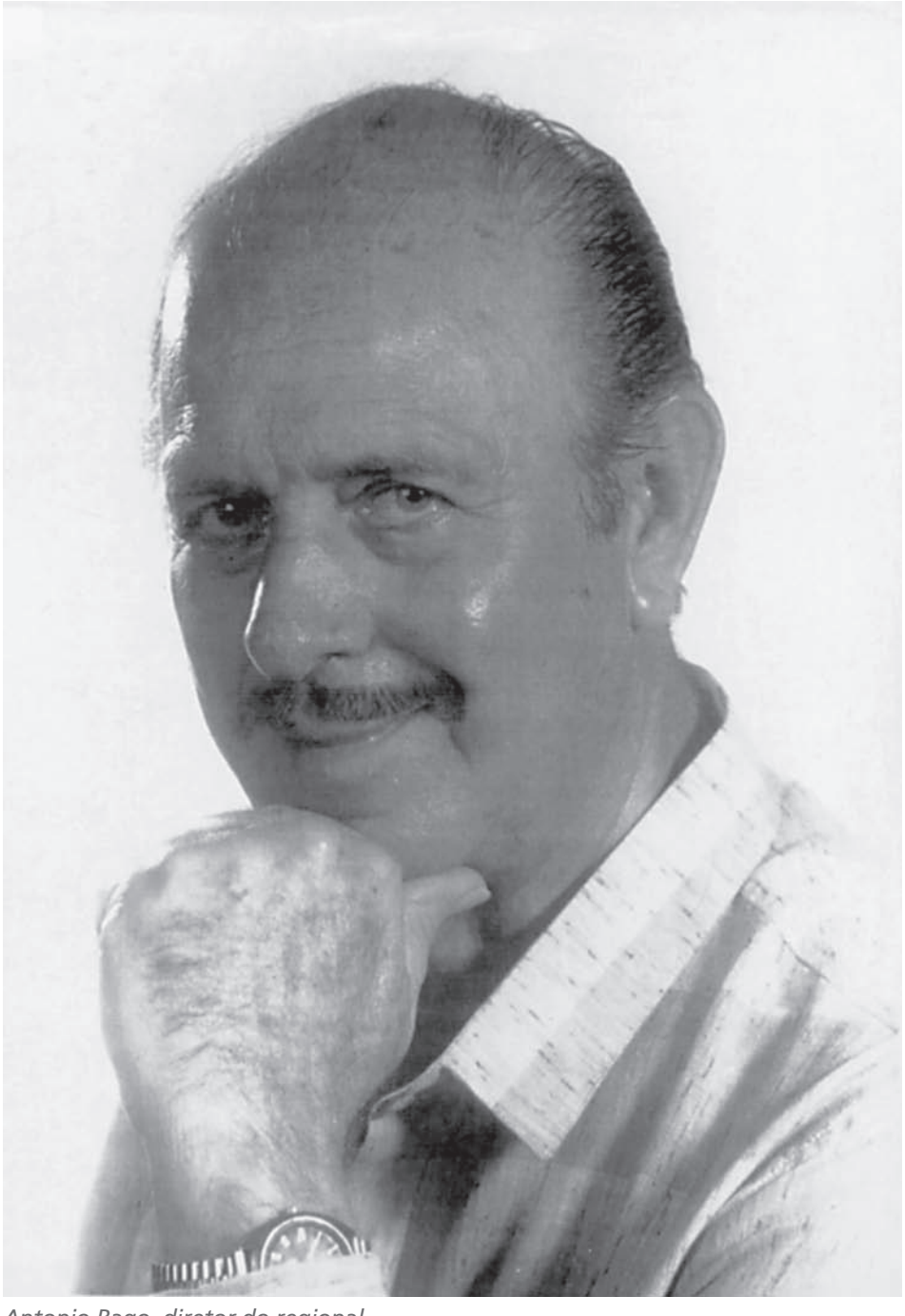
Amália Rodrigues, *rainha do fado português*. Suas músicas são cantadas até hoje, pois Amália sempre foi copiada, jamais igualada. Bela, com seu xale negro, cantora inigualável.

E tantos outros. Citemos: **Nicola Paone**, que cantava *Ué, paisano*; **Rita Pavone**; **Lúccio Gatica**; **Gregório Barros**, que gostava tanto do Brasil, que por aqui ficou para sempre.

O Regional

Antonio Rago era apaixonado por violão desde menino. Seu pai tinha um gramofone e gostava de músicas italianas. Mas o garoto queria ouvir o Américo Giacomino, o famoso *Canhoto*, que era canhoto, mas tirava sons lindos do violão. Ele compunha músicas maravilhosas, como a *Marcha dos Marinheiros, Abismo de Rosas* e centenas de outras. O menino Antonio era fanático por aquilo, mas seu pai não o deixava mexer no gramofone, em que ele ouvia suas cançonetas. Foi aí que Rago ganhou seu primeiro violão de um cunhado e começou a tirar um som. Ele estava com 8 anos de idade, mas já sabia o que queria.

Rago conseguiu, já mocinho, ser contratado pela Rádio Cultura, de Cândido Fontoura e seus filhos. Daí passou para a Rádio Record, onde foi convidado para ser o titular do conjunto musical. Assim acompanhava os grandes cantores da época, como Silvio Caldas, Francisco Alves,



Antonio Rago, diretor do regional

Aracy de Almeida. Em seguida foi para a Rádio Tupi e Difusora, onde ficou por 15 anos, pegando a chegada da TV Tupi. O Regional do Rago era grande, pois atendia aos programas de música popular das rádios Tupi e Difusora, bem como da TV Tupi. Faziam parte dele os músicos: Esmeraldino, Silas, Zezinho do Pandeiro, Orlandinho, e outros.

Os Produtores Musicais

Foram muitos. Ser produtor musical de televisão era uma função complexa. Precisava ter a idéia, imaginar o programa, criar seus ingredientes, depois interligar-se com o diretor musical, conseguir as condições, convidar o elenco de cantores, enfim, fazer acontecer o programa, colocá-lo no ar.

Vários foram os produtores musicais importantes do Canal 3, que depois passou a Canal 4, Tupi-Difusora de São Paulo. Podemos citar **Theophilo de Barros Filho**, **Abelardo Figueiredo**, **Júlio Nagib**, **Fernando Faro**, **Cassiano Gabus Mendes**, **Magno Salerno** e outros.

Mais uma vez vamos observar aqui a variedade de gostos e de estilos.

Cassiano Gabus Mendes, que logo no início passou a ser o diretor-artístico, gostava também de música e foi produtor do *Antarctica no Mundo dos Sons*. Mas, por ter mil outras atividades, deixava que o maestro Georges Henry e seus auxiliares fizessem tudo. Era mais um supervisor-geral do programa e o seletor de imagens.

Theophilo de Barros Filho era também diretor-artístico da Rádio Tupi: voltava-se muito à produção de *shows* musicais, pois adorava música. Foi produtor do *Concertos Matinais*, da TV Tupi, que acontecia no Teatro Municipal de São Paulo e fazia um sucesso enorme. Com esse programa Theophilo recebeu vários troféus, como melhor produtor musical. Ganhou quatro Roquette Pinto, um Troféu Imprensa, um Troféu O Dia, como melhor espetáculo de TV. Várias vezes o Troféu Walita, o Troféu Ana Povlova. Theophilo gostava de ouvir música clássica e o fazia todos os dias de sua vida.

Júlio Nagib era ator, como já foi dito aqui, mas amava a música. E foi ele quem imaginou o programa *Clube dos Artistas*, que reunia música, lançamentos musicais e divulgação de eventos artísticos. Mais tarde Júlio Nagib ligou-se diretamente às gravadoras. E foi diretor-artístico de diversas delas. Foi diretor da Odeon, da RCA, da Fermata, da Continental, da RGE e da Columbia. Lançou diversos sucessos, como *Hino ao Amor*, com Wilma Bentivegna, LP com Luiz Arruda Paes e orquestra, que deu a esse maestro um Disco de Ouro nos Estados Unidos. Júlio Nagib foi um intransigente defensor dos direitos autorais, integrando a diretoria da Sicam – Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais.

Abelardo Figueiredo nasceu em Icaraí, Niterói, Rio de Janeiro, em 27 de novembro de 1931. Desde pequeno era chamado de *Grilo Falante*, porque se comunicava com todo mundo e seus pais achavam que ele ia ser embaixador. No lugar disso fez muita amizade com Nicette Bruno, que era sua vizinha, e ligou-se ao teatro. Foi com ela que veio a São Paulo, para erguer o *Teatro de Alumínio*. E, em 1954, quando organizou os festejos do 4º Centenário de São Paulo, foi convidado por Cassiano Gabus Mendes para realizar a *Revista Feminina*. O pendor de Abelardo, porém, era o *show*, era o espetáculo. Foi ele quem criou o *Música e Fantasia*. Esse programa tinha, na primeira parte, a Orquestra Sinfônica de São Paulo, com grandes intérpretes, como Yara Bernetti e Natan Swartz. Abelardo ficava encarregado da parte *Fantasia*, com balés, cantores etc. E ele gostava do que fazia, tanto que continuou sempre nesse ramo. Produziu *Grande Gala Sudan, Spot Light, Noite de Gala*. E no Rio de Janeiro, o *Pholias Philips*, programa muito famoso. Abelardo Figueiredo foi diretor-artístico do Beco, do Palladium, grandes casas noturnas. Viajou o mundo inteiro lançando cantores e bailarinos. Tornou-se nome internacional, reconhecido sempre e homenageado até hoje.

Fernando Faro nasceu em Aracaju, Sergipe, em 1927. Estudou Direito até o 3º ano, mas as famosas Arcadas começaram a pesar sobre seus ombros e ele se bandeou para o jornalismo. Passou por vários jornais e chegou à Rádio Cultura, depois à TV Paulista e mais tarde para a TV Tupi. Foi contratado para redigir os principais teleteatros da casa, mas logo preferiu o setor musical, criando o *Festival Universitário*, o *Festival de Carnaval*, o *Festival da Viola*, o *Divino e Maravilhoso* e o famoso *Ensaio*. Ficou sendo diretor-musical da TV Tupi e lançou os ainda desconhecidos Chico, Caetano, Gil e muitíssimos outros. Pode-se dizer que todos os cantores famosos da Música Popular Brasileira passaram por Faro. Chamado de *Baixinho*, por sua pequena estatura, também de *Baixo* chama as pessoas a sua volta. E as conquista com seu jeito meigo, sua voz doce e baixa. O seu programa *Ensaio*, hoje na TV Cultura, está no ar há 40 anos ininterruptos. Fernando Faro foi ainda diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo. O mais importante de Fernando Faro, porém, é sua ternura, sua simplicidade, seu jeito informal de ser e conviver.

Magno Salerno, nascido no Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1921, em 1943 transferiu-se para São Paulo, capital, ingressando na Rádio Record, ocupando o cargo de programador musical. Em 1944 transferiu-se para a Rádio Cultura, na função de programador, chefe de Discoteca e produtor de programas musicais *ao vivo*, com orquestra e cantores, com participação semanal no auditório da emissora. Recebeu na ocasião dois troféus Roquette Pinto, entregues pelo radialista Blota Junior e dois prêmios Governador do Estado, como programador e produtor de rádio, entregues pelo governador de São Paulo, Adhemar de Barros. Em 1959, tendo a Rádio Cultura passado a pertencer à cadeia

Hebe Camargo, Ribeiro Filho e Lia de Aguiar

das Emissoras Associadas, assumiu a produção de programas musicais. Na TV Tupi ocupou o cargo de assistente de direção musical. Produziu e realizou *Festivais Universitários, Feira da Música Popular Brasileira, Festivais de Carnavais* e um *Festival da Viola*. Em 1969, assumiu os programas de âmbito nacional *Clube dos Artistas* e *Almoço com as Estrelas*, como diretor e produtor. Por alguns anos foi responsável pela produção musical do concurso *Miss Brasil*. Por longo tempo, colaborou, em diversas gravadoras, como produtor musical.

João Martins Ribeiro Filho foi pioneiro da televisão. Já estava lá, quando ela chegou. Nascido em São Paulo, em 1917, começou a trabalhar na Rádio São Paulo, aos 19 anos de idade. Passou por diversas emissoras e chegou às Associadas, Tupi e Difusora. Interessou-se por esporte e é famoso o fato de terem ele, Murilo Antunes Alves e Renato Macedo alugado uma casa na rua Turiassu, São Paulo, para transmitir o jogo de futebol, que aconteceria no Parque Antarctica. E tiveram até que subir no telhado da casa, para fazer a transmissão *clandestina*. Havia um acordo entre as rádios Cruzeiro do Sul e Cosmos, e só eles podiam irradiar. O locutor da equipe pirata foi o famoso Geraldo José de Almeida. Na televisão, Ribeiro Filho foi ator, apresentador, redator, produtor. E continuava atuando nas rádios Tupi e Difusora. Foi introdutor do gênero *comédia de situação (sitcom)* e criou os programas *Filho de Peixe, Novos em Foco, Coca-cola para Milhões*. Escrevia também para outros seriados. Foi compositor de músicas, em parceria com Antonio Rago, que fizeram sucesso e foram gravadas, inclusive, por Hebe Camargo. Ribeiro Filho é falecido.

Hebe Camargo (roupa listrada), Lolita Rodrigues e colegas ensaiam ao piano com o Maestro Francisco Dorce

Marly Bueno, atriz

Capítulo 52
A Sonoplastia

Sonoplastia é arte. E para exercê-la o artista tem que ter vasta formação cultural e principalmente musical. Muitos grandes da televisão passaram pela sonoplastia e deixaram nome. É o caso de **Lima Duarte**, que sempre, em suas entrevistas, lembra o fato de ter sido sonoplasta.

A música, o som, atrai, marca muito a obra de arte, a identifica e eleva. E a sonoplastia do rádio, da televisão, do cinema é, muitas vezes, o traço principal da obra, é sua marca.

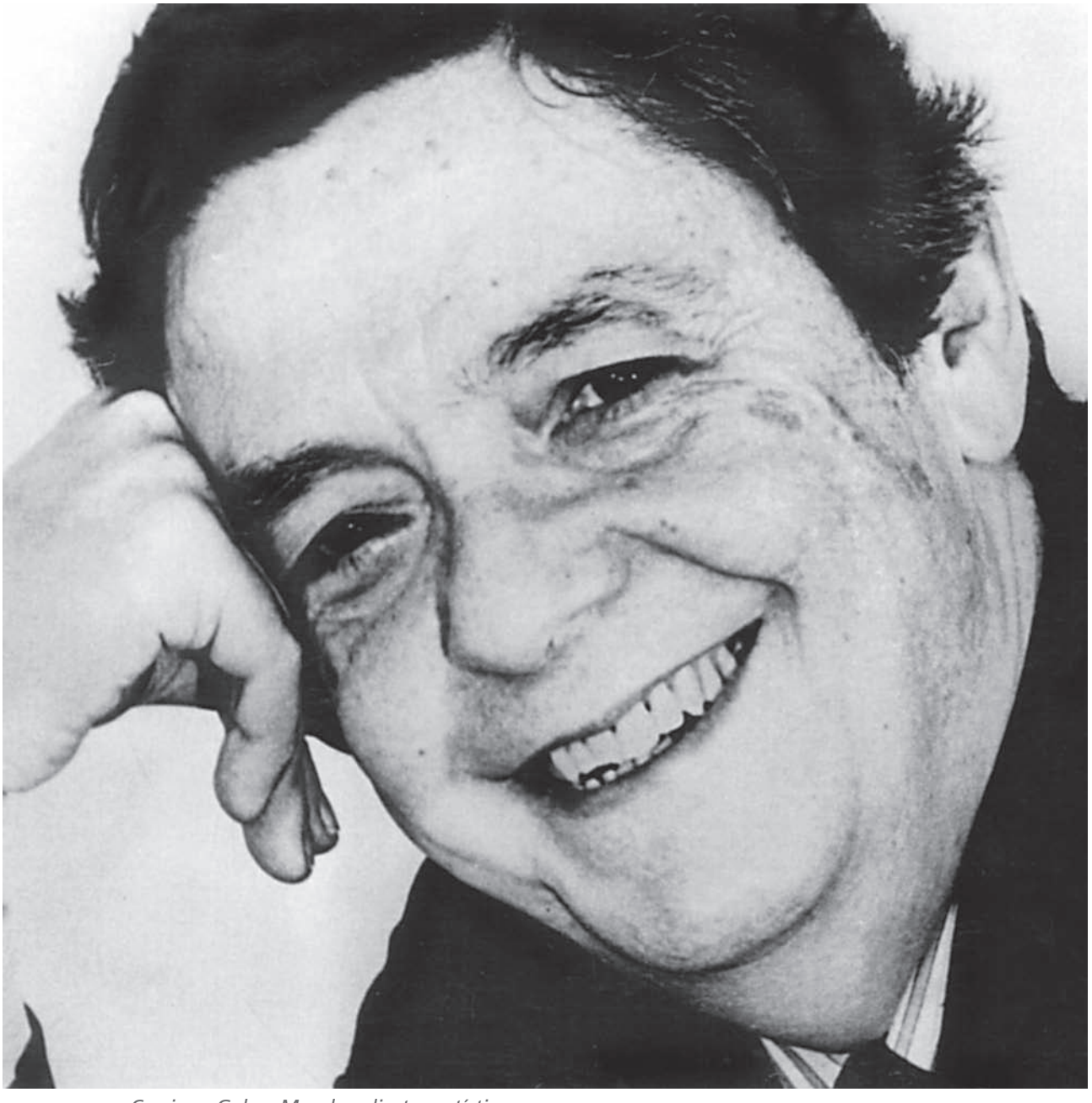
Vários sonoplastas existiram. No começo, pouco valorizados. Até que chegou **Salathiel Coelho** e cunhou definitivamente o lugar do sonoplasta no cenário televisivo nacional. Nascido na Paraíba, em 1931, iniciou sua carreira como locutor, em sua cidade natal, Esperança. Depois, em São Paulo e no Rio de Janeiro, iniciou sua atividade de sonoplasta.

Salathiel trabalhou em dez emissoras de rádio e televisão e estava na TV Tupi, quando de sua inauguração. Ganhou mais de 20 prêmios nacionais e internacionais, em sua área. Foi produtor de trilhas sonoras de novelas. Reuniu em disco os temas de sete novelas, com o título *Salathiel Coelho apresenta Temas de Novelas*.

Responsável pela sonorização de mais de 62 filmes de longa-metragem e autor de vários argumentos cinematográficos, foi, durante muito tempo, contratado por emissoras de TV de Caracas, Milão e Lisboa. Hoje, de volta ao Brasil, dedica-se a escrever livros sobre televisão, pois sua capacidade criativa não acaba nunca.

E assim, ainda que de forma breve, quisemos marcar neste capítulo a importância da música, do som, para a beleza da obra de arte da televisão, do cinema, do rádio. Enumeramos vários que se salientaram. Nomes inesquecíveis. Esquecemos tantos...

A esses pedimos perdão, pois não há como lembrar todos. Esta não é obra de um historiador. É de uma cronista e de uma cronista da vida, da vida por ela própria vivida.



Cassiano Gabus Mendes, diretor artístico

Capítulo 53
A Produção dos Programas

O trabalho de televisão, como todo mundo vê, é um trabalho de equipe. Para que a imagem e o som cheguem ao lar, muita água passa por baixo da ponte. Muito trabalho é feito. Muita gente colabora.

Atrás das câmeras, há um batalhão de profissionais de todo o tipo. São os cenógrafos, os iluminadores, os redatores, os diretores de estúdio, os maquiadores, os costureiros, os contra-regras, as camareiras, os maquinistas, os cabo-men, os sonoplastas, os diretores de TV...

Os Diretores de TV

Em verdade, o diretor de TV é o seletor de imagem. Mas o título veio já no primeiro dia. *Diretor de TV*, assim chamavam **Cassiano Gabus Mendes**, pois era ele quem ficava na técnica, no *switcher*, na frente da imagem das três câmeras de TV que estavam funcionando nos estúdios e selecionava o que iria ao ar.

Mas como Cassiano era o diretor da televisão, abaixo só de Dermival Costalima, que era o diretor-geral de todo complexo de rádio e televisão, chamaram-no diretor de TV.

Cassiano de Moraes Mendes nasceu em São Paulo, capital. Estava com 23 anos quando chegou à TV Tupi. Filho de Otávio Gabus Mendes, preferiu sempre usar o sobrenome do pai, que não era apenas seu pai, era seu líder.

Otávio Gabus Mendes era um radialista sem igual. Suas criações eram sempre sucesso. Ele era líder não só dos filhos, mas de muitos radialistas. Otavio Gabus Mendes faleceu muito cedo, aos 40 anos de idade.

Vários de seus programas de rádio serviram de inspiração para seu filho Cassiano, que, com a saída de Costalima, assumiu a direção-geral da TV Tupi.

Assim, o *Encontro das 5 e meia* de rádio passou a *Alô Doçura*, de televisão. O *Cinema em Casa*, criado por Otávio, inspirou Cassiano e sua equipe a criarem o fabuloso *TV de Vanguarda*.

Mas Cassiano fazia de tudo, e isso desde o primeiro dia na televisão. Era um homem do veículo. Amava o que fazia.

Cassiano Gabus Mendes casou-se com a atriz Helenita Sanches e foi pai de dois garotos, que mais tarde se tornavam os atores Cássio e Tato Gabus.

Ele também foi novelista da TV Tupi e mais tarde, quando deixou as Associadas, escreveu mais de 12 novelas para a TV Globo, entre as quais *Que Rei Sou Eu?* e *Anjo Mau*. Todas as suas novelas fizeram muito sucesso.

Cassiano Gabus Mendes faleceu em 1993. Amado e admirado por todos, foi ele, sem dúvida, o fio condutor, o responsável pela estrutura forte que teve a TV Tupi de São Paulo, a pioneira.

Outros grandes diretores de TV foram **Luiz Gallon**, **Hélio Tozzi**, **Irineu de Carli**, **Mário Pamponet Júnior**, **Tito Bianchini**, **Luiz Francfort**, **Régis Cardoso**, **Daniel Filho**, **David Grinberg**, **Walter Avancini**, **Arnaldo Cardoso Jorge**, **Antonino Seabra**, **Gotelipe**, **Walter Tasca**, **Humberto Pucca**, **Walter Nossaes de Lima**.

Disse Tito Bianchini: *Naquele tempo todos nós fazíamos de tudo. Eu era câmera, mas era também diretor de TV, e até ator. As nossas admiradoras nos chamavam de* astronautas. *Elas nos viam como personagens de outro planeta.*

Tito Bianchini era estudante de medicina, antes de ser "*astronauta*". Mais tarde estudou e se formou em Direito. Na televisão fez realmente de tudo, tendo conseguido ser diretor artístico de emissoras de televisão. Afastou-se depois da vida artística, não sem antes ter sido presidente do Sindicato dos Radialistas de São Paulo. E acabou por ser um grande empresário na área de limpezas industriais, limpezas de refinarias, como a Cosipa, a CSN, etc...

Os Iluminadores

Dizem os artistas de imagem que luz é tudo. E é. Se observarmos uma foto, é sempre a iluminação que determina sua qualidade. Assim, na televisão a iluminação é que faz a diferença.

A TV Tupi teve ótimos iluminadores. **José Pelégio** era incansável. Trabalhador, reservado, foi o mestre da luz, no começo da televisão.

Gilberto Botura começou muito jovem. Nasceu em 15 de abril de 1933, no Brás, bairro de São Paulo, como muitos imigrantes italianos e espanhóis. Botura também era um descendente desses povos, embora tivesse temperamento fechado e tímido. Era até um pouco gago.

Seu grande prazer, desde garoto, eram os trabalhos manuais. Fabricar perfumes, licores, cigarros. Herdou a veia artística do avô e encantou-se com as luzes, com o poder modificador delas, com a iluminação. Fabricava também fogos de artifício. Estudou eletrônica e apareceu na TV Tupi logo depois de sua inauguração. Não demorou muito para aprender um pouco

Gilberto Bottura, iluminador

Rubens Barra - cenógrafo

de tudo e acabar por se dedicar à luz, sua paixão. Iluminava *shows*, grandes teatros, novelas. Em 1972 ganhou da direção da emissora um curso nos Estados Unidos, para se aperfeiçoar. Quando, porém, a emissora fechou, em 1980, muito tristonho, partiu para outros cantos e se transformou em professor. Fez aulas, palestras, programas institucionais.

Os Cenógrafos

O primeiro deles, citado no início deste livro, foi **Carlos Jacchieri**. Mas ele não ficou muitos anos na TV Tupi. Além dele, outros apareceram, pois o número de programas aumentava a cada dia.

Um deles era o **Alexandre Korowaiszik**. Alto, loiro, foi cenógrafo de inúmeros programas.

Edu Marinho, que se chamava Eduardo, era moreno, baixinho e muito caprichoso. Nos últimos tempos transferiu-se para Curitiba, onde faleceu.

Darcy Penteado, que foi grande artista plástico do Brasil, também desenhou cenários para a TV Tupi.

Campello Neto, **Badia Vilató**, **Klaus Franke**, **Konstantino**, **Francisco Giacchieri**. Ainda **Gianni Rato**, que era mais de teatro, e **Flavio Império**, famoso por seus grandes eventos de moda, foram do Canal 4 de São Paulo.

Rubens Barra (cenógrafo que acompanhou Geraldo Vietri em quase todos os seus trabalhos): *Fiz muita coisa em televisão. Mas não costumo dizer* eu*, porque televisão é equipe. Com o Vietri, que foi meu amigo, fiz muitas novelas. Antigamente a gente fazia de tudo. Fazia também a decoração da novela. Fazia a cenografia e a decoração. A cenografia é a arquitetura: as paredes, portas, janelas. E a decoração são os móveis, quadros, flores, isso e aquilo. O cenógrafo tinha obrigação de fazer tudo. Completo. Hoje tem o diretor de arte. Mas depois a Tupi fechou, fui para a Bandeirantes e depois fui fazer comerciais. E aí ganhei um* Leão de Bronze*, num festival de comerciais da França. O comercial era o lançamento de um capacete para proteção de motociclistas. E eu fiz o seguinte: a primeira imagem era o capacete, que se fundia com um ovo. Em determinado momento esse ovo começava a rachar e corria um filete de sangue. E o locutor dizia:* Se você não usar o capacete... *E aí continuava. Mas o que valeu o prêmio é que eu fui antes joalheiro e o trabalho de furar o ovo, sem quebrar, exigiu que gastássemos cinqüenta dúzias de ovos, até dar certo. Isso também, no meu tempo, era trabalho de cenógrafo. Por tudo isso é que a gente ama e não se afasta da profissão, jamais, pois precisa ter criatividade, amor e sobretudo muita paciência.*

Com esse e outros belos relatos, vamos refazendo a história da produção dos programas de televisão.

Os Diretores de Estúdio

Uma função muito importante na televisão dos primeiros tempos era a de diretor de estúdio. Principalmente nos teleteatros, ele começava a atuar já nos ensaios.

Com o *script* na mão, ele acompanhava todas as cenas, todos os diálogos, todas as marcações e todas as falas. E assim acompanhava o espetáculo inteiro. Estava ali onde a cena estava. Era incansável e era nele que os atores confiavam. É claro que existiam os contra-regras, que os ajudavam, mas principalmente com os objetos da cena. As falas dos atores eram ligadas diretamente aos diretores de estúdio, que serviam também de *ponto*, como existia no teatro.

Os principais diretores de estúdio dos primeiros tempos foram **Walter Stuart**, **David Neto** e **Henrique Canalles**. *Verdadeiros santos*, dessa enorme engrenagem, que é a produção de programas da televisão brasileira. Também-se salientou **Gaetano Gherardi**, italiano, que veio depois a dirigir programas.

Essa soma de atividades existia desde o começo. E isso, essa interatividade, é que sempre faz a beleza do trabalho da televisão. Hoje, é claro, continua a existir, mas com uma grande diferença: a grandiosidade, o número de profissionais e a especialidade deles, que foram subdivididos e se multiplicaram. Inclusive há os estagiários, que vêm das faculdades de comunicação e enchem os corredores da televisão. E por ser tudo tão grande e numeroso, há os departamentos, os setores, os núcleos. Com isso, também é claro, às vezes uns não vêem os outros. A televisão era como uma cidade pequena e hoje... Que metrópole!

Tráfego

O tráfego hoje, graças às redes e aos satélites, tem característica diferente do que era a princípio. No começo fazia parte da produção.

Cada produtor, como era chamado, e que juntava a função de produtor e diretor, era responsável por tudo. Roupa, cenário, contra-regra, adereços, tudo era responsabilidade do produtor-diretor.

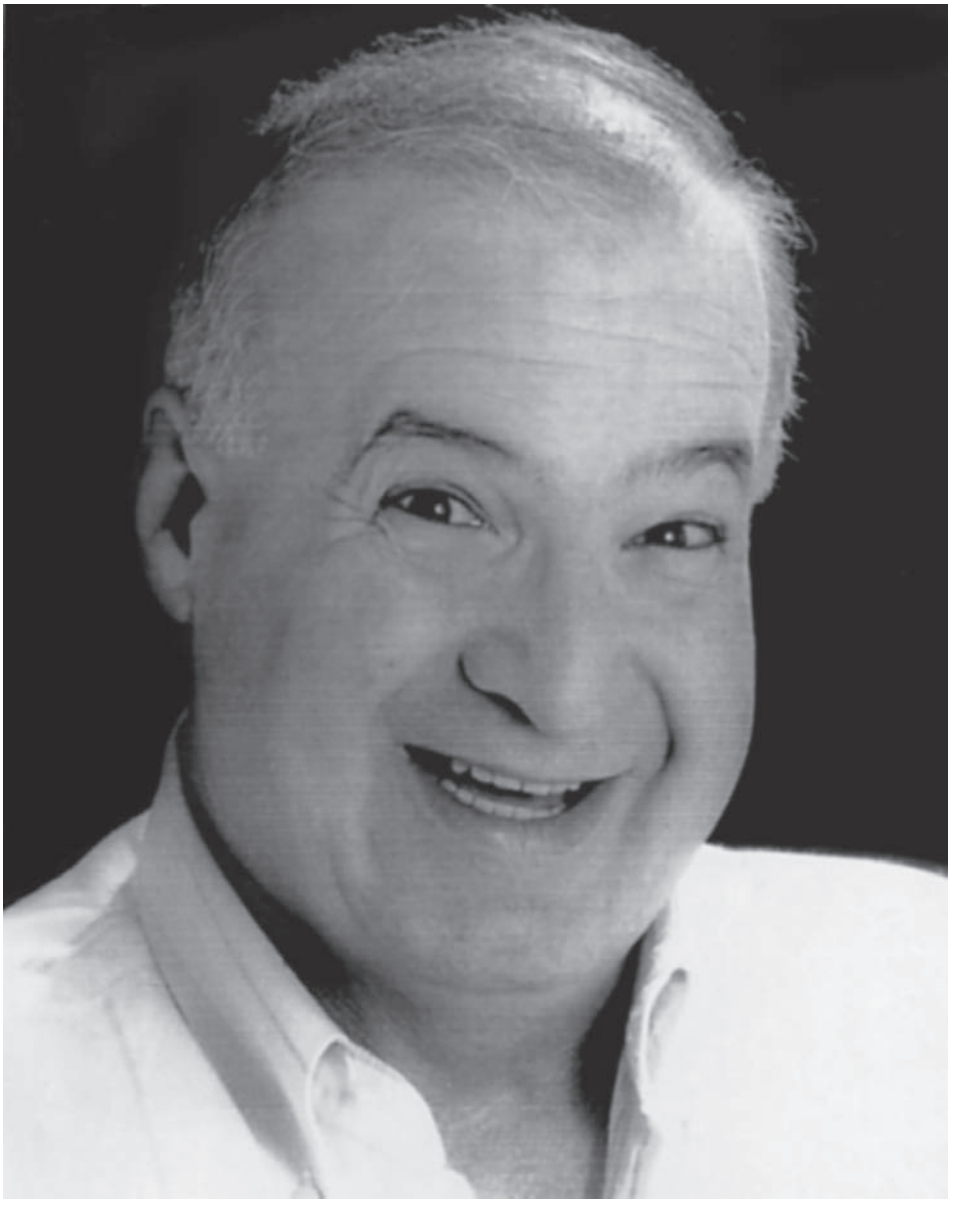
O tráfego veio organizar um pouco tudo isso. E também cuidar de enviar cópias de programas para emissoras de outras cidades. O tráfego, então, colaborava com a parte artística. Era esse departamento que marcava as gravações em *videoteipe*, quando esse chegou. Era o organizador.

Um departamento auxiliar da direção artística. O tráfego trazia à mão aquilo que o diretor do programa necessitava. E também o controle

Walter Stuart e David Neto, em A Bola do Dia - Diretores de estúdio

de fitas que iam e vinham. Disse Mauro Gianfrancesco em seu depoimento: *Não pode apagar isto, não pode apagar aquilo. Porque senão fica tudo uma balbúrdia. Isso, de certa forma, ficava sob a responsabilidade do tráfego. Vejam a importância do nosso departamento. A gente controlava tudo isso*.

Mauro Gianfrancesco, paulistano, bom jovem, ficou responsável pelo tráfego. Era também ator. Mais tarde formou-se em Letras e tornou-se professor de Comunicação em faculdades. Rapaz culto e organizado, era ele que sabia tudo sobre o andamento interno da produção artística da Televisão Tupi, depois da TV Cultura, onde ficou por alguns anos.



Mauro Gianfrancesco, responsável pelo tráfego

Capítulo 54
A Expansão

A televisão subiu a serra, e foi longe... **Em 1947, o senhor Mead Brunett, da RCA, disse a Chateaubriand que o máximo de extensão do sinal que se podia alcançar, a partir da cidade de São Paulo, era de 35 quilômetros. As condições geográficas de São Paulo não eram boas.**

Disse Jorge Edo: *Quando se colocou a estação de televisão, a idéia que corria é que ela só seria recebida nos aparelhos que tivessem visual para o transmissor ou, no máximo, na mesma cidade. Mas, inaugurado, verificou-se por acaso que em Santos, na serra, havia recepção. Então se teve uma idéia: se na serra, no Monte Serrat, chegava televisão, por que não vamos fazer com que ela se propague para o povo todo de Santos? E foi aí que inventamos, aliás, nós demos um jeitinho, pondo uma antena, que recebia São Paulo relativamente bem, na polarização horizontal. Pusemos essa antena, horizontalmente, que é a forma que as ondas se propagam no espaço e um ampliador, que foi feito por nós e transmitia de forma vertical, da polarização vertical para Santos, para que houvesse isolação elétrica entre as duas antenas e, ao mesmo tempo, o morro servisse de blindagem, e aí começamos a transmitir para Santos. Vieram os engenheiros da Comissão Técnica de Rádio e ficaram entusiasmados. Nunca tinham visto aquilo e permitiram.*

Contam que era necessário que os técnicos entrassem nos morros e fincassem postes e puxassem os fios, pergunta Vida Alves.

Responde Edo: *Era necessário! Eu muitas vezes voei pelo avião das Associadas, o* Jagunço*, vendo os lugares onde podíamos colocar nossos pontos. O piloto dava vôo rasante, media com o altímetro do avião. Até me lembro do piloto Dorival, que fazia esse trabalho comigo. Agora, por terra...*

E aí quem fala é Nelson de Mattos, técnico auxiliar de Edo: *Esse negócio de futebol nos empolgou muito. Era coqueluche. Então nossa intenção era Santos. Tínhamos uma vontade enorme de fazer a transmissão de Santos. Mas ninguém acreditava no que nós falávamos, essa é a verdade. Nós éramos todos loucos. E nós não tínhamos muita liberdade para isso. Fazíamos as coisas mais da gente. Fomos fazer Santos e encontramos uma dificuldade muito grande: a altitude. Não sabíamos qual o morro que a gente podia ir. Que locais podíamos escolher. Tínhamos um amigo, o Alfredo Neumann, casado com a apresentadora Ana Maria Neumann, e ele era comandante da Vasp. Ele fazia muitas viagens aos Estados Unidos. Então ele arrumou pra nós os mapas oficiais do Brasil. Com altitude, rios, passagens, tudo direitinho, tudo certinho. E nós fomos pra Santos pelo mapa.*

Pegamos um altímetro, o mapa, uma bússola e fomos andando. Fomos de carro, e chovia. Eu fui na frente, embaixo de chuva, tirando pedra pra perua passar. Não tinha estrada. Conseguimos chegar em Paranapiacaba, que tinha estrada de ferro. Ali conversamos com um rapaz, que nos disse: Tem dois morros altos*. Nós vimos no mapa. Um morro tinha 1.100 m e o outro 1.150 m. Foi nesse morro que começamos a derrubar. Ficamos lá e fizemos o percurso por dois meses e meio. Subindo e descendo a serra. É um lugar terrível, por causa da serração, a cinco metros de distância tinha que gritar pro outro, porque ninguém via ninguém. E nós não tínhamos nem barraca nem nada. A gente subia, depois descia. Fazia um lanche e voltava outra vez. Era muito difícil. Então eu fiz lá um "*coiso"*. Não era barraca, era um* coiso*, coberto de folha de coqueiro, pra gente pousar. Forrava o chão com aquela revistinha* 7 dias na TV*, que tinha bastante na emissora e a gente fazia aquilo de colchão. Depois fizemos uma clareira e mandamos o sinal para São Paulo. Quando São Paulo viu, Nossa Senhora, foi uma emoção! Pensamos:* O difícil já fizemos. Agora vai ser mais fácil transmitir lá de baixo*. Anunciaram o futebol, anunciaram uma porção de coisas, mas... Depois não funcionou. Fizemos de tudo e não funcionou. Quem diz passar o sinal? Foi uma ducha de água fria. Aí chegou o nosso chefe, que na época era o Nelson Leite, e disse:* Vocês já ficaram muito tempo. Não tem condição. Não tem transmissão*. Então nós ficamos loucos e eu, revoltado, disse:* Avisa a direção lá embaixo que só à bala. Só à bala vocês nos tiram daqui. Nós vamos conseguir. Nós vamos fazer essa retransmissão. *Mas aí, com todo o desespero, passaram alguns dias e funcionou. Então liguei para São Paulo e fomos fazer o primeiro jogo. A maior alegria. A gente chorando feito criança. Um abraçando o outro. Aí, ao descer, trazendo tudo nas costas, gerador, equipamento, tudo, chovia muito, e eu sofri um desastre. O gerador caiu bem em cima do meu joelho, quebrou a rótula do joelho. E todos festejando em São Paulo e eu fui direto para o hospital. Não pude festejar coisa nenhuma. Mas a minha felicidade é que todos os postos que nós descobrimos estão funcionando até hoje. E o Mário Fanucchi, que desenhava os indinhos, desenhou o indinho pulando a Serra do Mar. Foi uma glória!*

Após três meses de preparativos sigilosos, a TV Tupi de São Paulo, no dia **18 de dezembro de 1955**, transmitiu a partida de futebol: Santos x Palmeiras, diretamente da Vila Belmiro, em Santos, vista por todos os espectadores da capital paulista.

Interligação

A previsão inicial da RCA foi sendo derrubada. Em 25 de abril de 1956, Campinas recebeu televisão, através da TV Record, que criou o *slogan Emissoras Unidas – 100 quilômetros à frente*. São Paulo e Rio de Janeiro foram interligados em 26 de maio de 1956, também pela TV Record.

E o *slogan* passou a ser: *500 quilômetros à frente*. Em 11 de junho de 1956, foi a vez das Emissoras Associadas passarem à frente. São Paulo e Rio de Janeiro interligaram-se numa programação conjunta em que no final de tudo, o governador de São Paulo, Jânio Quadros, deu *Boa noite ao telespectador carioca*. E aí a TV Tupi criou o *slogan: Seus 500. Mais 500*.

A programação interligada passou a se repetir constantemente. Em locais em que houvesse obstáculos no caminho, eram colocados *links*, ligações via microondas, instalados em lugares de maior altitude.

A Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações começou a trabalhar em 1965. E aí as interligações passaram a ser instantâneas. O satélite passou a fazer parte das telecomunicações. Formação de redes nacionais. Modernização total.

Em 1969 foi a vez do Brasil entrar na Intelsat. O jornalista Hilton Gomes retransmitiu e anunciou a novidade, que foi recebida por todas as emissoras do Brasil.

As Inaugurações – O Crescimento

As dificuldades enfrentadas pela TV Tupi, a pioneira, não amedrontaram ninguém. Muitas emissoras foram inauguradas a seguir.

Observemos as datas:

1950

1. TV Tupi - São Paulo – 18 de setembro;

1951

2. TV Tupi - Rio de Janeiro – 20 de janeiro;

1952

3. TV Paulista - São Paulo – 14 de março;

1953

4. TV Record – São Paulo – 27 de setembro;

1955

5. TV Rio – Rio de Janeiro – 15de julho;
6. TV Itacolomy – Minas Gerais – 8 de novembro;

1957

7. TV Continental – Rio de Janeiro;

1959

8. TV Piratini – Rio Grande do Sul – 20 de dezembro;

1960

9. TV Brasília – Brasília – 21 de abril;
10. TV Alvorada – Brasília – 21 de abril;
11. TV Nacional – Brasília – 21 de abril;
12. TV Bauru – São Paulo – 14 de maio;
13. TV Rádio Clube – Pernambuco – 4 de junho;
14. TV Jornal do Comércio – Pernambuco – 18 de junho;
15. TV Excelsior – São Paulo – 9 de julho;
16. TV Cultura – São Paulo (1ª inauguração);
17. TV Rádio Clube – Goiás – 7 de setembro;
18. TV Paranaense – Paraná – 29 de outubro;
19. TV Itapoan – Bahia – 19 de novembro;
20. TV Ceará – Ceará – 26 de novembro;

1961

21. TV Marajoara – Pará – 30 de setembro;
22. TV Vitória – Espírito Santo – 16 de dezembro;

1962

23. TV Universitária – Pernambuco – 22 de novembro;
24. TV Gaúcha – Rio Grande do Sul – 29 de dezembro;

1963

25. TV Difusora – Maranhão – 9 de novembro;

1965

26. TV Globo – Rio de Janeiro – 26 de abril;
27. TV Morena – Mato Grosso – 25 de dezembro;

1966

28. TV Borborema – Paraíba – 14 de março;

1967

29. TV Bandeirantes – São Paulo – 13 de maio;

1969

30. TV Cultura – São Paulo – 10 de junho
    (2ª inauguração – Fundação Padre Anchieta);
31. TV Coligadas – Santa Catarina – 2 de setembro;
32. TV Ajuricaba – Amazonas – 5 de setembro;

1970

33. TV Gazeta – São Paulo – 25 de janeiro;

1971

34. TV Sergipe – Sergipe – 15 de novembro;

1972

35. TV Educativa – Rio de Janeiro – junho;
36. TV Rádio Clube – Piauí – 3 de dezembro;

1974

37. TV Rondônia – Rondônia – 13 de setembro;
38. TV Acre – Acre – outubro;

1975

39. TV Amapá – Amapá – 25 de janeiro;
40. TV Roraima – Roraima – 29 de janeiro;
41. TV Gazeta – Alagoas – 27 de setembro;

1977

42. TV Guanabara – Rio de Janeiro – 7 de julho;

1979

43. TV Catarinense – Santa Catarina – 1 de maio;

1981

44. TVS (mais tarde SBT) – São Paulo – 19 de agosto;

1983

45. Rede Manchete – São Paulo/Rio – 5 de junho;

1990

46. MTV – São Paulo – 20 de outubro.

A televisão chegou a todos os cantos do País.

Antenas do bairro do Sumaré

Capítulo 55

Televisores

No dia 18 de setembro de 1950 São Paulo ficou em festa. Estava sendo inaugurada a primeira emissora de televisão da América Latina: A TV Tupi – Difusora.

Mas o grande problema era a pouca audiência.

Chateaubriand comprou, primeiro, apenas 10 aparelhos. Depois, mais 200 aparelhos e, em seguida, todo o País se mexeu.

Calcula-se que no primeiro ano o Brasil, ou melhor, São Paulo, já possuísse 10 mil aparelhos.

Apesar do preço alto, o interesse era grande.

Curiosidade

Chateaubriand deu os televisores de presente para seus amigos. Claro que procurou dar aparelhos a lojas, a empresários que pudessem divulgar a programação, incentivar a novidade, ajudar no crescimento daquilo que para ele passou a ser prioridade.

E, então, deu um aparelho para o jornalista Roberto Marinho, empresário de comunicação do Rio de Janeiro.

Inteligente, astuto, quem sabe até um pouco *vidente*, *Chatô*, como era chamado, sabia que estava ali o seu continuador. Aquele que iria, após sua morte, elevar a importância e a força desse veículo de comunicação aos *píncaros da glória*, como se dizia naqueles tempos, através de sua Rede Globo de Televisão, que virou sucesso internacional.

É uma coisa supercuriosa, não se pode negar.

Já no primeiro instante, Chateaubriand foi ao governo e conseguiu licença de importação para três empresas internacionais: RCA, GE e Philips.

Cada uma importaria de imediato 2 mil televisores.

Além disso, os viajantes traziam televisores em suas bagagens. Esse foi o produto que mais entrou no País naqueles anos.

Mas, e os brasileiros?

E os técnicos daqui, ficaram parados?

Claro que não.

Pequenos fabricantes começaram a se mexer.

Exemplo: Gianni Gasparinetti, engenheiro italiano, que foi contratado pela TV Tupi em sua instalação, logo se desligou das Associadas e montou sua própria empresa: **Erga**. E, além de sua loja de instalação e reparos de televisores, começou a montar aparelhos. Foi dele o primeiro aparelho portátil com design totalmente brasileiro, em **1951**.

A primeira empresa, porém, que surgiu em nível nacional foi a ***Invictus***, em **1951**. A fábrica era de Bernardo Kocubrej e fez muito sucesso no Brasil.

Os aficionados por televisão tinham reguladores automáticos de voltagem ao lado da TV, para melhorar a recepção da imagem.

Outra Curiosidade

Pouco antes da entrada da televisão colorida, o brasileiro, com sua criatividade e seu espírito sonhador, criou a moda de colocar um *plástico* com listras coloridas em frente aos televisores. Elas eram aderidas aos aparelhos e davam matizes bonitas à imagem que aparecia nos aparelhos em preto-e-branco.

Coisa de brasileiros...

No dia 18 de setembro de 1950 São Paulo possuía 200 aparelhos de televisão.
No ano 2000 eram 45 milhões de aparelhos em todo o Brasil.
No ano 2004 esse número saltou para 50 milhões de aparelhos.

O Brasil se tornou o país da televisão.

Capítulo 56
Os Patrocinadores

No começo, os apoiadores de Chateaubriand, que o ajudaram a comprar os equipamentos e a instalar a televisão, tinham espaço cativo. A programação era pequena. Mas tudo foi crescendo, aumentando. Tanto no que se refere ao tempo de transmissão no ar, como ao interesse dos patrocinadores. **Fernando Severino** e sua equipe batalhavam junto ao varejo e junto às agências de propaganda. Essas, por seu lado, buscavam clientes internacionais. O Brasil estava crescendo. Foi assim que começaram a conseguir patrocinadores únicos que davam nome aos programas. Era uma forma de interessá-los. E surgiram *Repórter Esso, Antarctica no Mundo dos Sons, Mappin Movietone, Circo Bombril, Gincana Kibon, Sabatinas Maizena, Boliche Royal*, etc...

Isso também nas outras emissoras e nos outros Estados. Na TV Paulista, por exemplo, havia o *Teledrama 3 Leões*.

Com o passar do tempo, porém, os programas deixaram de ter o nome dos patrocinadores, que deixaram de ser anunciantes únicos. Por certo que o preço do espaço publicitário teve muita influência nisso, pois de tão altos começaram a ser divididos entre três ou quatro cotistas, além dos pequenos comerciais de 15" e 30", que enchiam os intervalos.

Num segundo momento, já não se pensava em patrocinadores únicos.

Foi de **Lorenzo Madrid** a idéia de dividir em cotas os gastos com as produções artísticas dos programas de televisão. Começou intercalando as coisas. Fez, por exemplo, o *Brincadeiras Fidalga*, que ia ao ar aos sábados, logo após o *Almoço com as Estrelas*. Era um programa infantil de prêmios. Os patrocinadores eram Cera Fidalga e Brinquedos Estrela. Essa empresa patrocinou também o infantil *Pim-pam-pum*. O apresentador mirim era Lorenzo Madrid, filho de Lorenzo Madrid Arellano, o pai. O menino de 10 anos aparecia sempre acompanhado de Zuleika Mesquita, Márcia Real e Nely Reis.

Curiosidade

Nos primeiros anos não se cogitava cobrar dos anunciantes aquilo que mais tarde passou a ser tão importante, com departamento e criatividade próprios: o *merchandising*. Quando, em uma cena de bar por exemplo, alguém pedia um refrigerante, jamais dizia-se a marca. E a garrafa, no balcão, tinha seu rótulo disfarçado. Eram todos tão inocentes...

A propaganda, no entanto, não se negue, colaborou intensamente para o progresso da televisão. Os patrocinadores caminharam *pari passu* com a parte artística. O mercado publicitário cresceu, desenvolveu, e no Brasil as agências atingiram níveis internacionais e ganharam prêmios de criatividade e arte no mundo inteiro.

O alto nível a que chegou a televisão no País, sem dúvida, tem como respaldo o apoio publicitário. E se, a princípio, havia profunda ligação entre veículo e agências, entre os profissionais de uma área e outra, foi porque tudo era pequeno, circunscrito. Ainda hoje, porém, que todo o trabalho é mais profissionalizado, a reciprocidade e o respeito são os mesmos, e a vontade de crescer sempre também.

Márcia de Windsor (atriz), Walter Forster (ator e diretor-adjunto artístico), Fernando Severino (diretor comercial) e Orlando Negrão (superintendente). Década de 1970.

Capítulo 57
Divulgação – Premiação

A TV Tupi era uma Emissora Associada, ao lado de outras empresas de Chateaubriand espalhadas por todo o Brasil. Emissoras de rádio, jornais e revistas, entre os quais *O Cruzeiro*, e também, a partir de 1950, emissoras de televisão. Como é lógico, no começo, tudo na TV Tupi estava por fazer, inclusive a divulgação.

O *Diário da Noite* e o *Diário de São Paulo*, funcionavam na Rua 7 de Abril, no centro da cidade, e eram jornais importantes de São Paulo. Claro que foram seus fotógrafos e repórteres que fizeram a divulgação da programação da TV Tupi.

Um dos primeiros foi **Francisco Vizone**. Era um homem bonachão, simpático, meia-idade, risonho. Bom fotógrafo, foi lotado no Sumaré, Cidade do Rádio. E ali permanecia em diversos horários, registrando com sua máquina os principais acontecimentos. Depois, outros jornalistas apareceram e nasceu o que passou a se chamar *mídia televisiva*. Com a função de divulgar o que de melhor acontecia na televisão, tinham eles a obrigação de assistir a todos os programas para prestigiar os melhores e criticar os demais. E assim começaram, também, a criar os troféus e premiar artistas. Porém, o maior e mais importante prêmio de rádio e televisão de todos os tempos foi o troféu **Roquette Pinto**. Instituído pela Associação dos Funcionários das Emissoras Unidas, a Afeu, em 1950, destinava-se a homenagear artistas e técnicos do rádio. Edgard Roquette Pinto foi um pioneiro de rádio, professor respeitado e querido.

Se no início esse prêmio era só para gente de rádio, em 1952 começou a se ligar à televisão e a homenagear os melhores desse veículo. Embora criado dentro das Emissoras Unidas, de Paulo Machado de Carvalho, foram chamados para colaborar jornalistas de toda a imprensa escrita, como **Ega Muniz**, **Mário Júlio**, **Edmur de Castro Coti**. E nunca deixaram de prestigiar e premiar artistas e funcionários das Emissoras Associadas, embora essa fosse rival das Emissoras Unidas.

Em 1952 as Associadas levaram cinco Roquettes, dentre os que foram distribuídos.

Um dos grandes nomes foi **Airton Rodrigues**. Repórter. Trabalhava diretamente com Assis Chateaubriand. Era seu assistente, ou melhor, responsável pela divulgação. Em 1950, nos primeiros dias, apareceu no Sumaré. Airton Rodrigues passou a trabalhar diretamente nos estúdios. Tinha uma coluna sobre televisão, no *Diário da Noite*.

Roberto de Almeida Rodrigues (jornalista), Marcia Real (apresentadora), José Carlos de Moraes (o Tico-tico) e Heitor de Andrade (apresentador), no programa Melhores da Semana*, 1960*

Tempos depois, casou-se com Lolita Rodrigues, com quem formou duradoura e importante dupla de apresentadores. Era também produtor dos programas *Clube dos Artistas* e *Almoço com as Estrelas*.

E, é claro, por ser repórter, era criativo. Lançou o Melhores da Semana. Esse era um troféu que premiava os que se salientassem durante os sete dias da semana. Podiam ser cantores, atores, técnicos. No começo foi patrocinado pela Nestlé. E era um troféu muito procurado. Muitos se esforçavam só para receber a láurea, a homenagem. Isso fazia, também, com que o prestígio de Airton crescesse cada vez mais junto aos colegas, fossem eles *associados* ou não.

Helena Silveira, além de jornalista, era escritora. Pertencia à imprensa escrita, mas se ligou muito à televisão, onde fez amigos. Sua coluna na *Folha de S. Paulo* era de muito prestígio na classe. Observadora, educada, o que ela escrevia era lei. *Helena Silveira disse...*, era uma frase ouvida por todos. Criou o Troféu Helena Silveira, para premiar os melhores. Helena Silveira não era jovem, mas era elegante, recebia bem, verdadeira dama do jornalismo paulista. Parecia gostar das pessoas e as tratava com carinho. E com isso todos retribuíam, querendo-a muito bem.

Roberto de Almeida Rodrigues nasceu em São Paulo. Não era jornalista. Era economista. Sócio de uma agência de propaganda, criou a revista *7 dias na TV.* Revistinha pequena, de formato moderno, foi muito prestigiada nos meios artísticos. Roberto ficou amigo de Airton Rodrigues e todas as semanas comparecia ao *Almoço com as Estrelas*, para presentear uma figura de destaque no meio artístico. Seu presente era original e importante, pois ele fazia o artista plástico Manoel Vitor retratar o artista. E assim inúmeras figuras levavam esse *troféu*, presenteado por Roberto de Almeida Rodrigues. Sempre amável, ligado às pessoas que conhecia nas televisões, quando soube que foi instituida a da Associação dos Pioneiros da Televisão Brasileira, Roberto de Almeida Rodrigues presenteou Vida Alves com uma coleção de sua revista de sucesso, a *7 dias na TV*.

Liba Frydman, nascida na Polônia, veio para o Brasil com dois anos de idade. Aprendeu a falar português e o ensinou à mãe, também polonesa. Garota inteligente, família pobre, logo conseguiu um livro, *Germinal*, de Emile Zola, e se encantou. Autodidata completa, sempre amou a literatura e começou logo a escrever. Teve atividades menores para sobreviver. Mais tarde conheceu Silas Roberg, com quem se casou e teve um filho. Silas era do grupo de Cassiano Gabus Mendes, Álvaro Moya, Walter George Durst. Nesse grupo Liba se enfronhou. Esperta e viva, foi trabalhar em vários jornais. Logo se encaminhou para a área

de divulgação de rádio e televisão. Em 1954, quando apareceu na TV Tupi de São Paulo, não era exclusiva. Ia a todas as emissoras, que à época eram Tupi, Paulista e Record. Liba escrevia para as revistas *Radiolândia*, *São Paulo na TV*, *7 dias na TV*. Conhecia tudo e todos. Sabia de tudo. Trabalhou na revista *Amiga* e foi assessora de imprensa de muitos importantes programas de TV. Ganhou fama. Liba faleceu em 2003, poucos dias antes em que iria receber uma singela placa de prata da Associação dos Pioneiros da Televisão Brasileira – Pró-TV, em sinal de imenso respeito.

Plácido Manaya Nunes. Em 1958, ou seja, alguns anos depois do *Roquette Pinto*, nasceu o Troféu Imprensa, criado pelo jornalista Plácido Manaia Nunes, diretor da revista *São Paulo na TV*. Também para o júri foram chamados representantes de vários jornais, que escreviam sobre TV. Entre eles, Arnaldo Câmara Leitão, Denis Brian, Márcio Paulete. Quase todos os prêmios foram destinados inicialmente a elementos associados. O Troféu Imprensa teve muita importância na época, causando alguma inveja aos organizadores do troféu Roquette Pinto.

Curiosidade importante: O Roquette Pinto de ouro era entregue a quem ganhasse por sete vezes consecutivas. Entre eles estavam Hebe Camargo, Luiz Gallon, Blota Júnior, Lima Duarte e outros. E assim se consagravam como os melhores, sempre.

Arley Pereira – paulistano, nascido em 1935, bem jovem tornou-se internacional, pois foi estudar línguas em países estrangeiros. Cursou espanhol, italiano, francês e inglês. De volta ao Brasil, estudou Sociologia e Política, na Fundação Armando Álvares Penteado. Mas, na verdade, sempre foi jornalista de coração. Ocupou cargos de repórter, chefe de reportagem e editor. Depois se especializou em esportes, cobrindo várias Copas do Mundo. Uma nova guinada e Arley passou a se dedicar a cobrir eventos de música e de televisão. Passou por todos os jornais e começou a trabalhar diretamente nas emissoras de televisão. Passou por todas. E assim o irrequieto Arley Pereira tornou-se um profundo conhecedor de televisão, de música, de esportes, de artes em geral. Grande amigo de todos nas Emissoras Associadas e nas outras televisões também. Na TV Tupi participou muitas vezes do programa *Pinga-Fogo*. Arley Pereira faleceu em 2007.

Aqui enumeramos os primeiros amigos *jornalistas*, que se dedicaram a divulgar e premiar os pioneiros da televisão Brasileira.

Capítulo 58

Televisão = Imagem e Som

O Poder da Voz

A Televisão Tupi de São Paulo, como foi escrito aqui várias vezes, veio diretamente do rádio. Como as Emissoras Associadas eram fortes em todo o Brasil, era natural que isso acontecesse. Todo o poder estava na palavra, no som.

O rádio é um veículo considerado quente, exatamente por isso. Ele requer, ele necessita da complementação do ouvido de quem o escuta e, conseqüentemente, de sua imaginação. O ouvinte de rádio imagina, a seu alvitre, como é a pessoa, seu físico, sua altura, o ambiente e tudo o mais. Por isso o requinte de uma voz melodiosa, de uma dicção perfeita é essencial para o ofício de radialista.

Além disso, a televisão começou no Brasil e no mundo após o término da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Em todo lado havia recessão, controle, reajuste, recomeço. A década de 1950, que se seguiu à da guerra, foi bem contida, no que se refere aos costumes, às atitudes, às palavras. Quando a televisão foi ao ar, os textos eram refinados. Procurava-se falar *com todos os **esses** e **erres***, como se dizia naquele tempo. Palavra feia? Nem pensar. Mas...

Palavras, Palavrinhas, Palavrões

Sempre há um *mas,* na vida do homem. **Dionísio Azevedo** era um grande ator, grande adaptador, grande profissional, mas... Por vezes, a memória falhava. Para se prevenir contra isso, eis que as famosas *dálias* eram a salvação. Papéis de cá e de lá, estrategicamente colocados, para serem lidos em determinadas situações.

Durante a exibição ao vivo de um *TV de Vanguarda*, com a peça *A Fabulosa História de Neca do Pato*, Dionísio Azevedo recebia uma carta que era do personagem do ator Lima Duarte. Claro que Dionísio percebeu que não precisava decorar. Podia ler a carta, na carta. E começou a cena, mas, quando pegou a carta... Ela estava em branco. E agora? O que fazer? Que situação!

Régis Cardoso, garoto ainda, era o contra-regra, isto é, aquele que deveria ter colocado a carta escrita para Dionísio ler. Ao perceber a gafe que havia cometido, Régis tentou salvar a situação e colocou a carta com o texto, aliás, uma folha do *script*, em cima de um móvel, para o Dionísio ler, mas Dionísio não quis a ajuda. Indignou-se, enrubesceu e falou bem alto: *Vá à merda*. E saiu de cena.

Grande dificuldade na hora. Grande *sermão* Dionísio Azevedo ouviu depois. Por pouco não foi demitido. E tudo por causa de um palavrão. Ou terá sido por uma *palavrinha*?

Era o ano de 1960 e realmente não se falava nenhum palavrão no ar.

Com o passar do tempo, porém, os palavrões foram surgindo em vários programas de televisão. Mas só na televisão?

Não. No teatro, no rádio, no cinema, nas rodas de amigos e amigas, nas casas das famílias. Em todos os lugares e em todas as ocasiões.

A Imagem

Claro que televisão é imagem. É imagem ligada ao som. E ambos devem caminhar conjuntamente. Ambos têm importância, relevância igual. É óbvio que a voz, a dicção, não só dos atores, como dos locutores e comunicadores, passaram a ser mais informais, mais coloquiais. Isso se dá em todos os setores da atividade televisiva. Inclusive no que se refere aos cantores. Mas a imagem... No começo... Essa só fez melhorar a cada dia.

Quando, em 1960, na inauguração do novo Distrito Federal, Tico-Tico, o grande repórter, transmitiu de Brasília para São Paulo, telefonou a dona Cidinha, sua mulher: *Então, você me viu? A imagem chegou bem?* E ela respondeu: *Vi, Zé, só que na verdade não sabia onde estava sua boca, nem seus olhos. Misturava tudo. Agora, que eu escutei, eu escutei.*

No começo a imagem era só em preto-e-branco. Imagens difusas, interferências, vertical e horizontal sempre descontrolados. Mas o aprimoramento foi chegando dia-a-dia.

Videoteipe

Em 1956, nos Estados Unidos, a Ampex apresentou sua aparelhagem de *vídeo-tape*. A Rede CBS estreou a novidade. No mesmo ano a Rede NBC apresentou um *show* usando a técnica de sobrepor imagens.

Em 1960, na inauguração de Brasília, na operação audaciosa de Jorge Edo, três aviões, com câmeras e microondas, filmaram a festa e ao vivo a retransmitiram. Mas tudo foi gravado em teipe. E essas imagens foram gravadas em Brasília. Imagem perfeita.

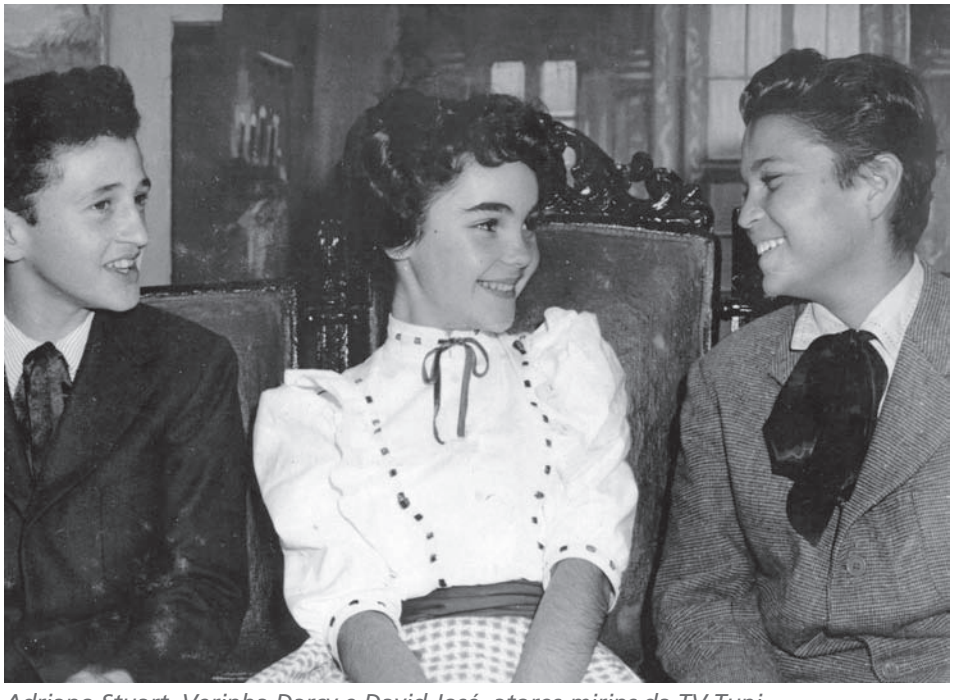
Em 1960, foi gravado *Hamlet*, de Shakespeare, pela TV Tupi de São Paulo, tendo Luiz Gustavo no papel título. Toda emenda era feita na gilete, para cortar; o *splicer* para emendar. Perda enorme de fita. E se alguém errasse, tinha que começar tudo de novo, para economizar.

Em 1961, foi Carlos Manga quem criou o *Chico Anysio Show*, na TV Rio, com o Chico contracenando com seus inúmeros personagens. Todos, ele mesmo. Um assombro!

Videoteipe portátil

Disse Tico-Tico: *Quero dizer a todos que fui eu o primeiro a usar o videoteipe portátil no Brasil. Eu explico: Eu fazia inúmeras reportagens, mas eram as câmeras cinematográficas que filmavam e depois o material passava para a televisão. Não havia o videoteipe. E as câmeras de estúdio eram enormes, pesadas, não dava pra levar. Então a gente tinha que levar o ônibus. Pra qualquer reportagem ia-se levar o ônibus? Então eu fiquei sabendo que no Japão construíram uma câmera minúscula. E eu tinha amigos meus ligados ao comércio de Tóquio. Um deles, aliás, Antonio Taka, era o rei das pérolas. Ele conseguiu me mandar por navio a câmera, o gravador e o reprodutor de imagens. E eu fui o primeiro a usar esse material. Mas foi também graças ao Jorge Edo, que foi um lutador para o desenvolvimento e a instalação da televisão no Brasil. E essa glória eu tenho: o primeiro a usar o teipe portátil. Os outros só conseguiram isso dois anos depois.*

Disse Jorge Edo: *Nós fizemos de um jeito brasileiro e conseguimos eliminar aos poucos os filmes de cinema, passando para o teipe. Começamos a coisa chamada ENG - Eletronic News Gadering, ou seja, pegar a notícia, o noticioso, eletronicamente.*



Adriano Stuart, Verinha Darcy e David José, atores-mirins da TV Tupi

O logo com os círculos coloridos (vermelho, verde e azul - RGB) e curvas senoidais

Capítulo 59

A Cor

Em 1953, nos Estados Unidos, a CBS estreou oficialmente a cor. Em 1958, foi a vez de Cuba. No dia 1º de maio de 1963, as Associadas exibiram *A Volta ao Mundo* para 300 aparelhos coloridos. No dia 3 de maio de 1963, foi a vez da série *Bonanza*. A TV Tupi espalhou 22 aparelhos pela cidade. Em 1963, apareceu a Editec – Edição Eletrônica, nos Estados Unidos. Completa redenção do *videoteipe*.

No dia 19 de fevereiro de 1972, foi a vez da *Festa da Uva*, em Caxias do Sul (500 aparelhos puderam captar as imagens).

No dia 13 de março de 1972, a TV Gazeta de São Paulo, com toda a aparelhagem colorida, apresentou o programa *Vida em Movimento,* com Vida Alves. Esse programa, após aquela data, passou a ser colorido. Imagem aberta para todo o público. Logo a seguir, porém, a TV Gazeta alugou sua aparelhagem para a TV Globo, e essa tomou a frente de tudo.

No dia 31 de março de 1972, a TV Globo fez colorido o especial *Meu Primeiro Baile*, de Janete Clair, com direção de Daniel Filho. Em 22 de janeiro de 1973, a primeira novela colorida: *O Bem-Amado*, com direção de Régis Cardoso. Um original de Dias Gomes.

Transmissão de Longa Distância

Em 1959, a TV Record e a TV Rio, entraram em conjunto para uma transmissão de longa distância. O *link* se repetiu. Foi criado o *Show 713*, juntando o número 7 (Record) com o 13 (TV Rio). Começavam os programas a serem vistos ao mesmo tempo por São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 17 de maio de 1965, o Brasil tornou-se membro da Intelsat. No dia 16 de setembro de 1965, a **Embratel** – Empresa Brasileira de Telecomunicações.

Em 1974 formou-se a Rede Tupi. A TV Tupi de São Paulo era a estação geradora. Vinte e quatro emissoras fizeram ligação, por todo o País. Programação padronizada no horário nobre.

Os *slogans* criados: *Rede Tupi de Televisão – do tamanho do Brasil* e *Rede Tupi - 22 emissoras colorindo o céu do Brasil*.

Emissoras da Rede Tupi – Emissoras Associadas

TV Tupi - São Paulo, SP (cabeça-de-rede)

TV Tupi - Rio de Janeiro, RJ

TV Paraná - Curitiba, PR

TV Itacolomi - Belo Horizonte, MG

TV Ceará - Fortaleza, CE

TV Brasília - Brasília, DF

TV Goiás - Goiânia, GO

TV Marajoara - Belém, PA

TV Rádio Clube - Recife, PE

TV Tupi-Difusora - São José do Rio Preto, SP

TV Piratini - Porto Alegre - RS

TV Cultura - Florianópolis, SC

TV Itapoan - Salvador, BA

TV Vitória - Vitória, ES

TV Mariano Procópio - Juiz de Fora, MG

TV Coroados - Londrina, PR

TV Borborema - Campina Grande, PB

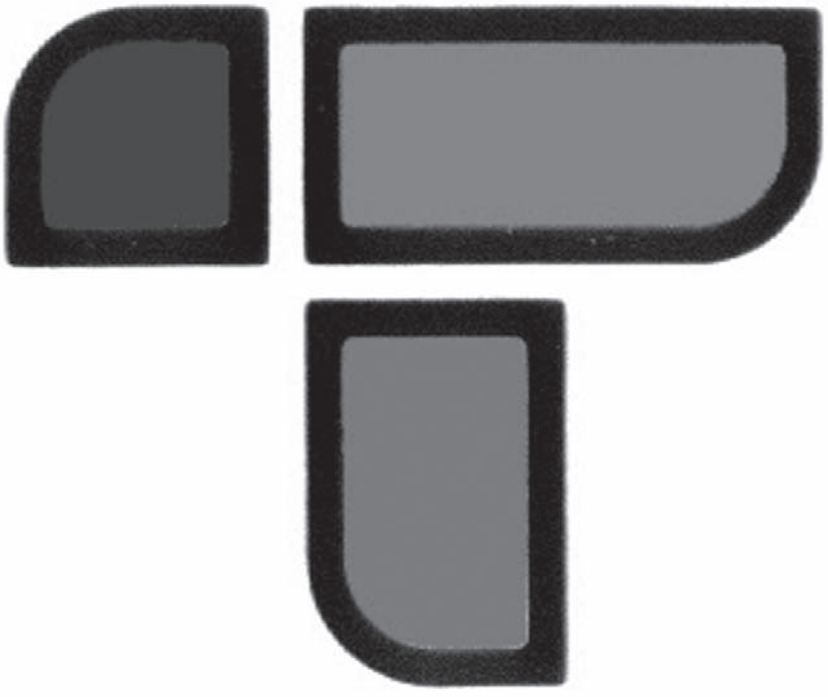
TV Uberaba - Uberaba, MG

TV Campo Grande - Campo Grande, MT

TV Aracaju - Aracaju, SE

TV Baré - Manaus, AM

TV Corumbá - Corumbá, MS



Novo logo colorido (vermelho, verde e azul - RGB), criação de Cyro Del Nero

Assis Chateaubriand Bandeira de Melo

Capítulo 60

E o Capitão Morreu...

Assis Chateaubriand Bandeira de Melo morreu em 1968. Alguns anos antes, em 1960, foi acometido de uma trombose cerebral que o paralisou quase totalmente. Já não andava, não falava, não movimentava os braços, mas... pensava. Seu cérebro delirante, em perfeita ebulição, exigia dos médicos, dos técnicos, das enfermeiras, dos acompanhantes aparelhos especiais, pois ele escrevia com o toque de um só dedo sua crônica diária, para ser publicada em seus jornais.

Chateaubriand escreveu ao todo 12 mil artigos. Comparecia à solenidades oficiais, onde Lima Duarte lia seus pronunciamentos, o que depois foi feito por César Monteclaro. Assis Chateaubriand existia ainda e comandava seu império de comunicação. Dizia: *Quero morrer em pleno ato de viver*.

Alguns anos antes de morrer, Assis Chateaubriand havia chamado o afamado jurista Vicente Rao, professor da USP, e o incumbiu de preparar uma figura jurídica capaz de garantir a sobrevivência das Emissoras Associadas, que se constituía de rádios, emissoras de televisão, jornais espalhados por todo o País, a revista *O Cruzeiro*, fenômeno nacional de tiragem e outras publicações. E assim foi criado o Condomínio Acionário Associado. Foram escolhidos 22 comunheiros, entre os presidentes regionais dos órgãos e os mais íntimos e antigos companheiros. Cargo vitalício, cuja substituição só se daria com o falecimento do outro membro. Trabalho perfeito de engenharia jurídica mostrou-se, porém, profundamente frágil com o passar de poucos anos.

Divisão de forças, comando do Rio, comando de São Paulo, a grande Rede Tupi de Comunicação transformou-se em uma *Hidra de Lerma*, com mais de uma cabeça, engolindo-se a si mesma... **E no dia 4 de abril de 1968 Assis Chateaubriand morreu, na Casa Amarela, em São Paulo.**

O enorme transatlântico começou a soçobrar**...**

Vida Alves

Capítulo 61
Eu, dentro disso Tudo

Uma história vivida. Uma linda história de amor, vivida por mim. Está na hora de encaixar um capítulo inteiramente meu, dentro deste livro.
E é complicado porque, neste livro, misturo, e o faço conscientemente, eu e a Tupi, minhas memórias e dados recolhidos. É o meu e o nosso. A minha pessoa e a coletividade em que vivi.
Faço-o deliberadamente. Volto a repetir: este é um livro de memórias, que contém dados históricos. Não sou uma historiadora. Sou, ou quero ser, uma cronista da vida vivida.

Minha História

Entrei para as Emissoras Associadas em 1947. Vinha de várias emissoras de rádio. Meu primeiro contato com microfone foi em 1938, tendo sido entrevistada por Nicolau Tuma, num programa dele, na Rádio Educadora Paulista.
Em seguida, ainda em 1938, minha mãe, Amélia, me levou à Rádio Tupi, que funcionava na Rua 7 de Abril, centro de São Paulo. Havia o *Programa da Tia Chiquinha*, que era a Sílvia Autuori, onde crianças cantavam. Eu imitava Carmem Miranda e fui logo aceita. Lembro-me de que o pianista era o Heitor dos Prazeres. Via pelos corredores, passando, Aracy de Almeida, Francisco Alves. Eles eram adultos e importantes. Eu era menina e assustada.

Não demorou muito e fui para a Rádio Difusora. Essa era distante, quase no *fim do mundo*, num bairro novo chamado Sumaré. A garagem do ônibus era na avenida Dr. Arnaldo, onde hoje é a Igreja Nossa Senhora de Fátima. Alguns quarteirões depois, era a Rádio Difusora.
Foi então que conheci o Homero Silva, moço novo, moreno, formado em Direito que, parece incrível, era chamado por todos nós de *papai-noel*. É que ele organizava e apresentava o programa homônimo. O maestro era o Francisco Dorce, um *santo*, porque, ao se medir por mim, os cantores mirins nada tinham de geniais. Com exceções, é claro, como do Erlon Chaves, que tinha 4 anos e cantava em dupla com uma loirinha, e eles cantavam muito bem.
Não ganhávamos nada, mas amávamos o que fazíamos e o público nos amava também. Era rádio, não se esqueçam, mas tínhamos fãs. Eu estava com 11 anos. Era grandinha. Minha irmã, Helle Alves, sempre muito inteligente, declamava, escrevia, ajudava o Homero Silva.
O *Clube do Papai-Noel* foi o celeiro de muitos artistas, que ali começaram suas carreiras.

Quando eu estava com 12 anos, fui convidada por Sagramour de Scuvero, moça valente, para participar de um elenco teatral, que iria se apresentar todos os domingos no Centro do Professorado Paulista, na Rua da Liberdade. E lá iam também a Lia de Aguiar, o Cassiano Gabus Mendes, o Geraldo Blota, todos um pouco mais crescidos do que eu. Minha irmã, Poema, que era pequena, foi também. O programa era retransmitido pela Rádio São Paulo. O auditório era de 1200 lugares. Verdadeiro teatro. Daí, para ganhar um espaço no radioteatro de Oduvaldo Viana foi um passo. Ganhava cachês.

Em 1944, porém, foi que assinei meu primeiro contrato. Passei a ser profissional. Isso foi na Rádio Panamericana, atual Jovem Pan. E eu já me considerava uma veterana...

Entre os anos de 1944 e 1947 perdi cinco vezes o emprego. E eu precisava tanto trabalhar, pois minha mãe era viúva e nós éramos cinco filhos, três menores do que eu.

As rádios estavam se adaptando, era uma fase de política em ebulição, várias emissoras trocavam de dono e lá ia eu *de embrulho*. Mandavam embora os mais novos, os mais sem importância.

Cheguei à Rádio Tupi em 1947, como disse no começo. A admiração foi total. Para começar, o ônibus ia até a porta, pois havia auditório, havia público. E depois estavam juntas as Rádios Tupi e Difusora. Chamavam *Associadas*. E havia o radioteatro, para o qual me candidatei, com elenco grande. E havia o auditório enorme. Lindo!

O meu teste foi feito por Walter Forster, diretor artístico da Rádio Tupi e o operador de som, o Lima Duarte, bem jovem. Fui aprovada. Comecei a trabalhar. Salário bom. Bem maior do que eu tinha nas Rádios Panamericana, Cosmos, Cruzeiro, Cultura e na Standard Propaganda, por onde eu tinha passado. Rezei, agradeci e fiz uma promessa: *Nunca mais saio daqui. Ficarei até o fim dos meus dias. Sou atriz. Quero morrer atriz*.

Nas Rádios Tupi e Difusora, bem como na TV Tupi, que aconteceu em 1950, fiz de tudo: atriz de rádio e televisão, redatora de rádio e televisão, produtora, ensaiadora, garota-propaganda, apresentadora, cronista de programa jornalístico. E tudo isso em contrato. Incrível! Esses contratos eram bienais e se renovavam, com algum aumento, para nossa felicidade, minha principalmente, que havia feito aquele juramento, *aquele*, que aparece a algumas linhas atrás.

Eu havia me casado, tivera dois filhos, Heitor e Thais, me formara em Direito pela USP, mas não pensava em sair da rádio (era assim que chamávamos esse conjunto de emissoras). A Tupi era meu lar, era meu mundo, era meu tudo. Quando meus filhos eram pequenos, eu os levava no cestinho, no *moisés*, e todos me ajudavam a tomar conta deles. Todos eram a minha família.

Mas, um dia...

Capítulo 62

A Despedida

Assis Chateaubriand havia falecido. As direções superiores das Associadas pareciam se desentender. Nós, do chão de fábrica, escutávamos rumores. Falava-se até em falência...

Não acreditávamos. A TV Tupi ia bem. Ainda tinha bastante audiência e recheava seu *cast*, inventava moda, contratava gente, lançava programas...

A TV Excelsior tinha criado a famosa *grade* de horários, ia muito bem. A TV Globo começava. Ia bem também. Mas a Tupi era forte, valente...

Em 1966 foi criado um *Telecentro*, que do Rio ia ajudar na programação. O Boni era o diretor. Os novos, principalmente os que vinham do teatro, recebiam sempre mais. E nós, que éramos móveis e utensílios... Reclamávamos. Sofríamos. Cassiano, o diretor, parecia sofrer também.

- Cassiano, você acha justo? Eles ganham dez vezes mais que nós.

- Não acho nada. A Tupi tem que vencer. É assim ou é ainda pior...

- Mas, e quanto a nós? Ninguém vai nos defender?

- Não posso fazer nada. Cada um que cuide de si.

E cada um foi cuidando de si. Muitos foram saindo. A cada despedida, um susto. Um espanto. Saíam produtores, redatores, atores. Entravam novos. Um verdadeiro pingue-pongue.

A grande família associada estava se desfazendo. Na porta da emissora, José Parisi, triste, confidenciou-me: *Ficarei. Serei o último dos moicanos.*

Mas eu, calada, sofrida, pensei no pior. E, num dia no fim de **1968**, coloquei no quadro de avisos um pedaço de papel, com um recado: *Adeus a todos. Fui muito feliz aqui*.

Tendo em mãos um *Atestado Liberatório*, assinado por Cassiano Gabus Mendes, saí da TV Tupi. Ao transpor aquela porta, pela última vez, depois de 22 anos, sofrida, confusa, magoada, quebrando aquele juramento tão profundo, senti o mundo acabar.

Como é que eu podia quebrar aquele juramento? Como é que podia renunciar? E como eu iria viver depois?

Não sabia nada. Não pensava nada. Caminhava entontecida. Tinha 40 anos, mas me sentia acabada, envelhecida. Tinha feito a minha despedida. Estava deixando ali o meu coração. Para mim, era o fim. No peito o vazio, o nada.

Depois de alguns dias, fui para a TV Excelsior, onde participei de duas novelas: *Dez Vidas* e *Os Estranhos*. Ali inaugurei, com direção de Carlos Zara, o horário da meia-noite, com *A Hora e a Vez da Mulher*. Em outra noite entrava o jornalista Ferreira Neto.

Um ano depois fui para a TV Gazeta, com a produção e apresentação do programa *Vida em Movimento*. Fui ainda para a TV Record, apresentando o *Viagem para a Vida*.

E, a seguir, para a Rádio Mulher, no horário das 14 às 18 horas, com o programa *A Tarde Convida*, onde fiquei até fins de 1977.

Depois... Bem, a vida continuou, mas fiquei afastada da televisão. Organizei os *Cursos Vida Alves de Comunicação*. Aulas para empresários, executivos, vendedores, gente em geral, por vinte anos. Ao todo, eu e minha filha Thaís, demos aulas para 30 mil alunos.

Em 1995, porém, embora continuasse a dar aulas, procurei os amigos e com eles fundei a *Associação dos Pioneiros da Televisão Brasileira – Pró-TV*. Reuni-me com os pioneiros, para com eles resgatar e registrar a memória, a saga dos pioneiros, para a construção do Museu da Televisão Brasileira. Uma luta difícil, interminável, mas...

No peito, de novo as batidas, de novo o coração. Renascimento. Felicidade. Ressurreição.

Curiosidades: A TV Excelsior, para onde Vida Alves foi, faliu e fechou suas portas em 1970. A TV Tupi foi à falência em 1981. (quase 11 anos depois).

Sob decisão da Justiça do Trabalho, Vida ganhou um processo contra a TV Tupi, com direito à equiparação salarial àqueles que foram contratados nos dois últimos anos de sua estada nas *Associadas*. E direito ainda de reintegração. Mas preferiu receber a indenização e tocar a vida para a frente.

Capítulo 63

O Tempo Passa...

1968 – Poucos meses depois da saída de Vida Alves, Cassiano Gabus Mendes também se afastou da TV Tupi. As reclamações eram muitas. E os aborrecimentos também. O pioneiro-garoto não agüentava mais.

Além disso, havia atrasos de pagamentos. Os funcionários se revoltavam. O barco parecia afundar.

Este capítulo será escrito por informações, conversas, leituras. Não mais por recordações. E trará, de forma resumida, os 12 anos que se seguiram.

De 1968 a 1980

Com a saída de **Cassiano Gabus Mendes**, tão traumática, a direção-geral tratou logo de contratar novo diretor artístico. O escolhido foi Jota Silvestre. Ficou resolvido que os contratos definitivamente não seriam mais de dois anos e sim por tarefa. Todos os que vinham eram *free lancer*, como se dizia. A carga trabalhista assim iria diminuir.

Os antigos, porém, ainda permaneciam estáveis. E isso continuava a trazer complicações. As saídas dos *velhos*, dos *funcionários*, eram bem aceitas pelos diretores.

Saiu **Túlio de Lemos**, saiu **Walter George Durst**, saiu **Dionísio Azevedo**, *molas mestres* da programação pesada.

Com a falência da TV Excelsior e os incêndios, que se alastraram por várias emissoras, sempre tão *misteriosamente* explicados, a revoada para a TV Globo foi total. Era a novidade. E uma novidade que inspirava confiança.

Walter Clark, diretor artístico da TV Globo, que havia liberado temporariamente Boni para o Telecentro, o chamou de volta, dizendo: *Eu o liberei, Boni, para você ajudar a organizar a Bandeirantes, que está nascendo. E não a Tupi. Volte. Seu lugar é aqui. Temos um compromisso de amizade. Eu o espero.*

E **Boni** voltou. Daí para a frente, a dobradinha invencível foi construindo a *Vênus Platinada*. Levaram também o **Daniel Filho**. E ainda **Dias Gomes**, **Janete Clair**, **Walter George Durst**, além de inúmeros atores e atrizes. O centro artístico da televisão, definitivamente, estava mudando de São Paulo para o Rio de Janeiro.

Urgia voltar a contratar Cassiano Gabus Mendes para a TV Tupi. Agora, com pouco mais de 40 anos de idade e tanta experiência nas costas, ele haveria de dar um jeito. A Tupi tinha que arribar.

Novidades

Enquanto Cassiano estava fora, um colegiado ficou na direção da TV Tupi. Entre os diretores estavam Luiz Gallon e Abel. Mas Cassiano voltou logo e as coisas pareciam se equilibrar.

As novelas que foram montadas nessa época fizeram imenso sucesso. Os novelistas eram magníficos e experientes, como **Ivani Ribeiro**, **Geraldo Vietri**, **Teixeira Filho**, **Dulce Santucci**. Mas outros vieram, entre os quais **Marcos Rey**, **Sérgio Jockman**, **Bráulio Pedroso**, **Walter Negrão**, **Talma de Oliveira**, **Benedito Ruy Barbosa** e até **Carlos Lombardi** começava com suas brincadeiras novelísticas.

Os diretores principais eram **Benjamim Cattan**, **Wanda Kosmo**, **Geraldo Vietri** e **Antônio Abujamra**.

Os atores contratados foram inúmeros. A Tupi voltou a ter força total.

Para se poder observar a importância da TV Tupi na teledramaturgia brasileira dessa época, vamos relacionar aqui algumas novelas, alguns de seus atores e as datas em que foram ao ar.

1968

• ***Os Rebeldes***, novela de Geraldo Vietri, com Tony Ramos, Dênis Carvalho, Guy Loup, Ana Rosa, Gian Carlo, Annamaria Dias e outros. A novela abordava conflitos entre pais e filhos, mestres e alunos.

• ***O Décimo Mandamento***, de Benedito Ruy Barbosa, com Lima Duarte, Débora Duarte, Célia Helena.

• ***Antônio Maria***, novela de Geraldo Vietri. Enorme sucesso. Teve a colaboração de Walter Negrão. O casal principal: Sérgio Cardoso e Aracy Balabanian. Além de grande elenco de estrelas, havia vários núcleos de atuação. A novela já era moderna. Sérgio e Aracy andaram pelo Brasil todo se apresentando ao público.

1969

• ***Nenhum Homem é Deus***, novela de Sérgio Jackman, com Walmor Chagas, Lílian Lemmertz, Patrícia Mayo, Rildo Gonçalves, Joana Fomm, Elíseo de Albuquerque.

1970

• ***Super Plá***. Uma novidade. Foi uma inovação a novela de Bráulio Pedroso. É a história de um menino genial, mas que, com um tombo,

perde toda a genialidade. E só tomando um refrigerante, *o Super Plá*, retoma seus dotes. No elenco: Hélio Souto e Marília Pêra.

• ***João Juca Júnior***, novela de Sylvan Paezzo, com Plínio Marcos, que já havia participado de Beto Rockfeller. Ele é um detetive azarado.

• ***Nino, o Italianinho***, de Geraldo Vietri, auxiliado por Walter Negrão. Ator principal: Juca de Oliveira. A ação se passa numa vila no bairro do Bixiga, em São Paulo. É o neo-realismo na televisão. Imenso sucesso.

1973

• ***Rosa dos Ventos***, novela de Teixeira Filho. Papéis principais: Patrícia Mayo, Tony Ramos e Nathália Timberg. As externas eram realizadas na *Caixa d'água*, espaço público em frente da TV, onde funciona um departamento da Sabesp, no Sumaré.

1974

• ***Ídolo de Pano***, uma das principais novelas de Teixeira Filho. Com Tony Ramos e Dênis Carvalho. Essa novela fez tanto sucesso que a TV Globo, após esse trabalho, levou Tony e Dênis para o seu elenco.

• ***O Machão***, de Sérgio Jockman, com Antônio Fagundes, Maria Isabel de Lisandra, Irene Ravache e enorme elenco. Jockman utilizou, antes de Dias Gomes, o absurdo e a fantasia em meio à trama.

1976

• ***A Viagem***, de Ivani Ribeiro. Com Eva Wilma, Tony Ramos, Carlos Alberto Riccelli, Irene Ravache, Ewerton de Castro, Joana Fomm, Ana Rosa. Novela espiritualista. Foi um trabalho de Ivani Ribeiro envolvendo o mundo espiritual. Sucesso absoluto, tanto que anos depois foi regravada pela TV Globo com Cristiane Torloni, Maurício Mattar, Antônio Fagundes e outros.

• ***Tchan, a Grande Sacada***, novela de Marcos Rey. Com Raul Cortez, Etty Frazer, Joana Fomm, Plínio Marques e outros.

1977

• ***O Profeta***, de Ivani Ribeiro. No elenco Carlos Augusto Strazzer, Irene Ravache, Débora Duarte, Cláudio Correia e Castro, Ana Rosa, Rildo Gonçalves e outros. A novela teve cenas com dom Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo na época, e com o médium Chico Xavier. Ainda era o mundo espiritual sendo analisado.

• ***Éramos Seis***, de Silvio de Abreu e Rubens Ewald Filho, inspirada no livro de Maria José Dupré. Com Nicette Bruno, Gianfrancesco Guarnieri, Ewerton de Castro, Geórgia Gomide, Nydia Licia, Ruthinéa de Morais e muitos outros. Novela de tanto sucesso, que foi repetida anos depois pelo SBT.

O Machão *(acima), com Marcos Plonka, Paulo Hesse, Elias Gleiser, Antonio Fagundes, Rogério Márcico, João José Pompeu, Clarisse Abujamra e Maria Isabel de Lizandra; e Wanda Stefânia, em* Rosa dos Ventos *(à esquerda).*

A Viagem *(acima), com Francisco Di Franco e Ana Rosa;* e Éramos Seis *(à direita), com Gianfrancesco Guarnieri e Nicette Bruno.*

1978

• ***Salário Mínimo***. Novela de Chico de Assis, com Nicette Bruno, Edney Giovenazzi, Edson Celulari. Essa novela foi muito bem.

1979

• ***Gaivotas***, de Jorge de Andrade, estrelada por Rubens de Falco, Yara Magalhães, Bertha Zemel, Cleyde Yaconis, Paulo Goulart, Márcia Real e grande elenco.

1980

• ***Como Salvar Meu Casamento***. Uma das primeiras novelas de Carlos Lombardi, com Nicette Bruno, Beth Goulart, Adriano Reis, Patrícia Mayo, Rildo Gonçales e outros.

• ***Drácula, de Rubens Ewald Filho***. Criação de Walter Avancini.
Última novela da Tupi. Foram ao ar apenas cinco capítulos. Depois foi refeita na Bandeirantes como *Um Homem muito Especial* e com o mesmo elenco: Rubens de Falco, Bruna Lombardi, Carlos Alberto Ricceli e Isabel Ribeiro.

Relacionamos aqui apenas alguns títulos, dentre os que foram ao ar nos anos de 1968 a 1980, na teledramaturgia da TV Tupi, a pioneira.

A TV Tupi de São Paulo foi o celeiro, a base, a mina, onde nasceu a água cristalina, que foi, anos depois, transformada no rio caudaloso, que é a teledramaturgia do Brasil.

Boni: *Eu acho que nós tivemos no Brasil alguns momentos importantes na televisão. A criação da TV Tupi foi um momento mágico, onde o talento de pessoas como Cassiano Gabus Mendes, Dermival Costalima, Walter George Durst, Túlio de Lemos, o elenco maravilhoso, esse momento mágico me inspirou e muito. Eu fico até emocionado, pela certeza de que a televisão poderia ser feita de uma forma popular, mas com muita qualidade. Eu devo muito ao Cassiano.*

Em **1976**, **Cassiano Gabus Mendes**, o *chefinho*, desistiu inteiramente de seu posto à frente da grande nave Associada de Televisão em São Paulo. E foi para a TV Globo, onde se encaixou brilhantemente como novelista. Já naquele ano lançou *Anjo Mau*, que fez grande sucesso e voltou a ser refeita anos depois. Escreveu para a Rede Globo, ao todo, 17 novelas, e todas fizeram sucesso como, por exemplo, *Que Rei Sou Eu?*, onde seu filho Tato Gabus teve atuação brilhante.

Alma Cigana*, com Ana Rosa e Amilton Fernandes*

Novelas Diárias - TV Tupi / Rede Tupi

Década de 1960

1964

- *Alma Cigana*
- *A Gata*
- *Se o Mar Contasse*
- *O Segredo de Laura*
- *Quando o Amor é mais Forte*
- *Quem Casa com Maria?*
- *O Acusador*
- *O Sorriso de Helena*
- *O Direito de Nascer*
- *Gutierritos, o Drama dos Humildes*

O Direito de Nascer*, com Nathália Timberg e Amilton Fernandes*

1965
• *Teresa*
• *O Mestiço*
• *O Cara Suja*
• *Olhos que Amei*
• *A Outra*
• *A Cor da Sua Pele*
• *O Preço de Uma Vida*
• *Fatalidade*
• *O Pecado de Cada Um*
• *Um Rosto Perdido*
• *Ana Maria, Meu Amor*

1966
• *Calúnia*
• *A Inimiga*
• *O Amor Tem Cara de Mulher*
• *Somos Todos Irmãos*
• *A Ré Misteriosa*
• *Ciúme*
• *Os Irmãos Corsos*
• *O Anjo e o Vagabundo*

1967
• *Angústia de Amar*
• *Yoshico, um Poema de Amor*
• *A Intrusa*
• *Meu Filho, Minha Vida*
• *A Ponte de Waterloo*
• *O Jardineiro Espanhol*
• *Paixão Proibida*
• *O Pequeno Lord*
• *Éramos Seis*
• *Hora Marcada*
• *A de Amor*
• *Encontro com o Passado*
• *Presídio de Mulheres*
• *Os Rebeldes*
• *Estrelas no Chão*

1968
• *O Décimo Mandamento*
• *Amor sem Deus*
• *Os Amores de Bob*
• *O Homem que Sonhava Colorido*
• *O Rouxinol da Galiléia*

O Preço de uma Vida*, com Geórgia Gomide*

• *O Coração não Envelhece*
• *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*
• *Antônio Maria*
• *Sozinho no Mundo*
• *Beto Rockfeller*

1969
• *O Retrato de Laura*
• *Um Gosto Amargo de Festa*
• *Nino, o Italianinho*
• *Enquanto Houver Estrelas*
• *Nenhum Homem é Deus*
• *Super Plá*
• *João Juca Jr.*

Década de 1970

1970
• *E Nós, aonde Vamos?*
• *A Gordinha*
• *As Bruxas*
• *Simplesmente Maria*
• *Toninho on The Rocks*
• *O Meu Pé de Laranja Lima*

1971
• *A Selvagem*
• *A Fábrica*
• *Hospital*
• *Nossa Filha Gabriela*
• *O Preço de Um Homem*

1972
• *Signo da Esperança*
• *Na Idade do Lobo*
• *Bel-Ami*
• *Vitória Bonelli*
• *Camomila e Bem-me-quer*
• *A Revolta dos Anjos*
• *Tempo de Viver*
• *Jerônimo, o Herói do Sertão*

1973
• *Mulheres de Areia*
• *A Volta de Beto Rockfeller*
• *Rosa dos Ventos*
• *O Conde Zebra*
• *Divinas e Maravilhosas*

Mulheres de Areia (à esquerda)*, com Eva Wilma e Gianfrancesco Guarnieri;* e Aritana *(acima), com Bruna Lombardi*

1974
• *Os Inocentes*
• *O Machão*
• *A Barba Azul*
• *Ídolo de Pano*

1975
• *Meu Rico Português*
• *O Velho, o Menino e o Burro*
• *O Sheik de Ipanema*
• *Ovelha Negra*
• *Vila do Arco*
• *Um Dia, o Amor*
• *A Viagem*
• *Senhoras & Senhores*

1976
• *Canção para Isabel*
• *Xeque-Mate*
• *Papai Coração*
• *Os Apóstolos de Judas*
• *Sossega Leão*
• *O Julgamento*
• *Tchan, a Grande Sacada*

1977
• *Um Sol Maior*
• *Cinderela 77*
• *Éramos Seis*
• *O Profeta*

1978
• *João Brasileiro, o Bom Baiano*
• *Roda de Fogo*
• *Casa Fantástica*
• *O Direito de Nascer*
• *Salário Mínimo*
• *Aritana*

1979
• *Gaivotas*
• *Como Salvar Meu Casamento*
• *Dinheiro Vivo*

Década de 1980

1980
• *Drácula: Uma História de Amor*

Capítulo 64
Outras Novidades

Deixando de lado as novelas, vamos abordar outras novidades dessa década conturbada da TV Tupi.

Em 1969, em parceria com a TV Globo, a Tupi ancorou a **chegada do homem à Lua**. Acontecimento mundial foi assistido também por toda a população brasileira. A Tupi ainda estava com vitalidade e força.

Em 1972, também as Emissoras Associadas entraram na era das cores, transmitindo a *Festa da Uva* em Caxias do Sul, RS. E depois foi montado um *show*: *Mais Cor em Sua Vida*, apresentado por **Walter Forster** e **Cidinha Campos**, com um desfile de modas de **Clodovil Hernandez** e músicas cantadas por **Agnaldo Rayol** e **Elizete Cardoso**.

A Rede Associada estava formada. Seu diretor era **Rubens Furtado**. Muitas vezes, porém, as emissoras se desentendiam. Umas colocavam uma programação, outras colocavam programação diferente.

Como disse Boni: *As Associadas eram desassociadas e as Unidas eram desunidas*, referindo-se às emissoras de Chateaubriand e de Paulo Machado de Carvalho.

As últimas novelas da TV Tupi foram gravadas nos estúdios de Silvio Santos, na Vila Guilherme. Ele começava suas negociações com a TV Tupi.

O humorista **Renato Aragão**, vindo do Ceará, apareceu na TV Tupi, ao lado de **Ted Boy Marino**, **Wanderley Cardoso** e **Ivon Cury**. Cabia a Renato Aragão o papel de palhaço. Ainda não tinha o prestígio nacional que veio a conseguir, mas todos gostavam dele e riam muito... Sua espontaneidade era nata. O cearense, formado em Direito, era realmente *um palhaço genial*.

Outro humorista, que fazia sucesso nesse tempo, era **Mário Alimari**, um soldado que estava sempre machucado. Seu personagem era o *Pé com Pano.*

O cenógrafo **Cyro Del Nero**, que tinha sido da TV Excelsior e da TV Globo, esteve na TV Tupi, de 1976 a 1980, nesse final de vida dela. E ali fez belíssimos trabalhos.

Um grande nome nacional, nessa época, também estava na TV Tupi de São Paulo: **Flávio Cavalcanti**. Com seu jeito forte e destemido, o jornalista fazia um programa agressivo. Era jornalista, sim, mas seu jornalismo era opinativo e rebelde, além de ser ligado à música, o que

Flávio Cavalcanti

foi acontecendo aos poucos, mas com caminho firme e determinado. Mais do que jornalista, Flávio Cavalcanti era um apresentador, um comunicador, um homem capaz de medir cada palavra, cada gesto e com eles obter o que era previamente determinado. Seu programa ia ao ar aos domingos, às 8 horas da noite.

O *Programa Silvio Santos* ocupava a tarde de domingo e era sucesso absoluto. O apresentador carioca instalava-se cada vez mais em São Paulo. A TV Tupi era, então, a sua casa.

O seriado de Shirley Maclaine era de audiência obrigatória para quem admirava a atriz americana. Era uma série colorida, que se chamava *Sonhar um Sonho Colorido*.

Silvio Santos (ao centro), entre amigos

O maestro **Júlio Medaglia**, diretor musical da TV Tupi do Rio de Janeiro, batia ponto toda semana na TV Tupi de São Paulo.

I Love Lucy estava no ar, com sucesso.

O ator **Antônio Fagundes** ficou três anos atuando na TV Tupi antes de ser contratado pela Rede Globo de Televisão, onde foi ser galã de *Dancin' Days* e se tornou astro nacional.

O comunicador **Barros de Alencar** era um nome importante nas Emissoras Associadas de São Paulo.

O grande jornalista **Fernando Barbosa Lima** lançou na TV Tupi de São Paulo, o programa *Abertura*, considerado o *Jornal dos Novos Ventos Democráticos*. O programa saiu do ar pouco antes da falência da emissora.

Desde 1977, até o último dia da TV Tupi, **Edir Macedo**, o bispo da *Igreja da Benção*, mais tarde *Igreja Universal do Reino de Deus*, locava horários dentro da programação. A igreja eletrônica começava a ser formada já naquela ocasião.

O Formigueiro

Estávamos ali. Todos os colegas. Éramos como um formigueiro. Bem organizado. Sempre fomos assim. Tínhamos o nosso trabalho. Era um formigueiro bem-arrumado. A coisa funcionando ritmicamente, mas, naquele dia, naquela hora... Alguém foi lá e pisou no formigueiro, e ele se espalhou. Ficou aquele monte de formigas atarantadas, sem saber para onde ir. E o pior: Não tínhamos para onde ir. Foi muita dor. Um chorava, outro calava, outro sentava no chão, outro sumia. E a gente sabia que o mercado de trabalho era tão pequenininho... Os amigos... Onde os amigos? Parece que ninguém te conhece mais. Onde ir trabalhar no dia seguinte? Mas será que ia ter o dia seguinte? Fui para minha casa chorando. Era realmente o fim.

Essas foram as palavras de **Patrícia Mayo**, atriz, que entrou na TV Tupi aos 15 anos de idade. Estrelou novelas e estava fazendo *Como Salvar Meu Casamento*. Ficou na TV Tupi até o último dia. Depois disso, após bater em todas as portas desesperadamente, tentou trabalho em outras profissões. Precisava colaborar com o marido, para o sustento do lar, dos filhos. Lutou. Sofreu. Só voltou à televisão 17 anos depois, fazendo papéis menores, tentando sobreviver. Morreu a estrela. Sobreviveu a mulher, a lutadora, a mãe.

Tristeza

Apesar das novidades que fervilhavam, apesar do esforço de cá e de lá, os salários atrasavam. E todos os funcionários reclamavam.

Desde 1970 falava-se em *nova fase da TV Tupi*, mas os antigos não acreditavam. A nova fase não os atingia. Ainda trabalhavam com amor, mas o bater do coração, mais profundo e doído, gritava no peito, como que perguntando: *Até quando? Até quando?* Sem nunca obter uma resposta. Sabiam que a nave fazia água...

Câmera da TV Tupi chora ao saber do fechamento do canal

Foto: J. Ferreira da Silva

Tupi constrói uma cidade (de verdade) só pra fazer uma novela!

Uma típica cidade nordestina acaba de surgir em pleno Estado de São Paulo. Trata-se de 21 casas de verdade, além de uma igreja com torre e sino, construídas especialmente para as gravações da próxima novela da Tupi para o horário das 20 horas, **Maria Nazaré.** Para ambientar com tanta perfeição a sua história (que tem estréia marcada para março), a emissora paulista investiu na produção uma verdadeira fortuna: o seu realíssimo cenário (foto) já está até agora em nada menos que 2 milhões de cruzeiros!

1
No total são 21 casas construídas pela Rede Tupi, das quais 20 são dos colonos e uma do coronel manda-chuva da cidade.

2
Só a igreja tem 140 metros quadrados de área construída e depois da novela vai poder abrir suas portas aos fiéis de verdade.

3
Neste close você pode notar o capricho com que foi construído este cenário de verdade. As casas são sólidas e terão utilidade futura.

Matéria da Revista Contigo! (dezembro, 1979), sobre cidade cenográfica da novela Maria Nazaré. *Cenários de Rubens Barra. Lá foram gravadas apenas 65 cenas desta novela que não foi ao ar por conta da crise*

Capítulo 65

Voltamos a Falar de Amor

A história da instalação da TV Tupi foi, sem dúvida, uma linda história de amor. Ela se iniciou lá longe, antes de chegar ao Brasil, quando o menino americano de nome Philo começou a perseguir a imagem e, tal qual um mágico, a querer colocá-la dentro de um vidro.

Durante quase todos os capítulos desta narrativa falamos de amor, citamos nomes, reproduzimos diálogos de heróis e de pioneiros que fizeram de tudo para a TV Tupi cumprir seu papel de divertir e educar. Eram essas as metas iniciais. Por meio da boa música, popular ou erudita, dos teatros, em peças únicas ou em capítulos, do balé, do humorismo, do esporte, do jornalismo, a emissora foi fazendo sua caminhada. Nela, muitos heróis existiram. Vários deles foram citados aqui. Mas... nem todos.

E é incrível, percebo agora, que falamos pouco sobre os mais próximos, os mais íntimos, os mais conhecidos, aqueles, enfim, que participavam dos teleteatros.

Resolvemos fazer um *adendo* a este livro. Nem sei se a palavra está correta, pois o que fizemos é mais do que um adendo. É um encarte.

Fomos buscar em várias fontes e fizemos o levantamento de cerca de 200 biografias de atores de televisão, incluindo autores e diretores.

E redigimos 200 mini-biografias. São resumos de aproximadamente dez linhas cada, com alguns dados biográficos e os principais trabalhos desses artistas.

Com isso, o que quisemos foi, de um lado, homenagear aqueles que há 50 anos vêm realizando a arte do teatro em televisão e, de outro, colaborar com os leitores, os estudiosos, que terão num único livro a possibilidade de ter maior conhecimento sobre a vida e a carreira dessa gente maravilhosa que faz o teleteatro.

Veja, no final do livro, o capítulo a que nos referimos. Ele se chama *Resumo da Vida e da Carreira dos Astros da Teledramaturgia Brasileira.*

O Amor no Coração dos Atores

Por certo, só com muito amor os atores da TV Tupi puderam *dar conta do recado*, puderam desempenhar o trabalho que lhes era destinado.

A Associação dos Pioneiros da Televisão Brasileira, a Pró-TV, visando a preparar um acervo para o futuro Museu da Televisão, foi à fonte

e gravou em vídeo 150 depoimentos de artistas. Além de mais 40, só com a voz. Ouvimos, portanto, quase 200 pessoas, de todos os setores da atividade televisiva. E todos eles falam do amor que sentiram pela TV Tupi, a pioneira.

Quase todos, quando a deixaram, alçaram vôos maiores, transformaram-se em nomes nacionais, em ídolos, em pessoas bem-sucedidas, em vencedores. Mas ninguém renega suas origens; pelo contrário, citam o começo, como a razão de tudo, a formação de seu profissionalismo, seu espírito de equipe, seu amor à arte, sua razão de ser. Os atores então, jamais negam uma palavra de amor à velha e extinta Tupi.

Disse Márcia Real, em seu depoimento: *Como eu morava perto da Tupi, porque todos nós morávamos por lá e até chamávamos o Sumaré de* Nossa Beverly Hills*, eu pegava todo o elenco e levava para minha casa. E a gente passava a noite inteira tomando café, mastigando umas coisinhas e decorando, decorando, decorando, até o amanhecer. E às 10 horas, às vezes até sem tempo de eles irem para suas casas tomarem um banho, a gente ia para a rádio, fazer novela. Tinha novela o dia inteiro, uma seguida da outra. E, à noite, fazíamos televisão. Eu me lembro, por exemplo, de fazer novela de rádio com a roupa de* Ana Karenina*, que eu ia fazer, mais tarde, na televisão. Eu tinha o papel- título. Eu estava no microfone do rádio e o sonoplasta dizendo:* Depressa, Márcia, já estão te chamando na televisão*. Mas como é que eu podia ir depressa? Ainda estava dizendo as falas da novela de rádio... Depois a gente saia correndo, ia pela Av. Prof. Alfonso Bovero, com roupa de época e tudo. Chegava à televisão, que era o prédio ao lado, retocava a cara e entrava no ar, ao vivo. Pronto, eu já era a* Ana Karenina*. Era uma loucura. Uma alucinação. Mas, meu Deus, que saudade! Que imensa saudade me dá daquele tempo. A televisão Tupi foi o começo de tudo.*

Capítulo 66

Greves

As Emissoras Associadas havia muito tinham problemas. Desde o falecimento de Chateaubriand, quando foi criado o Condomínio Acionário, a situação era instável. Hora melhorava, hora piorava. Vinham as novidades, os contratos, os sucessos, a salvação. Vinha a esperança, mas essa ia por água abaixo. Parecia tudo estar montado em cima de areia movediça. Não se acreditava mais em explicações, em conversas. O próprio Cassiano Gabus Mendes hora estava, hora saia. O diretor-geral da Rede Tupi era Rubens Furtado. Homem correto, bom profissional, dedicado ao trabalho, mas...

Rubens Furtado nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. E foi aí que começou seu trabalho na ZYT-9 – Rádio Industrial de Juiz de Fora. Na década de 1940 já era um dos principais nomes do rádio mineiro. No final de 1940 foi morar em São Paulo. Em 1950 começou a trabalhar na TV Tupi, sendo superintendente da Rede Tupi de Televisão até 1980. Estava havia 30 anos nas Associadas, quando coube a ele a ingrata missão de receber os representantes federais e dar por lacrada a Tupi, a emissora pioneira. Depois disso Furtado transferiu-se para a Rede Bandeirantes e por muitos anos foi seu superintendente-geral, tendo passado antes pela Bloch Editores, onde também teve cargo de chefia.

No começo, a força do nome Tupi segurava tudo. E o amor que todos tinham pela *casa* ajudava também. Nos fins de 1970 era irritação em cima de irritação. Os desequilíbrios continuavam. Os estáveis, os funcionários, ganhavam pouco. E não recebiam nada. Os *free lancers* ganhavam mais. Mas tudo isso já não importava. Esses também seriam prejudicados. Perderiam o emprego. E não receberiam nada também.

E o amor pela *casa*? Onde andava esse amor? E a *casa*? Onde estava a *casa*? Faltava confiança na direção-geral. Na presidência. E a solução que surgia era: GREVE.

Maio de 1980 – 900 funcionários entraram em greve. Os salários estavam com três meses de atraso. Sem um comando forte, as empresas estavam indo à falência. A revista *O Cruzeiro* morreu. O *Diário da Noite* e o *Diário de São Paulo*, também. O prédio da Rua 7 de Abril foi penhorado. A TV Tupi ia ser a próxima vítima.

Julho de 1980 – 2 mil funcionários aderiram à greve. Os programas começaram a sair do ar desde o começo do ano. Um após o outro. As novelas que ainda estavam sendo transmitidas, iam se retirando... O novelista **Rubens Ewald Filho**, autor da novela *Drácula*, para colaborar com os grevistas, não entregou os cinco capítulos que já estavam escritos. Ela foi a penúltima a sair do ar.

O então presidente da República, **João Batista de Oliveira Figueiredo**, conversava com empresas que lhe pareciam mais fortes e confiáveis, para as quais, após uma seleção, iria ser passada a concessão do Canal 4. A Tupi estava sendo negociada. E, para a solução dos funcionários, nada... O Sindicato dos Radialistas estava no meio da briga, mas os funcionários eram decididos: queriam receber o que lhes era devido. E ponto final. Os empregados faziam vigílias. A porta da emissora era o lar de todos eles. De dia. De noite.

A novela *Como Salvar Meu Casamento*, a apenas oito capítulos do final, saiu do ar. Os artistas a apelidaram de Como Salvar Meu Pagamento. Essa foi a última novela da TV Tupi de São Paulo. Os programas vespertinos saíram também. No lugar, nada. Os artistas iam ao microfone. Davam sugestões. Pediam colaboração do governo, dos empresários, queriam receber. Falavam. Choravam. Rezavam. Imploraram. O drama parecia não ter fim...

O Cristal

Albertino Aor da Cunha estava lá. Na técnica. Ele era chefe de operações da TV Tupi. Estava tomando conta da televisão naquele dia. No Sumaré.

Também ali, em outra parte do edifício, ao microfone, estava o jornalista pioneiro **Saulo Gomes** diante das câmeras. Era ele quem dava o microfone aos artistas para que usassem o tempo e fizessem as reivindicações. Pedidos. Choros. Orações. Várias horas de programação desesperada. Todos queriam uma solução. Imploravam. Clamavam.

Rubens Furtado não conseguia mais segurar a crise. A efervescência crescia cada vez mais. O desespero era total. E aí o governo federal deu a ordem final.

18 de julho de 1980

Mais ou menos ao meio-dia, dois engenheiros associados, entraram na técnica, onde estava o responsável Albertino. E disseram: *Desligue a emissora. Tire o cristal*. Albertino deu a ordem ao seu funcionário imediato: *Desligue*.

Esse não o obedeceu. Tremeu. Assustou-se. Chorou. Aí os engenheiros disseram: *É uma ordem. Pode desligar*.

E o cristal foi retirado. A TV Tupi saiu do ar.

Era o dia 18 de julho de 1980. A Emissora Associada fora considerada perempta. Dois meses antes de completar 30 anos de existência e de sucesso,

a Tupi de São Paulo não existia mais. Melancólico e trágico fim. Albertino, ao contar a história, chora... E diz: ***O público também chorou***.

Foram extintas, no mesmo dia, sete das nove Emissoras próprias da Rede Tupi. Apagaram-se a TV de São Paulo, do Rio de Janeiro, a TV Itacolomy, de Belo Horizonte, a Piratini de Porto Alegre, a Marajoara de Belém, a Rádio Clube do Recife, Ceará e Fortaleza. Salvaram-se do naufrágio a TV Brasília, do Distrito Federal, e a TV Itapoan, de Salvador.

As emissoras da Rede Tupi, que estavam lacradas, foram divididas entre **o grupo Sílvio Santos** e o **grupo Bloch Editores**. Criou-se respectivamente, a TVS (depois SBT, em 1981) e a Rede Manchete (em 1983). A Tupi de São Paulo (canal 4) tornou-se a TVS. A Manchete ocupou o canal 9, desativado desde a falência de TV Excelsior, em 1970 (sua geradora era o canal 6 carioca, antiga TV Tupi – Rio). As duas emissoras que restaram da Rede Tupi se filiaram a outras redes, mas continuaram sendo dos *Associados*. Na década de 1990 a TV Itapoan foi vendida para a Rede Record e, em 2002, os associados venderam a TV Brasília para o Grupo Paulo Otávio. Atualmente, a TV Brasília é afiliada da Rede Play TV, cuja geradora é a Play TV, do Grupo Bandeirantes de Comunicação em São Paulo.

Um *Break*, antes do Fim

A Evolução da Televisão

A evolução da televisão deu-se tão rapidamente, que chega a ser difícil, para um leigo, entender. E aqui queremos falar sobre isso de forma singela.

• No começo era tudo em preto-e-branco. A transmissão em VHF para as capitais, e em UHF para o interior, as cidades pequenas. A transmissão era, então, feita só através de repetidoras.

• A transmissão passou a ser feita através de satélites, por parabólicas.

• Quando veio a cor, havia o sistema americano e japonês (NTSC), o sistema alemão (PAL), o sistema brasileiro (PAL-M, para proteção da indústria nacional) e o sistema francês (Secam).

• Apareceu o VHS - Vídeo Home Sistem; o gravador doméstico; as câmeras portáteis.

• Chegou a era digital.

• Chegou o computador.

• Mini câmeras digitais.

• Edição não-linear (edição no computador ou equipamento de edição que permite editar partes aleatórias de um vídeo, organizando-as na máquina, antes de concluir o trabalho).

• CDs e DVDs.

• Finalmente veio o vídeo pela Internet (Web). Pode-se rever quantas vezes quiser, com interatividade. A Internet funciona pelo cabo telefônico e pelo ar, como o rádio e a TV. Com essa grande massificação da TV, dos vídeos domésticos e dos computadores, qualquer internauta poderá ser um produtor de programas de vídeo.

• A TV a cabo é a tendência dos centros urbanos, pois traz uma imagem e um som perfeitos.

• Agora está chegando a TV via telefone celular.

As máquinas são poderosas.

Os homens vão sempre atrás delas.

Para onde? Só o futuro dirá.

Em 2007, o Brasil entrou na Era Digital.

Os escombros da demolição do palco da TV Tupi, no Sumaré (1980)

Capítulo 67

The End... or The Begining…

Esta linda história de amor não acaba aqui. Ela não é daquelas em que há o príncipe, a princesa, eles se casam e são felizes para sempre, porque o enredo acabou, a história acabou. Essa história não é assim. Nem poderia ser assim.

Porque é uma história de amor maior, de muitos por muitos, de todos, por todos. É a história do amor por uma causa, pela construção de uma coisa: a televisão.

E nela, portanto, nessa história, cada dia é um dia. Cada nome, mesmo grande e importante, mesmo nacionalmente reconhecido e badalado, não é mais que um tijolo, um pequeno tijolinho dessa grande construção.

E é disso, da humildade do que fomos, ou do que somos, que vem a força dessa caminhada que começou bem antes de 1950, com o rádio, e continua até hoje, 2008.

E a beleza de tudo se assemelha à beleza da colméia, onde cada abelha faz sua parte, num ritual dançante, incessante, sem ninguém ser maior que ninguém. Ou se o é, por força de seu papel naquele momento, isso é tão transitório... Tudo é transitório...

Efêmera, passageira, arte menor, arte pequena. Assim considerada por muitos, por seus defeitos, por seus erros, por suas distorções, a verdade é que a televisão, que começou lá longe, e vem vindo, vem vindo, modificou nossa civilização, nosso mundo.

Hoje somos mesmo uma aldeia global. A televisão nos uniu a todos, nos interagiu. Tendo vivido nela, por ela, para ela, por tantos anos, hoje a vejo no seu devido tamanho, pois a vejo de fora. A sinto como companheira que está ali, às minhas ordens, é só ligar um botão, é só usar o controle remoto e ela, então, não me deixa sozinha, em minhas noites insones. E mais: ela impulsiona, proporciona, incentiva outras artes, divulga-as, incrementa-as.

Perdoem-me os que me lerem. Mas avisei, desde o princípio, que ia falar de amor, porque para mim a televisão, a saga de seus pioneiros, tudo o que está neste livro é uma linda história de amor, que foi vivida por mim, sentida por mim e, tenho certeza, por todos que a viveram e a construíram.

E os que hoje aí estão fazendo televisão compreendem o que digo, o que escrevo. A televisão é uma linda história de amor, que empolga, arrebata, completa.

Este trabalho que fiz, e não o fiz sozinha, é um tributo, um agradecimento à terra mãe, à origem, à emissora que foi o começo de tudo: PRF-3 TV Tupy - Difusora de São Paulo, a pioneira.

Mãe, bendita sois, entre as demais. Obrigada por sua sombra, por sua lição, por seus erros, por seus acertos, por sua existência. Você foi, mãe, a responsável por todos nós.

Vida Alves

Vida Alves, em sua formatura de Direito (USP)

Resumo da Vida e da Carreira dos Astros da Teledramaturgia Brasileira

Essa parte de *TV Tupi - Uma História de Amor* é um adendo ao livro propriamente dito. Ao ler, todos vão perceber que em todo o capítulo, há mini biografias dos participantes. Menos no que se refere à teledramaturgia. Os atores, por serem muitos, não foram citados.

Sendo assim, resolvemos criar este suplemento inteiramente dedicado aos que fizeram, desde o primeiro dia, o encanto dos telespectadores.

Todos os nomes que apareceram aqui estiveram em algum momento de suas carreiras na TV Tupi, a pioneira. Relacionamos 200 nomes, entre atores e autores. Muitos ainda em atividade.

As biografias são breves, resumidas, mas verdadeiras e, em parte, calcadas em nossa memória. Estão aqui para complementar este trabalho e facilitar os que querem conhecer realmente a TV Tupi e a linda história de amor, que a instituiu e a consolidou.

Há várias biografias que estão no corpo do livro, em itens distintos.

Da esquerda para direita, pioneiros da TV Tupi, em frente aos transmissores do canal 4, no Sumaré (1990). Mauro Gianfrancesco, Telê Cardim, Ana Maria Neumann, Júlio Lerner, Yara Lins, Lia de Aguiar, Laura Cardoso, Walter Forster (atrás), Luiz Gallon, José Parisi (2º da direita, de óculos) e outros

Adriano Reys

Nasceu no Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1934. Iniciou sua carreira artística como galã de cinema. Fez vários filmes. Em 1961, porém, entrou para a televisão fazendo: *Adeus às Armas*. Esteve na Tupi por toda a década de 70. Fez *Pigmaleão 70*, no papel de Juan Carlos; *O Preço de um Homem, Bel-Ami, Rosa dos Ventos, A Viagem, Éramos Seis, Como Salvar meu Casamento*, que foi interrompida pela falência da emissora. Estrelou também a segunda versão de *O Direito de Nascer*, no papel de Jorge Luiz. Essa versão, porém, usando recursos modernos de flashback, não teve a repercussão da primeira, que foi estrelada por Amilton Fernandes. Adriano fez vários outros trabalhos. Tipo bonito e fotogênico, sempre foi um galã muito prestigiado, tendo atuado também no SBT, na TV Bandeirantes e na TV Globo, na segunda versão de *Mulheres de Areia* e em *Barriga de Aluguel*. Fez *Do Fundo do Coração* (na TV Record) e, por fim, *Kubanacan* (novamente na Globo). Sempre educado e respeitoso, Adriano Reys tem uma carreira construída com equilíbrio e educação.

Aída Mar

Veio do rádio e na televisão participou das novelas *Felicidade, Sangue Rebelde, Um Rosto de Mulher* e outras. Com um tipo bem brasileiro, jeito de mãe, de irmã, de amiga, sempre havia um papel para Aída Mar.

Aldo César

Nasceu em 20 de dezembro de 1928. Aos 5 anos já cantava na Igreja Batista. Aos 17 anos ingressou na Rádio Ministério da Educação. Depois trabalhou nas Rádios Tupi e Mayrink Veiga do Rio de Janeiro. Mais tarde, em São Paulo, trabalhou na novela *Redenção*, da TV Excelsior, e a seguir na TV Tupi de São Paulo, onde participou das novelas *Hospital, Mulheres de Areia, O Preço de um Homem, Barba Azul, O Direito de Nascer*, esta última de imenso sucesso. Dedicou-se muito à dublagem, em filmes que são exibidos até hoje. Fez teatro, salientando-se em peças dirigidas por Jô Soares. Trabalhou na Rede Manchete e na TV Globo participou de *O Tempo e o Vento*. Finalmente, por 18 anos consecutivos, esteve no SBT, em programas de humorismo. Aldo César faleceu em 5 de janeiro de 2001, deixando saudade aos familiares e amigos, pois era muito querido por todos.

Altair Lima

Nasceu em Barretos, interior de São Paulo, em 10 de julho de 1936. Iniciou sua carreira na TV Record, em 1960. Ali estrelou *Imitação da Vida, A Máscara e o Rosto*. Depois passou para o Teatro Brasileiro de Comédia, onde fez *Yerma*. Em seguida foi para a Companhia Nídia Lícia. Só então ingressou como ator contratado na TV Tupi de São Paulo. Tomou parte em diversos teleteatros e novelas: *Panorama Visto da Ponte, A Respeitosa, O Homem que Vendeu a Alma, A Gata* e outros trabalhos. Em 1964, Altair passou para a TV Excelsior, onde atuou em várias peças. A seguir dedicou-se mais ao teatro e teve sua fase áurea. Lançou-se como co-produtor teatral e fez o musical *Hair*, produção ousada e inesquecível. Depois, no Teatro Aquarius, montou *Jesus Cristo Superstar, Oh! Calcutá* e *Godspell*. Foram momentos marcantes para o teatro nacional. Depois Altair Lima retornou à televisão, e esteve na TV Record, TV Globo e outra vez TV Tupi, em *A Viagem* e *Gaivotas*. Em seguida passou para a TV Bandeirantes, Record e Manchete. Seu último trabalho foi no filme *O Bicho-de-Sete-Cabeças*, sucesso nacional. Altair Lima faleceu em Angatuba, São Paulo, em 25 de dezembro de 2002. Ele foi casado com a atriz Maria Célia Camargo.

Alves Teixeira

Grande autor de novelas, assinou incontáveis trabalhos em rádio. Era contratado pelas Emissoras Associadas, mas mesmo depois de que quase todos seus colegas redatores passarem para a televisão, Alves Teixeira continuou na radionovela. Mas não resistiu à tentação e escreveu *Ana Maria, Meu Amor*, em 1965 para a TV Tupi. Alves Teixeira faleceu em junho de 2002 e deixou saudade para todos que com ele trabalharam. Foi um dos maiores novelistas das Associadas.

Amaral Novaes

Seu nome é Potiguara Novazzi. Nasceu em 4 de maio de 1925, em Itápolis, Estado de São Paulo. Desde cedo não foi somente ator, mas também locutor e produtor de rádio e de televisão. Especializou-se na criação de tipos regionais. Também compôs músicas, entre as quais o samba *Caiçara*.

Amilton Fernandes

Gaúcho, simpático e bonito, Amilton Fernandes foi o galã de seu tempo. Contratado pela TV Tupi de São Paulo participou de inúmeros *TV de Comédia*. Em *A Mulher do Outro Mundo* era disputado por Glória Menezes e Vida Alves. Participou de *O Segredo de Laura, Alma Cigana*, que foi sucesso, *Quem Casa com Maria?* e *O Direito de Nascer*, em que fez o célebre Albertinho Limonta – personagem consagrado nacionalmente. Era o neto bastardo, que quando adulto tornou-se médico e salvou o avô, que o havia desprezado. Depois fez ainda várias novelas, na esteira desse sucesso – *O Preço de uma Vida*, novela calcada no original de Felix Cagnet. Esteve também na TV Globo, onde fez *A Rainha Louca*, *Sangue e Areia* e outras. Por ser bonito e inteligente, Amilton Fernandes, por vezes, era mestre-de-cerimônias, enquanto esteve na TV Tupi. Fez dupla com Márcia Real na apresentação dos especiais, em que havia a distribuição do prêmio *Tupiniquim*. Amilton Fernandes faleceu bem jovem, em 8 de abril de 1968.

Ana Rosa

Nasceu no circo, em 18 de junho de 1942. Morava em barraca e o circo era itinerante. Aprendeu múltiplas artes – trapézio, arame, dança, canto e apresentação. Casou-se pela primeira vez aos 17 anos, com Dedé Santana, que também era de circo, e logo teve um filho que faleceu. Depois teve Maria Leoni, mas se separou de Dedé e veio para São Paulo. Foi quando entrou para a TV Tupi, em 1961. Tempos depois conheceu Guilherme Corrêa, com quem se casou e ficou até o falecimento dele. Seu grande sucesso nessa época foi na novela *Alma Cigana*, de Ivani Ribeiro, em que fazia papel duplo: durante o dia era freira, e à noite era a bailarina Esmeralda. Depois da Tupi, Ana Rosa esteve em várias emissoras, mas foi na Globo que ganhou nome nacional, sempre surpreendendo, pela variedade de papéis que representou. Além dos filhos que teve, adotou outros cinco. Ao todo são oito. Como que insatisfeita com tanta atividade, ainda faz teatro e lançou em 2004 o livro *Essa Louca Televisão e sua Gente Maravilhosa*, onde narra episódios seus e de seus colegas. Em 2007 fez a novela *Caminhos do Coração*, da TV Record.

Analy Alvarez

Nasceu na cidade de Santos, São Paulo, em 19 de outubro de 1942. Foi em Santo André que começou sua vida artística. Em 1965 foi para Escola de Arte Dramática e formou-se ganhando o prêmio Chinita Ulmann de melhor intérprete. Começou a trabalhar em teatro, mais especificamente nas peças *A Cozinha, O Homem de La Mancha, Abelardo e Heloísa, Navalha na Carne, Procura-se um Tenor* e muitos outras. Esteve na TV Tupi e trabalhou nas novelas *Uma Canção para Isabel, Tchan, A Grande Sacada, Beto Rockfeller, Dinheiro Vivo*. Depois foi para o SBT e começou a escrever. Tornou-se novelista importante e dramaturga de sucesso. Foi premiada com as peças *Senhora dos Anjos,* e *Cabaré Lupicínio*, Analy Alvarez é fundadora e presidente da Sociedade Lítero-Dramática Gastão Tojero e Vice-Presidente da Associação dos Produtores de Espetáculos de São Paulo. Muito ativa, Analy é professora de interpretação e direção na Faculdade Paulista de Arte, e diretora do Núcleo de Teledramaturgia da TV Cultura. Em 2005 criou na emissora o programa *Senta Que Lá Vem Comédia*. Analy Alvarez é casada com o também ator Luiz Serra.

Annamaria Dias

Profundamente ligada à arte, tem formação em química industrial, línguas, computação, dinâmica de grupo, iluminação teatral, roteiro, sonorização, dramaturgia, piano, violão, música, canto e dicção. Isso mostra a dedicação de Annamaria à carreira artística. Apareceu na TV Tupi em 1965, como atriz. Ali ficou por 15 anos. Fez várias novelas, *TV de Vanguarda e TV de Comédia*. Esteve também na TV Paulista, TVS (que se tornou SBT), TV Cultura e Rede Globo. No teatro fez 18 peças, incluindo *Trair e Coçar é só Começar,* marco de longevidade em cartaz. Em cinema fez o filme *Senhora*. Teve também atividades jornalísticas e empresariais, pois é fundadora do TET – Treinamento Empresarial Teatralizado. Annamaria Dias passou ao SBT como alta executiva no departamento de teledramaturgia. Grande personalidade, grande inteligência, ocupa lugar exponencial onde quer que esteja. Suas atividades são incontáveis e seus prêmios vários, inclusive como autora.

Antonino Seabra

Nasceu em 1 de janeiro de 1933, em Recife, Pernambuco. Sua arte começou pelo desenho. Depois passou a fazer histórias em quadrinhos, nas quais procurava ângulos e enquadrações de cinema. Começou depois a trabalhar na Rádio Guanabara. Estava com 16 anos e foi ser operador de som. Continuou desenhando e ganhou prêmios. Passou para a sonoplastia. Foi com esboços de desenhos nas mãos que se apresentou a Roberto Marinho, que acabou por publicá-los, após fazer alguns retoques. Daí conheceu Ruggero Jacobbi e foi contratado para a TV Paulista, que estava começando. Ali, apesar do espaço exíguo, Antonino Seabra realizou milagres de enquadrações para os grandes teatros que a emissora montava. Foi depois para a TV Record e a seguir para a TV Tupi. Já era um verdadeiro profissional e conhecia tudo de televisão. Fez vários *TV de Vanguarda*. Fez também o *Teatro da Juventude*, de Júlio Gouveia, fez *Lever no Espaço*, que revolucionou a televisão. Casou-se, teve filhos e tem netos. Antonino Seabra esteve em várias outras emissoras: Bandeirantes, Continental, TV Globo, SBT. Dedicou à televisão bem mais de 50 anos de sua vida e, apesar das dificuldades, das mudanças, dos altos e baixos, é um apaixonado pelo que faz e diz que por onde passou só fez amigos.

Antonio Fagundes

Nasceu no Rio de Janeiro em 18 de abril de 1949. Aos 8 anos mudou-se para São Paulo e bem cedo demonstrou vontade de ser ator. Estudou no Colégio Rio Branco e ali chegou a participar da peça *A Ceia dos Cardeais*. Estava com 14 anos. Depois, já como profissional, trabalhou em *Marta Saré, Cão Siamês* e a famosa peça *Hair*. Em 1973 ingressou na TV Tupi e participou das novelas *O Machão, Mulheres de Areia, A Revolta dos Anjos, Bel-Ami*. Três anos depois passou para a TV Globo e sua atuação o levou aos pontos mais elevados da profissão. Considerado um dos melhores atores do País, aquele que é admirado em todos os papéis e por todos os públicos, fez *Dancing Days*. Ao mesmo tempo Antonio Fagundes atuou em cinema, ora em comédias eróticas, ora em filmes considerados engajados, como *Doramundo* e *Gaigin*. Em teatro, um de seus imensos sucessos foi *Cyrano de Bergerac*. Também é autor de teatro e de televisão, sendo de sua autoria vários episódios do seriado *Carga Pesada*. Antonio Fagundes é sempre reconhecido pela excelência de seu trabalho e seu profissionalismo. O ator foi casado com as atrizes Clarisse Abujamra e Mara Carvalho. Em 2007 estrelou *Duas Caras*, novela da Rede Globo.

Aracy Balabanian

Filha de armênios, Aracy nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 22 de fevereiro de 1940. Foi muito paparicada em criança, pois era a caçula de uma família ampla. Veio para São Paulo com 10 anos e as irmãs um dia a levaram para assistir uma peça teatral. O primeiro espetáculo que viu foi com Maria Della Costa. Era uma comédia, mas Aracy chorou o tempo todo, tal a emoção que sentiu. Continuou seus estudos, mas decidiu fazer Arte Dramática. Sua peça de formatura foi *Macbeth*, em que Aracy fazia Lady Macbeth e tirou nota 10. Estava iniciada sua carreira, de ótima atriz. Entrou para a Tupi e passou pelos *TV de Vanguarda* e *TV de Comédia*. Mas foi na novela *Antônio Maria*, de Geraldo Vietri, ao lado de Sérgio Cardoso, que conquistou público nacional. Sempre fazendo teatro, fez *Vereda da Salvação*, *Ossos do Barão*, entre outras peças. Passou para a Rede Globo, emissora em que permanece até hoje, sempre em grandes papéis. Aracy fez 30 novelas. Salientou-se também no seriado *Sai de Baixo*, no papel cômico de Cassandra, muito bem aceito pelo público.

Araken Saldanha

Dono de uma voz muito bonita e grave, fez, entre outras, a novela *A Cor de Sua Pele*. Logo, porém, dedicou-se à dublagem, mais especificamente na chefia de equipes de dubladores por muitos anos.

Arlete Montenegro

Chama-se Arlete Apolinário. É paulistana e nasceu em 15 de outubro de 1938. Teve vários pequenos empregos, até que fez o concurso na Rádio São Paulo: *Você Quer Ser Estrela?* e tirou primeiro lugar. Começou ali sua carreira. Fazia inúmeras novelas por dia. Ganhou o prêmio *Tupiniquim* como radioatriz e começou a trabalhar na TV Record, no papel de *Esmeralda*, na novela *Corcunda de Notre Dame*. Aí nunca mais parou de fazer televisão. Fez *Éramos Seis* naquela emissora. Passou depois para a TV Excelsior, conhecida por *Hollywood* da época, e foi ali que fez *A Muralha*, num de seus melhores momentos. O primeiro trabalho de Arlete na Tupi foi em 1970 na novela *Divinas & Maravilhosas*, de Vicente Sesso. Arlete permaneceu na Tupi por 12 anos. Depois trabalhou na TV Bandeirantes e participou de muitas peças teatrais. Arlete Montenegro, sempre muito bonita, está em atividade até hoje.

Astrogildo Filho
Nasceu em Santos, São Paulo, em 23 de março de 1923. Começou sua carreira aos 12 anos de idade. Era ator e cantor. Andou por várias emissoras do interior até chegar a São Paulo, quando entrou para as Emissoras Associadas. Trabalhava nas Rádios Tupi e Difusora. Participou da primeira novela da televisão: *Sua Vida me Pertence*, ao lado de Walter Forster, Lia de Aguiar, Vida Alves, José Parisi. Astrogildo Filho casou-se com a cantora Triana Romero, com quem teve duas filhas: Viviane e Cristina. Participou da *Caravana da Alegria*, que levava música e humorismo por todo o interior de São Paulo e outros Estados. Faleceu em 17 de fevereiro de 1983.

Atílio Riccó
Bastante jovem, começou na TV Tupi e logo mostrou seu talento. Foi alçado ao cargo de diretor de TV, ou seja, *aquele que comanda o espetáculo*. E assim dirigiu as novelas *Papai Coração, Éramos Seis, Roda de Fogo, Aritana, Como Salvar meu Casamento*. Foi então que a TV Tupi faliu. Atílio foi para a TV Bandeirantes e dirigiu *Os Imigrantes* e *Um Homem Muito Especial*. Depois foi para TV Globo e dirigiu *Amor com Amor se Paga, Hipertensão, Bambolê*. Depois ainda na direção de duas novelas, esteve na TV Manchete. Fez *Irmã Catarina*, gravada pela Associação do Senhor Jesus e transmitida pela CNT. Depois disso Atílio foi para a TV Record, que iniciou uma grande fase de telenovelas. Mas seu maior sucesso foi *Trair e Coçar é só Começar*, sucesso de público e de crítica por dez anos. Esteve em Portugal, na NBP / TV1 em 2003 e em 2004 na TV Bandeirantes. Na Band dirigiu *Floribella*. Em 2007 dirigiu na portuguesa SIC a novela *Vingança*. Atílio Riccó ainda está em plena atividade.

Augusto Machado de Campos
Muito estimado por todos, era chamado de Machadinho. Estava na TV Tupi na sua inauguração e participou de todas as modalidades de teleteatro. Desde programas humorísticos aos seriados, como o caso de *Os Três Mosqueteiros*. Sempre alegre e bem-humorado, Machadinho era escalado inúmeras vezes. Participou dos filmes *Águias em Patrulha* e *A Noiva da Cidade*. Augusto Machado de Campos é falecido.

Bárbara Fazio
Foi esposa de Walter George Durst. Bárbara nasceu em São Paulo, em 3 de janeiro de 1929. Freqüentava a Igreja de Vila Pompéia, e entrou para o *corpo artístico* da igreja, digamos assim, para conseguir comprar um órgão para a paróquia. Assim, organizaram um teatrinho, e nele Bárbara

recitava. Foi assistida por Walter George Durst, que a convidou para pequenas participações na TV Tupi. Daí a carreira de Bárbara engatou e isso modificou sua vida. Casou-se com Durst e tiveram dois filhos: Ella e Walter. Bárbara fez TV, teatro, cinema e participou do filme *O Sobrado*, entre outros. Teve sempre uma carreira muito bonita. Permaneceu ao lado de Walter George Durst até a morte dele, pois havia um grande amor entre eles.

Beatriz Oliveira

Nasceu na capital paulista, em 4 de agosto de 1934. Aos 7 anos começou aulas de piano e formou-se no Conservatório Lírico e Musical de São Paulo. Começou sua vida profissional na TV Paulista, em 1954. Em 1956 passou pela ART – Academia de Rádio e Televisão, de Vida Alves e Célia Rodrigues. Contratada pela Tupi, participou de inúmeras radionovelas e telenovelas. Fez ainda os programas *Capitão 7*, *Pim-pam-pum*, tendo recebido o *Troféu Estrela*. Hoje é uma das diretoras na Associação dos Pioneiros da Televisão Brasileira – PRÓ-TV. É casada com Oswaldo di Martino.

Beatriz Segall

Nascida no Rio de Janeiro, teve educação esmerada e formou-se em Filosofia. Era adolescente, quando se interessou por teatro. O pai não deixou, mas logo foi convidada para fazer um filme. Depois conheceu o ator Sadi Cabral e começou a ter aulas com ele. Foi trabalhar com Silveira Sampaio, no *Teatro de Bolso*. Aí foi inaugurada a TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1951. Beatriz foi contratada. Foi trabalhar ao lado de Fernanda Montenegro e com Maria Jacinta, grande nome na época. Ganhou uma bolsa de estudos para a França. Então conheceu Maurício Segall, com ele se casou e se afastou do teatro. Ela própria achava que não tinha vocação. E assim ficou por 14 anos. Só depois entrou para o grupo de Júlio Gouveia, em São Paulo. Começou a participar dos outros teleteatros e atuou em *Angustia de Amar*, novela da TV Tupi de São Paulo. Mas foi ligando-se sempre mais ao teatro, sua paixão. Isso, porém, não a impediu de ir para a TV Globo, onde fez papéis de imenso sucesso, caso de Odete Roittman, com a famosa cena de sua morte em *Vale Tudo*. Fez *Bicho do Mato*, na Record, em 2006 e a peça *O Manifesto*, ao lado de Eva Wilma. Atriz de muito talento e elegância. Essa é Beatriz Segall.

Benedito Ruy Barbosa

Nasceu em 17 de abril de 1931, em Gália, interior de São Paulo. Seu pai fundou um jornal, uma tipografia e uma livraria. Foi ali que Benedito Ruy Barbosa nasceu e cresceu. Mas o pai faleceu aos 29 anos e o menino teve muitas dificuldades para estudar. Foi trabalhar como guarda-livros e veio sozinho para a capital paulista tentar a vida. Ainda bem jovem entrou para um jornal e ao mesmo tempo escreveu *Fogo Frio*. Logo depois conheceu Oduvaldo Viana Filho e resolveu lhe mostrar sua peça. *Fogo Frio* foi aprovada e passou um ano em cartaz. Desse momento em diante, Benedito mostrou seu temperamento apaixonado, obsessivo. Tudo o que escreveu o fez com paixão e foi sucesso e, às vezes, chegava a adoecer. Depois foi contratado pela Colgate-Polmolive, para supervisionar programas em várias emissoras. Começou a redigir novelas. Escreveu *Somos Todos Irmãos*, para a TV Globo. Depois, para a TV Tupi *O Anjo e o Vagabundo*, *O Décimo Mandamento*. Na TV Excelsior, ao lado de Lauro César Muniz, escreveu *O Morro dos Ventos Uivantes*. Então, para a TV Globo, fez *A Última Testemunha*; para a TV Record *Algemas de Ouro*; para a TV Cultura, com a TV Globo, escreveu *Meu Pedacinho de Chão*; e novamente para a TV Globo, *O Feijão e o Sonho*, *A Sombra dos Laranjais*, *Cabocla*. Na TV Bandeirantes escreveu *Os Imigrantes*, que fez muito sucesso. Mostrou estilo próprio, o qual se fez presente em outras novelas magníficas. Mais uma vez, para a TV Globo redigiu *Renascer*, *O Rei do Gado*, *Sinhá Moça*. E também seu grande sucesso – *Pantanal*, para a TV Manchete. Novamente para a TV Globo, *Terra Nostra* e *Esperança*, que não terminou, pois como mais de uma vez aconteceu, Benedito adoeceu, teve esgotamento; seu trabalho foi finalizado por Moacyr Carrasco. Homem de imensa sensibilidade e talento, Benedito Ruy Barbosa é considerado por muitos o maior novelista dentre todos os demais. Em 2004 supervisionou o texto do *remake* de *Cabocla*. Em 2005 escreveu a minissérie *Mad Maria* e o *remake* de *Sinhá Moça*, em 2006.

Benjamin Cattan

Nasceu em São Paulo, capital, em 1935. Começou como ator na Tupi, em 1961, com participações no *TV de Vanguarda*. Logo assumiu o cargo de diretor e se deu muito bem, ao substituir Walter George Durst, na direção do *TV de Vanguarda*. Adotou novidades nessa área. Antes do espetáculo, gostava de abordar a obra e falar didaticamente sobre a peça que iria ser encenada. Homem culto, caprichoso, trabalhou ainda na TV Bandeirantes, Cultura e Globo. Benjamin Cattan foi autor e roteirista das novelas *Hospital* e *Simplesmente Maria*. Faleceu em 1994.

Bentinho
De estatura baixa, simpático, risonho, entrosava-se com todo o elenco. Era amigo de todos da TV Tupi. Constou do elenco das novelas: *A Mãe* e *O Céu é de Todos*. Na TV Excelsior participou de *A Grande Viagem*. Bentinho é falecido.

Berta Zemel
Atriz de rara sensibilidade, Berta Zemel entrou definitivamente para a TV Tupi, na fase da renovação desta, isto é, depois dos anos 70. Seu grande parceiro foi Geraldo Vietri, que sempre a considerou como sua intérprete ideal. Em 1972 Berta foi *Vitória Bonelli*, imenso sucesso. Fez depois *Os Apóstolos de Judas* e *Gaivotas*. Com o fechamento da TV Tupi, passou para a TV Bandeirantes, depois para o SBT. Berta foi sempre muito admirada, mesmo no começo, quando aparecia no *Teatro das Segundas-feiras*, ou *Grande Teatro Tupi*. Ali ela fez *À Margem da Vida*. Sua grande atuação, porém, foi no teatro, na peça *Hellen Keler*, quando se consagrou como uma das maiores atrizes do Brasil.

Boni – José Bonifácio de Oliveira Sobrinho
Nasceu em 30 de novembro de 1935, na cidade de Osasco, Grande São Paulo. Sua mãe, Kina de Oliveira, sempre foi do mundo da literatura. O pai, Orlando de Oliveira, músico, era conhecido como *Caçula*. Quando tinha 7 anos de idade, o pai faleceu e ele foi para o Rio de Janeiro, para estudar em Piedade, onde uma tia morava. Essa tia era cantora e então Boni, apelido que já tinha, a acompanhava sempre à Rádio Nacional. Daí veio seu fascínio pelo rádio. Aos 14 anos conheceu Dias Gomes e *colou* nele. E já dizia que queria ser diretor de rádio. Então Dias disse: *Você não vai ficar atrás de mim, menino. Vou te botar na Rádio Roquete Pinto, para estudar rádio*. Começou então a escrever *O Clube Juvenil Toddy*. Depois foi para São Paulo e conheceu, no salão de beleza de outra tia, a esposa de Manoel da Nóbrega. Conversou com ela pra pedir ao marido que lhe desse uma chance de fazer rádio em São Paulo. E assim foi. Passou a escrever quadrinhos, que Nóbrega corrigia e iam ao ar. Depois Boni foi para a TV Tupi, e Theophilo de Barros Filho o convidou, e ele foi escrever o *Grêmio Juvenil Tupi*. Boni estava com 17 anos e era encantado pelo mundo da televisão. Nessa época foi ator, participava do seriado *Falcão Negro*. Era ele o mensageiro do Falcão Negro. Boni ficou na TV Tupi até 1954, quando foi convidado para assistente de direção da parte artística da TV Paulista. Sua carreira

não parou mais. Da TV Paulista foi para a RGE, trabalhou com José Scatena, depois foi para a Lintas Propaganda, lançando vários programas, inclusive o *Lever no Espaço*, na TV Tupi. Boni estava com 22 anos e já era um veterano de televisão. Daí foi para a TV Excelsior, junto com Edson Leite, onde criaram a grade de programação, além de imagens nos intervalos, para personalizar a emissora. Foi criada a primeira emissora moderna de televisão. Depois disso Boni foi com Walter Clark para a TV Rio. Em 1966 criou o *Telecentro* para a TV Tupi. Foi quando voltou para a TV Globo, onde ficou por muitos anos, tendo sido responsável, ao lado de Clark, pela criação da *qualidade Global* de programação e da Rede Globo de Televisão, o que marcou para sempre a liderança da emissora. Convocando os melhores profissionais da classe, Boni foi sempre um líder, um aglutinador, um exemplo de qualidade. Lançou o *Fantástico* e o seriado *Mulher*, entre centenas de outros. Foi também o criador do projeto *Projac*, onde são feitos os programas da Globo. Pai de vários filhos, o mais velho deles é o Boninho, produtor e diretor do *Big Brother Brasil*. Homem genial, Boni hoje é dono de várias emissoras de televisão, cuja sede principal fica no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Sua rede de emissoras denomina-se *Vanguarda*.

Bruna Lombardi

Nasceu em São Paulo, em 1º de agosto de 1952. É irmã do cineasta Ugo Lombardi. Começou em cinema e logo fez televisão. Na TV Tupi fez *Aritana*, ao lado do marido Carlos Alberto Riccelli. O sucesso do casal foi grande. Bruna já havia feito na TV Globo *Sem Lenço, Sem Documento*. E também o filme *Noite dos Duros*. A carreira da linda atriz continuou sempre, mas foi diversificando. Bruna começou a escrever e publicar livros de poesias. Também passou a ser apresentadora de TV. Apareceu na TV Bandeirantes, na TV Globo, onde, além de novelas, apareceu completamente travestida de homem, na minissérie *Grande Sertão: Veredas*, com a brilhante direção de Walter Avancini. Bruna Lombardi foi muito elogiada pelo seu despojamento, esforço e arte. Sua última aparição na TV foi na minissérie *Quinto dos Infernos*, da TV Globo. Ela continua fazendo filmes. Em 2008 lançou o filme, cujo roteiro redigiu *O Signo da Cidade*.

Cassiano Gabus Mendes

Nasceu em São Paulo, capital, a 29 de julho de 1927. Filho do grande radialista Otávio Gabus Mendes, desde garoto freqüentou e se interessou por rádio. Foi ator e diretor de programas. Seu grande amor, porém, era o cinema. Quando a TV Tupi foi inaugurada, exatamente por essas

características acima citadas, e por sua vivacidade, foi escolhido para dirigir a emissora, ao lado de Dermirval Costalima. Ficou o *diretor de TV*, isto é, o que fazia a seleção de imagens. E, além disso, era o diretor artístico. Lançou o *TV de Vanguarda*, que dirigia e onde atuava por diversas vezes. Dirigiu também o filme *O Sobrado*, produção das Emissoras Associadas. Escreveu e dirigiu toda a série *Alô Doçura*. Escreveu a novela *O Amor Tem Cara de Mulher*. Quando saiu da TV Tupi, foi para a Rede Globo de Televisão e praticamente dedicou-se apenas a escrever. Assinou diversas novelas, todas de imenso sucesso, como *Anjo Mau, Locomotivas, Te Contei?, Marrom Glacê, Plumas e Paetês, Elas por Elas, Champagne, Tititi, Brega e Chique, Que Rei Sou Eu?, Meu Bem, Meu Mal, O Mapa da Mina*. Cassiano Gabus Mendes foi casado com a atriz Helenita Sanches. Tiveram dois filhos, ambos atores de sucesso: Cássio Gabus Mendes e Tato Gabus. Cassiano Gabus Mendes faleceu a 18 de agosto de 1993. Estava com 66 anos. Ele foi o principal responsável pela implantação e o sucesso da TV Tupi, a pioneira.

Cacilda Becker

Nasceu em 6 de abril de 1921, em Pirassununga, Estado de São Paulo. Irmã de Cleide Yáconis, Cacilda foi sempre considerada a maior atriz do teatro brasileiro em todos os tempos. Além de ter feito inúmeras peças de imenso sucesso – *Pinga Fogo*, por exemplo, Cacilda Becker fez importantes filmes – *Caiçara*, *Floradas na Serra*, *Luz dos Meus Olhos*. E atuou também em televisão. Na TV Tupi participou dos *Teatros das Segundas-feiras*, e também da novela *Ciúmes*. Esse foi um trabalho escrito por Talma de Oliveira, que foi ao ar de agosto a dezembro de 1966. Ao final da novela, porém, Cacilda Becker declarou: *Meu lugar é no palco*. Cacilda Becker faleceu em 14 de junho de 1969. Estava em plena atuação teatral, na peça *Esperando Godot*. Seu nome foi dado a uma importante casa de espetáculos de São Paulo.

Cacilda Lanuza

Atriz de personalidade forte, atuação e físico marcantes, começou sua carreira em cinema, em 1952, fazendo *O Canto do Mar*, e em 1958 *Chão Bruto*. Passou depois para a televisão. Esteve inicialmente na TV Paulista e depois TV Tupi, onde fez as novelas: *O Mestiço*, *Olhos que Amei*. Foi também apresentadora de programas. Mostrou-se sempre muito inteligente. Passou depois para a TV Bandeirantes, TV Excelsior, onde fez *A Menina do Veleiro Azul*. Depois esteve na TV Cultura

e TV Globo, onde apresentou-se em novelas e minisséries. Cacilda Lanuza continuou trabalhando em cinema e atuou em *O Caso dos Irmãos Naves*. Sempre foi considerada uma grande atriz.

Carlos Alberto

Ator importante, seu nome quase sempre aparece encabeçou elencos. Desde 1952, Carlos Alberto apareceu em filmes nacionais – *Carnaval Atlântida, Rua Sem Sol, O Craque, E Eles não Voltaram, Samba, Espiã que Entrou em Fria, Desterro*. Na televisão estreou na TV Record, em 1964. Depois fez TV Paulista e TV Globo. Essa foi uma fase importante em sua vida, quando fazia par romântico com Yoná Magalhães. São dessa época *Eu Compro essa Mulher, Ponte dos Suspiros, Sombra de Rebeca*. Depois esteve na TV Tupi de São Paulo, onde, ainda ao lado de Yoná Magalhães, fez *Simplesmente Maria* e *A Idade do Lobo*. Depois alternou TV Manchete e TV Globo. Participou da grande minissérie global *Os Maias*. Sempre considerado um ótimo ator, Carlos Alberto faleceu em 6 de maio de 2007.

Carlos Alberto Riccelli

Nasceu em São Paulo, em 1946, no dia 3 de julho. Começou a carreira no filme *A Moreninha*. Entrou na TV Tupi de São Paulo em 1971, onde ficou até 1979, época em que a emissora começou a sentir as dificuldades que a levaram à falência. Ali fez inúmeras novelas, como: *Hospital, O Preço de um Homem, Vitória Bonelli, Supermanoela, A Viagem, O Espantalho, Éramos Seis,* e, por fim, *Aritana*, onde fazia um índio que se apaixonou pela doutora Estela, interpretada por Bruna Lombardi, sua esposa. A autora Ivani Ribeiro aproveitou o tema para defender os direitos do índio brasileiro. Depois disso Riccelli fez filmes e alguns seriados na Rede Globo de Televisão. Em 2008 lançou e dirigiu *O Signo da Cidade*.

Carlos Augusto Strazzer

Nasceu na capital paulista, em 1946. Começou sua carreira na TV Record, em 1970, na novela *As Pupilas do Senhor Reitor*. A seguir atuou em *Os Deuses Estão Mortos*, na mesma emissora. Depois foi para a TV Tupi, onde fez parte dos elencos de *Vitória Bonelli*, *Ovelha Negra*, *O Julgamento*, *Éramos Seis*, *O Profeta*, *O Direito de Nascer*. Logo após, a TV Tupi faliu e o ator foi para a TV Globo, onde participou de várias novelas – *Mandala*, *Que Rei Sou Eu?*, *O Sorriso do Lagarto*. Carlos Augusto Strazzer faleceu prematuramente, em 19 de fevereiro de 1993.

Carmem Marinho

Nascida em São Paulo, fez várias novelas e *TV de Vanguarda*, na TV Tupi, onde foi até garota propaganda. Podemos citar, entre as novelas que fez, *Abnegação*, *Simplesmente Maria*, *A Fábrica*, *Mulheres de Areia*, *Os Inocentes*, *O Velho, o Menino e o Burro*, *A Viagem*, *Éramos Seis*. Com o fim da TV Tupi passou para a TV Bandeirantes, onde participou da novela *Os Imigrantes*. Na TV Globoatuou em *Elas por Elas*. Sempre muito bonita, fez sucesso em todas as suas participações.

Carmem Silva

Nasceu na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em 5 de abril de 1916. Sempre foi radioatriz, antes de entrar para a televisão.Trabalhou nas emissoras América, Cultura de Pelotas, Record e nas Emissoras Associadas de São Paulo. Era casada com o músico Badito, e teve muitos bons papéis tanto na TV Tupi de São Paulo, quanto na TV Globo. Sua carreira cresceu muito com o passar dos anos. Transformou-se na atriz de mais de 80 anos preferida do público e dos produtores, por seu profissionalismo e por seu carisma. Fez sucesso em *Mulheres Apaixonadas*, novela de Manoel Carlos.

Cécil Thiré

Nasceu no Rio de Janeiro, em 28 de maio de 1943. Grande ator, diretor, roteirista de filmes e de televisão, está mais ligado à Rede Globo. Contudo, Cécil Thiré esteve na TV Tupi de São Paulo, em 1967, fazendo o personagem Roger na novela *Angústia de Amar.* Atuou nos filmes *Mendigos, Crônica da Cidade Amada, Arrastão, Bravo Guerreiro, Ainda Agarro essa Vizinha, Luz Del Fuego, Fábula de la Bella Palomera, Forever, O Quatrillho, Caminho dos Sonhos, Sonhos Tropicais* e outros. Só para citar alguns trabalhos de Cécil Thiré na TV Globo: *Escalada, Sol de Verão, Champagne, O Salvador da Pátria, Top Model, Pedra sobre Pedra, Renascer, Malhação, A Muralha, Os Maias, Kubanacan, Celebridade, Vidas Opostas*. Cécil Thiré é filho da atriz Tônia Carrero e de Carlos Thiré, diretor teatral.

Célia Rodrigues

Seu nome é Aracely Rodrigues Lombardi. Nasceu em São Paulo, em 28 de fevereiro de 1922. Começou como radioatriz, tendo atuado nas Emissoras Associadas, na Rádio Piratininga e na Rádio Excelsior. Foi para a TV Tupi, onde seu tipo bem

brasileiro e sua voz grave ajudaram-na a interpretar muitos papéis. Entre outras, fez a novela *Moço Loiro*. Célia Rodrigues foi sócia de Vida Alves na Academia de Rádio e TV – ART.

César Monteclaro

Renato Augusto Monteclaro César nasceu em Guaratinguetá, interior de São Paulo, em 27 de fevereiro de 1926. Muito magro, era, porém, dono de bela voz. Foi assim que conseguiu ser locutor e ator de rádio. Seu primeiro emprego foi na Rádio Panamericana, sob a direção de Oduvaldo Viana, em 1944. Estava com 18 anos, e não pensava que logo ganharia o lugar de primeiro galã, quando Oduvaldo transferiu-se para a Rádio Difusora de São Paulo. A televisão chegou. Embora todo o elenco continuasse atuando em rádio, Monteclaro percebeu que teria menos chance no vídeo, por isso tratou de tornar-se assistente de Cassiano Gabus Mendes. Continuou como galã de radionovelas e perdeu a conta de quantos trabalhos realizou. Ficou na TV Tupi até 1980, quando a emissora fechou. Entretanto, com o passar do tempo, começou a aparecer seguidamente em comerciais de televisão e a ser apreciado por seu tipo e seu jeito sempre perfeito de falar. César Monteclaro é formado em Direito. Está em seu segundo casamento e tem quatro filhos.

Ciro Bassini

Descendente de italianos, nasceu na capital paulista aos 4 de junho de 1916. Formou-se em Direito e exercia a profissão, mas era apaixonado pelo rádio. Esteve na Rádio Cultura (1944) e depois nas Emissoras Associadas, onde colocou no ar várias de suas novelas, tanto no rádio como na televisão. Elegante, era um verdadeiro *lorde* e todos elogiavam sua educação. É falecido.

Cláudio Cavalcanti

Nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1940. Ator de cinema e de televisão, autor e diretor de filmes. Seu nome já aparece em 1965 no cenário artístico nacional. Sua atuação foi principalmente global, isto é, fez parte de verdadeiros sucessos de novelas e minisséries da TV Globo. Podemos citar, entre outros trabalhos, *Anastácia, a Mulher Sem Destino, Demian, o Justiceiro, A Gata de Vison, Rosa Rebelde, O Bofe, Cavalo de Aço, Bravo, Carinhoso, Pai Herói, Pecado Rasgado, O Salvador da Pátria, Rainha da Sucata*, e inúmeros outros, sem deixar de citar *Irmãos Coragem* em sua

primeira edição. Essa novela teve duas edições de imenso sucesso, em 1970 e 1995. Cláudio Cavalcanti também esteve na TV Tupi de São Paulo em 1969 e, nessa emissora, fez, *Enquanto Houver Estrelas* e *O Retrato de Laura*. Além de sua vida artística de televisão, Cláudio Cavalcanti apareceu em vários filmes brasileiros, desde 1965, mas seu nome está sempre ligado às novelas da Rede Globo. Contudo, na década de 90, participou de novelas na Record *Marcas da Paixão* e *Roda da Vida.*

Cláudio Corrêa e Castro

Nasceu no Rio de Janeiro, em 27 de fevereiro de 1928. Grande ator de teatro, televisão e cinema, começou a aparecer na TV Excelsior, na novela *A Muralha*. Depois participou do elenco de *Duas Vidas, Sangue do Meu Sangue, Os Estranhos*. Com o fechamento da TV Excelsior, intercalou apresentações na TV Globo e TV Tupi e atuou em várias novelas – *Meu Pé de Laranja Lima, Nossa Filha, Gabriela, Signo da Esperança, Camomila e Bem-me-quer, Mulheres de Areia, Os Inocentes, Meu Rico Português, A Viagem, Xeque-mate, O Julgamento, O Profeta*. Chegou o fim da TV Tupi e Cláudio Corrêa e Castro atuou em teatro e também cinema. Depois ingressou definitivamente na TV Globo, e ali seu currículo de sucesso foi imenso. Atuou em *Chega mais*, *As Três Marias*, *Champagne, Livre para Voar, Anos Dourados, Cambalacho, Hipertensão, Bambolê, Vale Tudo, Tieta, O Dono do Mundo, Agosto, Incidente em Antares, O Rei do Gado, Anjo Mau, Anjo de Mim, Força de um Desejo, A Padroeira, Quinto dos Infernos, Porto dos Milagres, Casa das Sete Mulheres, Kubanacan, Chocolate com Pimenta* (2004). Cláudio Corrêa e Castro, além de grande profissional, tinha grande versatilidade. Saia-se bem na comédia e no drama. Foi realmente um ator superversátil. Faleceu aos 16 de agosto de 2005.

Cláudio Marzo

É paulistano, nascido em 1940. Sua carreira começou na TV Paulista e logo transferiu-se para a TV Tupi. Moço bonito, ganhou logo bons papéis. Atuou em *A Dama das Camélias*, *Panorama Visto da Ponte*, e outras. Dali foi para o Teatro Oficina conheceu Eugênio Kusnet e estudou teatro com ele, no método Stanislavisky. Em 1965 foi para a TV Globo, onde sua carreira cresceu muito. Fez inúmeras novelas, ainda na fase de Glória Magadan – *O Sheik de Agadir*, *Eu Compro essa Mulher*. Depois veio a fase em que desempenhava sempre o namoradinho de Regina Duarte – *Carinhoso* e outros. Seu grande sucesso, porém, foi na TV Manchete quando fez a novela *Pantanal*, de Benedito Ruy Barbosa, em que re-

presentava à perfeição dois papéis diferentes. Voltou para a TV Globo, onde está até hoje, em plena forma. Gostou muito de fazer o filme *Getúlio*, em que atuou como o caudilho gaúcho até o momento do suicídio. Cláudio Marzo é um grande ator. Recentemente, fez a novela *A Lua Me Disse* e a minissérie *Amazônia – De Galvez a Chico Mendes.* Em 2007 fez a novela *Desejo Proibido*, na Globo.

Clenira Michel

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 15 de março de 1924. Começou seu trabalho artístico em São Paulo, na Rádio América, depois de ter trabalhado no jornal *A Época* e na empresa Light and Power. Na Tupi fez rádio e TV. Permaneceu nas Associadas por 27 anos e participou do *TV de Comédia* e *TV de Vanguarda*. Sua inclinação era mais para o humorismo, onde atuava como atriz e como redatora. Durante 18 anos escreveu e participou do *Alma da Terra*, no papel de *Nhá Serena*, ao lado do humorista Saracura. Clenira Michel é mãe de Jussara e Jussânia e tem vários netos. Hoje se dedica ao artesanato, onde demonstra muito pendor para as artes plásticas.

Cleyde Yáconis

Nasceu em Pirassununga, São Paulo, em 14 de novembro de 1926. Irmã mais nova de Cacilda Becker, Cleyde iniciou sua carreira no cinema. Mas logo apareceu na TV Tupi e já ganhou bons papéis, pois era e é uma atriz perfeita. Nessa emissora fez as novelas *O Amor tem Cara de Mulher, Éramos Seis*. Depois participou de outras três na TV Excelsior, mas voltou à Tupi e atuou em *Beto Rockfeller, Mulheres de Areia, Os Inocentes, Ovelha Negra, Um Dia o Amor, O Julgamento, Aritana, Gaivotas*. Em 1980 a Tupi encerrou suas atividades e Cleyde Yáconis esteve em vários canais – Bandeirantes, Cultura, SBT, TV Globo. Nesta última participou de várias novelas – *Rainha da Sucata, Vamp, Olho no Olho, Sex-appeal, Torre de Babel* e *As Filhas da Mãe*. Na TV Record, em *Cidadão Brasileiro*. Em 2007 fez *Eterna Magia*, na Rede Globo. Cleyde Yáconis sempre foi considerada uma grande atriz.

David Grinberg

Nasceu em São Paulo, capital, no dia 9 de abril de 1939. Começou na TV Tupi, em 1953. Seu cargo era de iluminador, ocupação em que mostrou muita criatividade. Começou a gravar a imagem inversamente. Gravou o *TV de Comédia*, em que numa cena todos apareciam de cabeça para bai-

xo. Fez o ator Cazarré andar pelas paredes e outras cenas incríveis. David Grinberg depois especializou-se na Ampex da TV Tupi, na área de teledramaturgia. Em 1960 passou para a TV Excelsior. Com a falência da Excelsior, em 1970, foi para a Rede Globo. Atuou na direção de *Xazam, Xerife e Cia*. Voltou para a TV Tupi de São Paulo e dirigiu as novelas *O Amor, Xeque-Mate, O Espantalho, O Profeta*. Depois transferiu-se para o SBT e para a Rede Manchete, sempre na direção. Na década de 90 passou definitivamente para o SBT, onde está até hoje. Eis suas últimas novelas – *Pícara Sonhadora, Amor e Ódio, Marisol, A Pequena Travessa, Jamais te Esquecerei, Canavial de Paixões, Seus Olhos, Esmeralda, Os Ricos Também Choram, Amigas e Rivais.*

Débora Duarte

Nasceu em 2 de janeiro de 1950. É filha da atriz Marisa Sanches, já falecida, e do ator Lima Duarte. Sua primeira participação artística foi no programa *Ciranda, Cirandinha*, de Vida Alves, na TV Tupi. Estava com menos de 6 anos. Em 1958 participou da novela *Os Miseráveis*, ainda na TV Tupi. Depois disso, sua carreira não parou mais, tendo em seu currículo 30 novelas, em diversas emissoras – Tupi, Bandeirantes, Globo e SBT. Só na TV Tupi foram 16 novelas, entre as quais a famosa *Beto Rockefeler*, além de *O Profeta* e *O Homem que Sonhava Colorido*. Na TV Globo participou de 17 novelas, sendo a última delas *Terra Nostra*, de Benedito Ruy Barbosa. Fez no SBT a novela *Canavial de Paixões*. Recentemente, *Como Uma Onda* (2004) e *Paraíso Tropical* (2007). Débora Duarte é considerada grande atriz e é mãe de duas filhas: Daniela e Paloma Duarte, também atriz.

Dennis Carvalho

Nasceu em São Paulo, em 27 de setembro de 1947. Iniciou sua carreira aos 11 anos em um teste para a TV Paulista, na novela *Oliver Twist*. Em 1964, ainda muito jovem, participou na TV Tupi, das novelas *Eu Amo esse Homem*, *Antonio Maria*, *Meu Pé de Laranja Lima*, *Os Rebeldes*, de Geraldo Vietri. Depois, na TV Globo, sua carreira deslanchou, não só como ator, mas igualmente na direção, onde se deu muito bem. É hoje diretor do *Núcleo Dennis Carvalho*, da TV Globo. Recentemente, assinou a direção geral de *Celebridade*, *Como Uma Onda*, a minissérie *JK* e *Paraíso Tropical*. Foi dele também a direção do seriado *Sai de Baixo*. Dennis Carvalho atuou em cinema e teatro. Na TV Globo fez *Pecado Capital, O Casarão, Brilhantes, Brega e Chique, Vale Tudo, Sem Lenço e Sem Documento* e vários outros trabalhos.

Dina Sfat

Nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de outubro de 1938. Sua carreira esteve intimamente ligada ao cinema. Atuou em inúmeros filmes, sempre com imenso sucesso – *Corpo Ardente, A Vida Provisória, Edu, Coração de Ouro, Macunaíma*, este último filme sedimentou sua carreira. Depois disso continuou a atuar em filmes muito importantes. Dina Sfat, porém, fez também muita televisão. Começou na TV Tupi de São Paulo e ali participou de duas novelas – *Ciúmes* e *A Intrusa*. Depois esteve na TV Record e transferiu-se para a TV Globo, onde permaneceu até 1988 e fez *Verão Vermelho, Assim na Terra Como no Céu, O Homem que Deve Morrer, Selva de Pedra, Ossos do Barão, Fogo Sobre Terra, Gabriela, O Astro, Os Gigantes, Bebê a Bordo,* o seriado *Rabo de Saia* e outros. Mãe de três filhas, Dina Sfat faleceu em 20 de março de 1989.

Dionísio Azevedo

Seu nome é Taufic Jacob. Nasceu em Muzambinho, em 4 de abril de 1912. Começou sua carreira em rádio, através de Oswaldo Molles. Trabalhou na Rádio São Paulo, depois Rádio Panamericana e Rádio Difusora São Paulo, com Oduvaldo Viana. Em 1950, quando a TV Tupi foi inaugurada, dedicou-se inteiramente à televisão, pela qual se apaixonou. Era redator, diretor e ator. Escreveu o primeiro *TV de Vanguarda, O Julgamento de João Ninguém* e inúmeros outros. No cinema atuou em *O Sobrado, A Pequena Orfã, Quase no Céu, O Pagador de Promessas* e outros. Também em teatro fez belíssimas apresentações – *A Morte do Caixeiro Viajante*. Dirigiu *Chão Bruto*. Da TV Tupi passou para a TV Excelsior, sempre dirigindo e atuando. Fez *Ambição, A Moça que Veio de Longe, A Outra Face de Anita, O Anjo Assassino, O Tempo e o Vento*, que ele adaptou para a TV. Na TV Globo, onde foi apenas ator, seu mais retumbante sucesso centrou-se no personagem *Salomão Hayalla*, em *O Astro*. No teatro, pode-se citar sua participação em *O Balcão*, de Jean Genet, com direção de Victor Garcia. No cinema, dirigiu o filme *A Viagem*. Recebeu título de *Cidadão Paulistano*, honraria que lhe foi concedida pela Câmara dos Vereadores de São Paulo. Dionísio Azevedo faleceu em 11 de dezembro de 1994. Era casado com a atriz Flora Geny e o casal teve dois filhos.

Dorinha Duval

Dorinha Duval é de 21 de janeiro de 1929. Nasceu atriz, cantora e bailarina. Fazia de tudo, desde menina. Profissionalmente começou em um musical de José Vasconcelos e Otelo Zeloni. Passou depois a participar dos teatros da TV Tupi de São Paulo e dos teatros de revista de Walter Pinto, Juan Daniel e Carlos Lisboa. Foi casada com Mário Pomponet Júnior e depois com Daniel Filho, com quem teve a filha Carla, também atriz. Participou de várias novelas da TV Globo. Reside no Rio de Janeiro.

Dulce Santucci

Nascida em 1921, na cidade de Muzambinho, em Minas Gerais, aos 26 anos, já casada, escreveu um romance, mas não o publicou. Levou-o à Rádio São Paulo. Novelista nata; ao lado de Edson Leite criou a primeira novela diária da televisão brasileira: *2-5499 Ocupado*. Redigiu várias novelas para a TV Tupi, entre as quais *As Solteiras*. Dulce Santucci, mulher fina, doce, íntegra, jamais compreendeu ou avaliou o valor de seus diálogos, de sua emoção e de sua arte. Grande novelista de rádio e de televisão. Faleceu em 11 de abril de 1995.

Edgar Franco

Nasceu em São Paulo, em 20 de maio de 1937. Sua carreira artística começou em 1961, no filme *Tristeza do Jeca*. Participou depois de *A Muralha*, e continuou a fazer filmes e novelas – *Aquele que Deve Voltar*, *A Indomável*, ao mesmo tempo em que atuava em vários filmes. Esteve também na TV Tupi, onde participou de *Nossa Filha, Gabriela, Abnegação, Jerônimo, o Herói do Sertão, Mulheres de Areia, O Machão, O Barba Azul, Ovelha Negra, Um Dia o Amor, O Julgamento, Éramos Seis, O Direito de Nascer*, em sua reapresentação. Depois Edgar esteve no SBT, inclusive na novela *Sangue do Meu Sangue*. Faleceu em 20 de maio de 1996, deixando saudade.

Edy Cerri

Nasceu em 9 de outubro de 1940. Foi ela a escolhida pra fazer *Narizinho*, no seriado *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, em sua primeira versão, em 1956. Na TV Tupi, a direção era do doutor Júlio Gouveia. Edy era graciosa, bonitinha e tinha narizinho arrebitado, como convinha à personagem.

Dez anos após, já moça, começou a fazer novelas na TV Cultura: *Escrava do Silêncio*, *As Professorinhas*, *O Tirano*, *O Moço Loiro*, *Sangue Rebelde*. Depois passou para a TV Record , onde participou de *Ana*, *Sangue Rebelde*, *As Professorinhas*, *Algemas de Ouro*, *Seu Único Pecado*, *As Pupilas do Senhor Reitor*, *Os Deuses Estão Mortos*, *Quero Viver*, *Vendaval*, *Vidas Marcadas*.

Edney Giovenazzi

Cirurgião-dentista de formação, dedicou-se inteiramente à arte. Nasceu na cidade de Pederneiras, em São Paulo. Fez as novelas *O Jardineiro Espanhol*, *O Santo Mestiço*, *Ovelha Negra*, *A Grande Mentira*, *A Próxima Atração*, onde interpretou com destaque o personagem Yamashita, tintureiro japonês. Fez *O Homem que Deve Morrer*, *Os Ossos do Barão*. Esteve em todas as emissoras, mas firmou-se bastante na Rede Globo de televisão, na qual está até hoje. Ali trabalhou em *Que Rei Sou Eu?*, *Felicidade*, *Tropicaliente*, *Sabor da Paixão* e várias outras. Na TV Tupi, *Yoshico, um Poema de Amor*, *Xeque-Mate*, *Salário Mínimo*, *O Julgamento*.

Edson Celulari

Nasceu em Bauru, interior de São Paulo, em 20 de março de 1958. Grande ator de televisão, participou também de inúmeros filmes – *Asa Branca*, *Vagabundos Trapalhões*, *Inocência*, *Ópera do Malandro*, *Sexo Frágil*. Sua carreira, porém, começou em São Paulo, na TV Tupi. Fez as novelas *Salário Mínimo* e *Gaivotas*. Depois disso transferiu-se para a TV Globo e se transformou num dos principais galãs globais. Fez inúmeros trabalhos, sempre em papéis principais. Participou das novelas e minisséries *Plumas e Paetês, Ciranda de Pedra, Guerra dos Sexos, Um Sonho a Mais, Cambalacho, Sassaricando, Que Rei sou Eu?, Fera Ferida, Explode Coração, A Justiceira, Dona Flor e Seus Dois Maridos, Torre de Babel, Vila Madalena, Aquarela do Brasil, Sabor da Paixão. Em Um só Coração* (2004), fez o papel de Ciccilo Matarazzo. Edson Celulari é casado com a atriz Claudia Raia e tem dois filhos. Em 2008 estrelou a novela *Beleza Pura*.

Eduardo Abas

Descendente de árabes, esteve muitos anos na TV Tupi. Nasceu em São Paulo, em 1931. Tipo simples, bem brasileiro, participou de *Klauss, o Loiro, A Gata, Ana Maria, Meu Amor, Calúnia, Os Inocentes, Ídolo de Pano, O Velho, o Menino e o Burro, Um Dia, o Amor, Xeque-Mate*.

Eduardo Abas esteve também na TV Cultura, TV Excelsior, onde fez *Sangue do Meu Sangue*, grande sucesso de Vicente Sesso. Atuou na espetacular série da TV Globo *Grandes Sertões: Veredas*. Eduardo Abas sempre se adaptou aos papéis de personagens simples, bem brasileiros. Faleceu de enfarte, em 1992.

Elaine Cristina

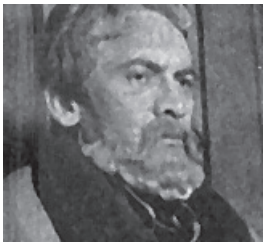
Nasceu na capital paulista, em 13 de maio de 1950. Começou sua carreira como radioatriz, na Rádio São Paulo. Em 1965 entrou em telenovelas da TV Excelsior e trabalhou em *Ontem, Hoje e Sempre*, *Aquele que Deve Voltar*, *Diabólicos*. Depois fez mais três novelas na Bandeirantes – *Eu Preciso Voltar, O Bolha, As Asas São Para Voar.* Na TV Tupi ficou por toda uma década. Trabalhou em *Hospital, O Preço de um Homem, Bel-Ami, Revolta dos Anjos, A Volta de Beto Rockfeller, Divinas & Maravilhosas, Os Inocentes, Ídolo de Pano, A Viagem, O Julgamento, O Profeta, Como Salvar meu Casamento*. Foi quando a TV Tupi fechou e Elaine Cristina esteve em várias emissoras – Bandeirantes, Cultura, SBT, Manchete e TV Globo. Fez o *remake* de *O Direito de Nascer* no SBT, em 2000. Sempre muito bonita, os comentários sobre suas atuações vinham sempre acrescidos dessa expressão: A *sempre lindíssima atriz Elaine Cristina.*

Elias Gleiser

Seu nome é Ilicz Gleiser. Nasceu na capital paulista aos 4 de janeiro de 1934. Começou a carreira fazendo teleteatro na TV Tupi, onde seu tipo alegre e bonachão se encaixava perfeitamente no *TV de Comédia*. Sua primeira novela foi *Se o Mar Contasse*, em 1964. Depois passou para a TV Record, mas voltou à TV Tupi já em 1965. E de lá só saiu em 1978. Emprestou seu talento às novelas *Os Rebeldes, Antônio Maria, Beto Rockfeller, Nino, o Italianinho, O Machão, Xeque-Mate, A Ré Misteriosa, Simplesmente Maria, Rosas do Vento* e várias outras. Depois foi para a TV Bandeirantes e a seguir para a TV Globo, onde conseguiu a façanha de ficar no ar em novelas seguidas, desde 1987 a 1995. Todas de muito sucesso – *Tieta, Agosto, Sonho Meu, Anjo de Mim, Pecado Capital, Terra Nostra, Brava Gente, Uga Uga.* Tipo bastante humano, Elias Gleiser interpreta com a mesma desenvoltura textos dramáticos ou cômicos. E é sempre muito prestigiado pelo público. Recentemente, fez *Sinhá Moça* e *Pé na Jaca* (2007).

Elk Alves

Nasceu em 8 de novembro de 1939, em São Paulo. Até os 16 anos esteve em teatro amador. Em 1956, porém, foi contratado pela TV Tupi de São Paulo e começou a fazer pequenos papéis nos teatros de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Participou logo em programas humorísticos de Ribeiro Filho, como *Filho de Peixe...*, de Walter Stuart, como o *Olindo Topa Tudo*, e de *Fuzarca e Torresmo*, como o *Festa Matinal*. Depois entrou em novelas, no *TV de Comédia*, de Geraldo Vietri, em *TV de Vanguarda*. Elk Alves também participou como galã em filmes de Mazzaroppi. Elk Alves faleceu em 18 de agosto de 2006.



Elíseo de Albuquerque

Nasceu em Manaus, em 27 de outubro de 1920. Foi ele o famoso *Dom Rafael*, de *O Direito de Nascer*. Seu personagem não aceita o neto bastardo, Albertinho Limonta, que, com o passar dos anos, forma-se médico e salva o avô de grave doença. Eliseu de Albuquerque fez ainda as novelas *Alma Cigana, A Gata, O Preço de uma Vida, Calúnia, O Pequeno Lorde* e *O Anjo e o Vagabundo*. O ator sempre foi convocado para os papéis em que havia a participação de um personagem maduro e firme. Eliseu de Albuquerque faleceu em 23 de setembro de 1983.

Elizabeth Hartmann

Nasceu em 23 de dezembro de 1941, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formou-se em Filosofia em sua cidade. Em 1960 veio para São Paulo e iniciou sua carreira teatral, na Companhia Cacilda Becker. Passou por várias companhias emprestou seu talento a muitas peças – *O Estranho Casal*, *O Pobre Pierrô, Boing-boing, Há Vagas Para Moças de Fino Trato, Sua Excelência O Candidato*. No cinema trabalhou em *O Paraíso das Solteironas, D´Jeca, um Fofoqueiro no Céu, Jeca e a Freira*. Com Walter Hugo Khouri, trabalhou em *A Ilha*. Na TV Tupi sob a direção de Geraldo Vietri, interpretou *A Fábrica, Vitória Bonelli, Nino, o Italianinho*. Esteve ainda na TV Manchete, em *Ana Ráia e Zé Trovão*. Fez *A Pequena Travessa* (2002) no SBT. Elizabeth Hartmann permanece em atividade.

Ênio Gonçalves

Começou na TV Tupi de São Paulo, em 1966. Depois, em 1969 fez a novela *Sozinho no Mundo*, de Dulce Santucci. Antes havia participado de novelas da TV Cultura. Apareceu também em alguns filmes *Sangue na Madrugada, Cara a Cara, Juventude e Ternura, Brasil, Ano 2000, Águias em Patrulha*. Esteve em seguidas novelas da TV Tupi, na década de 70 – *Simplesmente Maria, Xeque-mate, Hospital, Salário Mínimo, Dinheiro Vivo, A Ré Misteriosa*. Após o fechamento da TV Tupi, esteve no SBT, na Manchete, na Bandeirantes e TV Globo, onde fez, entre outras, as novelas *Pedra Sobre Pedra, O Amor Está no Ar*.

Etty Fraser

Nasceu no Rio de Janeiro em 8 de maio de 1931. Começou sua carreira teatral em 1965. Em 1967 começou a fazer novelas. Primeiro na TV Excelsior e logo depois na TV Tupi, quando, em 1968, na grande novela *Beto Rockfeller*, fez o papel de Madame Waleska. Seu tipo extrovertido, solto, alegre, agradou a todos. Etty fez várias novelas de Geraldo Vietri – *Nino, o Italianinho, Vitória Bonelli, Meu Rico Português*. E também a novela de Benjamin Cattan, *Simplesmente Maria*. Fez, ainda, de Marcos Rey *Tchan! A Grande Sacada*. Todos os novelistas adoravam escalar Etty Fraser, que, no entanto, ligada ao teatro, nunca deixou de compor os elencos teatrais de grande gabarito. Continuou, porém, tendo papéis na TV Bandeirantes e na TV Globo; enfim, em todas as emissoras. Etty Fraser, por muitos anos, encabeçou campanha humanitária para angariar fundos e ajudar colegas vítimas do HIV. Ela é sempre incansável. Em 2006 fez *Cidadão Brasileiro*, na Rede Record. Etty Fraser é viúva do ator Chico Martins.

Eva Wilma

Nasceu em São Paulo, em 14 de dezembro de 1933. Era bailarina do Teatro Municipal, quando foi procurada para participar de uma peça teatral. Logo conheceu John Herbert, com quem veio a se casar e com quem teve dois filhos. Fez par romântico com John Herbert, estrelando o famoso *Alô Doçura*. Além disso, participou de muitas novelas, peças de teatro e filmes. *Se a Cidade Contasse, Assim era a Atlântida, Uma Pulga na Camisola, O Homem dos Papagaios, A Sogra, O Craque, Chico Viola não Morreu, O Cantor e o Milionário, Cidade Ameaçada, O 5º Poder*

foram seus primeiros filmes. Esteve por muitos anos na TV Tupi, onde fez *O Amor Tem Cara de Mulher, Angústia de Amar, Nenhum Homem é Deus, Confissões de Penélope, Meu Pé de Laranja Lima, Nossa Filha Gabriela, Revolta dos Anjos, Mulheres de Areia, A Viagem, Barba Azul, Roda de Fogo, O Direito de Nascer*. Eva Wilma havia feito alguins trabalhos na TV Record. Depois passou inteiramente para TV Globo e participou de novelas de imenso sucesso – *Elas por Elas, Guerra dos Sexos, Champagne, Transas e Caretas, Sassaricando, Pedra sobre Pedra, O Mapa da Mina, O Rei do Gado, A Indomável* e inúmeras novelas e seriados, como foi o caso de *Mulher*, de profunda repercussão, e também *Os Maias*. O sucesso de Eva Wilma no palco também foi imenso, salientando-se *Black-Out*. Eva foi casada com Carlos Zara, de quem é viúva. Verdadeira estrela nacional, em 2007 fez *Desejo Proibido*, da Rede Globo de Televisão.

Ewerton de Castro

Nasceu em São Paulo, em 11 de dezembro de 1945. Ator de cinema, teatro e televisão. Começou sua carreira no cinema, tendo feito diversos filmes – *O Quarto, O Jeca e a Freira, As Armas, Sentinelas do Espaço, Gatinhas, Paixão na Praia, Anjo Louro, Delícias da Vida, Noite das Fêmeas, O Médium, Rádio Pirata, Patriamada*, e, por fim, *Maria, Mãe do Filho de Deus*. Na TV Tupi de São Paulo apareceu na década de 70 em *Ídolo de Pano, A Viagem, Xeque-Mate, Ovelha Negra, O Julgamento, Salário Mínimo, Éramos Seis*. Depois, com o fechamento da TV Tupi, Ewerton voltou outra vez aos filmes e também ao teatro, onde sempre alcançou muito êxito. Apareceu ainda em novelas e seriados da TV Globo – *Uga-Uga*, e mais recentemente *Os Maias* e *O Quinto dos infernos*. Na Record atuou ultimamente em *A Escrava Isaura, Essas Mulheres* e *Bicho do Mato*. Ao mesmo tempo em que atua, Ewerton de Castro, sempre ativo, dirige uma escola para atores novatos de teatro e televisão.

Fábio Cardoso

Nasceu em Atibaia, interior de São Paulo, em 20 de novembro de 1932. Fez grande carreira em cinema e atuou em *Mulher de Verdade, Osso, Amor e Papagaios, Dorinha da Soçaite, Matemática Zero, Amor Dez, Macumba na Alta, Amor para Três, Meus Amores no Rio, Rei Pelé*, sendo que, neste último, foi também produtor. Em televisão começou na primeira versão que a TV Tupi fez sobre *A Muralha*, em 1958. Depois esteve na TV Excelsior e fez, entre outras, as novelas – *Dez Vidas* e *A Menina do Veleiro Azul*. Esteve na TV Record, na TV Bandeirantes, onde participou

na grande novela *Os Imigrantes – Terceira geração*. Na TV Tupi, fez *Quando o Amor é Mais Forte, Aquele que Deve Voltar*, além de vários *TV de Vanguarda*, pois tinha um físico bonito e era fotogênico. *Pérola Negra*, em 1998, foi a última novela que atuou.

Fernanda Montenegro

Arlette Pinheiro Esteves da Silva é seu nome de solteira. Arlette Pinheiro Monteiro Torres é seu nome de casada. Fernanda nasceu no Rio de Janeiro, capital, a 16 de outubro de 1929. Logo começou na Rádio Ministério da Educação e Cultura. Passou por outras emissoras e atuou como locutora e radioatriz por dez anos. Aí conheceu Maria Jacinta, educadora, e com ela participou de uma peça. Logo veio a TV Tupi do Rio e Fernanda foi chamada para interpretar seu primeiro papel. Logo após, convocaram-na pela segunda, pela terceira... e não saiu mais da TV, do teatro, do cinema. Fernanda faz questão de lembrar os nomes de Pascoal Carlos Magno e Jacy Campos, que, para ela, foram os baluartes do teatro e da televisão. Fernanda esteve em São Paulo, nos anos de 55, 56 e 57, no TBC; depois iria formar a Companhia Teatral de Fernanda e Sérgio Britto. Nessa época, participava dos *Teatros das Segundas-Feiras*, da TV Tupi, cuja diretora era Wanda Kosmo. Sergio Britto começou a organizar o *Grande Teatro Tupi* e Fernanda também participava, dando à emissora paulista sua arte. Recebia cachês e com isso mantinha seu sonho – *o teatro*. Fernanda Montenegro teve uma vida artística de total êxito, seja na TV, no teatro e no cinema. É considerada a maior atriz do Brasil. Foi ela a grande estrela do filme *Central do Brasil*. Em 2005 fez a minissérie *Hoje é Dia de Maria* e a novela *Belíssima*. Em 2008, fez o seriado, também da Rede Globo *Queridos Amigos*.

Fernando Baleroni

Nasceu em 25 de novembro de 1922. Desde cedo começou a ser ator de rádio, diretor e autor de programas. Estava na Rádio Cultura, quando a televisão foi inaugurada em São Paulo. Depois se transferiu para as Emissoras Associadas. Participou de muitos *TV de Vanguarda Os Miseráveis, O Delator, Hamlet*. Das novelas – *Sol Amarelo, Os Fidalgos da Casa Mourisca, Os Deuses Estão Mortos*. No teatro, fez *Os Catadores de Papel, Depois da Queda, O Marido Vai à Caça, As Comadres de Windsor*. De quatro filmes em que participou, ganhou o prêmio *O Saci*, de melhor ator cinematográfico por sua participação em *O Sobrado*. E ainda o prêmio *Governador do Estado de São Paulo*, pela mesma atuação. Baleroni foi também diretor de programas de TV e autor de rádio e TV.

Foi casado por muitos anos com a atriz Laura Cardoso e eles tiveram duas filhas: Fátima e Fernanda. Fernando Baleroni faleceu em 22 de novembro de 1980.

Flamínio Fávero

Ruivinho e com apenas 10 anos apareceu na TV Tupi. Vida Alves logo o acolheu, para o personagem a que deu o nome de *Foguinho*, no seriado *Prosa em Miniatura*, que ela produzia. O garoto foi um sucesso e dali continuou sua carreira. Anos mais tarde, enturmou-se com Geraldo Vietri e participou de quase todos os *TV de Comédia* e de suas novelas bem paulistanas. Após idas e vindas, Flamínio Fávero partiu para o ramo de restaurantes e se desligou da arte.

Flávio Galvão

Nasceu na capital paulista, no dia 30 de julho de 1947. Começou sua carreira na TV Tupi de São Paulo, em 1971, na novela *Hospital*. Permaneceu nessa emissora por vários anos fazendo muitos trabalhos – *O Preço de um Homem, A Volta de Beto Rockfeller, Divinas & Maravilhosas, O Machão, Meu Rico Português, Um Dia o Amor, Éramos Seis, Salário Mínimo, Dinheiro Vivo, Como Salvar Meu Casamento*. Apesar dessa seqüência de trabalhos para a TV Tupi, na mesma ocasião fez vários filmes e também o seriado *Vila Sésamo*, da Rede Globo. Com o fechamento da TV Tupi, esteve vários anos intercalando participações em novelas da TV Cultura, SBT e TV Bandeirantes. Em 1984 ingressou na TV Globo e ali fez inúmeras novelas de sucesso – *Cambalacho, O Outro, Tieta, Araponga, Escrava Anastácia, Sonho Meu, Irmãos Coragem (remake), A Indomada, Corpo Dourado, Porto dos Milagres* e *Quinto dos Infernos*. Em 2007 fez *Paixões Proibidas* na Band e apresentou na emissora o programa *Verdade ou Mentira?* Flávio Galvão é casado com a atriz Elaine Cristina.

Flora Geny

Nasceu em São Paulo no dia 19 de abril de 1929. Começou sua vida artística como radioatriz. Em 1949 foi contratada pelas Emissoras Associadas. Convidada por Oduvaldo Viana integrou o elenco do filme *Quase no Céu*. Como todos os artistas associados, participava das emissoras de rádio e televisão. Apareceu na série *Os Três Mosqueteiros*. Continuou na televisão, mas também no cinema, tendo feito *Chão Bruto*. Esteve

na TV Record, TV Excelsior, esta última em seu auge. Aí, entre outras novelas, fez *A Moça que Veio de Longe, A Grande Viagem, O Tempo e o Vento, A Menina do Veleiro Azul*. Flora Geny fez também peças teatrais, saindo-se muito bem em tudo que fazia. Esteve na TV Globo, onde participou do *Memorial de Maria Moura*. Foi casada com o diretor Dionísio Azevedo e com ele teve dois filhos. Flora Geny é falecida.

Francisco di Franco

Nasceu em 7 de maio em 1938, em São Paulo. Fez mais de 30 filmes e televisão. Esteve na TV Tupi, na década de 70, no elenco de *A Viagem, Ovelha Negra*. Na Globo em *Bandeira Dois*. Seu maior sucesso foi *Jerônimo, o Herói do Sertão*, pela TV Tupi em 1972, e reeditada pelo SBT, em 1984. Essa história, escrita por Moyses Weltman, marcou muito a carreira de Francisco di Franco. Di Franco faleceu em 10 de abril de 2001.

Francisco Negrão

Nasceu em São Paulo em 16 de outubro de 1932. Esteve na TV Tupi desde seu começo e atuou no primeiro *TV de Vanguarda: O Julgamento de João Ninguém*, 1952. Esteve em vários outros teleteatros. São dessa época os filmes *Chão Bruto, Capanga, A Ilha*. Participou na TV Tupi de novelas, mas, em 1964, passou para TV Record, onde fez *Renúncia, Marcados Pelo Amor*. Na TV Excelsior, *Em Busca da Felicidade*. Fez ainda alguns filmes, mas acabou se afastando da vida artística.

Fúlvio Stefanini

Filho de italianos, Fúlvio nasceu em São Paulo, capital, aos 12 de outubro de 1939. Seu início artístico foi no Tesp – Teatro Escola de Júlio Gouvêia e Tatiana Belinky. Ali fazia o *Teatro da Juventude* e o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Depois passou a fazer figurações na TV Tupi e nunca mais deixou a carreira. Louro, alto e magro, cabiam-lhe sempre papéis de galã. Fez também teatro e se deu bem. Passou para a TV Excelsior, onde as novelas passaram a ser diárias. Depois foi para a TV Globo e fez *Gabriela*, grande sucesso nacional. Esteve também na TV Record – *As Pupilas do Senhor Reitor, A Última Testemunha, Algemas de Ouro*. Depois, definitivamente na Globo, fez inúmeros trabalhos, *Carinhoso, Porto dos Milagres, Chocolate com Pimenta, Pé na Jaca* e *Duas Caras*, em 2007. Fez uma incontável série de novelas. Não deixou o teatro, sempre com sucesso, onde se destacou em *Soldado Tanaka*, *Oração para uma Negra, Os Feiticeiras de Salém, Quem*

tem Medo de Virginia Woolf, e o excepcional *Caixa 2* (que se transformou em filme em 2007). Aliou-se a Juca de Oliveira e embarcou definitivamente no sucesso com a peça *Meno Male*. Também foi marcante sua participação como garoto-propaganda das *Casas Fortaleza* – uma empresa de tapetes. Fúlvio Stefanini nasceu para fazer sucesso e brilhar.

Gaetano Gherardi

Nasceu no dia 13 de outubro de 1927, no Cairo, Egito. O pai era diplomata italiano. Foi na Itália que Gaetano começou a trabalhar como ator, aos 14 anos. Em 1947 veio com a família para São Paulo e foi contratado por Nicolau Tuma para trabalhar na Rádio Bandeirantes. Quando a TV Tupi inaugurou, ele estava lá e ficou sendo diretor de estúdio e de atores. Teve progresso rápido, pois era esperto. Foi também ator. Participou de vários *TV de Vanguarda* e *TV de Comédia*. Gaetano Gherardi passou depois para a TV Paulista. Ele fazia de tudo. Foi para a TV Record. Começou então a redigir programas. Teve o *Gaetano Gherardi e seu teatro*, um programa de teatro só dele. Também fez *O Tigre*, que ele havia lançado na TV Paulista. Esteve ainda na TV Cultura e na TV Globo. Fez uma programação italiana de grande sucesso. Foi diretor do programa *Dercy de Verdade* . No teatro, apareceu nas peças *Armadilha para um Homem Só, Procuro Viúvas* e *Escândalos Romanos*. Gaetano Gherardi atuou em 14 filmes. Posteriormente, começou a dar aulas de teatro e televisão e nunca se afastou da profissão que abraçou ainda bem menino, na sua querida Itália. Gaetano Gherardi é brasileiro naturalizado.

Geni Prado

Nasceu em São Manoel, interior de São Paulo, em 14 de julho de 1928. Começou como radioatriz e passou pelas Rádios Cruzeiro do Sul, Excelsior, São Paulo, ao lado de Mazzaroppi, de quem foi parceira por muitos e muitos anos. Fazia sua esposa ou namorada em todos os programas e filmes. Geni Prado casou-se e teve um filho. Faleceu em 17 de abril de 1998.

Geórgia Gomide

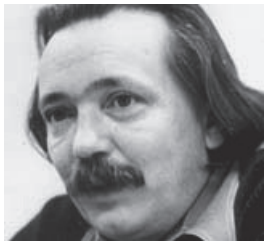
Chama-se Elfriede Helena Gomide Witecy. Filha de alemão e brasileira, Geórgia sempre foi bonita e fotogênica. Herdou da família materna a elegância, pois tem avô desembargador, ministro de estado e família na Suíça, em Genebra. Tem também um tio artista plástico, Antônio Gomide,

grande pintor, conhecido em todo o Brasil. Estudando sempre em bons colégios, Geórgia foi *A mais Bela Esportista* no Clube Pinheiros. Foi para a televisão não por necessidade, mas por curiosidade. Logo conquistou bons papéis. Atuou em *Os Filhos de Eduarda, Tereza, Thereza Raquin* e muitíssimos outros. Fez teatro, tendo participado de *Gimba, Moral e Concordata*. Em TV fez *Calúnia*, em que deu um beijo homossexual em Vida Alves. Era um *TV de Vanguarda*, sob direção de Benjamim Cattan. Depois, quando na TV Excelsior, fez enorme sucesso em *Ana Terra*, da trilogia *O Tempo e o Vento*, de Érico Verríssimo. Geórgia Gomide esteve na TV Globo, no SBT, na TV Record e em vários filmes. Recentemente, fez participações especiais no *Linha Direta Justiça* (caso *Castelinho da Rua Apa*), nos seriados *Malhação* e *A Diarista*, este em 2006. Enfim, uma atriz completa, que hoje se prepara para ser produtora de peças teatrais, ao lado de seu filho Daniel, a quem é muito apegada.

Geraldo Louzano
Veio do rádio e conseguiu êxito na televisão, mais especificamente nas novelas – *Em Busca da Felicidade, As Minas de Prata, É Proibido Amar, A Ilha dos Sonhos Perdidos*. Sua última novela foi *O Espantalho*, na TV Record, em 1977. Tipo galã, era quase sempre escalado em todas as novelas.

Geraldo Vietri
Sua biografia encontra-se no capítulo *TV de Comédia (página 201)*.

Gian Carlo
Bastante jovem e bonito, Gian Carlo entrou na TV Tupi por meio de Geraldo Vietri. Apareceu nas novelas *A Selvagem, Os Rebeldes, Antônio Maria, Nino, o Italianinho*. Participou ainda de vários *TV de Comédia*. Seu último trabalho foi em *Mulheres de Areia*, na TV Tupi, em 1973.



Gianfrancesco Guarnieri
Nasceu em Milão, Itália, em 6 de agosto de 1934. Bem jovem, veio com a família para o Brasil. Logo começou sua vida artística. Atuou no teatro, no cinema e na televisão. Sua estréia deu-se na TV Tupi, em 1967, na novela *Hora Marcada*. Depois foi contratado pela TV Excelsior e participou de

O Tempo e o Vento, A Muralha, Os Estranhos. Voltou à TV Tupi em 1971 participou de *Mulheres de Areia*, onde fez um personagem de grande sucesso – Tonho da Lua. Depois disso, Guarnieri esteve na TV Bandeirantes, na TV Globo, na TV Cultura, no SBT e na Record. Na TV Globo fez *Que Rei Sou Eu?, Mandala, Pátria Minha, A Próxima Vítima*. Mais que ator, porém, Guarnieri foi autor teatral respeitado do Teatro de Arena. Dirigiu seriados na TV Cultura e na Globo, principalmente vários episódios de *Carga Pesada*. Muito respeitado por toda a classe, Guarnieri era pai de cinco filhos. Paulo e Flávio Guarnieri são atores. Os outros três são filhos de Vânia Santana, sua segunda esposa. Seus últimos trabalhos foram *Metamorphoses*, na TV Record, e *Belíssima*, na TV Globo. Guarnieri faleceu aos 22 de julho de 2006.

Glória Menezes

Chama-se Nilcedes Soares Magalhães. Nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 19 de outubro de 1934. Começou sua carreira na TV Tupi de São Paulo em 1959, na peça *Um Lugar ao Sol*, sob direção de Dionísio Azevedo. Depois fez *A Estranha Clementina*. Sua bonita voz, sua dicção perfeita, sua forte personalidade marcavam sua presença. Foi logo considerada grande atriz. Aí fez cinema. Estrelou o filme *O Pagador de Promessas*, ao lado de Leonardo Vilar e Anselmo Duarte. Foi, então, ao lado de seu segundo marido, Tarcísio Meira, para a TV Excelsior, estrelar a primeira novela diária da televisão, de nome: *2-5499 Ocupado*. Ficou na Excelsior até 1967, e atuou em três ou quatro novelas. Antes mesmo da falência da Excelsior passou para a TV Globo, onde está até os dias de hoje. Nessa emissora, entre outras novelas, atuou em *Rosa Rebelde, Irmãos Coragem, Cavalo de Aço, O Grito, Espelho Mágico, Pai Herói, Rainha da Sucata, Próxima Vítima, O Beijo do Vampiro, Um Só Coração, Da Cor do Pecado, Senhora do Destino* e, em 2007, *Páginas da Vida* (fazendo par romântico com o marido Tarcísio). Fez o filme *Independência ou Morte*, de muito sucesso. É mãe de dois filhos, sendo o segundo Tarcisinho, que também é ator. Glória Menezes está estrelando (2008) a peça *Ensina-me a Viver*.

Guilherme Corrêa

É gaúcho e começou sua vida artística em Porto Alegre. Em 1953 veio para São Paulo e entrou no *Teatro da Juventude*, de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Passou depois para a TV Record, o que não o impedia de atuar no *Grande Teatro Tupi*, por muitas vezes. Fez também, sob a direção de

Vicente Sesso, *Lima Duarte Show*. Atuou no SBT, na TV Globo e ainda na TV Tupi, na novela *A Grande Viagem*. Foi casado com a atriz Ana Rosa. O casal tem vários filhos, sendo alguns deles adotados. Guilherme Corrêa faleceu em 2 de fevereiro de 2006.

Guiomar Gonçalves

Nasceu em Vila Grande, Estado de São Paulo, em 25 de março de 1923. Começou seu trabalho como radioatriz e esteve em várias emissoras de São Paulo, até chegar às Associadas. Atuava nas Rádios Tupi, Difusora e posteriormente TV Tupi. Sua voz grave e forte e sua dicção perfeita marcavam sua personalidade. Guiomar Gonçalves teve bons papéis, mas resolveu passar alguns anos nos Estados Unidos, tendo se mudado definitivamente para lá. Na TV Tupi fez *Ninho Encantado*, *Oliver Twist, A Noite Eterna, O Cara Suja, A Cor de Sua Pele, Antônio Maria, A Fábrica*. Na TV Globo atuou em *O Bem Amado*.

Guy Loup

Nasceu em Nice, França, no dia 11 de fevereiro de 1948. Chegou com 5 anos ao Brasil. Começou na televisão por meio do Tesp, de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Trabalhou no *Teatro da Juventude*, e paulatinamente entrosou-se com o elenco da TV Tupi de São Paulo, sendo contratada em 1962. Começou a ser escalada para os *TV de Vanguarda* e *TV de Comédia*. *Quando o Amor é Mais Forte*, ao lado de Juca de Oliveira, Laura Cardoso e Fabio Cardoso foi sua primeira novela. Em 1964 atuou em *O Direito de Nascer*. Sua personagem *Isabel Cristina*, marcou tanto, que adotou-o como nome artístico. O êxito foi enorme, mas, com o passar do tempo, voltou a ser Guy Loup. Voltada à espiritualidade, passou então a ser Mãe Guy, dando consultas e procurando ajudar as pessoas. Com isso, aos poucos, afastou-se da televisão e da arte, pensando mesmo em se mudar para a França, seu país de nascimento, o que acabou realizando em 2004.

Hebe Camargo

Nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, em 8 de março de 1929. Iniciou sua carreira como cantora. Atuou em várias emissoras das Rádios Associadas, em diversas capitais do Brasil. Seu pai, Fego Camargo, era músico; sua mãe, dona Esterzinha, uma mulher doce, apaixonada pelos filhos e também ligada à música. O primeiro trabalho de Hebe foi ao lado de sua irmã Estela e das primas Helena e Maria. Depois ela e a

irmã formaram uma dupla sertaneja. Aí veio o primeiro contrato como cantora-solo nas Rádios Tupi e Difusora de São Paulo. Quando veio a TV Tupi, Hebe foi logo escalada, pois era bonita e charmosa e boa cantora, mas seguiu com Dermirval Costalima, logo no início de 1952, para a Rádio Nacional e depois TV Paulista. Aí começou sua carreira de apresentadora. Entre os programas que apresentava, destacou-se *O Mundo é das Mulheres*, organizado por Walter Forster. Nascia então a *Estrela de São Paulo*. Seu jeito alegre de ser encantava a todos. Começou a receber em seus programas as maiores personalidades do Brasil e do exterior. Dizia-se: *Não passou pelo sofá da Hebe, não existiu*. Seu primeiro casamento foi com Décio Capuano, com quem teve o filho Marcelo. Anos mais tarde uniu-se a Lélio Ravagnani, de quem depois ficou viúva. A carreira de Hebe foi sempre repleta de sucessos. Esteve também na TV Record, na Rede Mulher, na TV Bandeirantes, no SBT e na Rádio Capital. Gravou inúmeros discos. Hebe Camargo conseguiu todos os prêmios, troféus e honrarias que uma artista pode conquistar. Ainda em plena forma, Hebe Camargo é a mulher de maior sucesso no cenário artístico nacional. Está em total atividade. Em 2004, festejou seus 18 anos de SBT, com uma festa monumental, e a presença de muitas autoridades brasileiras. Atualmente (2008) continua em plena atividade e sucesso.

Hélio Souto

Veio do cinema e era o tipo *bonitão*, galã. Fez as novelas *Os Irmãos Corsos, A Intrusa, A Ponte de Waterloo, Sublime Amor, Super Plá, A Fábrica, Vendaval, Vidas Marcadas*, *O Mestiço, A Ré Misteriosa, Salário Mínimo, Como Salvar meu Casamento, Olhos que Amei*. Esteve em todas as emissoras de televisão. Continuou fazendo cinema e teatro até o último ano de sua vida, quando apresentou-se no palco ao lado de Yara Lins e Lia de Aguiar. Hélio Souto faleceu em 5 de janeiro de 2001 e deixou dois filhos de Mara Cedro, sua segunda esposa.

Henrique Martins

Nasceu em Berlim, Alemanha, em 1933. Sua família refugiou-se no Brasil e aqui o menino, cujo nome é Hanz Schlesinger, cresceu. Começou a trabalhar no ateliê de costura da mãe. Já moço, ouviu da mesma, que conseguiu comprar um aparelho de TV: *Eu quero te ver na televisão*. O garoto resistiu. Era envergonhado, mas acabou indo. Havia um concurso para atores e ele pegou o segundo lugar. Alto, loiro,

bonito, logo entrou definitivamente para a televisão, contratado por Luiz Gallon. Fez inúmeros *TV de Vanguarda* e até o *Momento Romântico*, espécie de *Alô Doçura*, ao lado de Cathy Stuart, no horário do almoço. Esteve na TV Tupi do Rio de Janeiro, onde fez, entre outros, *Sheik de Agadir*, com Yoná Magalhães. Trabalhou também na novela *O Direito de Nascer, Eu Compro Essa Mulher*, e inúmeras outras. Transformou-se num dos principais diretores de elenco e de programas nas emissoras Globo, Excelsior e SBT. Nessa dirigiu a novela de imenso sucesso *Éramos Seis*. É chamado carinhosamente de *alemão*, e está no SBT até hoje (2008).

Humberto Pucca

Filho de Alfredo Pucca, educador, diretor do Instituto de Ciências e Letras Humberto Pucca, sempre soube da importância da arte, pois seu pai colocava música, balé e poesia em seus cursos ginasiais. E foi assim que se fez a amizade entre Alfredo Pucca e Homero Silva, da Rádio Difusora de São Paulo. Humberto, bastante jovem, entrou para as Associadas e na TV Tupi foi diretor de programas e até ator, tendo participado das novelas *O Mestiço* e *Olhos que Amei*. Humberto Pucca é casado com Maria Valéria, também atriz.

Irene Ravache

Nasceu no Rio de Janeiro, em 6 de agosto de 1944. Em 1965, Irene começou a aparecer na televisão e fez *Paixão de Outono*, na TV Paulista. Depois, *Eu Compro Essa Mulher*, na TV Globo. Atuou na Excelsior e apareceu na TV Tupi. Ali ganhou um bom papel em *Beto Rockfeller*; depois fez *Super Plá, Simplesmente Maria, A Idade do Lobo, A Volta de Beto Rockfeller, O Machão, A Viagem, O Profeta, Cara a Cara*. Moça muito bonita, ao mesmo tempo em que trabalhava em teatro e cinema, aperfeiçoava suas qualidades de atriz. Após o fechamento da TV Tupi, Irene Ravache foi para a TV Globo. Nessa emissora integrou o elenco de *Elas por Elas, Sol de Verão, Guerra dos Sexos, Champagne, Sassaricando*. Depois esteve na TV Manchete e no SBT, onde fez imenso sucesso encabeçando a segunda versão de *Éramos Seis*, no papel de Lola, que emocionou a todos. Brilhando constantemente no palco, Irene Ravache às vezes volta à televisão, sempre em papéis de destaque e com muitos aplausos do público. Seus trabalhos mais recentes foram na novela *Belíssima*, na minissérie *Amazônia – De Galvez a Chico Mendes* e em *Eterna Magia* (2007).

Isaura Bruno
Nasceu em São Paulo, dia 23 de junho de 1916. Negra, grande atriz, seu papel mais importante foi na novela que se constituiu sucesso nacional *O Direito de Nascer*. Ela fazia a *Mamãe Dolores*. Era bastante requisitada. Na TV Tupi atuou em *O Preço de Uma Vida*, dentre outros trabalhos. A atriz faleceu em Campinas, aos 2 de maio de 1977.

Ivani Ribeiro
Sua biografia encontra-se no capítulo *A Novela Diária* (página 231).

Jaime Barcelos
Nasceu no Rio de Janeiro em 30 de março de 1930. Sua vida artística iniciou-se no cinema. Já em 1951atuou em *O Comprador de Fazendas, Suzana e o Presidente, Sinfonia Amazônica, Presença de Anita, Uma Pulga na Balança e Floradas da Serra*. Em 1955 apareceu na Televisão Tupi ao encenar *Oliver Twist, E o Vento Levou, O Palhaço*. Ainda no cinema, atuou em *O Sobrado*, produção das Associadas, *Rebelião em Vila Rica*, *Absolutamente Certo, O Grande Momento*. Depois dedicou-se mais às novelas. Na Excelsior, na Globo e mais uma vez na TV Tupi, participou de *Beto Rockfeller, Super Plá, A Gordinha, Toninho on the Rocks, Hospital, Jerônimo – o Herói do Sertão* e *Aritana*. Devemos acrescentar que Jaime Barcelos foi protagonista de um episódio marcante em *TV de Vanguarda*, quando houve um problema com a carroça em que Jaime estava, e a roda passou por cima de sua perna, quebrando-a. Jaime continuou fazendo o programa *TV de Vanguarda* até o seu final e só então foi socorrido. Verdadeiro herói dos tempos pioneiros, Jaime Barcelos faleceu em 24 de dezembro de 1980, com apenas 50 anos de idade.

Janete Clair
Seu nome é Janete Stocco Emmer. Mineira, nascida em Conquista, em 25 de abril de 1925. Em 1945, Janete era funcionária das Emissoras Associadas de Rádio. Radioatriz, sob a direção de Oduvaldo Viana, conheceu o redator Dias Gomes, por quem se apaixonou. Nesse tempo, Dias Gomes era casa-

do com Madalena. Quando chegou na TV Tupi, a vida de Dias Gomes tinha mudado. Ele havia se separado da esposa e estava com Janete. Todos percebiam que havia ali um amor verdadeiro. Janete passou a ser novelista de rádio. Escreveu para a TV Tupi as novelas *O Acusador, Paixão Proibida*. Na TV Globo, deu-se a grande *virada* na teledramaturgia. Escreveu inúmeros títulos. Começou com *Anastácia, A Mulher sem Destino*, em que Janete idealizou *um furacão* que matou todos os personagens, à exceção de quatro pessoas que sobreviveram. Isso marcou a carreira de Janete, que daí em diante foi considerada uma supernovelista. Autora de 31 novelas ao todo, citemos algumas: *Irmãos Coragem, O Semideus, Fogo Sobre Terra, Bravo, Pecado Capital, Pai Herói, O Astro, Eu Prometo, Coração Alado* e várias outras. Janete Clair faleceu em 16 de novembro de 1983. Sua carreira foi marcada pela ousadia, sensibilidade, além de seu grande amor por Dias Gomes.

Joana Fomm

Nasceu no Rio de Janeiro, dia 14 de setembro de 1940. Atriz muito versátil, atuou em cinema, teatro e logo foi para a televisão. Integrou o elenco de da novela *O Desconhecido*, de Nelson Rodrigues, novela exibida pela TV Record em 1964. A seguir, Joana Fomm dedicou-se mais ao cinema, e emprestou seu talento às produções dos filmes *Todas as Mulheres do Mundo, O Homem Nu, Edu, Coração de Ouro, Bebel – Garota Propaganda*. No ano de 1969 integrou-se por um longo tempo à TV Tupi e participou das novelas *Nenhum Homem é Deus*, *João Juca Júnior, Bel-Ami, Ídolo de Pano, Ovelha Negra, A Viagem, Tchan! A Grande Sacada, A Fábrica*. Foi quando a TV Tupi faliu e Joana diversificou suas atuações. Na TV Globo fez *Tieta, Baila Comigo, Corpo a Corpo, Fera Ferida, Brilhante, Cambalacho, Roda de fogo, Vamp, Esplendor, O Clone, Agora é Que São Elas, Kubanacan*. Não deixou de participar de filmes, tendo atuado em *Quem matou Pixote?, Vai Trabalhar Vagabundo, Copacabana*. Em 2004 Joana Fomm foi contratada pela TV Record e atuou em *Metamorphoses*, fez personagem Margot, e depois na Globo, em *Bang Bang* (2005). Atriz sempre procurada, Joana Fomm é dona de personalidade forte e marcante.

João Monteiro

Tinha o apelido de *Tebatonaboca* (te bato na boca), tanto sucesso fez seu personagem japonês. Nascido em Portugal, em 21 de abril de 1915, desde que entrou em rádio, foi humorista. Trabalhou muitos anos nas Associadas, mas também em várias outras emissoras de rádio. Na Tupi não

fazia só humorismo, pois participava de vários programas. Fez também as novelas *Meu Filho, Minha Vida, Os Irmãos Corsos* e *A Fábrica* na TV Tupi. Em 1999 fez *Você Decide* e em 2003 atuou no documentário Rádio Relâmpago, de Portugal.

John Herbert

Filho de alemães, seu nome é John Herbert Buckup. Nasceu em 17 de maio de 1929, na capital paulista. Foi bom estudante e bom esportista. Nadava no Clube Pinheiros de São Paulo e foi campeão paulista de nado na modalidade 1.500 metros. Formou-se em Direito na USP. Conheceu Luciano Salci, do TBC-Teatro Brasileiro de Comédia. Em seu primeiro filme *Uma Pulga na Balança*, conheceu Eva Wilma, com quem veio a se casar. No *Grande Teatro Tupi*, encenou *Uma Mulher e Três Palhaços*. Foi o suficiente para ser convidado a substituir Mário Sérgio. Em parceria com Eva Wilma formou o par romântico de maior sucesso na televisão, no *Alô, Doçura*, que durou muitos anos. Contabiliza 62 filmes, mais de 30 peças de teatro, muitas vezes como produtor teatral, inúmeras novelas na TV Tupi de São Paulo, na TV Rio e posteriormente TV Globo, onde atuou em *Água Viva, Vereda Tropical, A Viagem, Que Rei Sou Eu, Esperança*. John Herbert é casado pela segunda vez com a fisioterapeuta Cláudia. Tem dois filhos com Eva e dois com Cláudia. Tem netos, mas conserva a *pose* esportiva e elegante, pois, como ele diz: *É sempre um otimista*. Sua última novela foi *Sete Pecados*, na Rede Globo de Televisão.

Jonas Mello

Nasceu em São Paulo, dia 20 de outubro de 1930. Está na televisão desde 1966. Participou de inúmeras telenovelas – *Águias de Fogo, Cabana do Pai Tomas, Os Deuses estão Mortos, Sol Amarelo, O Tempo não Apaga, O Leopardo, Vidas Marcadas, Os Inocentes, Os Apóstolos de Judas, Os Gigantes, Chega Mais, Coração Alado, Dona Beija, Barriga de Aluguel, Suave Veneno, Vila Madalena, Canavial de Paixões*. Como se percebe, Jonas Mello esteve em todas as emissoras. Seu maior sucesso foi *Meu Rico Português*, na TV Tupi de São Paulo, novela de Geraldo Vietri. Atuou em *A Escrava Isaura* (2004), na TV Record, e *Cristal* (2005), no SBT.

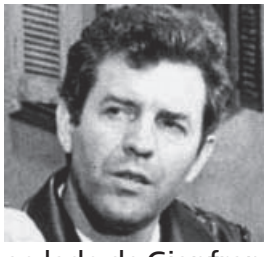
José Castelar

Sua biografia encontra-se no capítulo *TV Tupi* (página 213).

José Parisi
Sua biografia encontra-se no capítulo *A Criança, o Jovem, a Aventura.* (página 155)

José Rubens Chachá
Nascido em São Paulo, José Rubens Chasseraux (Chachá) é formado na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em Comunicações. Fez cinema, televisão e teatro. No teatro, atuou em *A Gaiola das Loucas*, *Os Saltimbancos, Ópera do Malandro, A Comédia dos Erros, Mãe Coragem*. Esteve na TV Tupi de São Paulo, na novela *Xeque-Mate*, em 1976. Fez ainda trabalhos no SBT, na TV Bandeirantes e na TV Globo, na minissérie *Um Só Coração*, no papel de Oswald de Andrade, em 2004, sendo que em *JK* novamente interpretou este papel. Recentemente também participou de *Mad Maria* e o seriado *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, em 2006. Fez ainda vários filmes. É apresentador do programa *Balaio Brasil* (Rede SescTV).

Jota Silvestre
Sua biografia encontra-se no capítulo *Os Mestres-de-Cerimônias* (página 183).



Juca de Oliveira
Nasceu em 16 de março de 1935, em São Roque, cidade próxima à capital paulista. Foi bancário e depois fez Escola de Arte Dramática. Conheceu o professor Alfredo Bertuline, que o escalou para a peça *Cala a Boca, Etelvina*. Depois entrou no Teatro Brasileiro de Comédia, e em seguida foi para o Teatro de Arena, ao lado de Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, Flávio Império e Paulo José. Faziam um teatro engajado, que foi uma verdadeira escola para Juca de Oliveira. Escola de esquerda, pois todos tinham alguma ligação com o comunismo. E foi por isso que Juca e Gianfrancesco Guarnieri se exilaram na Bolívia, pois o clima no Brasil estava difícil. Resolveram voltar e Juca de Oliveira foi chamado por Benjamim Cattan e entrou para a TV Tupi.

Aí fez vários *TV de Vanguarda* e *TV de Comédia*. Depois atuou em *Nino, o Italianinho*, de Geraldo Vietri. O sucesso foi muito grande, em todo o país. Após um tempo, foi para a TV Globo, onde participou de várias novelas. Sempre ligado ao teatro, seja como autor, seja como diretor, atuou em 60 peças. Juca de Oliveira se revelou ótimo autor de peças teatrais. *Caixa 2* e *Meno Male* fizeram muito sucesso. Considerado um dos atores que mais êxito teve em sua carreira teatral, vez por outra Juca de Oliveira ainda participa de novelas, principalmente na Rede Globo de Televisão. Atualmente (2008) está participando da minissérie *Queridos Amigos*.

Jussara Freire

Nasceu em 8 de fevereiro de 1951. Sua primeira atuação em novelas foi na TV Record. Em 1971 chegou à TV Tupi de São Paulo e participou de dez novelas, entre elas, *Os Inocentes, Barba Azul, O Super Manso, Sedução, O Sheik de Ipanema, O Sexo Mora ao Lado*, *Éramos Seis, O Direito de Nascer, Adultério do Amor*. A Tupi dava demonstrações de fragilidade e Jussara Freire transferiu-se para a TV Bandeirantes, SBT e Manchete. Nesta última, integrou o elenco de *Pantanal*. Ficou mais um tempo na Manchete, mas depois foi para a Record, e, por fim, para a Globo, onde atuou em várias telenovelas e no seriado *Os Maias*. Foi casada com o grande ator e dramaturgo Marcos Caruso. Fez em 2004 a novela *Cabocla*, da TV Globo, seguida de *Belíssima*. Seu trabalho mais recente (2006), foi na novela *Vidas Opostas*, da TV Record.

Jussara Menezes

Moça morena e bonita, esteve na TV Tupi desde seu começo. Participou de vários *TV de Vanguarda* e *TV de Comédia*. Apareceu em muitos filmes, entre os quais, *Dioguinho, As Depravadas*. Boa atriz, bem cedo voltou-se inteiramente ao seu lar.

Laerte Morrone

Laerte Morrone nasceu em 16 de julho de 1932. Desde bem jovem participou de várias montagens teatrais entre 1951 a 1970 – *Hair, Yerma, Marat Sade*. Ganhou prêmio de ator coadjuvante em *El...Grande Coca Federal*, direção de Luís Sérgio Person. Com o mesmo diretor fez *Orquestra de Senhoritas* e *Cordel 76*, direção de Ewerton de Castro. Na TV Tupi fez várias novelas – *O Sheik de Ipanema, Vila do Arco, Xeque-Mate,*

O Julgamento, Salário Mínimo. Passou depois para a TV Globo, TV Cultura (lá fez *Vila Sésamo*, no papel de Garibaldo), SBT, TV Manchete e TV Record. No cinema, atuou em *Tico-tico no Fubá, Seara Vermelha* e *Efigênia dá o que Tem*. Faleceu em 05 de abril de 2005.

Laura Cardoso

Nasceu em São Paulo, capital, no bairro do Bexiga, em 13 de setembro de 1927. Desde pequena gostava de brincar de teatro com os amigos, nas ruas próximas. Seu nome é Laurinda, mas não era radiofônico e foi alterdo para Laura Cardoso. Seu primeiro contrato foi aos 15 anos, na Rádio Cosmos, hoje Rádio América. Depois foi para a Rádio Tupi e só algum tempo depois passou para a televisão. Sua primeira aparição foi no *Tribunal do Coração*, de Vida Alves. Daí passou logo para o *TV de Vanguarda, o TV de Comédia*. Atuou em *Canção Sagrada, A Herdeira, O Castelo do Homem Sem Alma, A Estranha Passageira, Um Lugar ao Sol, Entre Quatro Paredes*, de Jean Paul Sartre, onde Laura Cardoso e Vida Alves deram um beijo homossexual, num *TV de Vanguarda*. Laura Cardoso passou depois para a TV Globo, onde fez dezenas de novelas. Como: *Mulheres de Areia, Irmãos Coragem, Salsa e Merengue, Livre para Voar e Pão, Pão, Beijo, Beijo*. Atuou em filmes e várias peças de teatro, destaque para *Vereda da Salvação*. Atriz extremamente sensível e versátil, Laura Cardoso é considerada hoje uma das melhores atrizes do Brasil. Laura atua até hoje. É viúva de Fernando Baleroni, tem duas filhas: Fátima e Fernanda. Sua última peça teatral foi *Hoje Eu Me Chamo Dinorah* (2007). Recentemente, atuou em *Belíssima*, *O Profeta* e *Desejo Proibido*, na Rede Globo.

Léa Camargo

Nasceu em 22 de março de 1933. Cursou a Escola de Arte Dramática e Escola de Educação Física. Em 1953, numa fase inicial, participou do TBC e de grandes teatros na TV Tupi e na TV Paulista de São Paulo. Fazia também shows, comerciais e filmes. Esteve depois na TV Record, onde recebeu os prêmios *Roquete Pinto* e *Melhores da Semana*. Na TV Cultura e TV Excelsior atuou em novelas. Em 1966 participou do filme *O Matador*. Logo após passou a dedicar-se inteiramente à TV Tupi e às inúmeras telenovelas – *Simplesmente Maria*, *Mulheres de Areia, O Profeta*. Léa Camargo integrou o elenco de *Trair e Coçar, é Só Começar* e *Violetas na Janela*. Esteve por três anos no SBT. Na TV Globo participou de *Anjo de Mim, Despedida de Solteiro, Era uma Vez*. Léa Camargo foi sempre atriz muito versátil, por isso muito procurada.

Lélia Abramo

Nasceu em São Paulo, dia 8 de fevereiro de 1911. Grande atriz, participou de teatro, cinema e televisão. Sempre digna do maior respeito com sua voz grave e seu porte altivo. Em teatro, atuou em *A Vereda da Salvação*. Na TV Tupi, entre os anos de 1965 e 1976, atuou em *Os Quatro Filhos, Um Rosto Perdido, Calúnia, Paixão Proibida, Meu Pé de Laranja Lima, Nossa Filha, Gabriela, Um Dia o Amor, O Julgamento, O Caso dos Irmãos Naves, O Quarto, Joana Francesa, Eles não usam Black-Tie*. Lélia Abramo fez também trabalhos importantes na TV Globo e TV Manchete. Temos de salientar ainda o grande serviço que prestou junto no Sindicato dos Atores de São Paulo, onde militou e foi presidente por muitos anos. Lélia Abramo faleceu em 8 de abril de 2004, aos 93 anos.

Leonardo Villar

Nasceu em Piracicaba, interior de São Paulo, em 15 de julho de 1924. É um ator muito ligado ao cinema. Interpretou o *Zé do Burro*, no filme *O Pagador de Promessas*, o qual foi agraciado com *A Palma de Ouro* de filme. Depois atuou em *Lampião, o Rei do Cangaço, Procura-se uma Rosa* e *Samba*. Em 1965 Leonardo Villar fez *A Cor de Sua Pele*, na TV Tupi. Voltou a fazer filmes – *A Hora e a Vez de Augusto Matraga, Santo Milagroso, A Grande Cidade, Amor e Desamor*. Então apareceu na TV Bandeirantes em *Os Miseráveis*, no papel de Jean Valjean. Esteve na TV Record, na TV Globo, numa seqüência de grandes novelas –*Barriga de Aluguel* e *Laços de Família*. Continuou em cinema, fazendo entre outros: *Amor de Perversão*. Leonardo Villar é considerado um dos grandes atores do cenário artístico brasileiro. Seus trabalhos mais recentes foram as novelas *Coração de Estudante* e *Pé na Jaca*, e o filme *Chega de Saudade*.

Lia de Aguiar

Nasceu em 30 de abril de 1927, em Taubaté, São Paulo. Teve uma infância feliz, mas bem cedo, na capital, começou a participar de festinhas de colégio e conheceu Sagramour Scuvero, moça nova, mas que dirigia uma programação dirigida às crianças e aos adolescentes. Sagramour gostou muito de Lia e dedicou-lhe amor de mãe. Isso começou na Rádio Bandeirantes. Depois Sagramour organizou o *Teatro de Brinquedo*, o qual reunia uma trupe infanto-juvenil por domingo, no Centro do Professorado Paulista, levando uma peça infantil para um público de mil espectadores. Lia era a estrela. Fazia o papel principal de todas as

peças. O patrocínio era das Casas de Calçados Eduardo. Participavam Darcisa Sígolo, Vida Alves, Poema Alves, Geraldo Blota e outros garotos. Assim foram montadas as peças *Gata Borralheira, Branca de Neve* e tantas outras. Daí para o profissionalismo foi um passo para Lia. Nas Rádios Tupi e Difusora estrelava as novelas de rádio. Sempre teve voz muito bonita. Depois veio a televisão e Lia continuava a número um. Lia de Aguiar estrelou também os filmes *Chuva de Estrelas, Quase no Céu*, dirigidos por Oduvaldo Viana. Lia, na noite de estréia, além de um esquete artístico, fez a apresentação da madrinha da festa. Depois estrelou *A Vida por um Fio* e inúmeros *TV de Vanguarda*. Fez a primeira novela *Sua Vida me Pertence*, e estava no auge quando se casou com Devanir Corazza, com quem teve dois filhos. Deixou a arte por um longo tempo. Depois voltou a atuar. Aí já estava esquecida e sua volta foi difícil. Mesmo assim ganhou bons papéis, como na segunda fase de *Chiquititas*, gravada na Argentina. Fez ainda teatro, sempre muito respeitada e elogiada. Lia de Aguiar faleceu aos 8 de junho de 2000.

Lídia Costa

Nascida em São Paulo, trabalhou na TV Tupi e na TV Excelsior, Não foi apenas atriz, mas também redatora. Como atriz fez as novelas *As Solteiras, Ambição, A Ilha dos Sonhos Perdidos, Os Quatro Filhos*, ao lado de Rodolfo Mayer, *A Pequena Karen, Os Estranhos, Abnegação*. Lídia Costa participou do programa de Vida Alves, à meia-noite da TV Excelsior: *A Hora e a Vez da Mulher*, que ia ao ar uma vez por semana. Vida Alves e equipe, da qual Lídia fazia parte, entrevistavam personalidades femininas e debateram assuntos sempre polêmicos.

Lílian Lemmertz

Nasceu em 15 de junho de 1937, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Começou em cinema, estrelando os filmes *Corpo Ardente, As Cariocas, Matou a Família e foi ao Cinema* e As Amorosas. Passou a fazer também televisão. Na TV Excelsior fez *O Terceiro Pecado*. Na TV Tupi, *Nenhum Homem é Deus*. Continuou a atuar cinema – *Copacabana, Meu Amor, Barão Olavo, o Horrível, Elas, Cordélia, Cordélia*. Na TV Record, atuou nas telenovelas *O Tempo não Apaga*, *Quero Viver*. Contudo, cinema era sua paixão e para ele sempre foi requisitada – *Anjo da Noite, Lição de Amor, Desejo*. Voltou a participar de novelas na Tupi – *Xeque-Mate, Tchan! A Grande Sacada, Salário Mínimo*. Esteve na TV Bandeirantes, onde fez *O Todo Poderoso*. Em cinema, nessa época no Rio, fez *Patriamada*. Ao mesmo tempo entrou em grandes novelas da TV Globo: *Baila Comigo, O Tempo e o Vento, Roque Santeiro*. A grande atriz Lílian Lemmertz faleceu em 5 de junho de 1986. É mãe da também atriz, Júlia Lemmertz.

Lima Duarte

Seu nome é Ariclenes Martins. Nasceu em Desemboque, no Triângulo Mineiro, no dia 29 de março de 1930. Desde menino esteve ligado à arte, pois sua mãe era uma artista. Trabalhava em circo e viajava por todo o interior. Além disso, cantava no *Ato Variado*. Ariclenes veio para São Paulo, capital, ainda adolescente. Trabalhava carregando frutas no Mercado Municipal de São Paulo. Mas aí fez amigos e conseguiu um emprego nas Rádios Tupi e Difusora. Embora quisesse ser ator, conseguiu ser operador de som. Oduvaldo Viana, o diretor na ocasião, disse ao rapaz: *Você quer ser ator? Mas você tem voz de sovaco*. E esse apelido pegou. Só aos poucos e com dificuldade é que Lima Duarte começou a ser Lima Duarte. Passou a ser radioator e começou a ganhar prêmios. Ganhou todos os *Roquete Pinto* possíveis, mas como sonoplasta. Até o *Roquete Pinto de Ouro*. Só aos poucos foi impondo seu lado ator. Mesmo seus colegas e amigos, como Walter George Durst, Cassiano Gabus Mendes, Dionísio Azevedo o respeitavam mais como sonoplasta, pois no som ele era imbatível. Com a chegada da TV Tupi, o ator foi vencendo, os papéis crescendo. Fez o primeiro *TV de Vanguarda, O Julgamento de João Ninguém*, onde era o protagonista. Fez *Yago*, fez *O Massacre* e muitos outros. Mas sua maior glória foi fazer os personagens de Guimarães Rosa, o grande escritor mineiro. Aí ele se fez junto ao público e junto à classe. Lima Duarte fez sucesso em cinema, em teatro, em tudo. Ele é pai da atriz Débora Duarte, da advogada Mônica e de outros dois filhos. Tem netos e bisnetos. E é um cidadão do mundo, sendo respeitado em toda parte. Para muitos Lima Duarte foi e é o maior ator brasileiro de todos os tempos. Em 2004 estava na novela *Da Cor do Pecado*, na TV Globo. Depois fez *Belíssima* e atualmente (2008) faz soberbamente o papel do prefeito Viriato, na novela *Desejo Proibido*.

Lisa Negri

Nasceu na Moóca, bairro da capital paulista, aos 11 de junho de 1941. Filha de família italiana, sempre foi muito ligada aos seus. Começou como manequim, pois era bonita e elegante. Desfilou para Denner, o mago da tesoura nos anos 50/60. Em 1962 chegou à televisão e Cassiano Gabus Mendes gostou dela, percebeu que tinha boa voz, boa figura e fotografava lindamente. Lisa chegou a estrelar *O Segredo de Laura, Somos Todos Irmãos, Presídio de Mulheres*, essa de Mário Lago. Uma novela muito bonita, que passou no Brasil inteiro, mas depois de uma semana no ar, no Rio de Janeiro, a Polícia Federal a censurou e cortou, pois Mário Lago era comunista. Lisa fez outras novelas, mas

depois foi para o Rio de Janeiro, e, por fim, para os Estados Unidos, onde morou por dez anos. Hoje está no Brasil e faz parte da diretoria da Associação dos Pioneiros da Televisão Brasileira – PRÓ-TV.

Lolita Rodrigues

Seu nome verdadeiro é Sílvia Gonçalves Rodrigues Leite. Lolita nasceu em Santos, litoral paulista, em 10 de março de 1929. Desde menina já cantava e o fazia *como louca*, pelo que ela própria diz. Pai e mãe espanhóis, suas músicas também eram espanholas. Em 1944, já em São Paulo, conheceu o maestro Gabriel Migliore e conseguiu um contrato nas Rádios Tupi e Difusora. Com o advento da TV Tupi, Lolita percebeu que também queria ser atriz. Mesmo assim, foi ela quem cantou o *Hino da Televisão*, na noite de estréia. A carreira de Lolita foi longa e diversificada. Foi cantora, atriz e apresentadora de televisão. Casou-se com o jornalista Airton Rodrigues e com ele teve sua filha Silvia, que hoje é médica. Ganhou bons papéis em novelas e em *TV de Vanguarda*. Mas sua grande vitória foi como apresentadora no *Clube dos Artistas* e no *Almoço com as Estrelas*. Sempre bonita e elegante, Lolita é viúva de Airton Rodrigues, de quem havia se separado. Ainda hoje continua trabalhando em novelas da Rede Globo de Televisão, e em programas variados.

Lúcia Lambertini

Nasceu em 26 de junho de 1926. A primeira *Emília* do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, foi sempre uma grande atriz. Fez ainda nesse começo de carreira *Heidi, Poliana, Poliana Moça*, e vários outros papéis. Depois, já começando a escrever, fez as novelas: *Quem Casa com Maria?, Yoshico, Um Poema de Amor, As Professorinhas, Os Amores de Bob*. Lúcia trabalhava, ora como redatora, ora como atriz, como o fez em *Sozinho no Mundo*. E também devemos registrar, que esteve intercaladamente na TV Tupi, na TV Cultura e Record. Ela casou-se com o diretor e produtor Hélio Tozzi. Faleceu repentinamente aos 23 de agosto de 1976. Sempre se disse sobre ela: *Lúcia Lambertini foi a melhor* Emília *de todos os tempos.*

Luciano de Roma

Nasceu na Itália, dia 17 de novembro de 1932. Veio para o Brasil ainda adolescente. Logo aprendeu português e ingressou no Grêmio Juvenil, de Homero Silva. Passou depois a atuar na televisão, no *TV de Vanguarda* e no *TV de Comédia*. Em seguida fez os seriados *O Pequeno Mundo de Dom Camilo*, com

Otelo Zeloni e Heitor de Andrade; *Olindo Topa Tudo*, de Walter Stuart e *Falcão Negro*, com José Parisi. Em teatro, atuou na peça *A Mais Bem Despida*, fazendo Juscelino Kubitschek, quando ganhou um prêmio. Atualmente dedica-se ao comércio, ramo de atividade de toda a família.

Lucy Meirelles

Nasceu em 7 de setembro de 1928. Foi contratada pela TV Tupi de São Paulo na fase da renovação da emissora na década de 70. Atuou nas telenovelas *Mulheres de Areia, Os Inocentes, Ídolo de Pano, Um Dia, o Amor, Tchan! A Grande Sacada, Éramos Seis, João Brasileiro, o Bom Baiano*. Lucy Meirelles iniciou sua carreira na TV Paulista, passando para a TV Excelsior, TV Record, e, por fim, TV Tupi, onde permaneceu até 1978. Foi sempre considerada boa profissional. Faleceu em 7 de agosto de 1982.

Luiz Gallon

Nasceu em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em 29 de novembro de 1929. Com vários irmãos maiores, ligou-se bastante a Renato, que trabalhava na Rádio Difusora. Luiz o acompanhava e observava tudo. Mas foi só quando a TV Tupi foi inaugurada que começou a trabalhar. Como era íntimo de todos, pois estava por ali desde criança, começou a ajudar Cassiano Gabus Mendes na produção. Era ele quem ia buscar objetos, ia à Casa Teatral, batia escalações, substituía Cassiano, etc. Logo ficou diretor de programas e assim se fez. Tinha então o cargo de diretor de TV, por substituir Cassiano. E nesse cargo ganhou sete *Roquete Pinto*, o maior troféu da época. O sétimo era para os excepcionais, era o *Roquete Pinto de Ouro*. Ganhou todos os outros prêmios que existiam. Gallon amava a televisão com toda sua alma. Ficou na TV Tupi desde o dia em que chegou o material no Porto de Santos, até o dia em que a lacraram, em julho de 1980. Luiz Gallon casou-se várias vezes e ao falecer, em 26 de setembro de 2002, deixou viúva a advogada Cláudia Gallon. Deixou ainda filhos, além de incontáveis amigos.

Luiz Gustavo

Seu nome é Luiz Gustavo Sanches Blanco. Nasceu em São Paulo, dia 2 de fevereiro de 1940. Filho de cônsul, tem dois irmãos. Luiz Gustavo, sempre chamado de Tatá, começou a trabalhar ainda menino, como assistente de Luiz Gallon, que, por sua vez era assistente de Cassiano Gabus Mendes.

Cassiano casou-se com Helenita, irmã de Tatá, que logo tornou-se ator e dos bons. Atuou em praticamente todas as novelas de Cassiano, mas a principal delas foi *Beto Rockfeller*, em que fazia o anti-herói, o malandro simpático, que quer entrar para as altas rodas. Esse trabalho deu a Tatá prestígio nacional e marcou como um *divisor de águas*. Na TV Tupi ainda fez *Se o Mar Contasse, O Sorriso de Helena, Tereza, Estrelas no Chão* e várias outras: *O Direito de Nascer, O Pecado de Cada Um, A Hora Marcada*. Depois Luiz Gustavo foi contratado pela TV Record, voltando mais uma vez à TV Tupi para fazer *A Volta de Beto Rockfeller*. Em1976 começou a trabalhar na TV Globo. Esteve ainda na TV Bandeirantes e na TV Cultura. Seu grande sucesso vem principalmente de seu jeito natural e espontâneo de ser. E isso se viu muito bem com o seriado humorístico *Sai de Baixo*, apresentado por vários anos pela TV Globo, diretamente de um teatro de São Paulo. Fez ainda na TV Globo as novelas *O Beijo do Vampiro, Começar de Novo* e *O Profeta*.

Luiz Orione

Nasceu em Franca, São Paulo, em 13 de dezembro de 1929. Foi sempre radioator. Trabalhou na Rádio Clube Hertz, de Franca, na Rádio América e nas Associadas. Com o advento da televisão, passou a trabalhar em todos os *TV de Vanguarda, TV de Comédia, Contador de Histórias* e vários outros. Desempenhou muito bem o papel principal de *O Capote*, numa adaptação de Vida Alves. Luiz Orione é falecido.

Luiz Serra

Nasceu em 9 de maio de 1937, em Dois Córregos, São Paulo. Formou-se como ator na Escola de Arte Dramática de São Paulo em 1964, sob a direção do Doutor Alfredo Mesquita. Concluiu o curso de Rádio e TV na ECA, USP.

Começou profissionalmente em teatro com Jean-Luc Descaves. Participou de 40 espetáculos teatrais, dirigidos por Antunes Filho, Flávio Rangel, Victor Garcia, Augusto Boal, Maurice Vaneau e outros grandes diretores. Esteve na Tupi e fez as novelas *Toninho on the Rocks, Signo da Esperança, Canção para Isabel, Vila do Arco, Tchan! A Grande Sacada, Dinheiro Vivo*. Depois esteve trabalhando na TV Globo, SBT, Manchete e TV Cultura. Passou depois a coordenar o *Projeto Adhemar Guerra*, na Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, durante a gestão do Secretário Marcos Mendonça. Recentemente (2007), fez *Paraíso Tropical* e *Pé na Jaca* na TV Globo.

Manuel Pêra

Nasceu em 1894, em Arreios, Portugal. Era bastante idoso quando de sua participação na grade de programas dos primeiros tempos da Tupi. Entrava no *TV de Vanguarda* e *Teatro das Segundas-Feiras*, sempre que necessária a presença de um homem idoso. Fez filmes no Brasil desde 1914 até 1964. Considerado *referência teatral*, é pai das atrizes Sandra Pêra e da grande Marilia Pêra. Manuel Pêra faleceu em 1967.

Márcia de Windsor

Márcia do Couto Barreta, chamada de Márcia de Windsor, nasceu em 3 de outubro de 1933. Mulher muito bonita, esteve em várias emissoras, entre as quais a Globo, onde fez *O Sheik de Agadir*. Na TV Excelsior, atuou em *Os Estranhos*. Na TV Record, fez *Venha Ver o Sol Nascer na Estrada*. Esteve também na TV Tupi, em *Na Idade do Lobo, O Profeta, Cara a Cara*. Depois de 1980 foi para a TV Bandeirantes, numa fase de grandes produções *Cavalo Amarelo, Os Adolescentes, Ninho de Serpentes*. Durante a gravação dessa última, Márcia de Windsor veio a falecer, isso aos 4 de agosto de 1982. Márcia de Windsor foi importante jurada do famoso programa de Flávio Cavalcanti.

Márcia Maria

Aos 13 anos começou a trabalhar na Rádio Nacional. Um pouco mais velha foi ser garota-propaganda na TV Record e a seguir começou a participar de novelas nessa emissora. Fez: *Algemas de Ouro, Os Apóstolos de Judas, As Pupilas do Senhor Reitor*. Foi então contratada pela TV Tupi e fez: *Meu Rico Português, João Brasileiro, o Bom Baiano, Dinheiro Vivo, A Viagem, Os Inocentes*, e outras. Com o fechamento da TV Tupi, fez SBT e TV Globo. Passou então para a atividade de apresentadora. Hoje dá aulas de teatro e se sente muito feliz, transmitindo sua experiência aos seus alunos.

Márcia Real

Nasceu em São Paulo, no bairro do Ipiranga, em 6 de janeiro de 1931. Foi sempre uma menina muito inteligente, fazendo bonito na escola. A professora dizia: *Eunice, venha cá. São 8 horas. Ao meio-dia vai ter uma festinha na diretoria e você vai declamar esta poesia*. E ela declamava.

Decorava tudo na hora. Seu nome é Eunice. De voz forte e dicção perfeita, sempre ganhou papéis marcantes e fortes: *Ana Karenina, Lady Macbeth*. No teatro fez *Marlene Dietrich* à perfeição, ao lado de Bibi Ferreira, na peça *Piaff*. Márcia é também grande apresentadora de televisão, marcando por sua voz e dicção, como já foi dito, e por sua inteligência ágil. Por dez anos ela foi apresentadora do programa *Clube dos Artistas*, da TV Tupi. Tem duas filhas e netos.

Marco Nanini

Nasceu em 31 de maio de 1948, na cidade do Recife, Pernambuco. É ator de televisão, teatro e cinema, sempre com muito sucesso. Começou a aparecer nas novelas da TV Globo – *A Ponte dos Suspiros, O Primeiro Amor, Carinhoso, A Patota, Gabriela, Pecado Capital*. A seguir apareceu no cinema com os filmes *O Roubo das Calcinhas, Noite dos Duros, Teu Tua*. Foi na década de 70 que esteve em São Paulo e fez uma novela na TV Tupi: *Um Sol Maior*; uma na TV Bandeirantes: *O Todo Poderoso*, e no SBT: *Joana*. Depois ingressou definitivamente na TV Globo, em grandes títulos, *Elas por Elas, Brega e Chic*, *Pedra sobre Pedra, Comédia da Vida Privada, Dona Flor e seus Dois Maridos, Auto da Compadecida, Andando nas Nuvens, A Invenção do Brasil, Brava Gente, A Grande Família* e vários outros. Intercalou suas participações televisivas com cinema e teatro. No teatro há que se registrar o sucesso estrondoso, ao lado de Ney Latorraca, na peça *O Mistério de Irma Vap*. No cinema, entre outros, *Carlota Joaquina, Copacabana, O Xangô de Baker Street, Lisbela e o Prisioneiro, Apolônio Brasil, campeão da Alegria* e tantos outros trabalhos. Marco Nanini é considerado um dos maiores atores do Brasil.

Marcos Plonka

Nasceu em 16 de setembro de 1939, inicio da Segunda Guerra Mundial, na capital paulistana. Nasceu no Bairro do Tatuapé e ali teve uma infância própria de uma família judia, muito unida e trabalhando juntos. Plonka foi um estudante brilhante. Logo cedo apareceu na TV Tupi e começou a fazer parte do elenco de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Tinha 18 anos e logo foi aproveitado para o *TV de Vanguarda* e o *TV de Comédia*. Percebeu que tinha jeito para o humorismo. Fez também vários filmes. Como o dinheiro era curto, passou a fazer dublagem. Sua voz é bastante grave. Gravou inúmeros comerciais. Depois trabalhou na TV Cultura, TV Globo e SBT. Na Globo ficou muitos anos no ar na *Escolinha do Professor Raimundo*, criando o tipo *Samuel Blaustein*,

que como não podia deixar de ser, era um judeu muito interessado em dinheiro. Plonka faz ainda hoje muitas apresentações em teatros e empresas, apresentando esse personagem. Plonka é casado com a atriz Olívia Camargo.

Marcos Rey

Irmão do escritor Mário Donato, Marcos Rey nasceu numa família de intelectuais em São Paulo, cidade que amava e sobre a qual escreveu a vida inteira, aos 17 de fevereiro de 1925. Era um aluno insubordinado, mas começou a escrever cedo, pois o irmão Mário, que era diretor de redação do jornal *O Estado de S. Paulo* lhe solicitava matérias. E ele as escrevia. Gostava. Escreveu sobre a *História do Violão, História da Homeopatia* e mais. Seu primeiro emprego na rádio foi na Excelsior. Depois Rádio Nacional e TV Paulista. Após TV Tupi, onde escreveu três novelas. Entre as quais *Tchan! A Grande Sacada*. Passou depois para a TV Record e TV Globo. Irrequieto, vivo, inteligente, destacou-se mesmo na literatura. Autor dos livros: *Memórias de um Gigolô, O Enterro da Cafetina* e outros. Casou-se com Palma Reis e a deixou viúva. Palma, a pedido de Marcos, quando este faleceu, mandou cremar seu corpo e espalhou suas cinzas sobre a cidade de São Paulo, do alto de um helicóptero, pois ele amava muito São Paulo.

Maria Aparecida Baxter

Nasceu em Carmo de Paranaíba, Minas Gerais, no dia 3 de dezembro de 1918. Desde bem pequenina começou a trabalhar em circo, com sua família. Também no colégio Maria Aparecida fazia bonito. Quando cresceu casou-se com Jarbas, que era ginasta no circo e com ele ficou até o fim de sua vida. Em televisão começou na TV Paulista, depois TV Record, depois Cultura, Excelsior e TV Tupi. Atuou em *Dom Camilo* e *Dom Camilo e os Cabeludos*, com Otelo Zeloni. Fez também as novelas *Hospital, A Idade do Lobo, Um Dia o Amor*. O grande momento de Aparecida Baxter foi na Excelsior, quando participou de *Redenção*, a novela mais longa da televisão, com 645 capítulos. O papel de Aparecida Baxter foi o de *Maroca*, a mexeriqueira. Conquistou completamente o público brasileiro. Sempre muito alegre, criativa, inteligente e sonhadora, intencionava produzir um filme, quando veio a falecer aos 12 de setembro de 1999.

Maria Cecília

Quando a TV Tupi foi inaugurada, lá já estava a atriz Maria Cecília, casada com o diretor de estúdio David Neto. Em 1952, quando foi feito o primeiro *TV de Vanguarda*, ou seja, *O Julgamento de João Ninguém*, ela foi escalada. A seguir atuou em *Crime Sem Paixão* e *O Homem que Vendeu a Alma*. Fez novelas na Tupi até 1960, e depois se transferiu para a TV Excelsior. Ali esteve, entre outras, na novela *Redenção*, a mais longa de todos os tempos. Esteve também na TV Record, mas retornou à Tupi, em 1976, quando fez *Os Apóstolos de Judas*, novela de muito sucesso. Depois Maria Cecília afastou-se da televisão.

Maria Célia Camargo

Nasceu em São Paulo, dia 14 de maio de 1935. Começou em teatro amador no interior. Uma vez na capital, estudou teatro com Ruggero Jacobbi. Em 1954 começou a atuar no palco, e continuou a participar do TBC, em peças de grande importância. Nessa ocasião formou-se em Direito, pela Faculdade Mackenzie, mas voltou-se para a televisão e fez o *Teleteatro Brastemp*, na TV Excelsior. Contratada pela TV Tupi participou do *TV de Vanguarda* e várias novelas – *Alma Cigana, O Sorriso de Helena, A Ré Misteriosa, Meu Filho, Minha Vida* e *O Homem que Sonhava Colorido*. Participou também do *TV de Comédia*. Em 1965 foi para a Companhia Nydia Licia e nos dez anos seguintes foi produtora teatral e atriz. Fez a superprodução *Jesus Cristo Superstar,* no papel de Maria Madalena. Depois ainda voltou à TV Tupi e em 1977 participou da novela *Éramos Seis*. Por último, encenou *O Direito de Vencer*, na TV Record. Maria Célia é viúva do ator Altair Lima. Recentemente no SBT atuou nas novelas *Cristal* e *Maria Esperança*.

Maria Helena Dias

Sua carreira artística iniciou-se no cinema, em 1958. Contudo, foi em 1964 que apareceu na novela *Renúncia*, da TV Record. Continuou a atuar, ora em cinema, ora em TV. Esteve na TV Excelsior em sua fase inicial. De 1968 em diante atuou na TV Tupi, em o *Décimo Mandamento, O Preço de um Homem, Um Sol Maior*. Com o fechamento da Tupi, transferiu-se para a Globo e atuou em *Cobras & Lagartos* e fez uma rápida participação no seriado *Carga Pesada* (2007).

Maria Isabel de Lizandra

Nasceu em São Paulo, capital, em 5 de junho de 1945. Trabalhou na TV Tupi desde 1964, nas telenovelas *Se o Mar Contasse, Somos Todos Irmãos, Os Miseráveis*. Depois passou para as TVs Excelsior, Globo, Manchete, CNT, Bandeirantes e Cultura. Voltou, porém, à TV Tupi, em *Mulheres de Areia*, num par romântico com Antonio Fagundes. Atuou em *Hospital, O Machão, Éramos Seis, Salário Mínimo*. Na TV Excelsior fez *A Muralha, Dez Vidas, O Tempo e o Vento*. Maria Isabel de Lizandra sempre recebeu grandes papéis, em todas as emissoras em que esteve. Seu trabalho mais recente é de 1998, na minissérie *Labirinto*.

Maria Luiza Castelli

Nascida em 13 de outubro de 1934, passou vários anos na TV Tupi, onde participou de *Grandes Teatros* e *TV de Vanguarda*. Em 1960 atuou em *A Cabana do Pai Tomás*, em uma emissora gaúcha. Na TV Tupi de São Paulo atuou em *O Segredo de Laura, Quem Casa com Maria?, O Direito de Nascer, A Ré Misteriosa, A Inimiga, Presídio de Mulheres, Os Rebeldes, Antônio Maria*. Depois passou para a TV Globo, onde sua carreira deslanchou. Mas retornou à Tupi e fez três novelas: *Xeque-Mate, O Julgamento* e *Éramos seis*. Aí a TV Tupi estava chegando ao fim e Maria Luiza Castelli passou para a TV Bandeirantes, TV Cultura e SBT. Seu melhor trabalho em televisão foi *Ossos do Barão*, na TV Globo. Mais tarde, cansada da televisão, passou a dar aulas para pessoas da terceira idade, exercendo atividades assistenciais. Maria Luiza Castelli é mãe de Paulo Castelli, também ator.

Maria Vidal

Seu nome verdadeiro era Maria Cândida dos Santos Vidal. Nasceu em 14 de novembro de 1905, no Rio de Janeiro. Fez cinema e teatro e só depois rádio e televisão. Trabalhou na Rádio Guanabara, na Nacional do Rio, na Tupi do Rio e Tupi de São Paulo. Quando chegou à televisão, atuou logo no princípio. Era a atriz preferida do produtor Ribeiro Filho. Comediante de primeira linha, não deixou de atuar em rádio, ao mesmo tempo em que progredia cada vez mais na televisão. Quando faleceu, em 14 de maio de 1963, seu nome foi dado a uma rua no bairro do Sumaré, na capital paulista.

Marília Pêra

Filha do ator Manuel Pêra e da atriz Dinorah Marzullo, Marília nasceu no Rio de Janeiro, dia 22 de janeiro de 1943. Atriz desde menina, começou em teatro, mas logo atuou também em televisão e cinema. Tudo o que fez foi sucesso. Na TV Paulista as telenovelas *Padre Tião, Um Rosto de Mulher*. Depois esteve na TV Tupi e participou de *Beto Rockfeller* e *Super Plá*. Na TV Globo atuou em *O Cafona, Bandeira Dois, Supermanuela, Uma Rosa com Amor*. Depois fez imenso sucesso em cinema, nos filmes *Pixote: a Lei do Mais Fraco, Bar Esperança, Anjos da Noite*. Continuava na TV Globo, onde fez *Incidente em Antares*. Na TV Manchete, *Mandacaru*. Na TV Bandeirantes, *O Campeão*. Mas seus maiores sucessos foram sempre em cinema e em teatro. No cinema fez, entre outros, bela participação em *Central do Brasil*, aplaudido internacionalmente. Artista de múltiplas qualidades é atualmente, também cantora, sendo muito apreciada nos shows em que canta e ao mesmo tempo representa. Marilia Pêra é um dos maiores nomes do cenário artístico nacional. Atualmente tem papel relevante na novela da Rede Globo *Duas Caras*.

Marisa Sanches

Nasceu em São Paulo, dia 8 de abril de 1934. Iniciou sua carreira como cantora e locutora. Morou nos Estados Unidos, tendo participado da NBC de Nova York. Na TV Tupi de São Paulo foi atriz em inúmeros programas. Casou-se com o ator Lima Duarte e teve duas filhas: Débora Duarte, atriz, e Mônica, advogada. Marisa Sanches faleceu em 4 de abril de 2002, após longa enfermidade. Mas sempre amparada pela família e pelo ator Lima Duarte, que demonstrou por ela respeito e amizade.

Mauro Mendonça

Nasceu em Ubá, Minas Gerais, em 2 de abril de 1931. Desde pequeno gostava de artes. Quando rapazinho pensou em estudar Direito, mas preferiu, no Rio de Janeiro, se enturmar com Nicete Bruno, Paulo Goulart, Fernanda Montenegro e Fernando Torres. Começou em teatro ganhau pequenos cachês. Aí definiu sua carreira. Conheceu Ziembinsky e logo lhe ofereceram um contrato para o Teatro Brasileiro de Comédia. Foi então para São Paulo e trabalhou com Walmor Chagas, Cacilda Becker, e fez sucesso. Entrou para a TV Paulista, depois TV Continental, TV Rio, TV Excelsior. Ali fez novelas importantes – *Dona Violante Miranda,*

A Muralha, Sangue do Meu Sangue, A Grande Viagem. Depois esteve na TV Record e na TV Tupi, fez apenas uma novela: *Na Idade do Lobo*, em 1972. Foi aí que passou para a TV Globo e participou de mais de 42 novelas, seriados e minisséries – *Dancing Days, Água Viva, Espelho Mágico, Feijão Maravilha, Louco Amor e Sinhá Moça*. Mauro Mendonça também trabalhou em teatro e fez imenso sucesso em *Evita*, no papel de Perón. No cinema, fez 15 filmes, entre eles, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, sucesso internacional. Ganhou vários prêmios e se consagrou como um dos grandes atores do Brasil. É casado com a atriz Rosamaria Murtinho e pai do diretor de TV Mauro Mendonça Filho. Recentemente atuou em *Bang Bang, O Profeta* e em dois episódios do seriado *Toma Lá, Dá Cá (2007).*

Murilo de Amorim Corrêa
Nasceu em Campinas, São Paulo, em 19 de dezembro de 1926. Iniciou sua carreira como locutor na Rádio América. Depois passou para as Emissoras Associadas e especializou-se em comédias. Na TV Tupi participou de inúmeros programas humorísticos e novelas. Faleceu prematuramente.

Natália Thimberg
Nasceu no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1929. Atriz de grande talento, marcou sempre sua carreira pela diversidade de atuações, e de emissoras em que esteve. Sua voz marcante já era conhecida no seu primeiro grande papel na TV Tupi, na novela *O Direito de Nascer*, em 1964. Depois fez dois filmes e uma novela na TV Record: *O Desconhecido*. Passou a seguir pela TV Paulista, TV Globo, quando atuou em *A Rainha Louca*. Chegou à TV Excelsior e fez *A Muralha, O Terceiro Pecado, Vidas em Conflito*, *Dez Vidas, Sangue do Meu Sangue*. Sempre encontrando tempo para atuar em cinema, atuou em *Society em baby-doll* e *O Homem que Comprou o Mundo*. Na década de 70, intercalou atuações na TV Record, onde fez várias novelas, TV Tupi, com *Divinas & Maravilhosas, Cara a Cara*, e TV Globo. Fez também várias novelas na TV Cultura e na TV Manchete, tendo atuado, entre outras, em *Pantanal*. Depois manteve contrato praticamente com a TV Globo. Lá atuou em *O Dono do Mundo, Mulheres de Areia, Zazá, Porto dos Milagres, Quinto dos Infernos* e atualmente (2004) *Celebridade*. Atriz sempre procurada pelos profissionais e sempre aplaudida pelo público, continua apresentando-se em teatro. Natália Thimberg está em *Queridos Amigos* (2008), minissérie da TV Globo.

Néa Simões

Nasceu em 19 de abril de 1923. Romântica, lírica, poeta, atriz. Desde nova trabalhou em radioteatro nas Emissoras Associadas. Paulista, estava na TV Tupi, em sua inauguração. Participou da primeira novela televisiva *Sua Vida me Pertence*. Fez muitas outras novelas, inclusive *A Gata*. O interesse maior de Néa, porém, era a poesia. Escreveu vários livros. Casou-se com o jornalista português Santos Mendes, com quem teve dois filhos. Ligou-se muito à colônia portuguesa,produziu programas, eventos e publicações ligados a Portugal. Faleceu aos 20 de setembro de 2002.

Neusa Azevedo

Nasceu em São Paulo, capital, no bairro de Perdizes, em 1943. Desde menina pendeu para a arte e foi incentivada pela família. Fez o curso *ART* de Vida Alves e Célia Rodrigues e estagiou na TV Tupi. Aos 13 anos estrelou em novelas de rádio. Na televisão participou do *Capitão Estrela*. Também esteve em vários *TV de Vanguarda – O Feijão e o Sonho, Pigmaleão, A Vaidosa, A Malvada* e *Vestido de Baile*. Dirigida por Geraldo Vietri fez o seriado *A Família Repeteco*. Passou depois a dublar e a dirigir dublagens para a televisão.

Ney Latorraca

Seu nome é Antônio Ney. Nasceu em Santos, São Paulo, no dia 27 de julho de 1944. Sua estréia como ator deu-se aos seis anos, na Rádio Record de São Paulo. Logo sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, e retornou após algum tempo a Santos. Ney começou a cantar e ingressou num grupo de teatro amador. Conheceu Serafim Gonzales e participou da peça *Pluft, o Fantasminha*, que ele dirigia. Continuou a perseverar na carreira e fez a Escola de Arte Dramática de São Paulo. Formou-se com nota 10. Entrou para o teatro e depois para a televisão. Em 1969 estava na TV Tupi e fez a novela *Super Plá* e o seriado *Dom Camilo e os Cabeludos*. Após ingressar na TV Record, onde fez várias novelas, em 1974 ingressou na TV Globo e lá ficou por muitos anos. Estreou na nova emissora na novela *Escalada*. Depois *O Grito*, *Estúpido Cupido, Coração Alado, Anarquistas, Graças a Deus, Rabo de Saia, Memórias de um Gigolô, Grande Sertões: Veredas, Vamp, TV Pirata, Zazá* e vários outros seriados e novelas, inclusive *Da Cor do Pecado*. O grande sucesso de Ney Latorraca, porém, aconteceu ao lado de Marco Nanini, com a peça *O Mistério de Irma Vap*, em cartaz por 11 anos consecutivos. De

São Paulo, essa peça excursionou por todo o País. Ney Latorraca, porém, tem contrato com a Rede Globo de Televisão, na qual trabalha constantemente. Fez também vários filmes.

Newton Prado

Nasceu em Itu, interior de São Paulo, em 19 de maio de 1925. Como radioator trabalhou nas Rádios América, Bandeirantes, Excelsior, Associadas e TV Tupi, em vários programas e novelas – *Os Quatro Filhos, Em Busca da Felicidade, O Sheik de Ipanema, Legião dos Esquecidos, A Revolta dos Anjos, Mulheres de Areia*. Tipo elegante, aristocrático, Newton Prado sempre fazia sucesso em suas apresentações. Faleceu aos 4 de outubro de 2000.

Nicette Bruno

Nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, em 7 de janeiro de 1933. Em sua casa havia entusiastas da música e das artes. Oriunda de uma família de artistas, Nicette fez sua opção desde cedo. Com 4 anos foi levada por um tio para cantar na Rádio Guanabara do Rio. Um pouco maior, começou a ser convidada para atuar em grupos teatrais, em clubes e associações. Quando tinha 14 anos engajou-se na Companhia de Dulcina de Moraes. A seguir, foi convidada para a peça *Anjo Negro*, na Companhia Sandro Polônio. Depois estrelou *A Filha de Iório*, ganhando o prêmio de *Atriz Revelação* da Associação dos Críticos de Arte. Uma vez em São Paulo, para inaugurar o Teatro de Alumínio, entrou para a televisão, ao mesmo tempo em que se casou com o ator Paulo Goulart. Fez TV Tupi, TV Excelsior, TV Globo. Nesta última, está sob contrato até hoje. Fez o papel de Dona Benta, na terceira versão do *Sitio do Pica-Pau Amarelo*. Na TV Tupi Nicette Bruno encenou *Salário Mínimo, Como Salvar Meu Casamento, Divinas & Maravilhosas.* Na TV Excelsior fez *Sangue do meu Sangue*, com muito sucesso. Seus três filhos são atores. Nicette Bruno é um exemplo de equilíbrio e profissionalismo.

Nívea Maria

Nasceu em 7 de março de 1947, em São Paulo, capital. Grande atriz, irmã de Glauce Graieb, também atriz e apresentadora de televisão. Nívea teve sua vida praticamente ligada à TV Globo, que a mantém sob contrato há muitos anos, tendo participado de grandes títulos da emissora. Em

verdade, porém, Nívea Maria começou sua carreira artística em São Paulo, na TV Excelsior, nas novelas *A Outra Face de Anita, A Moça que Veio de Longe, Melodia Fatal*. Em 1965 tranfere-se para a TV Tupi e participa da novela *O Preço de Uma Vida*. Realizou apenas esse trabalho na emissora pioneira. No mesmo ano retorna à TV Excelsior e participa de *A Indomável* e *Sangue do meu Sangue*. Da década de 70 em diante, esteve na TV Globo, na qual os sucessos foram incontáveis – *O Primeiro Amor, Uma Rosa com Amor, O Semideus, Corrida do Ouro, Gabriela, A Moreninha, Dona Xepa, Coração Alado, Olhai os Lírios do Campo, Livre para Voar, Anos Dourados, Brega e Chique, Meu Bem, Meu Mal, Tropicaliente, Explode Coração, Suave Veneno, O Clone, Casa das Sete Mulheres.* Em 2004 atua em *Celebridade*, sem mencionar vários outros trabalhos. É atriz de primeira grandeza no cenário artístico nacional. Atualmente (2008) atua em *Desejo Proibido,* da Rede Globo.

Nydia Lícia

Nasceu em Trieste, Itália, em 30 de abril de 1926. Filha de um médico e de uma jornalista. Veio com 13 anos, ao Brasil. Conheceu Pietro Maria Bardi, grande personalidade nacional e mola mestra do Masp – *Museu de Arte de São Paulo*. Foi trabalhar com ele. Conheceu também Alfredo Mesquita, diretor do Grupo do Teatro Experimental de São Paulo. Escolhida para participar do grupo, sua carreira entra em fase ascensional. Atuou em grandes peças, com grandes atores, entre os quais, Sérgio Cardoso, com quem veio a se casar e teve sua filha Sylvia. Nydia Lícia atuou muito no *Grande Teatro Tupi* e fez participações em novelas. Passou por várias emissoras e foi diretora artística da TV Cultura, onde criou grandes projetos e fez ótima gestão. Mas sua ligação com o teatro foi sempre mais forte. Fundou a Companhia Nydia Lícia e Sérgio Cardoso, que montou grandes espetáculos. Essa companhia, depois que o casal se separou, ficou sendo apenas Companhia Nydia Lícia. Nydia Lícia foi ainda assessora cultural da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Redigiu um livro de memórias muito apreciado: *Ninguém se Livra dos Seus Fantasmas*. Lançou ainda pela Coleção Aplauso (Imprensa Oficial) as obras *Eu Vivi o TBC, Sérgio Cardoso: Imagens de Sua Arte, Rubens de Falco: Um Internacional Ator Brasileiro*, entre outros.

Norah Fontes

Seu nome era Organdina de Souza Cardoso. Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 17 de agosto de 1910. Trabalhou radioatriz e cantora. Casou-se com o ator Dario e teve Renato e Régis Cardoso. Este último, diga-se, foi um grande diretor de novelas. Em São Paulo, já casada com o locutor

Armando Mota, Norah Fontes fez rádio, televisão e cinema. Estava na TV Tupi desde seus primórdios. Atuou também na TV Globo. Muito bonita e muito amiga de todos, participou do filme *Quase no Céu*. Nos últimos anos de sua vida, voltou a viver em Porto Alegre, cidade na qual faleceu aos 9 de outubro de 1996. Renato Cardoso, seu filho mais velho, é jornalista e vive em Porto Alegre. Régis Cardoso também faleceu.

Olívia Camargo

Nasceu em 8 de dezembro de 1940. Iniciou sua carreira na Rádio São Paulo, em 1960, sempre como radioatriz. Participou de várias novelas de sucesso. Transferiu-se para a TV Record, e teve sua fase de garota-propaganda. Foi descoberta, por Ribeiro Filho da TV Tupi e começou a trabalhar principalmente com Geraldo Vietri – nas novelas *Os Rebeldes, O Preço de um Homem e A Malvada*. Viajou com o grupo *Xodó*, sempre sob a direção de Vietri. Fez também teatro. Casou-se com o comediante Marcos Plonka e se retirou da vida artística.

Othon Bastos

Nasceu na Bahia, em 23 de maio de 1933. O começo de sua carreira foi no cinema. Participou de vários filmes muito importantes, mais especificamente de *O Pagador de Promessas*, no qual encena um repórter. Fez *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, no papel de Corisco. *Capitu*, onde fez Bentinho, e inúmeros outros. Em novela surgiu na década de 70, na TV Tupi, tendo feito grandes papéis em *Mulheres de Areia, Aritana, Super Plá*. Depois esteve na TV Bandeirantes, em *Os Imigrantes, Ninho de Serpentes, Campeão*. Na Globo, *Próxima Vítima, Roque Santeiro, Selva de Pedra, Felicidade* e muitas outras. No SBT, *Éramos Seis*. Ainda, *Ossos do Barão, Sangue do meu Sangue* e outras. Não deixou, contudo, de participar de cinema e esteve em grandes produções – *Menino Maluquinho, Villa-Lobos, Uma Vida de Paixão, O Que é Isso, Companheiro?, O Cangaceiro, Policarpo Quaresma, Herói do Brasil, Central do Brasil e Abril Despedaçado.* Othon Bastos é ator muito considerado no Brasil. Atualmente (2008) está na novela *Desejo Proibido.*

Patrícia Mayo

Seu nome é Rosa Maria Rego Monteiro Olegário da Costa. Sua mãe foi atriz e cantora. Em menina gostava de ler *Sete Dias na TV* e era fã da TV Tupi. Foi ali que soube que Geraldo Vietri precisava de *ingênuas*, isto é, nome que se dava às mocinhas no rádio e na televisão. Ela se apresentou, fez teste

e passou. Estava com 16 anos e logo começou a trabalhar. Trabalhou no *Grande Teatro Tupi*, com Wanda Kosmo e no *TV de Comédia*, com Geraldo Vietri. Quando indagada sobre o papel ou atuação que mais a marcou, cita o *Studium 4*, com a peça *Se Você Matou um Homem*, em que atuou ao lado de Lima Duarte e Cláudio Marzo. Ela e o amante combinam matar o marido idoso, e o matam, mas de risada. Patrícia se casou pela primeira vez com Luiz Gallon, com quem teve a filha Adriana, e depois, pela segunda vez com José Carlos, com quem está casada há mais de 30 anos. Deixou a televisão quando a Tupi fechou, mas voltou anos depois para o SBT e atuou por muitos anos. Patrícia tem três filhos do segundo casamento e é também avó.

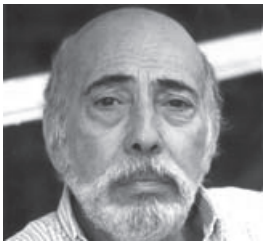
Paulo Figueiredo

É paulistano e nasceu em 6 de março de 1940. Seu pai era músico e tocava vários instrumentos. Paulo começou como ator na TV Excelsior de São Paulo, em 1963, onde fez várias novelas. Passou para a TV Tupi no ano de 1967 e aí juntou-se ao grupo de Geraldo Vietri, participando de novelas importantes, como *Antônio Maria*. Fez muitas peças em teatro – *Sua Excelência o Candidato*. Foi roteirista do programa *Fronteiras do Desconhecido*, na TV Manchete. Trabalhou ainda no SBT na novela *Éramos Seis*, e na TV Globo, em *Marrom Glacê, Laços de Família, Mulheres Apaixonadas* e *Terra Nostra*. Na TV Bandeirantes dirigiu *Serras Azuis*. Fez, recentemente, *A Escrava Isaura, Prova de Amor* e *Luz do Sol* na TV Record. Paulo Figueiredo continua atuando.

Paulo Goulart

Seu nome é Paulo Afonso Miessa. Nasceu em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, no dia 9 de janeiro de 1933. Em sua cidade começou em rádio, como operador de som. Veio sozinho para a capital paulista estudar Química. Mas seu vizinho de apartamento era Cauby Peixoto. Paulo fez amigos e começou a se interessar por arte. Foi ser locutor da Rádio Tupi. Oduvaldo Viana, diretor muito exigente, gostou muito do *jeitão* simples de Paulo Goulart. Logo foi contratado pela TV Paulista para ser o galã da novela *Helena*, em 1952. Interessou-se também pelo teatro e passou a dividir-se entre TV e teatro. Atuou ao lado de Nicete Bruno, com quem veio a se casar e a formar família. A vida de Paulo Goulart foi sempre agitada, mas de muito sucesso. Trabalhou na TV Tupi, TV Excelsior, TV Rio, TV Continental e finalmente Rede Globo de Televisão, contratado desde 1968. Sempre recebendo papéis de muito destaque, eis algumas das novelas em que desfilou seu talento: *Uma Rosa com Amor, Mulheres*

de Areia, O Dono do Mundo, Plumas e Paetês, além de minisséries. Na TV Tupi *Signo da Esperança, Papai Coração*. Fez também vários filmes e peças de teatro. Com a esposa e filhos é dono de uma empresa artística que administra o Teatro Paiol, em São Paulo. Homem absolutamente vitorioso, tem sempre a naturalidade e o equilíbrio como princípios. Está atualmente (2008) em: *Duas Caras*.

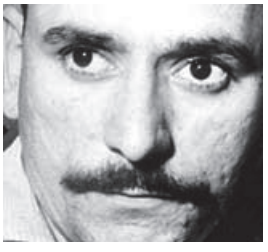


Paulo Hesse

Nasceu dia 1º de abril em São Paulo. Em sua carreira artística intercalou participações em cinema e televisão. No cinema, atuou em *A Árvore dos sexos, Damas do Prazer, Baiana Fantasma, Homem do Pau-Brasil*, em que interpretou Mário de Andrade. Na TV Tupi, quando essa emissora se aproximou de seu final, participou de *Salário Mínimo* e *Gaivotas*. Depois fez TV Bandeirantes, TV Cultura. Na Globo, *Anarquistas Graças a Deus, Selva de Pedra*. A seguir, SBT, onde participou da novela de muito sucesso *Éramos Seis*. Fez ainda *Razão de Viver*. Depois esteve na TV Record, em *Direito de Vencer*; na TV Manchete, em *Mandacaru*; e novamente na TV Globo, em *O Cravo e a Rosa* e *Paraíso Tropical*, em participação especial. Voltou a fazer cinema e está em plena atividade.

Percy Aires

Nasceu em 28 de janeiro de 1932, na capital paulistana. Foi auxiliar de escritório e comerciário antes de iniciar como radioator. Isso aconteceu na Rádio Cultura. Era também locutor, pois tinha ótima voz e dicção perfeita. Estava na TV Tupi, desde seus primórdios. Sempre muito talentoso, desempenhou papéis difíceis e importantes. Esteve em muitos *TV de Vanguarda, TV de Comédia* e várias telenovelas: *O Cara Suja, Teresa, O Segredo de Laura, O Sorriso de Helena, O Preço de Uma Vida, Ciúmes, Meu filho, Minha Vida, Os Rebeldes, A Última Testemunha, Meu Pedacinho de Chão*. Ator de personalidade forte e versátil, é pai de Patrícia Aires, a atriz-mirim de *A Pequena Órfã*. Percy Aires faleceu aos 3 de novembro de 1992.



Péricles Leal

Sua biografia encontra-se no capítulo *A Aventura* (página 161).

Raul Cortez

Nasceu em São Paulo, capital, no dia 28 de agosto de 1932. Foi casado com a atriz Célia Helena, já falecida e é pai da também atriz Lígia Cortez. Sua carreira iniciou-se no cinema, embora tivesse forte inclinação para o teatro. No cinema, atuou em películas importantes – *O Caso dos Irmãos Naves, Capitu, Brasil, Ano 2000*. Em televisão, iniciou sua carreira na TV Excelsior em *Ninguém Crê em Mim*. Na TV Bandeirantes, encenou *Os Miseráveis*. Depois ficou por praticamente toda uma década fazendo belas participações na TV Tupi: *Toninho On the Rocks, Vitória Bonelli, A Volta de Beto Rockfeller, Xeque-Mate, Tchan! A Grande Sacada*. Voltou a se interessar mais por cinema; contudo, a partir de 1980 entrou para a TV Globo e lá permaneceu por muitos anos. Fez grandes sucessos – *Baila Comigo, Jogo da Vida, Partido Alto, Brega e Chic, Rainha da Sucata, O Sorriso do Lagarto, Você Decide, Mulheres de Areia, Rei do Gado, Terra Nostra, Filhas da Mãe, Os Maias*, grandiosa minissérie, e vários outros trabalhos que deram ao ator Raul Cortez o merecido estrelato no cenário artístico nacional. Raul Cortez faleceu em 18 de março de 2006.

Régis Cardoso

Nasceu no dia de São João, 24 de junho, e se chamou João Régis, em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, em 1934. Filho de um casal de atores – Norah e Dario – muito pequeno entrou para a arte. Com 3 anos já estava no palco. Quando a mãe veio para São Paulo e entrou para as Associadas, Régis e o irmão Renato entraram também. Renato, que é o mais velho, foi trabalhar no departamento de esportes e Régis foi para o mimeógrafo e para a contra-regra. Mas, como ele diz, era *xereta* e olhava muito aprendendo tudo. Logo depois saiu da TV Tupi e transferiu-se para a TV Paulista. Régis casou-se com a atriz Suzana Vieira. Tiveram um filho, mas vieram a se separar. Não demorou muito para chegar à Globo, emissora em que assumiu a direção de novelas de grande audiência, caso de *O Bem Amado*, primeira novela colorida da TV no Brasil. Régis Cardoso foi diretor de telenovelas em várias emissoras no Brasil e em Portugal, país em que residiu por muitos anos. Régis Cardoso publicou a autobiografia *No Princípio Era o Som, Minha Grande Novela*. Faleceu aos 3 de abril de 2005.

Renato Consorte

Nasceu na capital paulista, no dia 27 de outubro de 1924. Entrou para a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, mas o que mais apreciou não foi o curso e sim as *Caravanas Artísticas do XI de Agosto*, onde se sobressaía sempre. Fazia dublagens, dançava, representava, era muito aplaudido. Foi contratado pelo TBC – Teatro Brasileiro de Comédia – e pela Vera Cruz. Atuou ao todo em 18 filmes. Fez TV Tupi do Rio, mas era irrequieto e voltou para a Tupi de São Paulo, onde entre outros programas, fez *Papai Coração*. E novelas, como: *Prisioneiro de Um Sonho*. Na Record participou da famosa *Família Trapo*. No teatro, fez bonito em *Porca Miséria*, de Marcos Caruso e Jandira Martins. Renato Consorte atua até os dias de hoje. Fez participação especial em *Sob Nova Direção* e na novela *Bang Bang* na Rede Globo. Apresentou também *Qual É, Bicho?* (2005), na TV Cultura, a que repetiu a fórmula de seu antigo programa *Jardim Zoológico* (1971) na mesma emissora.

Rildo Gonçalves

Nasceu em Recife, Pernambuco, em 4 de abril de 1930. Gostava de cantar, mas foi como ator que abraçou o estrelato. Atuou em cinco filmes para os estúdios Herbert Richard´s. Conheceu então Dercy Gonçalves, que modificou sua vida. Teve com ela um romance e entrou para o teatro. Em 1963, porém, veio para São Paulo e assinou contrato com a TV Tupi. Fez inúmeros *TV de Vanguarda*, *TV de Comédia*, além de novelas. *Alma Cigana*, sua primeira telenovela, atingiu 50% de audiência. Depois fez *Ídolo de Pano*. Voltou a filmar e fez o papel de Villa -Lobos, em 1979, no filme *Bachianas*. Exibido na Europa, ganhou prêmios na Espanha, por sua qualidade, mas nunca foi visto pelo público brasileiro. No teatro, encenou *Pedreira das Almas*, de Jorge de Andrade. Além de excelente ator, Rildo Gonçalves formou-se em Filosofia e Direito. Especializou-se em Direito Penal e obteve grandes vitórias.

Rita Cléos

Nasceu em Blumenau – Santa Catarina – em 29 de setembro de 1931. Encenou as telenovelas: *A Gata, O Cara Suja*, e dezenas de novelas e teleteatros. Desapareceu prematuramente e deixou muitas saudades. Faleceu em Curitiba, no Paraná, em 21 de maio de 1988.

Rogério Márcico

Nasceu em Poços de Caldas, Minas Gerais, em 24 de fevereiro de 1930. Iniciou carreira na Rádio Cultura de sua cidade natal. Transferiu-separa o Rio de Janeiro e, sempre como radioator, trabalhou nas Rádios Tupi, Cruzeiro e Nacional. Já em São Paulo entrou para a TV Paulista. Entrou na TV Tupi de São Paulo, e participou de todos os teatros importantes, salientando-se no papel de *Aramis*, no seriado *Os Três Mosqueteiros*. Na TV Excelsior, na Bandeirantes e na Record recebeu os prêmios, *Roquete Pinto* e *Helena Silveira*. Depois trabalhou na TV Globo e no SBT. Concomitantemente, participou de várias produções teatrais.

Rolando Boldrin

Nasceu em São Joaquim da Barra, São Paulo, em 22 de outubro de 1936. Eram 12 irmãos. Aos 16 anos veio para São Paulo, trabalhou como garçom, sapateiro, frentista de posto. Mas sua vocação era ser artista. Adorava música popular e modas de viola. Conhecia todas. Era um *cantador* e um *contador de causos*, como ele mesmo diz. Foi procurar emprego em rádio e começou pela Record, depois Tupi-Difusora. Entrou depois em novelas e conseguiu lugar de teleator. Em 1959 fez *O Bem Amado*, primeira versão televisiva, com direção de Benjamim Cattan, da obra de Dias Gomes. Depois fez várias outras novelas na TV Tupi, assim como participou de teatros completos. Atuou em *Alma Cigana, A Viagem, O Profeta*. Depois passou para a TV Record e a seguir para a Bandeirantes. Mas seu grande sucesso foi na TV Globo, quando de 1981 a 83 apresentou o *Som Brasil*, fazendo exatamente o que gosta: *Cantando e contando causos*. Adotou a mesma fórmula de programa na Bandeirantes e no SBT, com o *Empório Brasil*. Hoje tem uma Associação Assistencial muito importante, a qual ajuda crianças desamparadas. Rolando Boldrin é casado com a cantora Lourdinha Pereira. Ele está na TV Cultura, apresentando o *Senhor Brasil*.

Rosa Miyake

Foi a primeira nipo-brasileira a fazer parte de uma telenovela. Isso aconteceu na TV Tupi, em 1967, na novela *Yoshico, um Poema de Amor*, de autoria de Lúcia Lambertini. Seu par romântico foi Luiz Gustavo. A colônia japonesa tem muito respeito por sua estrela e a chama de *Hebe Oriental*. Depois dessa novela, Rosa Miyake passou a ser apresentadora do programa *Japão Pop Show*, na TV Gazeta. Ela também apresentou *Imagens do Japão*, por 35 anos, na TV Gazeta e Rede 21 (atual Play TV).

Rosamaria Murtinho

Nasceu em Belém do Pará, no dia 25 de outubro de 1935. Foi para o Rio de Janeiro com 21 dias. Quando adolescente, estudou nos Estados Unidos. Ao voltar, ao lado do irmão, juntou-se ao grupo *Estúdio 53*. Logo se tornou profissional, sempre alternando teatro e televisão. Começou na TV Tupi do Rio de Janeiro, ao lado de Tônia Carreiro e Paulo Autran. Foi, portanto, pioneira de televisão também. Fez várias vezes o *Câmera Um* de Jaci Campos e muitos outros teleteatros. Esteve também em São Paulo, tanto na TV Tupi como na TV Excelsior. Na Tupi, encenou *O Anjo e o Vagabundo* e *Somos Todos Irmãos*, na época ao lado de Sérgio Cardoso, o maior nome do teleteatro paulista. Um grande sucesso. Na TV Globo atuou em *Chocolate com Pimenta* e *Sete Pecados* (em 2007). Ao todo, Rosamaria Murtinho atuou em 30 novelas, 41 peças de teatro e está em plena atividade até os dias atuais. É casada com Mauro Mendonça, com quem tem três filhos, todos ligados à arte.

Rubens de Falco

Nasceu em São Paulo, no dia 19 de outubro de 1931. O começo de sua carreira foi em 1952, no teatro. Apareceu também em cinema – *Essa Gatinha é Minha, Engraçadinha Depois dos Trinta, Dama de Branco, Passo dos Ventos, Tempo de Violência, Anjos e Demônios*. Depois fez o filme que foi sucesso internacional: *Pixote – A Lei do Mais Fraco*. Em televisão esteve por duas vezes na TV Globo, em novelas e seriados, como: *O Rei dos Ciganos, A Rainha Louca, Demian, o Justiceiro, A Última Vala, Supermanoela, Escalada, Gabriela, O Grito*, sem contar o sucesso mundial que fez, ao lado de Lucélia Santos, em *Escrava Isaura*, exibida no mundo inteiro. Depois em *Sinhá Moça*, que também teve muito êxito. No fim da década de 70 e começo de 80, Rubens de Falco esteve na TV Tupi e fez *Gaivotas* e *Drácula, uma História de Amor*, escrita por Rubens Ewald Filho e que foi retirada do ar, pois a emissora faliu e a novela foi transferida para a TV Bandeirantes, onde foi exibida com o título *Um Homem Muito Especial*. Rubens esteve nessa emissora por alguns anos, tendo participado de *Os Imigrantes, O Campeão*. Retornou, porém, à TV Globo e esteve no seriado *Grande Sertão: Veredas* e outras três novelas. Intercalou depois seu trabalho com participações em novelas do SBT – *Sangue do Meu Sangue* e *Ossos do Barão*. Ator muito considerado, Rubens de Falco foi conhecido no Brasil e no exterior. Faleceu aos 22 de fevereiro de 2008.

Rubens Ewald Filho

Nasceu em 7 de março de 1945, na cidade de Santos, litoral de São Paulo. Ator, escritor e diretor, sempre foi ligado às artes. Como ator, participou de vários filmes, entre os quais pode-se salientar: *Independência ou Morte*. Como escritor, ao lado de Sílvio de Abreu, fez a adaptação do romance de Maria José Dupret: *Éramos Seis*. Essa adaptação foi sucesso na TV Tupi em 1977, e recebeu o Troféu Imprensa e o Prêmio APCA, de melhor novela. E sucesso ainda maior em 1994, ao ser bisada no SBT. Escreveu também *Drácula, Uma História de Amor*, última novela da TV Tupi, em 1980. Ela foi reescrita e recebeu o nome de *Um Homem Muito Especial*, para a TV Bandeirantes. Redigiu 24 publicações, entre as quais, *O Dicionário de Cineastas*. O maior reconhecimento público que Rubens Ewald Filho recebe é como apresentador e comentarista da festa de entrega do *Oscar*. Ele teve também seus próprios programas *Dicas de Rubens Ewald Filho*, na Rede Telecine e o *TNT + Filme*, no canal TNT, também via cabo. Dono de uma memória inigualável, Rubens Ewald Filho chegou à impressionante marca de ter assistido e analisado mais de 20 mil filmes, entre nacionais e internacionais. É o maior *expert* no assunto, não apenas no Brasil, quiçá no mundo. Desde 2004 coordena a *Coleção Aplauso* da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Ruthinéa de Morais

Nasceu em 1 de junho de 1930. A moça paulista sempre foi ligada ao teatro. Chegou e ganhou prêmios de melhor atriz em *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos. Esteve na TV Excelsior, em várias novelas: *Dez Vidas*. Na TV Tupi, *Presídio de Mulheres, Signo de Esperança, Vitória Bonelli, O Machão, Meu Rico Português, Um Sol Maior, Cara a Cara*. Sua última novela foi *Fascinação* (1998), no SBT. Ruthinéa faleceu em 24 de junho de 1988, em São Paulo, capital.

Sadi Cabral

Nasceu em Maceió, Alagoas, em 10 de setembro de 1906. Começou sua carreira no cinema, em 1936, no filme *Bonequinha de Seda*. Depois atuou em *Noites Cariocas, 24 horas de Sonho, Terra Violenta, Inconfidência Mineira, Escrava Isaura, Inocência, A Carne, Rio, 40 graus, Mãos Sangrentas, Leonora dos Sete Mares, Bahia de Todos os Santos*. Em 1967 começou a atuar em novelas: *Os Miseráveis, Paixão Proibida e Legião dos Esquecidos*, na TV Bandeirantes e na TV Excelsior. Continuou a participar de muitos filmes

e de peças teatrais. Na TV Excelsior, atuou em *Sangue do Meu Sangue* e *Mais Forte que o Ódio*, última novela da TV Excelsior. Aí Sadi Cabral foi intercalando apresentações na TV Globo e na TV Tupi e também no teatro. Na TV Tupi, encenou *Jerônimo, o Herói do Sertão, Divinas & Maravilhosas, O Velho, o Menino e o Burro, Os Apóstolos de Judas, Roda de Fogo.* Na TV Globo, *Minha Doce Namorada, O Primeiro Amor, Duas Vidas*. Fez ainda duas novelas na TV Bandeirantes *Um Homem Muito Especial* e *Maçã do Amor*. E na TV Cultura *Partidas Dobradas, O Resto é Silêncio, O Fiel e a Pedra*. Continuou a participar de filmes e de espetáculos teatrais. Sadi Cabral veio a falecer em 23 de novembro de 1986, aos 80 anos de idade.

Sebastião Campos

Muito educado, o ator começou em teatro, na peça *Moral em Concordata*, em 1959. Em 1965 fez parte do elenco da TV Tupi e ali fez várias novelas: *A Cor de Sua Pele, Um Rosto Perdido, A Ré Misteriosa, Ciúmes*. Após uma pausa esteve na TV Record e na TV Excelsior. Só retornou à TV Tupi em 1974, em *Xeque-mate, Roda de Fogo* e *Cara a Cara*. Entremeou, porém, com vários trabalhos em teatro e em outras emissoras de televisão – Record, Cultura, SBT e Bandeirantes. Seu trabalho mais recente foi em *Marisol* (2002). Tipo elegante e reservado, sempre teve bons papéis em novelas.

Serafim Gonzáles

É de São Paulo e atuou por longo período na TV Tupi. Fez *Ídolo de Pano, Ovelha Negra, A Viagem, Papai Coração, Mulheres de Areia*. Nessa novela, aliás, que foi rodada no litoral paulista, foi Serafim Gonzáles quem fez a famosa estátua de areia na praia, a qual deu título à novela. Serafim Gonzáles atuou também na TV Excelsior, no SBT e na TV Globo, onde tem atuado sempre. Sua última participação nessa emissora foi em *Belíssima*. Faleceu aos 29 de abril de 2007.

Sérgio Britto

Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de junho de 1923. Formou-se em medicina, na Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha. Trabalhou na profissão, mas foi se inclinando para a arte, quando conheceu Gerusa Camões, diretora do Teatro Universitário do Rio de Janeiro. Ela o convidou para o teatro e ele logo respondeu *sim*, pois percebeu que era essa sua verdadeira vocação. Com a atriz Madalena Nicol, Sérgio

Britto iniciou na TV Tupi de São Paulo o *Teatro das Segundas-Feiras*. Logo asumiu a direção desses espetáculos. Ao lado de Maria Della Costa, Ítalo Rossi e outros produziu peças de grande sucesso no TBC. A seguir, Sérgio assumiu o cargo de diretor na TV Tupi do Rio de Janeiro e isso conferiu importância à televisão. Grandes atores, grandes autores e a direção de Sérgio Britto, conferiram êxito e alta categoria aos espetáculos. Nunca mais Sérgio saiu da televisão, tendo atuado em quase todas as emissoras, de São Paulo e do Rio de Janeiro – Tupi, Manchete, Globo, SBT. Nunca abandonou o teatro, sua verdadeira paixão.

Sérgio Cardoso
Nasceu em 23 de março de 1925, em Belém do Pará. Sua estréia foi no teatro, onde empolgou a todos, interpretando *Hamlet*, de Shakespeare. A platéia ficou boquiaberta e nascia aí uma grande estrela nacional. Sérgio havia se formado em Direito, na PUC do Rio. Depois de *Hamlet*, fez mais de cem personagens, em seus 24 anos de carreira. Mudou-se para São Paulo e na TV Tupi fez inúmeras novelas de sucesso: *Olhai os Lírios do Campo, O Sorriso de Helena, O Cara Suja, Somos Todos Irmãos*, *Santo Mestiço, Paixão Proibida, Calúnia*. Seu enorme sucesso, porém, foi em *Antônio Maria*, em 1968, em parceria com Aracy Balabanian, novela de Geraldo Vietri. Após o término da novela, o casal excursionou por todo o País, pois o sucesso não findava. Sérgio Cardoso fez ainda quatro novelas na TV Globo: *A Cabana do Pai Tomás. O Pigmaleão 70, O Primeiro Amor, A Próxima Atração*. Sérgio foi casado com a atriz Nídia Lícia. Tiveram a filha Sylvia. Sérgio Cardoso faleceu em 18 de abril de 1972. Seu nome foi dado a um importante teatro de São Paulo.

Sergio Galvão
Quem Casa com Maria?, Teresa, O Amor Tem Cara de Mulher, Acorrentados, Signos da Esperança, Vitória Bonelli foram as novelas encenadas por Sérgio Galvão. Rapaz bonito e charmoso, sempre se saía bem nos papéis que obtinha.

Sílvio de Abreu
Nasceu em São Paulo, capital, em 20 de dezembro de 1942. Começou sua carreira como ator de cinema, mas logo foi também assistente de direção em *O Marginal*. Em 1967 já estava na televisão, tendo participado da novela *Os Miseráveis*, da Bandeirantes. Depois passou para a TV Excelsior e

fez *Grande Segredo, A Muralha, Dez Vidas, Sangue do Meu Sangue, Os Estranhos*. Voltou ao cinema. O principal filme dessa época foi *Memórias do Cárcere*. Foi quando Sílvio de Abreu se tornou redator de novelas. Fez para a TV Tupi: *Éramos Seis*, em parceria com Rubens Ewald Filho, e escreveu também *Drácula, Uma História de amor*, mas essa novela não chegou ao fim, pois a emissora faliu. Foi quando Sílvio de Abreu teve sua época de ouro e foi contratado pela TV Globo. Escreveu as novelas *Pecado Rasgado, Plumas e Paetês, Jogo da Vida, Guerra dos Sexos, Vereda Tropical, Cambalacho, Sassaricando, Rainha da Sucata, Boca do Lixo, Deus nos Acuda, Próxima Vítima, Torre de Babel, As Filhas da mãe* e *Belíssima*.

Simplício

Seu nome é Francisco Flaviano de Almeida, nascido em 5 de outubro de 1916, na cidade de Itu, interior de São Paulo. Sua carreira foi sempre de humorista, tendo atuado nas Rádios Cultura, Atlântica de Santos, Tupi e Difusora. Quando a TV Tupi foi inaugurada, Simplício atuou no programa *TV na Taba*, já no primeiro dia. Seus tipos faziam muito sucesso e ele marcou muito com o seu bordão: *Ó Home!*, que resistiu ao tempo e aparecia até no SBT no programa de Carlos Alberto de Nóbrega – *A Praça é Nossa*. Simplício faleceu em 14 de fevereiro de 2004.

Sonia Maria Dorce

Nasceu em Minas Gerais, no dia 14 de maio de 1944. Seu pai era o maestro Francisco Dorce, diretor artístico do programa infantil *Clube do Papai Noel*. Sonia começou sua carreira bem precocemente no rádio. Quando a televisão chegou, estava com 6 anos e foi escolhida para representar o índio, símbolo da Tupi. Sonia era sucesso sempre. Decorava poesias enormes, cantava e dançava. Chamavam-na de *Shirley Temple Brasileira*, a quem ela nem tinha visto no cinema. Todos os programas em que entrava, tinham público e patrocinadores. Seu pai, porém, não permitiu que ela se sentisse estrela, principalmente para não humilhar a irmã Márcia, que não era artista. Sonia fazia todos os papéis infantis que aparecessem. E depois os papéis juvenis. Foi também a estrela do seriado *De Mãos Dadas*, ao lado de Heitor de Andrade. Quando moça, porém, interessou-se e cursou Direito. Trabalha nessa área até hoje. Casou-se com um colega de faculdade, Admir Armonia e com ele teve duas filhas. Hoje tem netos e é uma avó bem coruja e feliz. Sonia Maria Dorce é da diretoria jurídica da Pró-TV.

Suzana Vieira

Seu nome é Sônia Gonçalves, mas Cassiano Gabus Mendes, em 1960, na TV Tupi, a batizou de Suzana Vieira. Suzana nasceu na capital paulista, a 23 de agosto de 1942, mas morou em Buenos Aires, onde seu pai era adido militar na Embaixada do Brasil. Ela, seus pais e seus irmãos levavam uma vida muito organizada, no que se referia à saúde, à alimentação e esportes. Suzana também estudou balé, e foi assim que começou a se ligar à arte. Apresentou-se várias vezes no Teatro Colon em Buenos Aires. Mudaram-se depois para Montevidéu. Aos 16 anos, já em São Paulo, foi contratada pela TV Tupi, onde fez todas as peças produzidas pela emissora.Logo se casou com o ator Régis Cardoso, pai de Rodrigo, seu filho. Depois Suzana foi com o elenco organizado por Walter Avancini para a TV Excelsior. Em 1970 Suzana Vieira foi para a TV Globo, onde só fez grandes papéis e grandes trabalhos, nada menos do que 30 novelas. Antes, porém, fez shows musicais, como *Time Square*. Entre as novelas, citemos: *Anjo Mau, Minha Doce Namorada, Escalada, O Espigão, Andando nas Nuvens* e *Mulheres Apaixonadas*. Em todas, Suzana sempre teve bons papéis. Ela diz: *Em novela não tem papel pequeno. Eu consigo sempre fazer crescer o meu papel*. Suzana Vieira casou-se uma segunda vez com Carson e permaneceu casada 15 anos. Apaixonada pela carreira, diz ela que é mais apaixonada ainda pela família e principalmente pelos netos. Agora está casada com Marcelo da Silva. Atualmente (2008) encena *Duas Caras*.

Tarcísio Meira

Nasceu em 5 de outubro de 1935, na capital paulista. Seu nome é Tarcísio Magalhães Sobrinho. Quando foi contratado pela TV Tupi, já encenava em papéis centrais *Um Pires Amargo*, e vários outros *TV de Vanguarda*: *Cleópatra, A Intrusa, Noites Brancas, Noite Eterna*. Em 1963 estrelou com Glória Menezes, que já era sua esposa, a novela *2.5499 – Ocupado*, que marcou o início da novela diária na TV Excelsior. Nessa emissora fez oito novelas. Contudo *A Deusa Vencida marcou época*. Aí foi para a TV Globo, onde participou de 30 novelas, todas com muito sucesso, como foi o caso de *Irmãos Coragem, O Rei do Gado, Torre de Babel, Pátria Minha, Espelho Mágico*. E grandes minisséries – *Grande Sertão: Veredas, A Muralha*. Participou também de filmes e sua atuação como D.Pedro I, no filme *Independência ou Morte*, foi excepcional. Ele e Glória são pai de Tarcisinho, também ator de sucesso, que fez na TV Globo *Chocolate com Pimenta* e *Queridos Amigos*. Tarcísio Meira é um eterno galã amado pelo público, mas principalmente por todas as mulheres do Brasil. Suas novelas mais recentes foram *Páginas da Vida* e *Duas Caras* (2007).

Teixeira Filho
Sua biografia encontra-se no capítulo *A Novela Diária* (página 231).

Tony Ramos
Nasceu em Arapongas, norte do Paraná, em 1948. Desde menino gostava de fazer *micagens*, como dizia sua avó, isto é, gostava de imitar Oscarito nos filmes da Atlântica. Quando estava com 14 para 15 anos, viu na TV Tupi o programa *Novos em Foco*, de Ribeiro Filho. Saiu à cata de uma chance sozinho. Conseguiu... Só depois foi pedir aos pais e ao juizado as autorizações necessárias para trabalhar. Seu primeiro salário, porém, foi na novela *A Outra*, de Walter George Durst, com direção de Geraldo Vietri. Daí em diante foi sucesso atrás de sucesso: *O Amor Tem Cara de Mulher, Os Rebeldes, Nino o Italianinho*. Depois transferiu-se para a TV Globo e *estourou*. Nessa emissora está há mais de 30 anos e seus sucessos são incontáveis: *Champanhe, Livre Para Voar, Grandes Sertões: Veredas, O Astro, Chega Mais, Baila Comigo, Selva de Pedra, Bebê a Bordo, Primo Basílio, Felicidade, Pai herói*. Tony Ramos fez também teatro, musicais e cinema. Sempre e eternamente com sucesso. O que é mais importante, porém, é o respeito que conquistou perante o público e seus colegas de profissão. Casado há 30 anos com Lydiane, sua primeira e única esposa, Tony é motivo de orgulho para todos que o cercam. Fez *Cabocla,* novela de Benedito Ruy Barbosa *e Belíssima*, de Sílvio de Abreu.

Turíbio Ruiz
Nasceu em Poá, cidade próxima à capital paulista, em 26 de setembro de 1930, criado com toda a liberdade nas ruas da cidade e nas chácaras vizinhas. Começou a estudar Direito, mas precisava trabalhar para sustentar a família de sete irmãos. Em menino foi engraxate, ajudante de feira, ajudante de motorista de caminhão, mas tinha bonita voz e era alto, mais de 1,80 m e começou a trabalhar na Rádio Mogi das Cruzes. Tinha vontade de ser artista. Conheceu Osmano Cardoso e fez sua primeira novela de rádio. Foi para a Rádio Piratininga e em 1950 para a Rádio Tupi. A televisão começou exatamente nesse tempo. E aí ele foi aprendendo, se entrosando e passou a ser um grande ator. Seu tipo físico permitiu que fizesse, por exemplo *Dom Quixote*. E ele confessa, nunca tinha ouvido falar em Dom

Quixote, nem em Cervantes. Leu tantas vezes o livro, que seu desempenho foi perfeito. A novela ficou seis meses no ar. Turíbio foi para a TV Paulista e para todas as outras emissoras. Por anos montou companhia própria de teatro, apresentando *As Mãos de Eurídice*, de Pedro Bloch. Com essa peça o ator viajou por todo o País. Depois voltou à capital e fez *Trair e Coçar*, sucesso de bilheteria. Encenou *Lá*, com muito sucesso. Fez vários filmes e ainda está em atividade em *Desejo Proibido*.

Vicente Sesso

Nascido no centro de São Paulo, na Rua Conselheiro Crispiniano, em 17 de maio de 1933, Vicente Sesso sempre foi uma figura marcante no cenário artístico brasileiro. Esteve em todas as emissoras, quase sempre como produtor independente. Genial, ou *genioso*, como ele mesmo diz, tudo o que fez foi com perfeição. Assinou *Sangue do Meu Sangue, Marco Pólo, Pigmaleão 70, Santo Mestiço*, *Minha Doce Namorada, Divinas & Maravilhosas, Cara a Cara.* Seus textos foram comercializados em toda a América Latina. Ele é um autor internacional. Pai do diretor da Rede Globo de Televisão, Marcos Paulo, seu maior destaque, porém, é o perfeccionismo que impõe em tudo o que faz, incluindo a confecção particular das roupas de época e dos adereços que utiliza em suas peças. Nome sempre muito respeitado por toda a classe.

Vininha de Moraes

Nasceu aos 27 de dezembro de 1942. Bonita e inteligente, foi garota-propaganda na TV Tupi, que nos primeiros tempos utilizava bastante as moças, para divulgação dos produtos, dos anúncios. Depois, porém, passou ao teleteatro e teve participação em vários espetáculos. Esteve também em novelas de sucesso, entre os quais: *O Direito de Nascer, Ana Maria, Meu Amor.* Na TV Cultura fez: *Pic-Nic Classe A*. Fez *Jogo do Amor*, no SBT, onde anos mais tarde quando voltou a atuar. Vininha de Moraes é jornalista e teve cargos de alta executiva em autarquias e grandes empresas. Atualmente (2008), Vininha de Moraes apresenta na Rádio da Cidade AM, de São Paulo, o programa *Com Você*.

Vitória de Almeida

Nasceu em 25 de dezembro de 1922, na capital paulista. Foi radioatriz na América, São Paulo, e nas Associadas, Tupi e Difusora. Na inauguração da TV Tupi, Vitória de Almeida foi escalada para fazer um esquete, ao lado de Lia de Aguiar e Walter Forster.

Walter Negrão

Nasceu na cidade de Avaré, interior de São Paulo, em 1941. Desde garoto interessou-se por televisão, e escolheu a redação, como sua especialidade. Com 18 anos atuou em *Quadro Sem Moldura*, levado ao ar no *Grande Teatro Tupi*. Foi publicitário, jornalista e autor/roteirista. Seus originais e adaptações foram aproveitados na TV Tupi, TV Bandeirantes, TV Record, TV Globo e TV Cultura. Na verdade, começou como ator em *Os Rebeldes*, na TV Tupi. Mas quando passou a ser escritor é que veio o sucesso. Criou *Renúncia*, em parceria com Roberto Freire, *Os Miseráveis, A Próxima Atração, O Primeiro Amor, Cavalo de Aço, Chega Mais, Fera Radical*, a minissérie *Casa das Sete Mulheres*, grande sucesso da TV Globo em 2003. Walter Negrão hoje é contratado pela Globo como autor/roteirista e supervisor de textos. É o autor da novela *Desejo Proibido*, da Rede Globo de Televisão.

Walmor Chagas

Considerado um dos maiores atores brasileiros, Walmor nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 28 de agosto de 1931. Em 1965 começou sua carreira na TV Tupi de São Paulo, onde participou de cinco novelas – *Presídio de Mulheres, Amor Tem Cara de Mulher, Teresa, A Outra, Nenhum Homem é Deus*. Em 1970 transferiu-se para a TV Globo e ali fez inúmeros trabalhos em papéis relevantes – *Mandala, Vereda Tropical, Eu Prometo, Selva de Pedra, Você Decide, Salsa e Merengue, Marcas da Paixão*. Sempre ligado ao teatro, foi casado com a famosa atriz Cacilda Becker, de quem é viúvo. Uma de suas últimas atuações deu-se em *Os Maias*, com magnífica performance como Afonso da Maia. Em 2007 fez *Caminhos do Coração*, na TV Record.

Walter Forster

Nasceu em Campinas, interior de São Paulo, em 23 de março de 1917. Veio de rádio. Era locutor e radioator. Mas seu temperamento equilibrado e sua liderança serena logo o levaram à chefia. Ele foi diretor de radioteatro na rádio Bandeirantes e na Rádio Tupi. Quando chegou à TV Tupi, Walter Forster foi apresentador já no período experimental. No dia da inauguração, apresentou um esquete romântico ao lado de Lia de Aguiar e Vitória de Almeida. Foi também dele a idéia da primeira novela televisiva: *Sua Vida me Pertence*, onde ele era autor, diretor e ator. Em 1952, Walter Forster passou para a Rádio Nacional e depois para a TV

Paulista, onde lançou e dirigiu muitos programas. Participou também de vários filmes – *Luar do Sertão, As Cariocas, Os Paqueras, O Homem Nu, Tessa, a Gata, Amor, Estranho Amor, Tudo na Cama, Quincas Borba, Alma Corsária*. Voltou à Tupi antes da década de 70 e fez as telenovelas – *Beto Rockfeller, Super Plá, Vitória Bonelli, Ídolo de Pano, Como Salvar meu Casamento*. Depois da falência da TV Tupi, Walter Forster esteve em várias emissoras, e realizou vários trabalhos: *Maria Stuart* (TV Cultura), *Maçã do Amor* (TV Bandeirantes), *Memórias de um Gigolô* (TV Globo), *Sangue do meu Sangue* (SBT). Além de participar de todas essas novelas, Walter era um grande *mestre-de-cerimônias*, respeitado em toda a sua vida. Ficou viúvo de Branca Forster e quando faleceu a 3 de setembro de 1996, deixou dois filhos, netos e bisnetos.

Walter Tasca
Sua biografia encontra-se no capítulo *Um Repórter, um Produtor Musical e uma Grande Idéia. Aliás, Duas...* (página 187).

Wanda Kosmo

Mineira de Santa Rita do Sapucaí, nasceu em 5 de julho de 1930, em plena revolução. Diz ela que por isso nasceu com um temperamento *revolucionário*. Era a caçula, superpaparicada de veia artística. A família transferiu-se para o Rio de Janeiro e lá Wanda conheceu a grande atriz Madame Maurinaux, e aí não parou de evoluir. Preparou sua voz, a qual ficou grave e marcante, estudou impostação e representação. Em 1953 estava na TV Tupi do Rio de Janeiro. Era amiga de Olavo de Barros e Glauce Rocha. Wanda se casou com o ator José Luiz Pinho e teve dois filhos. Depois Wanda foi para São Paulo com os filhos. Daí foi trabalhar em Portugal, com a Companhia de Alda Garrido. Depois voltaram ao Brasil, em São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia – TBC. Fez grandes personagens em *Vestido de Noiva* e *Madame Clecy.* Depois transferiu-se para a TV Tupi de São Paulo e foi um furacão. Wanda Kosmo logo teve seu nome ligado à direção do *Grande Teatro Tupi*. Revolucionou tudo o que pôde. Ficava desde as nove da manhã à meia-noite na emissora, onde escrevia, dirigia, comandava os atores, se metia com os cenógrafos, com as costureiras e conseguia sempre o melhor. Fazia como se fosse cinema. Ninguém se comparava a ela em garra, criatividade, força. Incentivava todos os atores, inclusive Sérgio Cardoso, o astro principal da televisão. Por dez anos, uma vez

por semana, uma enormidade de textos, de produção de primeira qualidade, sob a batuta de Wanda Kosmo. Wanda Kosmo faleceu em 27 de janeiro de 2007.

Wanda Stefânia

Nasceu em 5 de fevereiro de 1949. Atuou em vários filmes – *Infedelidade ao Alcance de Todos , A Santa Donzela, Mulheres do Cais*. Entrou para a TV Tupi na década de 70 e fez *Rosa dos Ventos, A Barba Azul, A Ovelha Negra, O Julgamento, Canção para Isabel, Aritana, Como Salvar meu Casamento*. Na Globo, *Te Contei?*. Na TV Bandeirantes, *Cavalo Amarelo, Rosa Baiana, Maçã do Amor*. Voltou à Globo para fazer *Avenida Paulista*. Na TV Manchete, *Floradas na Serra* e *Buda*. Esteve depois no SBT, participando de *Canavial de Paixões*.

Wilma de Aguiar

Wilma de Aguiar nasceu em 18 de junho de 1931 em São Paulo, capital. Começou sua carreira artística como locutora e radioatriz. Esteve na TV Excelsior, onde, entre outras telenovelas, participou de *Redenção*, a mais longa de todos os tempos. Também apresentou-se em shows humorísticos. Esteve na TV Record e na TV Tupi, em novelas de Ivani Ribeiro e de Geraldo Vietri. Atuou também em teatro, nas peças *Memórias de Um Gigolô e O Diário de Anne Frank*. Mas seu maior e mais longo sucesso foi em *Porca Miséria*, de Marcos Caruso e Jandira Martinez. Wilma de Aguiar tem tipo bem marcante e bem brasileiro.

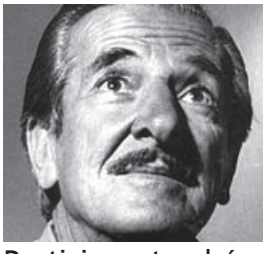
Wilma Bentivegna

Nasceu em São Paulo, no dia 17 de julho de 1929. De estatura baixa, sempre pareceu uma menina, sendo chamada por todos de Wilminha. Começou cantando no programa *Clube do Papai-Noel*, de Homero Silva, na Rádio Difusora. Começou depois a atuar em radioteatro na Rádio Tupi, sob direção de Otávio Gabus Mendes e na Rádio Difusora, com Oduvaldo Viana. Fazia papéis infantis, pois sua voz também era de menina. Foi a caçula da *Caravana da Alegria*, que viajou por várias cidades do interior de São Paulo. Wilma Bentivegna atuou já no primeiro dia da TV Tupi, cantando com os *Garotos Vocalistas*. Depois dessa noite memorável, participou de tudo: rádio, televisão e música. Cantava como ninguém. Sua afinação e sua emoção conquistavam todos os que a ouviam. Fez *TV de Vanguarda*, em papéis celebres, na companhia de atores importantes. Mas seu grande sucesso foi mesmo a música. Gravou, entre outras

canções *Hino ao Amor, Marcelino, Pão e Vinho*. Para ficar mais próxima à mãe, Wilma resolveu mudar-se para Suzano, cidade próxima à capital e só eventualmente canta. Mas é sempre amada e admirada. Sua mãe veio a falecer, mas Wilminha continuou a morar em Suzano.

Wilson Fragoso

Ator de rádio e televisão. Atuou nas telenovelas: *Somos Todos Irmãos, Meu Filho, Minha Vida, O Rouxinol da Galiléia, Nino, o Italianinho, Simplesmente Maria, Nossa Filha Gabriela*, e *A Revolta dos Anjos*. E ainda: *Meu Rico Português, Os Apóstolos de Judas, Gaivotas*. Na TV Band compôs o elenco de Sombras do Passados. Muito elegante, sempre sóbrio e místico, esse é o ator Wilson Fragoso.



Xisto Guzzi

Nasceu em Franca, Estado de São Paulo, em 23 de junho de 1909. Começou sua carreira como locutor na Rádio Hertz de Franca. Tranferiu-se para a Atlântica de Santos, América, Cruzeiro do Sul, Tupi e Difusora. Foi cada vez mais auto-aperfeiçoando em radioteatro, em papéis leves, cômicos. Participou também da *Caravana da Alegria*. Ficou nas Associadas por 40 anos a fio. Na TV Tupi fez parte de *Marmelândia*, escrito por Max Nunes. Na *Escolinha do Ciccilo* interpretava Mister Polish, um americano muito engraçado. Xisto Guzzi também atuou em várias telenovelas – *O Segredo de Laura, A Outra, O Direito de Nascer, A Fábrica* e muitas outras. Xisto Guzzi faleceu em 1994, deixando três filhos: Ubiratan, Ubirajara e Jussara.

Yara Lins

Nasceu em Frutal, interior de Minas, em 26 de fevereiro de 1930. Seu nome verdadeiro era Orasília Severina da Silveira. Era *roça* o lugar em que nasceu, como ela diz, mas sua infância foi muito alegre. Sua maior diversão, porém, era quando o circo passava lá por perto e Yara ia ver todas as apresentações. Era bonita, doce, elegante e tinha um sonho: ser artista. Começou a trabalhar na Rádio Sociedade Triângulo Mineiro. Depois veio para São Paulo sozinha. Era a própria *Moça que Veio de Longe*. Na Excelsior conheceu César Monteclaro e transferiu-se para a Rádio Difusora. Quando a TV Tupi foi inaugurada, Yara foi escolhida para participar já na primeira noite. Ali ficou até 1952, quando acompanhou o grande grupo que saiu com Dermival Costalima para a Rádio Nacional e, a seguir, TV

Paulista. Ali sempre estrelou grandes teatros. Tudo que fazia era com seriedade e capricho. Grande atriz e grande amiga de todos os que a cercavam, foi uma das apresentadoras de *O Mundo é Das Mulheres*. Yara Lins é uma das atrizes que mais vezes apareceu na televisão. Fez também teatro, sempre com muita propriedade. Yara trabalhou na TV Tupi, na TV Record, na TV Bandeirantes, no SBT, na TV Cultura, na TV Globo, enfim, em todas. Faleceu em 28 de junho de 2004.

Yoná Magalhães

Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de agosto de 1935. Pode-se dizer que Yoná é uma atriz inteiramente global. Embora tenha feito cinema, já no início de sua carreira com Glauber Rocha, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Yoná Magalhães já estava na Globo em 1966, fazendo *Sheik de Agadir*, ao lado de Henrique Martins. Depois fez sucesso como par romântico de Carlos Alberto em *A Ponte dos Suspiros, A Sombra de Rebeca*. Esteve em importantes novelas e seriados – *Saramandaia, Espelho Mágico, Roque Santeiro, Grande Sertão: Veredas, A Próxima Vítima, Anjo de Mim, Filhas da Mãe, Agora é Que São Elas* e tantas outras. Mesmo assim, Yoná esteve em São Paulo por algumas vezes. Na TV Tupi a encontramos em *Simplesmente Maria*, em 1970, na novela de Benjamim Cattan, ao lado de Carlos Alberto, e também em *Gaivotas*, de Ivani Ribeiro. Esteve ainda na TV Bandeirantes, onde fez *Cavalo Amarelo, Os Imigrantes*, grande novela de Benedito Ruy Barbosa. Voltou ao ar em *Os Imigrantes – Terceira Geração*, em 1982. Mas Yoná Magalhães sempre voltou para a TV Globo, onde permanece até hoje. Seus trabalhos mais recentes foram nos seriados *Sob Nova Direção* e *Carga Pesada*, com participações especiais, e na novela *Paraíso Tropical* (2007).

Zaé Junior

Nasceu em 8 de junho de 1929, em Botucatu, interior de São Paulo. Fez faculdade de Filosofia, mas encaminhou-se para a propaganda, onde ficou por toda a vida. Quando estava trabalhando nas Emissoras Coligadas, como diretor de 38 emissoras, foi convidado a supervisionar o programa *Clube do Papai-Noel*. Depois de passar por outros programas, chegou ao *Capitão Estrela*, que tinha a supervisão da Aurélio Campos Publicidade, onde Zaé Júnior então trabalhava. Esse foi um superprograma. Zaé Júnior passou para a McCann Ericsson, e aí fez o *Ah... Alegria Kolynos*, na TV Tupi de São Paulo. Até que chegou a hora de Zaé ter sua própria agência, a Promark, que durou 30 anos. Zaé Junior, sempre ligado à propaganda e à televisão, ainda achou tempo para escrever livros de poesia: *O Homem e Seu Quintal*, onde evidencia sua cultura e sua sensibilidade.

Glória Menezes e Tony Ramos

Índice

Apresentação – José Serra	05
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	07
Prefácio – José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni) Emoção – A Matéria de Nossa Trajetória	13
Apresentação – Vida Alves TV Tupi, Uma Linda História Linda de Amor	15
Éramos Um Só	17
Explicações	21
A Pré-história Desse Amor	23
O Amor Elegante	27
Sempre o Amor, Esse Alucinado	31
O Amor se Espalha	37
Brindando o Amor	39
O Amor e Suor, Muito Suor	41
O Amor nos Jovens Corações	45
1950 – Agitação Geral	47
Nasce a TV Tupi – A Pioneira	51
A Grande Inauguração	63
O Primeiro Programa Artístico	65
A Ocupação dos Estúdios	73
Programação pra Valer	79
Teledrama, o Grande Achado	85
Filmes de Longa-metragem	89
A Logomarca, ou... Que Nome Tinha Naquele Tempo?	91
Futebol – Romance – Circo – Balé	95
Romances – Contos – Estórias	99
Grandes Teatros na Televisão	107
Grandes Meninos	111
A Primeira Telenovela	113
A 2ª Emissora de Televisão	119
As Garotas-Propaganda	123
Uma Grande Família	129
O *TV de Vanguarda*	133
O Cinema	143
A Conquista do Mundo	145
Jornalismo, Informação Sempre	147
A Criança, o Jovem, a Aventura	155

A Aventura 161
Tribunal do Coração – 1º Programa Interativo 167
O Diretor de TV 169
A Redatora 171
O Céu é o Limite 173
A Mulher na TV 177
Os Mestres-de-Cerimônia 183
Um Repórter, um Produtor Musical e uma Grande Idéia. Aliás, Duas... 187
Almoço com as Estrelas 191
Seriados 193
Alô Doçura 199
TV de Comédia 201
TV Tupi 211
Novidades 217
Edifício Novo 219
A inauguração da Novacap 221
Programas e Programadores 227
Miss Brasil 229
A Novela Diária 231
Música, Divina Música 241
A Sonoplastia 255
A Produção dos Programas 257
A Expansão 265
Televisores 271
Os Patrocinadores 273
Divulgação – Premiação 275
Televisão = Imagem e Som 279
A Cor 283
E o Capitão Morreu... 287
Eu, dentro disso Tudo 289
A Despedida 291
O Tempo Passa... 293
Outras novidades 309
Voltamos a Falar de Amor 315
Greves 317
The End... or The Begining… 321
Resumo da Vida e da Carreira dos Astros da Teledramaturgia Brasileira 323

Crédito da fotografias

Marcelo Bravo 286

Paulo Salomão 297

Revista O Cruzeiro 50, 55, 56, 60, 172

Arquivo pessoal de Eva Wilma 200

Demais fotografias do acervo de Vida Alves e dos arquivos da Associação Pró-TV – Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira

Logotipo da 4ª capa criado por Cyro Del Nero

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma
Alain Fresnot

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias
Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro
Luiz Carlos Merten

Ary Fernandes – Sua Fascinante História
Antônio Leão da Silva Neto

Batismo de Sangue
Roteiro de Helvécio Ratton e Dani Patarra

Bens Confiscados
Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida
Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega
Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes
Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro
Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

A Cartomante
Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas
Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves
Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely
Roteiro de Mauricio Zacharias, Karim Aïnouz e Felipe Bragança

Cidade dos Homens
Roteiro de Paulo Morelli e Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor
Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade
Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun
Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG
Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser
Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem
Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo
Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador
Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro
Jeferson De

Dois Córregos
Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História
Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Fernando Meirelles – Biografia Prematura
Maria do Rosário Caetano

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil
Luiz Zanin Oricchio

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo
Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas
Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco
Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias
Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera
Carlos Alberto Mattos

José Carlos Burle – Drama na Chanchada
Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção
Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema
Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica
Carlos Alberto Mattos

Não por Acaso
Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppo

Narradores de Javé
Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga
Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela
Rogério Menezes

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar
Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente
Neusa Barbosa

O Signo da Cidade
Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto
Rosane Pavam

Viva-Voz
Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel
Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças
Maria Lúcia Dahl

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema
Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?
Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Oficio
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

João Bethencourt – O Locatário da Comédia
Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher
Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílaba
Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo
Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem
Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC
Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia
Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro
Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma
Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar
Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida
Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena
Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo
Tania Carvalho

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros
Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa
Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza
Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural
Carlos Alberto Mattos

Cleyde Yaconis – Dama Discreta
Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão
Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua
Tuna Dwek

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida
Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua
Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar
Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema
Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela
Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções
Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia
Germano Pereira

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida
Neusa Barbosa

José Dumont – Do Cordel às Telas
Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão
Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral
Analu Ribeiro

Marcos Caruso – Um Obstinado
Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária
Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério
Luiz Carlos Lisboa

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão
Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família
Elaine Guerrini

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras
Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes
Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte
Vilmar Ledesma

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro
Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?
Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar
Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra
Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza
Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera
Analu Ribeiro

Walderez de Barros – Voz e Silêncios
Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer
Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso
Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências
Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos
Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores
Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira
Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida
Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida
Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira
Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood
Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida
Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração
Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor
Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História
Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte
Nydia Licia

Coleção Aplauso Série Especial

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editoração	Selma Brisolla
Editor Assistente	Felipe Goulart
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini Heleusa Angélica Teixeira Sárvio Nogueira Holanda Wilson Ryoji Imoto

Formato: 18 x 25,5 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90g/m^2

Papel capa: Triplex 250 g/m^2

Número de páginas: 416

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

© imprensaoficial 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial

Alves, Vida
TV Tupi: uma linda história de amor / Vida Alves – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
416. : il. – (Coleção aplauso. Série especial / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-592-4

1. TV Tupi – História 2. Televisão – Brasil – História II. Ewald Filho, Rubens. III. Título. IV. Série.

CDD 791.450 981

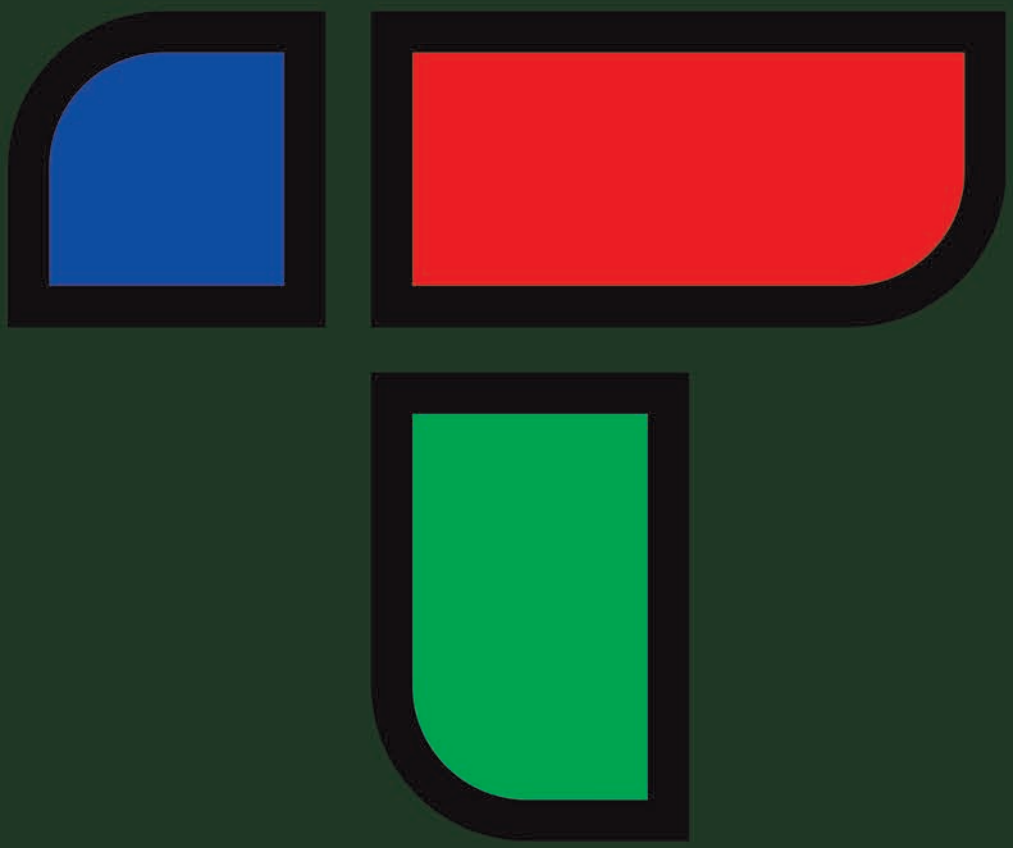
Índice para catálogo sistemático:
1. Televisão brasileira : História 791.450 981

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(Lei nº 10.994, de 14/12/2004)
Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

editoração, ctp, impressão e acabamento
imprensaoficial
Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ

ISBN 978-85-7060-592-4